



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**“O Papel do Educador enquanto promotor de Comportamentos de
Autorregulação das Crianças”**

**Relatório da Prática Profissional Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**MARISA ISABEL DE JESUS ALVES
JULHO 2015**



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**“O Papel do Educador enquanto promotor de Comportamentos de
Autorregulação das Crianças”**

**Relatório da Prática Profissional Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**Sob orientação do Professor Doutor Tiago Almeida
Sob coorientação da Mestre Ana Simões**

**MARISA ISABEL DE JESUS ALVES
JULHO 2015**

“Não basta fazer bem aquilo que fazemos, é preciso fazê-lo com amor.”

Pe. Dehon

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste relatório final e a conclusão do percurso na Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx), não teria sido possível sem o apoio de inúmeras pessoas, às quais venho agora prestar o meu agradecimento:

... às crianças, a todas aquelas que tive a oportunidade de conhecer ao longo da minha formação, por todas as coisas que me ensinaram.

... aos meus pais, pelo esforço monetário que fizeram para que a conclusão deste Mestrado fosse possível.

... à minha avó do coração, por todos os valores que me passou e que fazem de mim a pessoa que hoje sou.

... ao meu namorado, pelo incentivo, apoio, compreensão e amor que sempre me deu ao longo destes quatro anos de formação.

... às minhas companheiras da prática profissional supervisionada, por todos os momentos, bons e maus, que passamos juntas, e por todas as aprendizagens que realizei ao trabalharmos em equipa.

... a todos(as) os(as) colegas e professores(as) com quem tive a oportunidade de trabalhar ao longo do meu percurso na ESELx, pois com cada um deles eu realizei uma aprendizagem.

... às instituições onde decorreu a minha prática e às pessoas que nelas trabalham, por me terem recebido e feito com que cada dia fosse como um céu recheado de estrelas.

... às orientadoras cooperantes, Educadora Ana Margarida Carvalho e Educadora Cristina Duarte, pelos conselhos, sugestões e por tudo o que me ensinaram ao longo da prática profissional.

... à minha supervisora institucional, a Professora Ana Simões, pela sinceridade, pelos conselhos, pelas críticas construtivas e por nunca desistir dos seus alunos.

... ao orientador, Professor Tiago Almeida, que orientou este relatório e ajudou a melhorar este trabalho.

A todos eles, um muito obrigado!

RESUMO

Este relatório decorre da prática profissional supervisionada, desenvolvida em contexto de Creche e de Jardim de Infância.

Tem como objetivo realizar uma análise crítica e reflexiva de todo o processo desenvolvido ao longo da prática profissional supervisionada, dando especial enfoque a uma problemática que se destacou durante a intervenção pedagógica.

A prática profissional em Creche decorreu no período de 5 de janeiro a 13 de fevereiro com um grupo constituído por catorze crianças, entre os 10 e os 22 meses, e em Jardim de Infância, de 19 de fevereiro a 29 de maio, com um grupo de 22 crianças entre os 3 e os 6 anos de idade. Ao longo da prática em Jardim de Infância, surgiu uma problemática que considerei significativa: **“O Papel do Educador enquanto promotor de Comportamentos de Autorregulação das Crianças”**. A reflexão em torno desta problemática centra-se em compreender de que forma pode o educador promover comportamentos de autorregulação das crianças, na sua prática diária. Para o estudo da problemática acima referida, foi efetuado o levantamento das conceções que as crianças têm acerca dos seus comportamentos; foram, igualmente, realizadas entrevistas semiestruturadas a três educadoras do contexto de Jardim de Infância e avaliados os comportamentos de autorregulação das crianças. O instrumento de avaliação utilizado foi a Escala de Comportamentos de Autorregulação em Jardim de Infância (ECA), adaptada por Veiga e Fernandes (2012), analisando a frequência de comportamentos em função da idade e do género das crianças.

Os resultados obtidos apontam para as seguintes conclusões: as conceções que as crianças têm acerca dos seus comportamentos correspondem, na sua maioria, a comportamentos de dimensão física; as educadoras entrevistadas procuram promover comportamentos de autorregulação potenciando a cooperação e interajuda entre pares, a autonomia, a responsabilização e resolução autónoma de conflitos, valorizando também o reforço positivo e recorrendo a quadros comportamentais como estratégia; em idade pré-escolar, as crianças apresentam já níveis de autorregulação elevados, tendo o género uma influência pouco significativa neste tipo de comportamentos.

Palavras-chave: autorregulação, comportamento, crianças, papel do educador

ABSTRACT

This report is fitted in ambit of the Master's degree in Pre-school Education and results from the supervised professional practice, developed in the context of Nursery and Kindergarten.

This work has as objective form a critical and reflective analysis of all of the process developed during the supervised professional practice, giving special focus to an issue that highlighted during the pedagogical intervention.

The professional practice started in Nursery in 5th January until 13th February with a group of fourteen children with ages between 10 and 22 months, and in Kindergarten between 19th February and 29th May with a group of twenty-two children with ages between 3 and 6 years.

During the practice in Kindergarten appeared an issue that I considered important: **“The educator’s role as a promoter of self-regulation behaviour of the children”**.

The reflection around this issue focus on understanding how the educator can promote children’s self-regulation behaviours, in his daily practice. To the study of the issue was accomplished a survey of the conceptions that children have about behaviour, were held interviews semi structured to 3 kindergarten teachers (educators), and evaluated the self-regulations behaviours of the children through the Escala de Comportamentos de Autorregulação em Jardim de Infância (ECA), adapted by Veiga & Fernandes (2012), analysing the frequency of behaviour according to age and gender.

The results point to the following conclusions: the conceptions that children have about their behaviour match with physical dimension behaviours; the interviewed educators seek to promote self-regulation behaviours boosting the cooperation and mutual help between pairs, autonomy, responsibility and resolution of conflicts, valuing also the positive reinforcement and using behavioural frames as a strategy; in pre-school age, the children already show high levels of self-regulation behaviour, having the gender a minor importance in this kind of behaviours.

Key-words: self-regulation, behaviour, children, educator’s role

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO PARA A AÇÃO.....	3
1.1. Meio onde está inserido o contexto	3
1.2. Contexto socioeducativo	4
1.3. Equipa educativa.....	4
1.4. Caracterização da família das crianças	5
1.5. Caracterização do grupo de crianças	6
1.6. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores, os espaços físicos	8
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	11
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO.....	14
3.1. Identificação e fundamentação das intenções para a ação pedagógica	14
CAPÍTULO 4 - IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA	26
4.1. “Como eu controlo o meu comportamento?”: a autorregulação	26
4.2. “A idade é importante?”: a autorregulação e a idade	28
4.3. “Ser menino ou menina. Faz diferença?”: a autorregulação e o género.....	30
4.4. O caminho para a promoção da autorregulação	31
4.5. Análise de resultados e conclusões.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	51

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Intenções para a ação pedagógica, específicas para cada contexto 13

Tabela 2. Intenções para a ação pedagógica, transversais aos dois contextos..... 14

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Caixas de exploração sensorial	21
Figura 2: Canção “Os sons dos animais”	21
Figura 3: Imagens de animais; diferentes tipos de pelo; canção “Na Quinta do Tio Manel”	21
Figura 4: Área da pintura livre	22
Figura 5: Mural dos Açores	22
Figura 6: Quadro de planeamento diário	32
Figura 7: Quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos	33
Figura 8 – “O meu amigo caderno” da Girafa.....	35

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A. Portefólio de Jardim de Infância	53
Anexo B. Notas de campo	256
Anexo C. Portefólio de Creche	261
Anexo D. Guião da entrevista	358
Anexo E. “O meu amigo Caderno”	361
Anexo F. Concepções das crianças acerca dos seus comportamentos	367
Anexo G. Transcrição das entrevistas	370
Anexo H. Escala A	386
Anexo I. Escala B	388
Anexo J. Distribuição das crianças pela frequência de comportamentos.....	390
Anexo K. Distribuição das crianças em função da idade	395
Anexo L. Distribuição das crianças em função do género	400

LISTA DE ABREVIATURAS

AAE	Auxiliar de Ação Educativa
CSC	Centro Social Comunitário
ECA	Escala de Comportamentos de Autorregulação em Jardim de Infância
ESELx	Escola Superior de Educação de Lisboa
JI	Jardim de Infância
ME	Ministério da Educação
PE	Projeto Educativo
PEA	Projeto Educativo do Agrupamento
PP	Projeto Pedagógico
PPS	Prática Profissional Supervisionada

INTRODUÇÃO

O presente relatório apresenta uma reflexão sobre a Prática Profissional Supervisionada (PPS) desenvolvida em contexto de Creche e Jardim de Infância (JI), bem como um estudo acerca da problemática “**O papel do educador enquanto promotor de comportamentos de autorregulação das crianças**”, que surge a partir das características do grupo de crianças de JI, bem como da necessidade, em mim intrínseca, de refletir acerca do modo como, enquanto futura educadora de infância, posso promover comportamentos de autorregulação das crianças.

O objetivo deste relatório é portanto, caracterizar o trabalho desenvolvido ao longo de toda a PPS, através de um olhar crítico sobre o trabalho realizado com as crianças, tendo em conta a problemática acima referida, bem como refletir acerca da construção da minha identidade profissional.

A prática profissional supervisionada em contexto de Creche decorreu entre janeiro e fevereiro, numa sala com crianças de um ano. Por sua vez, a intervenção em JI teve um período mais longo, sendo este entre fevereiro e maio com crianças entre os 3 e os 6 anos.

Para elaborar este relatório, utilizei como técnicas de recolha de dados: a análise documental, a observação participante e as entrevistas semiestruturadas. Recorri aos seguintes instrumentos: os meus registos diários e reflexões, as notas de campo, um guião para a entrevista semiestruturada às educadoras do JI e a Escala de Comportamentos de Autorregulação em Jardim de Infância (ECA), adaptada por Veiga e Fernandes (2012).

Durante a prática em contexto de Jardim de Infância surgiu uma questão que me interpelou, tendo-se transformado numa problemática, a qual é apresentada neste relatório, que me levou a refletir acerca de qual “O Papel do Educador enquanto promotor de Comportamentos de Autorregulação das Crianças”.

De modo a organizar toda a informação, de uma forma clara e concisa, este documento encontra-se estruturado em quatro capítulos fundamentais. No primeiro capítulo – caracterização reflexiva do contexto socioeducativo - apresentarei uma caracterização para a ação, caracterizando o meio, a equipa educativa, as crianças e as

famílias, de ambos os contextos socioeducativos, bem como uma análise reflexiva acerca das intenções e finalidades educativas, dos princípios orientadores e dos espaços físicos de ambas as educadoras cooperantes. No segundo capítulo – Metodologia – será apresentado o quadro metodológico tido em conta ao longo de toda a prática pedagógica, bem como os princípios éticos que nortearam essa mesma prática. No terceiro capítulo – Análise reflexiva da intervenção – serão identificadas e fundamentadas as intenções para a ação pedagógica, ilustrando-as com um relato da prática pedagógica em ambos os contextos. No quarto capítulo – Identificação da Problemática - será também apresentada a investigação realizada acerca da problemática acima referida, apresentando um referencial teórico da mesma, o plano de ação desenvolvido, a análise dos dados recolhidos e, por fim, as conclusões. Por último, apresentarei as considerações finais, fazendo uma caracterização reflexiva do impacto da intervenção na construção da minha identidade profissional.

CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO PARA A AÇÃO

O meio, a equipa educativa, as famílias, as crianças, as rotinas e os espaços físicos são atores e cenários do contexto socioeducativo, fazendo parte de uma história que é recontada diariamente e nunca da mesma forma. Esta história é escrita pelo contexto, tendo, por isso, um forte impacto na vida dos seus atores. Por tudo isto, torna-se fundamental caracterizar ambos os contextos socioeducativos nos quais tive a oportunidade de realizar a minha Prática Profissional Supervisionada de modo a “compreender os processos sociais que estruturam e são estruturados pelas crianças enquanto actores nas acções sociais que desenvolvem...” (Ferreira, 2004, p.65).

1.1. Meio onde está inserido o contexto

A instituição onde decorreu a minha PPS em Creche está inserida num bairro de uma freguesia de Lisboa e faz parte de um Centro Social Comunitário (CSC), que serve a população residente nos bairros próximos, nomeadamente crianças, jovens e idosos. Esta população, de acordo com o projeto educativo (PE) (2013), caracteriza-se pela baixa escolaridade, número elevado de desempregados e cerca de 1200 famílias a beneficiar da prestação social de rendimento social de inserção. O bairro é constituído por habitações de cariz social, onde reside a maioria dos beneficiários dos serviços prestados pela instituição. Dadas as características do meio, o CSC *Amizade*¹ constitui um importante pilar de apoio para a população residente nos bairros próximos.

O Jardim de Infância onde realizei a PPS está inserido num agrupamento de escolas situado numa freguesia do concelho de Lisboa. De acordo com o projeto educativo do agrupamento (PEA) (2012), atualmente este é um Território Educativo de Intervenção Prioritária.

Segundo o PEA (2012) “a freguesia onde se localiza o agrupamento de escolas é heterogénea a diversos níveis, dado coexistirem famílias de diferentes estratos sociais.” (p.7). Relativamente às infraestruturas que circundam a instituição, é possível

¹ Nome fictício, por razões de ética na investigação (salvaguarda da instituição cooperante).

identificar, através da minha observação direta, algumas lojas de pequeno comércio, um mercado, um jardim, um centro comercial, uma quinta pedagógica e uma biblioteca. Relativamente às habitações junto ao JI, observam-se algumas casas de cariz social e outras não sociais, onde reside a maioria das crianças.

1.2. Contexto socioeducativo

Segundo o PE (2013), o CSC *Amizade* funciona desde os finais do ano de 1998. É um Centro Social Comunitário, pois que se apresenta como uma resposta às necessidades da população. Articula as faixas etárias que recebem os serviços prestados pelo estabelecimento, de modo integrado e participativo. Relativamente à dimensão organizacional, a instituição é dirigida por uma diretora, sendo que existe um coordenador para cada uma das valências e que o seu órgão máximo é o provedor.

A instituição à qual pertence o CSC *Amizade* é uma pessoa coletiva de direito privado e utilidade pública administrativa (Fonte: *sítio* oficial da instituição cooperante).

No que diz respeito ao JI, de acordo com o PEA (2012), o edifício que alberga a EB1/JI *Aguarela*² tem cerca de quarenta anos e serve as valências de Jardim de Infância e 1º ciclo do ensino básico. A instituição pertence à Câmara Municipal de Lisboa, entidade pública, sendo por isso, a sua natureza jurídica a Direção de Serviços Região de Lisboa e Vale do Tejo. No que concerne à dimensão organizacional, o agrupamento rege-se segundo o organograma presente no PEA (2012) (cf. Anexo A, p.226).

1.3. Equipa educativa

A equipa educativa da sala de Creche onde realizei a minha intervenção é constituída por duas auxiliares de ação educativa (AAE) e uma educadora, sendo que existem, ainda, duas auxiliares de serviços gerais que dão apoio à sala, sempre que necessário, facilitando assim as dinâmicas e rotinas. A equipa é bastante *dinâmica* e relaciona-se positivamente entre si, sendo que todas trabalham com crianças já há vários anos. Importa referir que considero bastante positivo o facto de trabalharem três pessoas nesta sala, dada a idade das crianças e o período de desenvolvimento em que se

² Nome fictício, por razões de ética na investigação (salvaguarda da instituição cooperante).

encontram ser maioritariamente exploratório, necessitam de um apoio sistemático da(s) figura(s) de referência, “alguém em quem confiemos...” (Portugal, s.d., p. 7).

No que diz respeito à equipa educativa da sala de JI, esta é constituída por uma educadora, e quatro assistentes operacionais. Estas têm frequência rotativa semanal pelas salas, à exceção de uma delas que está afeta a uma das mesmas. Posto isto, todas as semanas está uma assistente operacional diferente na sala, o que causa alguns constrangimentos ao nível das rotinas e dinâmicas, nomeadamente no que diz respeito ao envolvimento das mesmas na planificação, pois esta era realizada semanalmente, de forma antecipada, não permitindo trocar impressões com a assistente que estaria na sala na semana seguinte.

1.4. Caracterização da família das crianças

De acordo com o PP (2014), a maioria das crianças da sala de Creche vive com os pais, sendo que existem alguns casos de crianças que vivem com um dos progenitores e outros familiares próximos. As famílias revelam ter uma rede de suporte familiar favorável, relativamente às crianças. Contudo, algumas delas apresentam universos relacionais complexos. O grupo de pais é relativamente jovem e apresenta, na sua maioria, nacionalidade portuguesa, os restantes são oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. As famílias apresentam baixa escolaridade e cerca de dez pais/mães encontram-se em situação de desemprego. Cerca de nove agregados familiares revelam precariedade económica. Daquilo que pude perceber, através da observação direta, as famílias valorizam o papel da Creche no desenvolvimento integral dos seus filhos, tendo consciência da importância de proporcionar à criança “oportunidades de interação com outras crianças; liberdade para explorar e descobrir o mundo, a experiência de um ambiente seguro e saudável.” (Portugal, s.d., p. 7).

Na minha ótica pessoal, considero importante a participação e o envolvimento das famílias, no processo de desenvolvimento e de aprendizagem dos seus filhos. Desta forma, torna-se fundamental que as instituições criem estratégias para a promoção do envolvimento das famílias, pois este envolvimento constitui “uma variável moderadora da qualidade da Creche” (Assis & Fuertes, 2014, p.144). O CSC *Amizade* implementa diversas estratégias para envolver as famílias, como a dinamização de sessões de

competências parentais, que consiste num conjunto de dez sessões acerca de temáticas da infância³ e o pedido de colaboração dos pais nas atividades realizadas ao longo do ano. Existe ainda um “grupo de pais” que colabora com a instituição, nomeadamente, nas épocas festivas, participando na decoração dos espaços e na organização de algumas dinâmicas.

No que concerne à família das crianças do JI, de acordo com a consulta efetuada às fichas de inscrição, estas apresentam idades compreendidas entre os 24 e os 46 anos e a maioria tem uma estrutura nuclear. As habilitações escolares variam entre o ensino básico e o ensino superior, sendo que apesar de existir um equilíbrio, a maioria apresenta formação de nível superior. Cerca de quatro pais/mães encontram-se em situação de desemprego, trinta e seis trabalham no setor terciário e dos restantes quatro, não é conhecida a sua situação profissional.

1.5. Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças com quem realizei a minha PPS em Creche é constituído por 14 crianças, 7 meninos e 7 meninas, com idades compreendidas entre os 10 e os 22 meses (em novembro de 2014). Todas as crianças têm a marcha adquirida, à exceção de uma, que gatinha e se põe de pé com apoio. Todas as crianças são de nacionalidade portuguesa.

Relativamente à higiene, todas as crianças usam fralda, tendo sido iniciado o treino do controle dos esfíncteres pelas mais velhas durante o período em que estive na sala. O grupo demonstra ser bastante *afetuoso* observando-se uma preocupação das crianças mais velhas para com as mais novas:

A Cinderela está sentada no tapete e o Horácio e o Leopardo estão, constantemente, a dar-lhe beijinhos. (Excerto de nota de campo, 27 de janeiro de 2015).

As crianças demonstram clara preferência pela área do faz de conta, a garagem e a caixa dos animais. O grupo é um pouco *conflituoso*, no que diz respeito à partilha dos brinquedos:

³ Ver nota de campo n.º 3 (cf. Anexo B).

Estávamos no espaço socioeducativo e o Bolacha tirou ou conjunto de barcos à Concha. Fui ter com ele e pedi-lhe que devolvesse o que tirou à amiga. Depois de ter devolvido, pedi à Concha que lhe emprestasse alguns, pois tinha muitos, mas ela recusou. (Excerto de nota de campo, 27 de janeiro de 2015).

No entanto, esta situação é propícia do seu desenvolvimento, uma vez que nesta idade, “a questão da autonomia e identidade torna-se a tarefa desenvolvimental dominante para as crianças, muito associada às dimensões de independência e controlo.” (Portugal, s.d., p. 11). Gostam, também, de livros e de explorar tudo o que aparece de novo na sala. São *imaginativos* e capazes de dar diferentes apropriações ao mesmo objeto/material (cf. Anexo C, p.336).

No contexto de JI, o grupo de crianças é constituído por 22 crianças, 8 meninas e 14 meninos, com idades entre os 3 e os 6 anos. Ao nível das características de desenvolvimento, o grupo apresenta pouca capacidade de concentração e dificuldade no cumprimento de regras. Relativamente à interação entre pares, daquilo que decorre da minha observação participante, as crianças relacionam-se bem entre si e nas suas brincadeiras reproduzem comportamentos sociais, tanto na sala de atividades, como no recreio exterior. No entanto, surgem, por vezes, alguns conflitos entre pares, os quais as crianças não são capazes de resolver autonomamente:

[No recreio] o brinquedo estava já na posse do grupo de crianças e a “Pequena Sereia” estava a empurrar o “Zebra” contra a parede, fazendo força nos seus braços para que não conseguisse sair daquele lugar. O objetivo dela era mantê-lo imobilizado enquanto as outras crianças brincavam com um brinquedo que lhes tinha dito ser seu, mas não o era... com o “Zebra” já a chorar e a “Pequena Sereia” a dizer-lhe algo que não me foi possível ouvir, decidi intervir. (Excerto de reflexão diária, 20 de maio de 2015)

A interação com os adultos também se considera *positiva*, sendo que existe uma relação de respeito entre a criança e o adulto. Contudo, o grupo apresenta fragilidades no que diz respeito ao comportamento, relativamente às competências saber ser e saber estar, não sendo ainda capazes de adequar o seu comportamento às diferentes situações:

O grupo mostra, também, alguns problemas ao nível do comportamento, esta questão torna-se mais evidente na avaliação no final do dia, através da qual pude compreender quais as crianças com mais dificuldades a este nível. (Excerto de reflexão diária, 4 de março de 2015)

1.6. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores, os espaços físicos

O modelo pedagógico que orienta a ação da educadora cooperante da Creche é “a Abordagem Experiencial descrita por Laevers (2005) na qual a criança é entendida como construtora do seu próprio conhecimento através de uma atitude exploratória incentivada e apoiada por pares ou adultos significativos (...).” (PP, 2014). Daquilo que pude depreender da minha observação participante e de conversas informais com a educadora, os princípios pelos quais esta rege a sua ação pedagógica são: a valorização das diferenças, da inclusão, do trabalho e do sentido de responsabilidade, da formação e aprendizagem ao longo da vida, das parcerias com outras instituições, das questões ambientais, da comunicação, da intergeracionalidade, e do desenvolvimento pessoal e da autonomia (PE, 2013).

As intenções educativas da educadora são: promover o desenvolvimento integral da criança, prestar apoio sistemático aos agregados que se encontrem em situação vulnerável, promover o desenvolvimento de competências pessoais e sociais das famílias e promover a colaboração entre o estabelecimento e a família (PP, 2014). Tendo em consideração a caracterização da família das crianças apresentada na página 5, estas intenções resultam da importância de desenvolver um trabalho de apoio às famílias.

Relativamente aos espaços físicos da Creche, todos eles estão pensados para crianças pequenas, possibilitando o cumprimento das rotinas e permitindo a promoção da autonomia das crianças. A sala de atividades é bastante *grande* e *ampla*, e está organizada por áreas de aprendizagem: área do faz de conta; área dos jogos; área da biblioteca; área da garagem e área do tapete, de modo a ser facilitadora de que as crianças se referenciem na relação consigo mesmas, com os outros e com o meio social. Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) referem que “o espaço deve acomodar e responder à multiplicidade de sentimentos, pensamentos, projetos que as crianças transportam.” (p. 17). No que concerne aos materiais, a educadora tenta primar pela diversidade, de modo a proporcionar experiências significativas. Utiliza materiais de desgaste rápido e representativos, como pinhas, folhas, tintas, entre outros. Na sala de

atividades estão disponíveis jogos didáticos, puzzles, jogos de enfiamento, jogos de construção, entre outros. O espaço socioeducativo contempla diversos materiais lúdico-pedagógicos, permitindo a exploração das crianças. Este espaço é, normalmente, usado nos momentos de transição. O espaço exterior, é bastante *amplo*, sendo composto por pavimento de pedra e relva e alguma vegetação, o que permite que as crianças contactem com a natureza. De acordo com Portugal (s.d.) “ao ar livre ... as crianças encontram, naturalmente, desafios que se situam no prolongamento das suas capacidades e realizam descobertas insuspeitáveis e sempre renovadas, a criança acedendo física e sensorialmente ao mundo do conhecimento.” (p. 12). Podemos ainda encontrar três equipamentos lúdicos e uma horta pedagógica desenvolvida pelo grupo de pais. Existe, ainda, uma caixa de areia lavável, que é usada apenas no verão, por questões climáticas. A rotina está organizada de acordo com as características e necessidades do grupo de crianças. Um dia tipo na sala R contempla momentos de atividade livre e orientada, em grande e pequeno grupo, momentos de alimentação e momentos de prestação de cuidados pessoais à criança, centrados na interação adulto-criança (cf. Anexo C, p. 338).

A educadora cooperante que me acolheu na sua sala de atividades em JI formou-se na ESE João de Deus, com o modelo a ele (o referido pedagogo) associado, que se caracteriza por uma pedagogia diretiva que “privilegia as aprendizagens nos domínios da leitura, da escrita e da matemática, de acordo com um plano prévio de trabalho, com o objectivo de preparar a criança para a escola.” (Leandro, citada por Moreira, 2008). No entanto, através dos seus anos de experiência e da formação contínua, a educadora foi alterando a sua prática e os fundamentos que orientam a sua ação, sendo eles: o desenvolvimento e aprendizagem como vertentes indissociáveis; o reconhecimento da criança como sujeito do processo educativo; a construção articulada do saber e a exigência de resposta a todas as crianças (Despacho nº 5220/97 [2ªsérie]).

De acordo com a análise do PPT (2014) e com as informações recolhidas através da observação participante realizada, foi possível perceber que as intenções e finalidades educativas da educadora cooperante de JI são: desenvolver a autonomia; desenvolver o esquema corporal; desenvolver as relações sociais com os pares e os adultos e a expressão das emoções; desenvolver a consciência fonológica; melhorar a

capacidade de concentração; envolver as famílias nos processos educativos; desenvolver o raciocínio lógico e desenvolver competências ao nível da abordagem à escrita (5 anos).

No que concerne aos espaços físicos do JI, a sala de atividades encontra-se dividida em seis áreas, as quais as crianças exploram livremente, nos momentos para o efeito. São elas: a área da casa; a modelagem; os jogos de tapete; a garagem; a leitura; e os jogos de mesa. Os materiais disponíveis são diversificados, desde jogos, materiais de jogo simbólico, tintas, materiais de registo, entre outros. A rotina organiza-se tendo em conta as características e necessidades do grupo de crianças, contemplando momentos de atividade orientada e de atividade livre, em pequeno e grande grupo, momentos de higiene e alimentação, e tempo de recreio (cf. Anexo A, p. 67).

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados o quadro metodológico e o roteiro ético referentes à prática profissional supervisionada, nomeadamente no que se relaciona com a problemática identificada: **“O papel de educador enquanto promotor de comportamentos de autorregulação das crianças”**.

Para um conhecimento aprofundado do meio onde estão inseridas as instituições, de ambos os contextos socioeducativos, das equipas educativas, das famílias e de ambos os grupos de crianças, optei por uma abordagem de natureza qualitativa, uma vez que pretendia compreender os fenómenos, as relações e as rotinas, numa sala de Creche e de Jardim de Infância. Esta abordagem, uma reflexão sobre a prática, corresponde, de acordo com Ponte (2002), a um importante processo de construção do conhecimento sobre a própria prática, baseada na lógica da investigação-ação, na medida em que foram tidos em conta alguns dos seus princípios, embora não o sendo, uma vez que o tempo de investigação não permite aprofundar a mesma.

Realizei uma observação participante, “através da qual a investigadora se assume como o principal instrumento da pesquisa.” (Ferreira, 2010, p. 152), de modo a identificar as potencialidades e fragilidades presentes em cada um dos contextos.

Após identificar os interesses, as potencialidades e as fragilidades de ambos os grupos de crianças, surge, no contexto de Jardim de Infância, uma questão pertinente para reflexão: qual o papel do educador enquanto promotor de comportamentos de autorregulação das crianças? Neste sentido, para a realização de uma abordagem investigativa acerca desta problemática, optei por uma abordagem de natureza mista, uma vez que recolhi, selecionei, tratei e analisei dados qualitativos e quantitativos.

No que diz respeito aos dados qualitativos, através da minha observação participante, que segundo Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira e Vieira (2009), permite observar o fenómeno em estudo de forma presencial, foram registadas, no diário do investigador, as vozes das crianças, de modo a compreender quais as suas conceções acerca dos seus comportamentos. Foram realizadas três entrevistas semiestruturadas, nas quais “o investigador coloca uma serie de questões amplas, na procura de um significado partilhado por ambos.” (Máximo-Esteves, 2008, p. 96),

utilizando como instrumento o guião da entrevista (cf. Anexo D), a três educadoras do Jardim de Infância, com o objetivo de perceber de que forma os educadores promovem comportamentos de autorregulação, na sua prática diária. Efetuei, ainda, uma análise documental, que “(...) implica uma pesquisa e leitura de documentos escritos que se constituem como uma boa fonte de informação.” (Coutinho et al, 2009, p. 373), para melhor compreender o conceito de autorregulação e o modo como este se desenvolve.

No que se refere aos dados quantitativos, foi efetuada uma avaliação da autorregulação do grupo de crianças, através da Escala de Comportamentos de Autorregulação em Jardim de Infância (ECA) adaptada por Veiga e Fernandes (2012) tendo como base a escala “*Teacher ratings of behavioral self-regulation in preschool children*”, com o intuito de perceber qual o nível de autorregulação do mesmo, bem como qual a influência da idade e do género na frequência destes comportamentos. Para analisar os dados recolhidos recorri a uma metodologia indutiva, de modo a construir conceções sobre a problemática em estudo, “à medida que os dados...se vão agrupando.” (Bogdan e Biklen, 1997, p. 50).

Na observação e investigação em educação de infância é necessário ter em conta alguns princípios éticos e deontológicos de modo a assegurar os direitos de todos os intervenientes. Neste sentido, apresenta-se agora o roteiro ético realizado, tendo em consideração alguns dos pressupostos referidos por Tomás (2011).

Ao longo da PPS, tive a preocupação de informar todos os intervenientes dos “objetivos do trabalho” (Tomás, 2011, p. 160), através de conversas informais e de uma carta de apresentação às famílias. Em contexto de JI, foi-me possível revelar o trabalho que estava a desenvolver, com mais pormenor, na reunião de pais em que tive oportunidade de participar, bem como na divulgação do projeto realizado com as crianças.

Na investigação com crianças, é necessário ter em conta os “custos e benefícios” (Tomás, 2011, p. 160) que resultam da nossa presença nas salas de atividade. Tive a preocupação de me integrar nas dinâmicas e rotinas de forma progressiva, de modo a não ser intrusiva, minimizando os efeitos da presença de um novo elemento na sala. Procurei também ter sempre em consideração o “respeito pela privacidade e confidencialidade” (Tomás, 2011, p. 161) de todos os intervenientes. Desta forma,

procurei respeitar este princípio através do pedido de autorização, por escrito, aos respectivos encarregados de educação, para fotografar as crianças, explicitando a finalidade dos registos fotográficos e referindo que as caras serão sempre desfocadas. Também, os nomes, tanto dos intervenientes, como de ambas as instituições estão devidamente codificados não permitindo qualquer tipo de identificação.

No que concerne ao princípio “fundamentos” (Tomás, 2011, p. 163), procurei, sempre, envolver todos os intervenientes na minha ação pedagógica, tomando em consideração as suas opiniões e sugestões, muitas das vezes por mim solicitadas. Também as crianças foram escutadas de forma sistemática, tendo tido sempre em conta as suas vozes ao longo de toda a PPS. Relativamente à “planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação” (Tomás, 2011, p. 163) procurei negociar com as crianças e a educadora todas as minhas ideias e estratégias.

É, para mim, de extrema importância ter o “consentimento informado” (Tomás, 2011, p. 164), pois todos os intervenientes têm o direito a estar informados e dar ou não consentimento ou assentimento (Ferreira, 2010) para participar. Desta forma, procurei informar e esclarecer, não só a educadora cooperante, mas também as crianças, acerca de todas as estratégias implementadas ao longo da investigação. Também as famílias deram o seu consentimento através do preenchimento e devolução de “O Meu Amigo Caderno” (cf. Anexo E), uma das estratégias da investigação.

No que diz respeito ao princípio “uso e relato das conclusões” Tomás (2011) defende que toda a informação deve ser devolvida aos intervenientes. Assim, procurei respeitar este princípio através da análise sistemática, com as crianças, dos resultados obtidos por meio das estratégias que implementei:

Hoje foi segunda-feira e as crianças trouxeram o “O Meu Amigo Caderno” preenchido com as atividades que fizeram no fim de semana e a classificação que atribuíram ao seu comportamento. Optei então por mostrar individualmente cada caderno ao grupo, divulgando assim os resultados do preenchimento efetuado no fim de semana. (Nota de campo, 11 de maio de 2015)

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

Neste capítulo, apresentam-se as intenções para a ação pedagógica, por mim definidas, que decorrem da caracterização reflexiva de ambos os contextos socioeducativos e que me permitiram desenvolver uma intervenção lógica e coerente, com significado para as crianças. Assim, começo por explicitar as intenções específicas e transversais a ambos os contextos, relativamente às crianças, às famílias e à equipa educativa, seguindo-se um relato sobre a prática vivenciada, tendo em conta as intenções definidas.

3.1. Identificação e fundamentação das intenções para a ação pedagógica

Após o conhecimento aprofundado de ambos os contextos socioeducativos, tornou-se indispensável a definição de intenções de trabalho com as crianças, as respetivas famílias e a equipa educativa, tendo sempre em consideração, também, as intenções de ambas as educadoras cooperantes. Neste sentido, apresento de seguida as minhas intenções para a ação pedagógica, referentes a ambos os contextos de intervenção.

Tabela 1

Intenções para a ação pedagógica, específicas para cada contexto

Intenções específicas		
	Creche	Jardim de Infância
Crianças	<ul style="list-style-type: none">• Privilegiar a satisfação das necessidades.• Respeitar a individualidade e os ritmos de cada um.• Promover momentos de desenvolvimento da linguagem oral.• Potenciar o respeito pelos outros.	<ul style="list-style-type: none">• Promover uma educação democrática e partilha de poder.• Promover atividades significativas partindo do que a criança já sabe.• Contribuir para o desenvolvimento de competências ao nível das diversas áreas de conteúdo.• Despertar a curiosidade e o espírito crítico.• Promover comportamentos de autorregulação.
Famílias	<ul style="list-style-type: none">• Envolver as famílias no processo de aprendizagem dos seus filhos.	<ul style="list-style-type: none">• Envolver as famílias na promoção de comportamentos de autorregulação.

Nota. Elaboração própria

Tabela 2

Intenções para a ação pedagógica, transversais aos dois contextos

Intenções transversais aos dois contextos	
Crianças	<ul style="list-style-type: none"> Promover a autonomia da criança e do grupo.
Famílias	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer uma relação de segurança, confiança e cooperação com os pais e outros familiares.
Equipa educativa	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer uma relação de confiança e empatia com a equipa educativa. Consultar sempre a equipa nas tomadas de decisão e pedir sugestões para o trabalho com as crianças e as famílias.

Nota. Elaboração própria

Após a apresentação das minhas intenções para a ação pedagógica torna-se necessário justificá-las e fundamentá-las, de modo a espelhar a intervenção em torno das mesmas. Desta forma, começarei por apresentar as intenções específicas na valência de Creche e Jardim de Infância, respetivamente, seguindo-se as intenções transversais a ambos os contextos de intervenção, tecendo uma breve contextualização do modo como estas foram desenvolvidas, ao longo da prática profissional supervisionada.

No que diz respeito à Creche, defini as seguintes intenções:

- Privilegiar a satisfação das necessidades das crianças, uma vez que estas são muito pequenas, não sendo ainda capazes de controlar e satisfazer as suas necessidades físicas, de afeto, de segurança, de reconhecimento e afirmação, de se sentir competente e de significados e valores (Portugal, s.d.) procurei sempre privilegiar a satisfação dessas mesmas necessidades, através das rotinas.

- Respeitar a individualidade e os ritmos de cada um, pois cabe ao educador, gerir a aproximação e a distância na relação educativa, no que diz respeito à individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança (APEI, s.d.), pois cada uma delas tem características diferentes. Por isso, tornou-se importante respeitar os ritmos e as características individuais de cada criança, uma vez que a minha presença na sala era algo novo para elas. Apesar de me ter aproximado do grupo de forma progressiva, a duração da PPS não permitiu que estabelecesse uma relação mais próxima com cada criança. Procurei sempre aproximar-me de todas as crianças sem ser intrusiva, no

entanto, dado os ritmos de cada um, algumas crianças não permitiram que me aproximasse:

Em relação ao Bolacha, a criança que me tem criado mais desafios a este nível, esta semana optei por não me aproximar muito, fazendo-o apenas quando surgem espontaneamente oportunidades para tal. Ainda assim, considero que a relação está a melhorar um pouco. (Excerto da nota de campo, 13 de janeiro de 2015).

- **Promover momentos de desenvolvimento da linguagem oral.** As crianças eram ainda muito pequenas, pelo que a sua linguagem oral se encontrava emergente, mas pouco desenvolvida. Neste sentido, ao longo da PPS, procurei propor atividades centradas na expressividade física e oral, através de histórias, canções e lengalengas, bem como proporcionar momento de diálogo equilibrado com as crianças, dando-lhes espaço para as suas respostas (Post & Hohmann, 2011). No decorrer da prática, pude perceber que o educador/adulto é um modelo de comunicação para as crianças, uma vez que a forma como se exprime perante estas constituiu para elas uma aprendizagem, pois a criança repete tudo aquilo que escuta:

[No momento do repouso] o Horácio sentou-se no catre e uma das auxiliares disse: “Horácio deita-te!”. A Concha, que está deitada mas ainda acordada repete de imediato: “deita-te, deita-te!”. (Excerto da nota de campo, 26 de janeiro de 2015).

- **Potenciar o respeito pelos outros,** uma vez que o grupo era um pouco *conflituoso*, nomeadamente, no que diz respeito à partilha de objetos:

[Durante o tempo de brincadeira livre na sala] o Bolacha tentou tirar um carro à Loira. Disse-lhe para ir buscar outro carro à garagem mas o Bolacha deitou-se no chão a chorar. (Excerto da nota de campo, 27 de janeiro de 2015).

Neste sentido, tentei sempre promover uma atitude de respeito e partilha no seio do grupo de crianças respondendo, sempre que possível, de forma adequada aos conflitos que surgiam, de modo a assegurar o bem-estar físico e emocional de cada criança, promovendo assim a sua disponibilidade para se implicar em diferentes atividades e situações (Portugal, s.d.).

- **Envolver as famílias no processo de aprendizagem dos seus filhos,** pois segundo Silva (2003) “uma maior corresponsabilização dos pais no processo educativo dos seus educandos, tem resultados positivos para estes, daí advenientes, para além de uma

valorização social das famílias, sobretudo as de meios populares, a partir da imagem que lhes é devolvida pela instituição escolar” (p. 28). Na instituição onde realizei a PPS em Creche, o envolvimento das famílias é bastante evidente, uma vez que para além de existir um grupo de pais que desenvolve atividades ao longo do ano, todas as salas procuram envolver as famílias no processo de aprendizagem dos seus filhos. Ao longo das seis semanas que estive na instituição, procurei sempre tecer pequenos diálogos com as famílias, acerca das crianças, dinamizei semanalmente, em conjunto com a educadora cooperante, o placar da sala, através do qual os pais eram informados das atividades desenvolvidas com as mesmas. Mantive sempre a porta da sala “aberta” para que os pais participassem nas rotinas e atividades sempre que desejassem.

No que concerne ao Jardim de Infância, defini as seguintes intenções:

- **Promover uma educação democrática e partilha de poder**, uma vez que constitui um meio fundamental de formação pessoal e social (Ministério da Educação [ME], 1997). Desde o início da PPS em JI que pude perceber que o grupo não tinha hábitos democráticos, nas tomadas de decisão, nos momentos de diálogo em grande grupo, bem como na escolha das tarefas. Neste sentido, tornou-se uma preocupação desenvolver a democracia no seio do grupo, bem como a partilha de poder como meio de responsabilização, pois só assim é possível “construir uma autonomia colectiva que passa por uma organização social participada em que as regras, elaboradas e negociadas entre todos, são compreendidas pelo grupo, que se compromete a aceitá-las.” (ME, 1997, p.53).

- **Promover atividades significativas partindo do que a criança já sabe**. Lisboa (citada por Vasconcelos, 2012) afirma que “cada projecto contém uma ideia sujeita a desenvolvimento. Quanto mais oportuna e interessante ela for, maior será o seu alcance” (p. 9). Todo o conhecimento da criança é uma oportunidade de desenvolvimento e, quanto mais espontânea e contextualizada for, mais significativa será a aprendizagem da criança. Ao longo da minha PPS, tentei sempre explorar as ideias, afirmações, questões de cada criança, de modo a fazê-las refletir e colocar hipóteses, na tentativa de elas resolverem a questão autonomamente. Esta intenção foi

evidente no projeto “*Aventura da paisagem*”, que surge do interesse de uma criança que queria saber o que é uma paisagem. Partimos então deste interesse e das concepções prévias de cada criança, para desenvolver o projeto.

- **Contribuir para o desenvolvimento de competências ao nível das diversas áreas de conteúdo**, uma vez que “o desenvolvimento e a aprendizagem são vertentes indissociáveis do processo educativo” (ME, 1997, p. 47). Como acredito numa aprendizagem ativa, que articule todas as áreas de conteúdo, procurei trabalhar nesse sentido, tendo sempre em conta os diferentes níveis de desenvolvimento das crianças, adaptando assim as minhas propostas aos mesmos. O conhecimento do mundo, mais especificamente as ciências, era uma fragilidade do grupo, uma vez que esta área de conteúdo era muito pouco desenvolvida. Procurei então colmatar esta dificuldade através de propostas semanais que vão ao encontro das ciências e do método científico.

- **Despertar a curiosidade e o espírito crítico**, promovendo uma atitude de questionamento. Esta intenção decorre do facto de o grupo de crianças ser bastante *curioso*, contudo raramente verbalizava as suas questões, que se viam rapidamente respondidas por algumas crianças, sendo a resposta a correta ou não, terminando rapidamente o interesse. O desenvolvimento do projeto “*Aventura da paisagem*”, através da metodologia de trabalho de projeto, que envolve a criança nos processos de investigação e promove o seu desenvolvimento intelectual (Vasconcelos, 2012), contribuiu para desenvolver esta intenção, uma vez que no final do projeto, as crianças colocaram algumas questões que seriam pertinentes para desenvolver novos projetos, no entanto, estávamos já no final da PPS e isso não foi possível.

- **Promover comportamentos de autorregulação**. Esta intenção vai ao encontro da problemática que irei desenvolver neste relatório. Como já referi, o grupo era um pouco *conflituoso* e nada *autónomo* na resolução de conflitos. A par disso, demonstra dificuldades ao nível das competências saber ser e saber estar, não sendo as crianças ainda capazes de controlar as suas emoções e comportamentos (Linhares & Martins, 2015) de modo a adequar a resposta à situação (Cordeiro, 2015). Foi, então, por sentir dificuldades na gestão do comportamento do grupo de crianças, que considerei

pertinente esta minha intenção, que depois se transformou numa problemática em estudo, a qual irei desenvolver mais à frente neste relatório. Para além das estratégias que abordarei no capítulo que se refere à problemática, procurei sempre comunicar calmamente com as crianças, de modo a ajudá-las a resolver os seus conflitos, solicitar-lhes que tomassem uma postura correta, nos momentos que assim foi necessário e, essencialmente, ajudá-las a refletir sobre as suas atitudes.

- **Envolver as famílias na promoção de comportamentos de autorregulação.** Esta intenção está relacionada com a anterior, pois considerei pertinente envolver os pais nesta questão, uma vez que eles são os especialistas dos seus filhos (Brazelton & Sparrow, 2003). Esta intenção foi desenvolvida através de um caderno, estratégia da qual falarei mais em pormenor no próximo capítulo.

As intenções transversais aos dois contextos são:

- **Promover a autonomia da criança e do grupo.** A autonomia foi para mim, em todos os momentos, um dos meus grandes propósitos, uma vez que desenvolve a capacidade individual e coletiva, de assumir responsabilidade (ME, 1997) e que, segundo Mogilka (1999) se refere à “capacidade de definir as suas próprias regras e limites, sem que estes precisem ser impostos por outro: significa que aquele agente é capaz de se autorregular.” (p. 59), estando assim esta intenção relacionada com outra anteriormente referida, promover comportamentos de autorregulação. Neste sentido, considero fundamental o desenvolvimento desta competência, tanto em Creche como em Jardim de Infância. Ao longo da minha prática procurei fomentar comportamentos autónomos em todos os momentos da rotina. Em contexto de Creche, procurei incentivar as crianças a lavar as mãos sozinhas, a descalçar os sapatos e a arrumar os brinquedos. Na valência de Jardim de Infância, dei ênfase a esta competência, através da introdução do “chefe” que tinha tarefas específicas, definidas com o grupo, e também nos momentos em que as crianças pediam material que estava na sala ao seu alcance:

[Durante uma atividade de desenho] o Oceano disse: “Não tenho folha”. Por algum motivo não reparei que não tinha distribuído a folha a esta criança. Disse-lhe então: “Vai buscar uma.”. O Oceano fez exatamente o que lhe pedi, aceitando tranquilamente e

retomando o lugar após ter ido buscar a folha. (Excerto da nota de campo, 16 de março de 2015).

- Estabelecer uma relação de segurança, confiança e cooperação com os pais e outros familiares, que constitui, desta forma, um processo de nivelamento (Satir citada por Post & Hohmann, 2011), que consiste em tentar nivelar as emoções dos outros, pois considero fundamental que a escola e a família sejam parceiros educativos, uma vez que são “dois contextos que contribuem para a educação da mesma criança.” (ME, 1997, p. 43) Na valência de Creche, procurei estabelecer, diariamente, através de pequenas conversas informais, uma relação de confiança com as famílias, que lhes transmitisse alguma segurança, uma vez que também a minha presença na sala era uma novidade. Relativamente à cooperação, solicitei aos pais que fossem à instituição, dentro das suas possibilidades horárias, construir uma máscara de carnaval para os seus filhos, com o meu acompanhamento. No Jardim de Infância foi um pouco mais difícil desenvolver esta intenção, uma vez que devido a regras institucionais, não contactava diariamente com as famílias. Ainda assim, nos momentos em que me foi possível estabelecer um contacto com os pais, procurei sempre escutar as suas preocupações, sugestões e elogios, bem como transmitir-lhes alguma segurança relativamente à minha presença diária junto dos seus filhos.

- Estabelecer uma relação de confiança e empatia com a equipa educativa. Matias e Vasconcelos (2010) referem, citando Oliveira-Formosinho (2002), que “a comunicação e o trabalho colaborativo num contexto de partilha e apoio...são vertentes fundamentais para...observar, agir e reflectir...para que possam ir contruindo teoria, a partir da prática” (p. 21). Desta forma, considero necessário existir uma relação sólida e consistente, que transmita confiança e segurança, para se trabalhar em equipa. Em ambos os contextos, procurei desde o primeiro dia estabelecer esta mesma relação, através de conversas informais e de atitudes cooperativas. Contudo, em contexto de JI, o estabelecimento desta relação foi um pouco mais moroso, no que diz respeito às assistentes operacionais, uma vez que estas têm frequência rotativa semanal pelas salas.

- **Consultar sempre a equipa nas tomadas de decisão e pedir sugestões para o trabalho com as crianças e as famílias**, pois acredito verdadeiramente no trabalho em equipa, o qual considero essencial para o desenvolvimento de propostas educativas com significado para a criança. “O envolvimento de todos os intervenientes...a planificação em equipa, são aspectos a ter em conta no processo educativo...” (ME, 1997, p. 20). Esta intenção foi desenvolvida em ambos os contextos, embora um pouco mais na Creche, dado que a equipa da sala foi sempre a mesma durante toda a PPS. Ainda assim, em ambos os contextos, procurei sempre consultar tanto as educadoras cooperantes como as respetivas auxiliares/assistentes operacionais, nas tomadas de decisão, bem como acerca do trabalho a desenvolver com as crianças.

Tendo em consideração as intenções por mim definidas e explicitadas anteriormente, apresentarei agora uma análise reflexiva acerca do trabalho desenvolvido, ao longo da PPS, no respeito à organização do espaço e do tempo, ao desenvolvimento das diversas áreas de conteúdo, bem como ao trabalho desenvolvido com as famílias e as equipas educativas.

O espaço constitui um importante fator condicionante do desenvolvimento e aprendizagem das crianças. De acordo com Post e Hohmann (2011), “um ambiente bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais.” (p.101). Desta forma, o espaço deve ser facilitador para a aquisição de novos conhecimentos. As ações das crianças são também influenciadas pela qualidade dos materiais e pela forma como estes estão organizados, por isso, o educador deve organizar o espaço, de modo a que este seja o espelho das suas intenções e finalidades educativas (ME, 1997).

De acordo com Hohmann e Weikart (2011), o espaço deve contemplar objetos e materiais que transmitam motivação às crianças, proporcionando-lhes inúmeras possibilidades de exploração e manipulação. É também importante a organização do espaço em áreas de interesse, proporcionando à criança hipóteses de fazer escolhas e tomar decisões.

Daquilo que pude observar ao longo da PPS, ambas as salas de atividade estavam bem organizadas relativamente ao espaço e materiais, proporcionando oportunidades de exploração, aprendizagem e interações facilitadoras. Ainda assim, foi

possível dar continuidade ao trabalho desenvolvido por ambas as educadoras, dando o meu contributo para a organização do espaço, criando mais oportunidades de desenvolvimento.

Em contexto de Creche, tive a oportunidade de desenvolver atividades de exploração sensorial (cf. Figura 1), atividades acerca dos animais (cf. Figuras 2 e 3) e das emoções. Destas atividades, resultaram diferentes materiais por mim construídos, que permaneceram na sala de atividades, permitindo a exploração sistemática por parte das crianças.

Os meus contributos para enriquecer o espaço em contexto de Creche:



Figura 1: Caixas de exploração sensorial



Figura 2: Canção “Os sons dos animais”



Figura 3: Imagens de animais; diferentes tipos de pelo; canção “Na Quinta do Tio Manel”

Na PPS em JI, para além da dinamização dos placares da sala, através dos registos das atividades realizadas, foi-me possível contribuir para a organização do espaço, através da criação de uma nova área, a pintura livre (cf. Figura 4), uma vez que estava disponível um cavalete, ao qual não era dado nenhum uso. Considerei, então, que seria importante ter na sala esta nova área, uma vez que as crianças demonstravam interesse pelas artes plásticas, nomeadamente a pintura e que estavam disponíveis todos os materiais necessários. Esta área teve grande adesão por parte das crianças ao longo de toda a PPS, pelo que considero ter sido positiva a sua implementação. Foi ainda possível desenvolver um mural dos Açores (cf. Figura 5), uma vez que abordámos esta temática no âmbito da festa de final de ano, bem como um placar do projeto “*Aventura da Paisagem*”, desenvolvido com as crianças. Foram ainda introduzidos dois instrumentos reguladores, que funcionaram como estratégias para desenvolver a problemática a que se refere este relatório, um quadro de planeamento diário, e um

quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos, dos quais falarei em pormenor mais à frente.

Os meus contributos para enriquecer o espaço na valência de JI:



Figura 4: Área da pintura livre



Figura 5: Mural dos Açores

A organização do ambiente educativo depende igualmente da organização do tempo e das rotinas. De acordo com Post e Hohmann (2011) as rotinas devem ser repetitivas, de modo a permitir que a criança explore e conquiste confiança nas suas capacidades em desenvolvimento, contudo, devem, também, ser flexíveis para ir ao encontro das características e necessidades de cada criança.

Na PPS em Creche, os tempos e as rotinas estavam já bem definidos, pensados e estruturados de acordo com as necessidades das crianças, mas suficientemente flexíveis. Neste sentido, o meu contributo para a organização do tempo foi, essencialmente, estar presente em todos os momentos da rotina, alternando, de dia para dia, com a equipa educativa, as diferentes funções, como a higiene, o deitar, o levantar e os tempos de transição. Ou seja, procurei estar presente nestes diferentes momentos, que normalmente acontecem em simultâneo, alternando as minhas funções todos os dias. Isto permitiu-me estabelecer uma relação mais próxima com cada criança, uma vez que tive a oportunidade de estar com cada uma delas nos diferentes momentos do seu dia, transmitindo-lhe afeto, segurança e confiança.

Na valência de JI, o tempo estava organizado em função das crianças, mas também dos horários da própria instituição, significando assim que a rotina estava já bastante estruturada aquando da minha chegada ao JI. Neste sentido, procurei participar nos diferentes momentos da rotina, dando continuidade aos horários estabelecidos. Do meu contributo destaca-se a dinamização de alguns tempos de transição, bem como a introdução de atividades antes do acolhimento, uma vez que o grupo era pouco pontual

e senti necessidade de aguardar que chegassem todas as crianças, para iniciar o acolhimento.

Segundo o Ministério da Educação (1997) o educador deve articular todas as áreas de conteúdo, contrariando a sua divisão em diferentes compartimentos, de modo contextualizado relativamente ao ambiente educativo.

Em ambos os contextos, as atividades propostas foram pensadas e planeadas, tendo sempre em consideração os interesses e características dos grupos de crianças, de modo a dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelas respetivas educadoras. Assim, em contexto de Creche, as atividades desenvolvidas foram ao encontro das temáticas animais e emoções, privilegiando o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras, de linguagem, socio emocionais e de autonomia e cuidados pessoais (PP, 2014).

Na valência de JI, o planeamento das propostas de atividade teve como base as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (ME, 1997), procurando tocar todas as áreas de forma articulada, desenvolvendo atividades em grande e pequeno grupo ou individuais. Foi também desenvolvido um projeto, segundo a metodologia de trabalho de projeto, que de acordo com Vasconcelos (2012) “promove o desenvolvimento intelectual de crianças e, simultaneamente, dos seus educadores e professores.” (p. 11). O projeto intitulou-se “*Aventura da paisagem*”, no qual esteve envolvido cerca de metade do grupo de crianças, por opção das mesmas.

Considero que o trabalho com as famílias constitui um importante pilar de desenvolvimento das crianças, devendo por isso o educador “incentivar a participação das famílias no processo educativo...” (ME, 1997, p. 22).

Durante a PPS em Creche, procurei estabelecer uma relação de segurança e confiança, conversando diariamente com as famílias. Esta relação iniciou-se com a minha apresentação às mesmas, através de uma carta que ficou afixada à porta da sala durante toda a PPS. Durante o mês em que estive com as crianças, tive a oportunidade de trabalhar também diretamente com as famílias, através da dinamização do atelier de carnaval, em que pedimos aos pais que fossem construir uma máscara para os seus filhos, sobre a temática dos animais. A participação das famílias foi bastante positiva e senti que as mesmas valorizaram o meu acompanhamento nesta tarefa.

No II, o contacto com as famílias foi mais reduzido, uma vez que devido a regras da instituição, as famílias não iam diariamente à sala de atividades. Contudo, tal como na Creche, comecei por enviar, através da caderneta, uma carta de apresentação com os objetivos do meu trabalho. Procurei também envolver as famílias nos processos de aprendizagem dos seus filhos, ainda que à distância, através do pedido de informações acerca da temática dos Açores e no âmbito do projeto “*Aventura da paisagem*”, do qual assistiram à divulgação com agrado, tendo eu aproveitado este momento para conversar um pouco com as famílias acerca do trabalho desenvolvido com as crianças. Particpei também na reunião de pais, por sugestão da educadora, na qual me apresentei de modo presencial e falei um pouco mais acerca do trabalho desenvolvido e a desenvolver com as crianças. Envolvi ainda as famílias na problemática sobre a qual irei refletir mais à frente, através de um caderno vaivém.

Hohmann e Weikart (2011) definem o trabalho em equipa como “um processo de aprendizagem pela ação que implica um clima de apoio e de respeito mútuo.” (p. 130). Neste sentido, ao longo da PPS, e em ambos os contextos, procurei sempre ser fiel às minhas intenções de trabalho com a equipa educativa, estabelecendo uma relação de cooperação e confiança, desenvolvendo o trabalho através da união de esforços, bem como da consulta dos profissionais com quem estive, acerca do trabalho desenvolvido e a desenvolver, solicitando ideias e sugestões, bem como opiniões nos momentos de tomada de decisão. Para mim, o verdadeiro trabalho em equipa implica uma relação de confiança e de segurança nos parceiros e deve ser desenvolvido de igual para igual, de modo a que todos os elementos da equipa desempenhem, sem dificuldades, qualquer tipo de tarefa, sempre que necessário.

Elaborada a análise e reflexão sobre a minha ação pedagógica, ao longo da PPS, passarei agora a apresentar a problemática acerca da qual irei refletir neste relatório.

CAPÍTULO 4 - IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Em contexto de Creche, julguei ter identificado uma problemática que está relacionada com o tempo que as crianças têm acesso a equipamentos eletrónicos e o tipo de supervisão⁴. No entanto, não foi possível dar continuidade a esta mesma problemática em JI, dado que esta não se verificou no contexto. Assim, foi identificada como problemática em contexto de JI **“O papel do educador enquanto promotor de comportamentos de autorregulação das crianças”**, que dá título a este relatório.

A problemática identificada decorre do conhecimento do grupo de crianças, por meio da minha observação participante ao longo da PPS, bem como da necessidade que surge de refletir acerca do modo como o educador pode promover comportamentos de autorregulação na sua prática diária:

O comportamento e a capacidade de saber estar em grupo continua a ser uma das minhas preocupações, uma vez que novamente voltei a chamar várias crianças à atenção, diversas vezes, pela sua postura e atitude, nomeadamente nos momentos no tapete. (Excerto da reflexão diária, 14 de abril de 2015).

Importa referir que antes de iniciar o estudo desta problemática conversei, de modo informal, com a educadora cooperante, para compreender qual a sua opinião acerca da mesma, bem como ter a sua autorização para a realização do referido estudo. Desta forma, apresentarei neste capítulo a investigação realizada acerca da problemática acima referida, começando com uma revisão de literatura e explicitando de seguida o plano de ação por mim desenvolvido, terminando com a análise dos resultados obtidos.

4.1. “Como eu controlo o meu comportamento?”: a autorregulação

Para melhor compreender qual o meu papel, enquanto futura educadora, na promoção de comportamentos de autorregulação das crianças, importa conhecer o conceito de autorregulação e o modo como este se desenvolve.

A investigação tem procurado estudar o processo autorregulatório no desenvolvimento das crianças, segundo diversas perspetivas. Apesar de terem sido

⁴ Para informação mais detalhada, consultar Portefólio de Creche (Anexo C, p. 299).

verificadas diferenças nos vários estudos realizados, há uma conclusão comum, a importância da autorregulação no desenvolvimento das crianças (Linhares & Martins, 2015). Desta forma, torna-se importante que pais e educadores, promovam comportamentos de autorregulação, de modo a ajudar as crianças a autorregular-se.

O conceito de autorregulação pode definir-se como a capacidade do indivíduo controlar as suas emoções e comportamentos perante estímulos positivos ou negativos (Linhares & Martins, 2015), ou através do termo *autocontrole* que se define como a capacidade de refletir antes de agir, adequando assim a resposta à situação (Cordeiro, 2015), ou ainda, pela capacidade da criança agir de acordo com as expectativas dos adultos, mesmo quando não quer ou não está acompanhada dos mesmos. (Cole & Cole, 2004). Assim, entende-se por autorregulação, a capacidade da criança controlar os seus impulsos e desejos, sem necessitar da ajuda de um adulto.

Definido o conceito de autorregulação, importa agora conhecer o modo como se desenvolve.

Cole e Cole (2004) referem que na base do desenvolvimento da autorregulação está a capacidade de inibir os impulsos. Os autores apresentam então a perspetiva de Eleanor Maccoby (1980), que sugere quatro tipos de inibição: a inibição do movimento, que diz respeito à capacidade da criança saber quando e como parar determinada ação; a inibição das emoções, que se traduz no controlo da intensidade das emoções; a inibição das conclusões, que se refere à capacidade de refletir sobre um assunto ou tarefa, antes de dar uma resposta e, por fim, a inibição da escolha, que se relaciona com a capacidade de esperar pela gratificação. Contudo, as crianças são naturalmente curiosas e “para elas o mundo só faz sentido se o poderem tocar, subir-lhes em cima e saboreá-lo.” (Brazelton & Sparrow, 2013, p. 30), por isso, têm dificuldade em controlar os seus impulsos. As crianças necessitam assim de um *corregulador* para as ajudar nos processos de regulação. (Linhares & Martins, 2015).

A criança observa os comportamentos à sua volta e vai compreendendo quais os comportamentos considerados socialmente adequados. É no período pré-escolar que começa a experimentar diferentes papéis sociais, através do jogo dramático, criando empatia com os seus pares e desenvolvendo o comportamento pro-social (Fernandes, 2012). Cole e Cole (2004) sugerem partilhar, ajudar, cuidar e mostrar solidariedade,

como comportamentos pro-sociais. Na perspectiva de Eisenberg e Fabes, 1998, apresentada por Cole e Cole (2004), o comportamento pro-social pode ser promovido de duas formas: através do *exemplo explícito*, em que o adulto é um modelo para que a criança reproduza o seu comportamento e através da *indução*, em que adulto explica à criança o que deve fazer e os motivos pelos quais o deve fazer, explicitando-lhe a importância de ter um comportamento pro-social. Quanto maior for a capacidade pro-social da criança, maior será o seu autocontrolo (Fernandes, 2012).

Também o desenvolvimento emocional da criança está relacionado com o desenvolvimento da autorregulação, pois segundo Brazelton e Sparrow (2013) para a criança compreender e respeitar as emoções dos outros tem de compreender primeiro as suas próprias emoções. Cole e Cole (2004) referem que para o desenvolvimento do controlo das emoções, e conseqüentemente da autorregulação, é necessário que a criança adquira um conjunto de habilidades que contribuem para a competência socio emocional. Os autores apresentam algumas habilidades propostas por Carolyn Saarni (1999): o conhecimento das suas próprias emoções; a capacidade de refletir acerca das emoções dos outros; a capacidade de expressar verbalmente as suas emoções e a capacidade de se envolver, com empatia, com as emoções dos outros.

Em suma, o desenvolvimento da autorregulação depende do controlo dos impulsos e emoções, do comportamento pro-social e do apoio de um adulto de referência.

4.2. “A idade é importante?”: a autorregulação e a idade

Conhecido o conceito de autorregulação e modo como se desenvolve, importa refletir se o seu desenvolvimento depende da idade das crianças.

Cole e Cole (2004) referem que, segundo diversas pesquisas, entre os dois anos e meio e os seis anos de idade, ocorrem importantes mudanças no que diz respeito ao autocontrolo. À medida que as competências cognitivas da criança se vão desenvolvendo, esta vai adquirindo uma maior compreensão das regras sociais, desejando agir de acordo com as mesmas. Também a capacidade de aceder às solicitações dos adultos, na sua ausência, se vai desenvolvendo, gradualmente, com o avanço da idade.

Para melhor compreender estas mudanças, considera-se importante analisar o desenvolvimento moral da criança em idade pré-escolar, isto é, conhecer como se desenvolve o seu pensamento. Para isso, apresentarei uma breve síntese da perspectiva de Brazelton e Sparrow (2010).

Segundo os autores, aos três anos a criança aprende por imitação e através das suas próprias experiências, estando ainda na descoberta do significado das suas ações. A criança ainda não é capaz de se colocar no lugar de outras pessoas, conhecendo apenas a sua perspectiva do mundo. Nesta fase, a criança começa a aprender a distinguir o certo do errado, através da avaliação que faz das suas experiências passadas, comparando-as com as experiências atuais. Cria empatia com os seus pares, tendo já consciência de que estes também têm emoções e de que precisa de os respeitar para manter a amizade. Começa assim a compreender que os outros seres também têm emoções e necessidades, e que as suas ações poderão afetá-los. Nesta idade, por oposição às birras, surge a agressividade para com os seus pares, revelando-se através de conflitos. Face a estas características, as crianças de três anos necessitam de muita heterorregulação, isto é, apoio de um adulto para compreenderem o mundo à sua volta, o que sentem e como devem controlar.

Aos quatro anos, a criança experimenta a mentira para alcançar um desejo intenso. “Os desejos são tão intensos, as fantasias tão importantes, e as formas de enfrentar a realidade tão limitadas, que todas as crianças precisam de mentir.” (p. 145). Nesta idade a criança necessita ainda do apoio de um adulto para colocar limites entre os desejos e a realidade. Agora que já compreende melhor as emoções dos outros, dá-se um novo reconhecimento das suas próprias emoções, experimentando a raiva, que lhe provoca algum desconforto. Assim, dadas as características desta idade, a criança começa a ser capaz de controlar as suas emoções, contudo, necessita ainda da ajuda de um adulto para compreender as emoções dos outros e saber agir, de forma socialmente adequada, face a essas emoções.

Aos cinco anos, a criança já conhece as consequências das suas ações, sobre as outras pessoas, mas também sobre as suas próprias emoções. Ou seja, a criança já compreende que os seus atos podem magoar não só os outros, mas também a si própria, tomando assim consciência de quando necessita de parar e de se controlar. Inicia

também a compreensão dos conceitos “certo e errado”, tendo consciência de que a sua capacidade de controlar os seus impulsos está ainda pouco desenvolvida. Nesta fase, a criança começa a aperceber-se de que os seus desejos e emoções não têm influência sobre os acontecimentos. A curiosidade e o questionamento são característicos desta idade, sendo a criança capaz de retirar sentido das suas experiências. A autoestima da criança é cada vez mais elevada e começa a surgir a empatia, preocupando-se com o que os outros sentem, em relação a ela. De acordo com estas características, a criança já não necessita de tanta heterorregulação, começando a ser capaz de autorregular as suas emoções e os seus impulsos. Contudo, necessita ainda de apoio na gestão das interações com os seus pares.

Fernandes (2012) concluiu no seu estudo, que as crianças entre os cinco e os sete anos de idade, apresentam níveis de autorregulação mais elevados que a crianças entre os três e os quatro anos de idade, sendo as diferenças bastante significativas.

Podemos assim concluir, que a capacidade de autorregulação depende também da idade das crianças, sendo mais elevada nas crianças mais velhas.

4.3. “Ser menino ou menina. Faz diferença?”: a autorregulação e o género

Apresentada a influência da idade no desenvolvimento da autorregulação, parece-me importante refletir também acerca da influência do género.

Miranda (2008) alude que “enquanto categoria social e construção social, o género refere-se aos papéis veiculados por uma sociedade, papéis que regem comportamentos predeterminados como sendo apropriados e característicos de homens e de mulheres” (p. 3).

Os estudos realizados acerca da autorregulação revelam a existência de diferenças nas capacidades de autocontrolo entre crianças do género masculino e do género feminino, em idade pré-escolar, verificando-se uma maior tendência de autorregulação por parte do género feminino (Fernandes, 2012).

Mathiesen, Yáñez, Merino, Mardones e Saldaña (2013) sugerem que meninos e meninas apresentam diferenças de conduta, cognitivas, de valores e de preferências, desde o nascimento. Estas diferenças fazem parte da natureza humana feminina e

masculina. De acordo com estas diferenças, que são inatas, meninos e meninas são educados segundo diferentes padrões, resultado das culturas e sociedades, e, conseqüentemente, pensam e agem de maneira diferente, construindo assim a sua identidade de género.

No estudo realizado por Fernandes (2012) no que se refere à influência do género nos comportamentos de autorregulação, os resultados demonstraram níveis de autorregulação mais elevados no género feminino, contudo, as diferenças revelam-se pouco significativas.

De um modo geral, é possível inferir que, o género parece influenciar o desenvolvimento da autorregulação, sendo, no entanto, a sua influência pouco significativa.

4.4. O caminho para a promoção da autorregulação

Após ter apresentado a revisão de literatura acerca da problemática em estudo, passarei agora a apresentar o plano de ação por mim desenvolvido, isto é, as estratégias de intervenção para promover comportamentos de autorregulação no grupo de crianças.

Todas as estratégias que serão de seguida apresentadas foram previamente conversadas e aprovadas pela educadora cooperante, e fundamentadas em literatura que se apresentará simultaneamente à sua descrição.

De modo a promover comportamentos de autorregulação das crianças, na minha prática diária, procurei estar mais desperta para as situações que merecessem a minha intervenção a este nível. Intervim então nestas situações, sendo um modelo de regulação para a criança, ou seja, procurei que os meus comportamentos fossem reproduzidos:

Retirei a cadeira onde habitualmente me sento, durante o acolhimento e nos momentos em grande grupo, e sentei-me no chão com as pernas cruzadas, tal como as crianças. Penso que esta estratégia vai permitir estabelecer uma relação adulto-criança mais próxima e espero que as crianças tomem a minha postura como um exemplo de como estar sentado no tapete. (Excerto da reflexão diária, 15 de abril de 2015)

Estive atenta a todas as situações e desempenhei o papel de *corregulador* (Linhares & Martins, 2015), sempre que este se adequou. Incentivei as crianças a resolver os seus conflitos autonomamente, a refletir sobre as suas ações e

comportamentos e a agir em função dos mesmos. Por último, procurei dar sempre feedback positivo das conquistas diárias da cada criança, para que esta sentisse a sua própria competência e mantivesse as suas conquistas:

Reparei que o Bola tinha classificado o seu comportamento com a cor verde, cor que tem vindo a manter ao longo da semana. Decidi então felicitá-lo: “Estou muito contente contigo, esta semana ainda só tiveste verdes. Estás a portar-te melhor, muito bem. (Excerto da nota de campo, 13 de maio de 2015).

Considerarei importante ter uma conversa com o grupo de crianças, sobre o comportamento do mesmo, solicitando a opinião das crianças, bem como questionando de que forma poderia ser melhorado:

[Sentados no tapete] Marisa: - O comportamento aqui na sala está a correr bem? O que é que acham? Crianças: - Naaaooooo! Marisa: - E porquê? Sabem? Relva: - Porque há muitas bolas amarelas e vermelhas (referindo-se ao quadro do comportamento existente na sala). Marisa: - E porque é que há muitas bolas amarelas e vermelhas? Martim Manhã: - Porque os meninos se portem mal no refeitório e ficam de castigo. Marisa: - A Marisa precisa da vossa ajuda para saber o que pode fazer para ajudar os meninos e as meninas a portarem-se melhor. Têm alguma ideia? ... Martim Manhã: - Ahhhh! Já sei! Os 5 anos trabalham e os pequeninos brincam e depois trocamos. Marisa: - Humm! Gosto desta ideia. O que acham? Crianças: - Siiimmm! Marisa: - Então a Marisa tem uma ideia. E se eu fizesse um quadro para planearmos o nosso dia? Para decidirmos quem trabalha e quem brinca e para vocês saberem o que vão fazer durante o dia? Crianças: - Siiimmm! (Excerto da nota de campo, 24 de abril de 2015).

Desta conversa surgiu então a ideia de construir um quadro de planeamento diário (cf. Figura 6), com o objetivo de envolver as crianças no planeamento do dia e de as manter informadas dos vários momentos da rotina, pois considero que as crianças devem ter “uma participação ativa, na organização e no desenvolvimento das diferentes atividades desenvolvidas” (Cardona, 1999, p. 137), bem como que “a rotina pode ser um instrumento construtivo para o desenvolvimento da criança, desde que seja planejada para que a criança possa ser independente e autónoma” (Burg, 2012, p. 89).

O referido quadro foi construído sem a participação das crianças, por questões de tempo. Ainda assim, a minha intenção inicial era usar imagens reais, para a elaboração dos cartões. Contudo, a sua recolha através da internet tornou-se difícil, pelo que optei por usar figuras representativas de momentos da rotina diária e algumas imagens reais, nomeadamente fotografias do grupo de crianças e de objetos da sala de

atividades. Considero que o mais adequado seria fotografar todos os momentos da rotina com o grupo de crianças, no entanto, o tempo não me permitiu.



Figura 6: Quadro de planeamento diário

O quadro foi então introduzido no início da semana seguinte e as crianças compreenderam rapidamente o seu funcionamento, participando no planeamento do dia. No entanto, no decorrer do dia, surge algo que não esperava:

Durante o desenvolvimento das atividades por mim orientadas, as crianças realizaram as tarefas com demasiada rapidez, com o objetivo de ir brincar. Situação que não esperava que acontecesse, uma vez que o quadro de planeamento tem como intuito, não só envolver as crianças na planificação diária, mas também permitir-lhes conhecer e estar informadas do que vai acontecer nos vários momentos do dia, de modo a promover a motivação. (Excerto da reflexão diária, 27 de abril de 2015)

Esta situação acabou por se reverter ao longo da semana, uma vez que procurei incentivar as crianças a desfrutar das atividades orientadas, bem como dos momentos de atividade livre. É para mim importante salientar que este instrumento permitiu organizar os tempos, de modo a privilegiar a exploração livre da criança na sala:

Hoje de manhã, durante o preenchimento do quadro da planificação, as crianças estavam todas sentadas à volta do tapete e eu estava junto ao quadro a colocar os cartões, conforme as crianças iam decidindo. Foi interessante ver na cara todas elas, a satisfação por saberem quando iam poder brincar livremente na sala. Pude ouvi-las a conversar umas com as outras, sobre quando iam brincar, e quais as áreas que iriam escolher. (Nota de campo, 29 de abril de 2015).

Outra das estratégias por mim implementadas foi o quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos (cf. Figura 7), cujo objetivo era que cada criança avaliasse os comportamentos que já adquiriu e os comportamentos que ainda necessitam de ser

alcançados, de modo a tomar consciência daquilo que já é capaz de fazer e daquilo que ainda precisa de ser melhorado. Segundo Johnson e Werner (1984), um quadro “de comportamento pode ser um meio bastante eficaz de ajudar a criança a trabalhar na eliminação de certos comportamentos ou desenvolver comportamentos desejados” (p. 29), e ainda “pode ajudar a criança a aprender conceitos numéricos e a reconhecer palavras.” (p. 31). Cada criança poderá identificar a coluna que corresponde a si mesma, através da sua fotografia, e os comportamentos esperados através de figuras representativas dos mesmos. Importa salientar que, mais uma vez, surgiu a dificuldade de encontrar imagens reais, pelo que optei por utilizar figuras representativas, de modo a facilitar a compreensão das crianças, uma vez que ainda não desenvolveram a competência de leitura. Neste quadro existem duas classificações:

Sou capaz: cor verde com cara a sorrir.

Ainda não sou capaz e preciso de melhorar: cor amarela com cara triste.

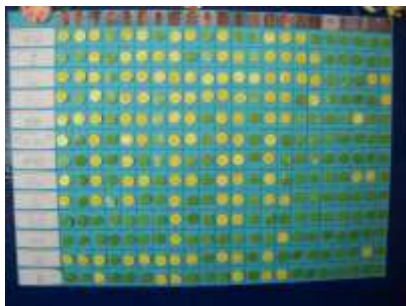


Figura 7: Quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos

Justificando a escolha das cores e dos símbolos para a classificação dos comportamentos, esta está relacionada com a existência de um quadro de autoavaliação do comportamento na sala, cuja classificação funciona através de círculos com as cores verde, amarelo e vermelho. Neste sentido, surgiu a necessidade de criar um sistema de classificação idêntico, para que as crianças o compreendessem rapidamente. Por esse motivo foram escolhidas as duas cores, verde e amarelo. No entanto, existiu também a necessidade de se distinguir o sistema de classificação, para que não fossem confundidos os dois quadros, uma vez que têm objetivos distintos. Assim, foram escolhidas as caras, como forma de realçar o significado de cada uma das cores, de modo a facilitar a compreensão das crianças.

Almeida, Lima, Lisboa, Lopes e Junior (2013) fazem uma abordagem à Teoria da Aprendizagem Social de Albert Bandura, referindo que o contexto social tem impacto no comportamento, pois os indivíduos aprendem a imitar determinados comportamentos ou modelam-se de acordo com os outros, o que Bandura chama de Aprendizagem Observacional. Desta forma, em tempo útil, seria espectável fotografar as crianças nas diversas ações do dia-a-dia, de modo a ilustrar os comportamentos esperados, bem como sugerir-lhes que fossem elas a criar o sistema de classificação. Contudo, o quadro foi introduzido cerca de duas semanas antes do final da PPS, pelo que não foi possível desenvolver este trabalho com as crianças, uma vez que, estava a decorrer o projeto, anteriormente referido, e que o tempo letivo nesta instituição é de 5 horas diárias, sendo que grande parte delas se destinam às rotinas de higiene e alimentação, bem como ao tempo de recreio e brincadeira livre, não permitindo desenvolver muitas atividades num só dia.

O quadro foi construído por mim, e a escolha dos comportamentos esperados a colocar no mesmo teve em conta o conhecimento das fragilidades do grupo, através da minha observação participante. É esperado que, à medida que cada criança vai melhorando determinado comportamento, seja feita uma reavaliação por parte da mesma, alterando assim a classificação anterior. Era também minha intenção realizar esta reavaliação com o grupo de crianças, no entanto, considero que duas semanas não são suficientes para se observar mudanças significativas. Penso que esta estratégia permite às crianças compreender melhor o seu comportamento e avaliá-lo sistematicamente. Na minha mais sincera opinião, esta estratégia deveria ser introduzida no início do ano letivo, após o conhecimento do grupo de crianças, e desenvolvida ao longo do ano. Não posso deixar de referir que pude de facto perceber a importância que este instrumento tem para as crianças, no dia em que os pais foram à sala assistir à divulgação do projeto “*Aventura da paisagem*”:

Foi interessante ver a motivação das crianças das crianças ao mostrarem aos pais os trabalhos realizados, ... e o quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos, que teve especial relevo por parte das crianças, mostrando aos pais aquilo que já eram capazes de fazer. O quadro recebeu também bastantes elogios por parte dos pais, referindo-o como “uma excelente ideia”. (Excerto da nota de campo, 28 de maio de 2015).

Uma das minhas intenções em contexto de Jardim de Infância era **envolver as famílias na promoção de comportamentos de autorregulação**, pois os pais são os “primeiros e principais educadores” da criança. (ME, 1997, p. 22). Neste sentido, foi introduzido, como estratégia, um caderno vaivém denominado “O meu amigo caderno” (cf. Figura 8). Este caderno tem como objetivo, não só, envolver as famílias na promoção de comportamentos de autorregulação, mas também ajudar as crianças a refletir acerca dos seus comportamentos. Desta forma, cada criança tem um caderno individual, o qual é preenchido no final de cada semana no JI, com o apoio da equipa educativa, em que as crianças refletem acerca da semana, das atividades que mais e menos gostaram de fazer, realizando um registo das mesmas através do desenho, e refletem também acerca dos seus comportamentos, classificando-os com base no quadro de autoavaliação do comportamento da sala.



Figura 8 – “O meu amigo caderno” da Girafa

Também a equipa educativa esteve envolvida nesta estratégia, na medida em que solicitei sempre a colaboração, que para mim foi essencial, tanto da educadora cooperante, como das assistentes operacionais. A um nível mais global, fora da sala, envolvi a equipa educativa na recolha de dados acerca do modo como o educador

promove comportamentos de autorregulação na sua prática diária, através da realização de entrevistas semiestruturadas a três educadoras do JI, uma delas a educadora cooperante, da qual solicitei também a colaboração através do preenchimento da Escala de avaliação de comportamentos de autorregulação. Dos dados recolhidos falarei mais adiante.

4.5. Análise de resultados e conclusões

Apresentado o referencial teórico e o plano de ação desenvolvido ao longo da investigação, importa agora apresentar a análise dos resultados obtidos, bem como as conclusões alcançadas. Assim, irei agora expor a análise dos dados obtidos, começando pelas conceções das crianças acerca dos seus comportamentos, seguindo-se a análise das entrevistas semiestruturadas, e, por fim, a análise da Escala de Comportamentos de Autorregulação em Jardim de Infância (Veiga & Fernandes, 2012). Por último, apresentarei, de forma breve, as conclusões obtidas através da investigação realizada.

Foi realizado o levantamento das conceções das crianças acerca dos seus comportamentos (cf. Anexo F), questionando-as individualmente, o que para elas significa “portar bem” e “não portar bem.”. Para analisar as conceções das crianças, é necessário categorizá-las, o que segundo Bardin (2004) se traduz numa “operação de classificação de elementos construtivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género...” (p. 111). Assim, foram definidas três dimensões de comportamentos: a **dimensão física**, que se refere a comportamentos de agressividade como bater, empurrar, e atirar objetos; a **dimensão das regras**, que está relacionada com o cumprimento das regras da sala e a **dimensão pro-social**, que diz respeito aos comportamentos de interação entre pares, como ajudar a realizar uma tarefa e emprestar objetos.

Analisando agora as conceções das crianças, no que se refere ao “portar bem”, os comportamentos mais frequentemente verbalizados, dizem-se respeito à dimensão física, através da negação deste tipo de comportamentos: “Não bater nem dar pontapés...” Tartaruga (5 anos). Depois temos a dimensão das regras, através da afirmação de comportamentos desta dimensão: “É levar muitas bolinhas verdes...” Oceano (5 anos). Por último, verifica-se, com uma frequência bastante mais baixa, a

afirmação de comportamentos da dimensão pro-social: “emprestar os brinquedos aos outros, emprestar tudo e ajudar os meninos.” Praia (5 anos). No que diz respeito, ao “não portar bem”, a frequência de comportamentos verbalizados é idêntica à anterior, verificam-se assim a afirmação de comportamentos da dimensão física: “Magoar os meninos, dar-lhe um pontapé, bater.” Bola (5 anos), seguindo-se a negação de comportamentos da dimensão das regras: “É não respeitar as regras da sala.” Tomate (6 anos) e, por último, novamente com uma frequência bastante menos elevada, a negação de comportamentos da dimensão pro-social: “não emprestar.” Treinador de Karaté (6 anos).

Considerei importante questionar educadores de infância, com vários anos de experiência, nestes casos, todos eles com mais de 20 anos de experiência, acerca do modo como estes promovem diariamente comportamentos de autorregulação. Para isso, realizei entrevistas semiestruturadas (cf. Anexo G), a três das educadoras do JI onde decorreu a minha PPS.

Através da análise das referidas entrevistas, é possível verificar que as três entrevistadas procuram promover comportamentos de autorregulação das crianças na sua prática diária: promovendo a cooperação entre pares e a interajuda entre crianças mais velhas e crianças mais novas, “tento que os mais velhos ajudem os mais novos...” (educadora Violeta) e potenciando a autonomia, a responsabilização e a resolução autónoma de conflitos, “a ideia é, portanto eles serem autónomos, tentarem resolver os problemas de conflitos...” (educadora Violeta). Outra das estratégias referidas é a construção de regras em conjunto com as crianças, “fizemos lista de comportamentos...as regras, eles diziam” (educadora Aurora), bem como a realização de conversas sobre os comportamentos esperados, “e depois conversávamos em grupo, não é só pôr em tabela, às vezes temos de conversar sobre...” (educadora Matilde) e o reforço positivo “trabalho muito através do estímulo e do reforço positivo...” (educadora Aurora). Duas das entrevistadas revelam ter na sua sala de atividades um quadro de comportamento, “tinha o quadro do comportamento diário. E até agora é só esse que uso...” (educadora Matilde), cujo objetivo é que as crianças se autoavaliem, diariamente, no que diz respeito ao cumprimento das regras, “no fim, nós fazemos a nossa autoavaliação, pronto, cada um faz a sua, no final das atividades, no final do dia,

têm o mapa do comportamento...” (educadora Violeta). Através da autoavaliação realizada, são atribuídas punições (Brazelton & Sparrow, 2013), de acordo com a classificação das crianças, que se referem principalmente à inibição de momentos de recreio: “então a consequência é: laranja, fica sem um recreio; agora o vermelho, como é muito mais grave há que ficar sem os dois. Isso faz com que eles pensem” (educadora Violeta). Já a terceira entrevistada, revela que, ao longo da sua experiência profissional, nunca tinha utilizado este tipo de instrumento, no entanto, este ano letivo, por sugestão de um encarregado de educação, decidiu experimentar, contudo, não estava a ser alcançado o efeito esperado, o que levou à retirada deste instrumento: “nunca na minha vida tinha feito um mapa de comportamento, e este ano fiz. Fiz para ai no segundo período. Deixei de fazer, à coisa de um mês acabou. Não vi que resultasse.” (educadora Aurora).

Todas as entrevistadas consideram que a forma como promovem comportamentos de autorregulação se altera de acordo com o grupo de crianças, uma vez que cada um tem as suas diferentes características: “bastante de grupo para grupo e de ano para ano...” (educadora Matilde), “sim, sim, sim, exato! Tem a ver ... porque nós não temos grupos sempre iguais não é!” (educadora Violeta), “acho que nunca há um ano igual...” (educadora Aurora). Consideram, também, que a sua experiência profissional lhes trouxe novos conhecimentos e novas estratégias de promoção de comportamentos de autorregulação, por meio da necessidade de as adaptar às diferentes características dos grupos de crianças com quem trabalharam: “Olha é assim, a experiência conta muito, não é? Nós ao longo da vida temos que aprender, vamos aprendendo...” (educadora Aurora); “Sim, sim. A experiência profissional é que nos traz isso...” (educadora Matilde); “nós vamos acabando por arranjar estratégias não é? Com os grupos diferentes que temos e com o tempo que temos já de prática...” (educadora Violeta).

De modo a perceber como as crianças se distribuem pela frequência de comportamentos de autorregulação, foi utilizada a Escala de Comportamentos de Autorregulação em Jardim de Infância (Veiga & Fernandes, 2012), que permitiu também analisar a influência da idade e do género na frequência destes comportamentos. Contudo, por não ter um conhecimento deste instrumento, não foi

possível realizar esta avaliação no início da investigação. No entanto, por considerar importante fazer esta análise, optei por realizar o preenchimento da ECA no final da PPS, de acordo com o conhecimento do grupo de crianças e a minha observação participante ao longo da PPS. Ainda assim, pareceu-me pertinente ter duas perspetivas deste instrumento, desta forma solicitei à educadora cooperante o preenchimento do mesmo. Assim, irei apresentar todos os resultados obtido através da escala por mim preenchida, à qual irei referir-me como Escala A (cf. Anexo H), bem como da escala preenchida pela educadora cooperante, à qual irei chamar Escala B (cf. Anexo I).

Os resultados da distribuição das crianças pela frequência de comportamentos encontram-se organizados nas tabelas J1 e J2 (cf. Anexo J) e ambas as escalas, A e B, revelam que a maioria das crianças apresenta níveis de autorregulação elevados. Contudo, de acordo com a Escala B, há um item que se inverte, o item nº 24: *“Amua ou fica retraído quando perde num jogo competitivo”*, apresentando 77% das crianças autorregulação baixa. O mesmo não se verifica na Escala A, pois este item apresenta 82% das crianças com níveis de autorregulação alta. No que diz respeito aos resultados da Escala A, todos os itens revelam que mais de 50% das crianças apresentam autorregulação alta. Importa salientar dois itens que apresentam uma percentagem significativa de crianças com níveis de autorregulação baixa, sendo estes, o item nº 31: *“Se algo de errado ou ruim acontece, é capaz de dizer «isso não está certo»”*, com 41% e o item nº 36: *“Interessa-se por efetuar tarefas difíceis e manusear novos materiais.”*, com 32%. Relativamente à Escala B, a maioria dos itens apresenta resultados superiores a 95% das crianças com níveis de autorregulação alta. Contudo, como já foi referido, verifica-se a existência de um item invertido, bem como um item que apresenta 18% das crianças com níveis de autorregulação baixa, sendo este o item nº34: *“Fica furioso(a) se alguém o(a) insulta.”*. Através desta análise, é possível verificar que os resultados da Escala A e B são díspares, não correspondendo os resultados, na grande maioria dos itens.

Para analisar a distribuição das crianças em função da idade, foram agrupadas as idades em 3-4 anos e 5-6 anos e realizada a média das cotações dos comportamentos, relativamente aos dois grupos de idades. Os resultados encontram-se nas tabelas K1 e K2 (cf. Anexo K). Através da análise das referidas tabelas é possível verificar que,

novamente, as Escalas A e B apresentam resultados diferentes, pois a Escala A, revela níveis superiores de autorregulação, em 21 itens, nas crianças do grupo 3-4 anos, significando isto, que as crianças mais novas apresentam níveis de autorregulação mais alta que as mais velhas. Contrariamente, na Escala B, as crianças do grupo 5-6 anos revelam níveis de autorregulação mais altos na maioria dos itens, sendo que em seis deles, o grupo de 3-4 anos apresenta valores superiores e nos itens nº 12, 24, e 32 os valores são equivalentes nos dois grupos de idades.

De modo a verificar a distribuição das crianças em função do género, foi realizada a média das cotações de cada item, em função do género das crianças. Os resultados encontram-se nas tabelas L1 e L2 (cf. Anexo L). Analisando as tabelas, verifica-se, tanto na Escala A como na B, valores mais altos no que diz respeito ao género feminino, na maioria dos itens. Na Escala A, o género masculino apresenta níveis de autorregulação mais altos, nos itens nº 19, 30, 33 e 37, sendo que o valor da diferença se apresenta pouco significativo. Já na Escala B, o género masculino apresenta um valor mais alto no item nº 19: *“Devolve os objetos ou brinquedos que os amigos lhe emprestam”* e encontram-se valores iguais, em ambos os géneros, nos itens nº 6: *“Sabe esperar pacientemente pelo lanche (alimento)”* e nº 32: *“Sabe ir pedir emprestado as coisas que quer usar”*. Concluo assim, através desta análise, que ambas as escalas revelam níveis de autorregulação mais altos no género feminino, no entanto, as diferenças nos valores revelam-se pouco significativas.

Apresentados os resultados obtidos ao longo do estudo da problemática **“O Papel do Educador enquanto promotor de Comportamentos de Autorregulação das Crianças”**, importa agora explicitar as conclusões daí retiradas.

Através da análise das conceções das crianças acerca dos seus comportamentos, é possível concluir que os comportamentos mais significativos para elas dizem respeito a comportamentos de dimensão física e da dimensão das regras, sendo a dimensão pro-social a menos significativa para o grupo de crianças.

A partir da análise das entrevistas realizadas, é possível concluir que o educador pode promover comportamentos de autorregulação na sua prática diária, através da promoção da cooperação e da interajuda entre as crianças, da promoção da autonomia e da responsabilização, bem como fomentando a resolução autónoma de conflitos entre

pares, e ainda, através da prática do reforço positivo. A construção cooperada das regras da sala também promove este tipo de comportamentos, bem como a utilização de instrumentos reguladores, como quadros comportamentais, ou outros que o educador considerar adequados. Concluo também, que a experiência profissional é um importante fator para o desenvolvimento de estratégias que promovam a autorregulação, uma vez que através dela, o educador vai procurando e conhecendo novas estratégias para a sua prática.

A ECA revela que o grupo de crianças apresenta níveis de autorregulação elevados. No que diz respeito à distribuição das crianças por comportamentos de autorregulação, relativamente à influência da idade, não é possível retirar qualquer conclusão, uma vez que os resultados das escalas analisadas foram totalmente contraditórios, não permitindo apurar se as crianças mais velhas apresentam níveis de autorregulação mais alta que as crianças mais novas, tal como refere Fernandes (2012), nas conclusões do seu estudo. Relativamente à influência do género, concluo que o género feminino apresenta níveis de autorregulação mais altos, no entanto, considero-os pouco significativos. Importa referir, que as disparidades nos resultados de ambas as escalas, poderão estar relacionadas com o facto de a educadora cooperante ter um conhecimento do grupo de crianças mais aprofundado, uma vez que o acompanha desde o início do ano letivo, e que já conhece algumas crianças de anos anteriores, tendo assim um maior conhecimento da evolução do seu comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e as instituições”
(Dubar, citado por Sarmiento, 2009, p. 48)

Termino este relatório refletindo acerca do impacto da intervenção realizada, em contexto de Creche e de Jardim de Infância, bem como da investigação a ela associada, para a construção da minha identidade profissional.

Iniciei a minha intervenção em Creche, com algumas reticências, pois não me sentia capaz de propor e desenvolver atividades ricas e significativas, tendo em conta o desenvolvimento das crianças com quem estava. Esta dificuldade foi ultrapassada com o apoio da educadora cooperante, que cooperou verdadeiramente comigo, auxiliando-me na planificação, preparação, gestão e avaliação das atividades. Devo dizer, que senti crescimento, acima de tudo crescimento pessoal até mais que profissional, pois foram apenas seis semanas e quando comecei a sentir-me competente para estar com aquelas crianças, chegou ao fim o tempo de intervenção. Apesar de tudo, estas seis semanas foram cruciais para a minha experiência com crianças em idade de Creche, pois foi durante a intervenção que aprendi a relacionar-me, não só com as crianças, mas também com as famílias e a equipa educativa, bem como a gerir as rotinas e o grupo de crianças e a propor atividades adequadas às mesmas. Aprendi também a trabalhar em cooperação com a equipa educativa, através da partilha e rotatividade das tarefas, o que me permitiu estar presente nos diferentes momentos da rotina das crianças.

No que diz respeito à minha intervenção em Jardim de Infância foi, desde o início da PPS, colocado um desafio, pela educadora cooperante, dando-me total liberdade para gerir todos os momentos da rotina, assim que me sentisse à vontade para o fazer, testando assim os meus próprios limites e os do grupo de crianças, e vice-versa. Comecei por observar o grupo e relacionar-me com as crianças, e fui gerindo progressivamente os rotinas da sala. Quanto às propostas de atividade, sentia-me um

pouco mais à-vontade neste aspeto do que em contexto de Creche, uma vez que existem mais documentos orientadores e que fui praticando a planificação de atividades para esta faixa etária, ao longo da minha formação na ESELx. Desta forma, apresentava, semanalmente, as propostas à educadora cooperante, que aprovava e dava sugestões. De forma progressiva, comecei então a propor e dinamizar atividades diárias, até chegar à gestão de todos os momentos do dia.

Nesta que foi a última prática pedagógica antes de me tornar Educadora de Infância, pude perceber que o importante, para mim, é que a criança esteja no centro da aprendizagem, que tudo seja escolhido e decidido por ela, funcionando o educador como um mediador que trabalha em parceria com a criança. Aprendi, que a reflexão sistemática sobre a ação deve fazer parte do dia-a-dia do educador, pois só através da reflexão podemos melhorar a nossa prática e também perceber como podemos ajudar as crianças a aprender e a resolver os seus problemas.

A prática profissional supervisionada contemplou também uma investigação, realizada em contexto de Jardim de Infância. Esta investigação, acerca de qual **“O Papel do Educador enquanto promotor de Comportamentos de Autorregulação das Crianças”**, pretendia perceber de que forma pode o educador promover comportamentos de autorregulação na sua prática diária. Esta questão interpelou-me, pelo facto de sentir que o grupo de crianças necessitava da promoção destes comportamentos e eu não sabia como o fazer. Por isso mesmo, decidi refletir e pesquisar, e pus em prática o meu plano de ação. Inicialmente, esperava conquistar resultados observáveis e olho nu, isto é, alterações significativas no comportamento das crianças. Contudo, isso não se verificou, e ao refletir acerca do motivo pelo qual isso não aconteceu, considero que o tempo de intervenção, bem como o tempo de implementação do plano de ação, não foram suficientes para promover, de forma efetiva e significativa, este tipo de comportamentos. Ainda assim, considero que desenvolvi um bom trabalho, dentro das minhas possibilidades, e que a continuidade desse trabalho, por parte da equipa educativa poderá mais tarde dar frutos. O que faria de diferente? Envolveria mais as crianças na escolha e na construção dos instrumentos reguladores, pois estes eram destinados a elas, pelo que deveriam ter sido construídos por elas, ao seu gosto. Qual o contributo desta investigação para a minha prática futura? Ao realizar

este estudo pude refletir bastante acerca da promoção da autorregulação, pude implementar algumas estratégias, que considero interessantes e que, talvez um dia, caso se adaptem aos grupos, irei implementar na minha prática pedagógica. Contudo, considero que este é um trabalho que deve ser desenvolvido desde o início do ano letivo, para que de facto obtenha resultados significativos. Este trabalho teve também um impacto no meu perfil de educadora, uma vez que também eu aprendi a autorregular o meu comportamento, refletindo sistematicamente sobre a forma de interagir com as crianças, reformulando diariamente a minha prática.

Importa agora refletir acerca da construção da minha identidade profissional, que de acordo com Sarmiento (2009) “corresponde a uma construção inter e intra pessoal, não sendo, por isso, um processo solitário: desenvolve-se em contextos, em interações, com trocas, aprendizagens e relações diversas da pessoa com e nos seus vários espaços de vida profissional, comunitário e familiar” (p. 48).

Para a construção e revisão sistemática da minha identidade profissional, pretendo ter em conta na minha prática pedagógica alguns dos compromissos presentes na Carta de Princípios para uma Ética Profissional (APEI s.d.) que passarei a enunciar.

Enquanto futura Educadora de Infância, pretendo *respeitar cada criança*, independentemente das suas características físicas e sociais; *responder com qualidade às necessidades educativas das crianças*, assegurando sempre a satisfação das necessidades físicas, de afeto, de autoestima, e de aprendizagem. *Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem*, pois todas as crianças são competentes. *Cuidar da gestão da aproximação e da distância na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma*, pois é função do educador assegurar, em primeiro lugar, o bem-estar físico e emocional da criança. *Promover a aprendizagem e a socialização*, para que a criança conheça o mundo que a rodeia e os seus pares e garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais, pois acredito que a grande prioridade da nossa profissão são as crianças.

O Educador deve também assumir um compromisso com as famílias e a equipa educativa. Assim, pretendo *respeitar as famílias e a sua estrutura, valorizando a sua*

competência educativa, bem como, promover a participação e acolher os contributos das famílias, pois só assim é possível educar uma criança em parceria. No que diz respeito à equipa educativa, procurarei respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações, pois acredito que todos são essenciais para a ação educativa. São estes os compromissos que considero fundamentais na identidade profissional de um educador de infância e que pretendo ter em consideração, sempre, ao longo da minha prática.

Termino esta minha reflexão e este relatório, com um pequeno poema:

De tudo ficaram três coisas

A certeza de que estamos sempre começando...A certeza de que é preciso continuar...A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...Portanto devemos fazer:

Da interrupção um caminho novo; Da queda um passo de dança; Do medo, uma escada; Do sonho, uma ponte; Da procura...um encontro

Fernando Pessoa (citado por Matias e Vasconcelos, 2010, p. 17)

REFERÊNCIAS

- A instituição*. (2015). Obtido de Santa Casa da Misericórdia de Lisboa:
http://www.scml.pt/pt-PT/scml/a_instituicao/
- Almeida, A., Lima, F., Lisboa, S., Lopes, A., & Junior, A. (Nov. de 2013). Comparação entre as teorias da aprendizagem de Skinner e Bandura. *Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde*, pp. 81-90.
- Assis, M., & Fuertes, M. (2014). Estudo exploratório sobre as representações dos pais relativamente à educação em creche. *Interações*, pp. 138-158.
- Associação de Profissionais de Educação de Infância (s.d.). *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*. Consultado em file:///C:/Users/Rui/Downloads/carta-etica%20da%20apei.pdf (3-03-2015).
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*, 5ª Edição. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S.K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2003) *O Modelo de Desenvolvimento Touchpoint*. In http://www.pim.saude.rs.gov.br/a_PIM/noticias/994/ThomasBerryBrazelton.pdf
- Brazelton, T. B. & D. Sparrow, J. (2010). *A Criança dos 3 aos 6 anos* (S. S. Santos, Trad.) (5ªed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T. B., & Sparrow, J. D. (2013). *O Método Brazelton: A Criança e a Disciplina*. Lisboa: Editorial Presença.
- Burg, L. C. (2012). Rotina e espaço: uma organização para o acolhimento diário das crianças. In A. Coutinho, G. Day, & V. Wiggers, *Práticas Pedagógicas na Educação infantil: Diálogos possíveis a partir da formação profissional* (pp. 87-100). Nova Harmonia.

- Cardona, M., J. (1999). O Espaço e o Tempo no Jardim de Infância. *Pro-Posições*, nº 1, 132-138
- Cole, M., & Cole, S. R. (2004). *O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente*. San Diego: Artmed Editora.
- Cordeiro, M. (2015). *O Grande livro dos Medos e das Birras*. Lisboa: A Esfera do Livros.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia Educação e Cultura*, volume (nº2), 355-380.
- Fernandes, A, L. (2012). *Perceções dos educadores de infância acerca dos comportamentos de autorregulação das crianças* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ferreira, M. (2004). “À porta do JI da Várzea” ou ...retratos da heterogeneidade social que envolve e contém o grupo de crianças. In M. Ferreira, *A gente gosta é de brincar com os outros meninos! Relações sociais entre crianças num jardim-de-infância* (65-78). Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, M. (2010). “- Ela é nossa prisioneira!” – Questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *Das pesquisas com crianças ao encontro da infância contemporânea*, 18(2), 151-182.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. (6.^a ed.) Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Johnson, V. M., & Werner, R. A. (1984). *Um Guia de Aprendizagem Progressiva para Adolescentes Retardados*. Editora Manole LTDA.
- Linhares, M., & Martins, C. (2015). O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 32(2), 281-293.

- Mathiesen, María Elena, Castro Yáñez, Ginette, Merino, José Manuel, Mora Mardones, Olga, & Navarro Saldaña, Gracia. (2013). Diferencias en el desarrollo cognitivo y socioemocional según sexo. *Estudios pedagógicos* (Valdivia), 39(2), 199-211.
- Matias, G. & Vasconcelos, T. (2010). Aprender a ser educador de infância: o processo de supervisão na formação inicial. *Da Investigação às Práticas – Estudos de Natureza Educacional*, X (1), 17-41.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto – Porto Editora.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME.
- Miranda, P. (2008). A construção social das identidades de género nas crianças: um estudo intensivo em Viseu. *Mundos Sociais: Saberes e Práticas* (pp. 1-12). Universidade Nova de Lisboa.
- Mogilka, M. (1999). Autonomia e formação humana em situações pedagógicas: Um difícil percurso. *Educação e Pesquisa*, 25 (2), 57-68.
- Moreira, M. (2008). *Jornadas Pedagógicas/2008 Modelos Pedagógicos na Educação de Infância*. In Associação de Profissionais de Educação de Infância: <http://apei.no.sapo.pt/novo/jornadas/jd.html>
- Oliveira-Formosinho, J & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- Portugal, G. (s.d.). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários* (4.ª edição).

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sarmiento, T. (2009). As Identidades Profissionais em Educação de Infância. *Locus SOCI@L*, 2, 46 – 64.

Silva, P. (2003). *Escola-Família, uma Relação Armadilhada*. Porto: Edições Afrontamento.

Tomás, C. (2011). *Há muitos mundos no mundo: Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Porto: Edições Afrontamento.

Vasconcelos, T. (Coord.), Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., ... Alves, S. (2012). *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

Veiga, F. H., & Fernandes, A. L. (2012). Comportamentos de autorregulação em crianças do jardim de infância: Adaptação portuguesa da escala Teacher ratings of behavioral self-regulation in preschool children (pp. 536-544). *Livro de Atas do “12º Colóquio Internacional de Psicologia e Educação”*. Lisboa: ISPA, 21 a 23 de junho de 2012.

Lista de documentos internos das instituições

Projeto Educativo do CSC Amizade

Projeto Educativo do Agrupamento

Projeto Pedagógico de Sala

Plano Curricular de Turma

Legislação

Despacho nº 5220/97 (2ª série)

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A. Portefólio de Jardim de Infância	53
Anexo B. Notas de campo	256
Anexo C. Portefólio de Creche.....	261
Anexo D. Guião da entrevista	358
Anexo E. “O meu amigo Caderno”	361
Anexo F. Concepções das crianças acerca dos seus comportamentos	367
Anexo G. Transcrição das entrevistas	370
Anexo H. Escala A	386
Anexo I. Escala B	388
Anexo J. Distribuição das crianças pela frequência de comportamentos.....	390
Anexo K. Distribuição das crianças em função da idade	395
Anexo L. Distribuição das crianças em função do género	400

Anexo A. Portefólio de Jardim de Infância



**PORTEFÓLIO DA PRÁTICA PROFISSIONAL
SUPERVISIONADA
JARDIM DE INFÂNCIA**

Supervisor institucional:

Ana Simões

Aluna:

Marisa Alves

(2014094)

Pré 2

2014-2015

ÍNDICE

SIGLAS	57
INTRODUÇÃO	58
1. CARACTERIZAÇÃO REFLEXIVA DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO	59
1.1. Caracterização para a ação	59
1.2. Caracterização do meio	59
1.3. Caracterização do contexto socioeducativo	59
1.4. Caracterização da equipa educativa	60
1.5. Caracterização da família das crianças	60
1.6. Caracterização do grupo de crianças	63
1.7. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores e os espaços físicos	65
1.7.1. Intenções e finalidades educativas	65
1.7.2. Princípios orientadores	65
1.7.3. Os espaços físicos, a sala de atividades e os materiais	66
1.7.4. A rotina	67
2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO	68
2.1. Planificação geral	68
2.2. Planificação semanal e diária	70
2.3. Projetos desenvolvidos	115
2.4. Identificação da problemática	115
3. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO	117
3.1. Avaliação pessoal (autoavaliação)	117
3.2. Avaliação do ambiente educativo	163
3.3. Avaliação do grupo de crianças	169
3.3.1. Avaliação geral do grupo	169
3.3.2. Grelhas de observação	170
3.3.3. Observações da Pequena Sereia	193
3.3.4. Observações do Ovelha	196
3.3.5. Portefólio do Ovelha	199
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	222

5. REFERÊNCIAS.....	224
ANEXOS.....	225

SIGLAS

JI	Jardim de Infância
ME	Ministério da Educação
PEA	Projeto Educativo do Agrupamento
PPS	Prática Profissional Supervisionada
PTT	Plano de Trabalho de Turma
TEIP	Território Educativo de Intervenção Prioritária

INTRODUÇÃO

Este portefólio surge no âmbito da unidade curricular Prática Profissional Supervisionada (PPS) e tem como objetivo organizar e registar toda a minha prática pedagógica numa sala de jardim-de-infância (JI), ilustrando e fundamentando a minha intervenção.

Este documento foi elaborado ao longo da minha PPS, que decorreu no período de 19 de fevereiro a 29 de maio de 2015 na EB 1/ JI Agualela e trata-se de um registo pormenorizado de todo o trabalho por mim desenvolvido, fundamentando alguns aspetos com referenciais teóricos.

O presente portefólio encontra-se organizado em cinco capítulos:

1. Caracterização reflexiva do contexto socioeducativo, que diz respeito à análise reflexiva de todos os aspetos relevantes para a minha prática, ou seja, conhecer o meio onde se insere a instituição e o seu contexto socioeducativo, a equipa educativa, as famílias e o grupo de crianças com o qual decorrerá a minha PPS.
2. Análise reflexiva da intervenção, que se refere à planificação da minha intervenção tendo por base o conhecimento prévio do grupo de crianças a partir da caracterização feita no capítulo anterior.
3. Processos de avaliação, contemplando a avaliação pessoal, diária e semanal, da minha prática, a avaliação do contexto educativo e ainda a avaliação do grupo de crianças.
4. Considerações finais.
5. Referências consultadas para a elaboração deste documento.

É importante referir, que todos os nomes referidos neste portefólio são nomes fictícios, de modo a cumprir todas as questões éticas no trabalho com crianças.

1. CARACTERIZAÇÃO REFLEXIVA DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

1.1. Caracterização para a ação

Neste capítulo irei apresentar a caracterização reflexiva do contexto, que me irá permitir conhecer o meio envolvente, o contexto socioeducativo, a equipa educativa, as famílias, e o grupo de crianças com o qual irei desenvolver a minha prática profissional ao longo de três meses. Esta caracterização permitir-me-á conhecer de forma mais profunda o grupo de crianças e realidade onde este está inserido, de modo a planear atividades que vão ao encontro das características do grupo e do contexto. Apresentarei ainda neste capítulo, uma análise reflexiva sobre as intenções e finalidades educativas, e os princípios orientadores.

1.2. Caracterização do meio

De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) (2012), a EB1/JI Aguiarela, esta está inserida num agrupamento de escolas situado numa freguesia do concelho de Lisboa, do qual fazem parte quatro estabelecimentos de ensino. É ainda importante salientar que atualmente este é um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP) (PEA, 2012). Segundo o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) (2012) “a freguesia onde se localiza o agrupamento de escolas é heterogénea a diversos níveis, dado coexistirem famílias de diferentes estratos sociais.” (p.7). Relativamente às infraestruturas que circundam a instituição na qual me encontro, é possível identificar uma esquadra da polícia, uma igreja, um mercado local, um pequeno centro comercial, um jardim amplo com diversas áreas lúdicas, uma quinta pedagógica e, ainda, algumas lojas de pequeno comércio.

1.3. Caracterização do contexto socioeducativo

De acordo com o documento acima mencionado, o edifício que alberga a EB1/JI Aguiarela tem cerca de quarenta anos, funcionando inicialmente apenas com a valência de primeiro ciclo, passou a integrar a valência de Jardim de Infância (JI) em

1986, sendo que foi incluída no agrupamento de escolas no ano letivo 2004/2005. A instituição pertence à Câmara Municipal de Lisboa, entidade pública, sendo por isso, a sua natureza jurídica a Direção de Serviços Região de Lisboa e Vale do Tejo. No que concerne à dimensão organizacional, o agrupamento rege-se segundo o organograma presente no PEA (2012) (cf, anexo A).

1.4. Caracterização da equipa educativa

No que diz respeito à equipa educativa, nesta instituição existe um coordenador de estabelecimento, que exerce funções relativas a ambas as valências. Importa salientar que irei referir, com mais pormenor, apenas a equipa que integra o JI, uma vez que é nesta valência que está a decorrer a minha intervenção. Para caracterizar a mesma é importante referir que o JI é composto por quatro salas, tendo por isso um educador por sala perfazendo um total de quatro educadores. A equipa integra ainda quatro assistentes operacionais, sendo que uma está afeta a uma das salas, devido ao facto de o grupo contemplar duas crianças com necessidades educativas especiais. As três restantes têm uma frequência rotativa semanal pelas outras três salas.

Na EB1/JI Agualela, há ainda uma educadora externa que dá apoio a algumas crianças com maiores dificuldades de aprendizagem e desenvolve o projeto “Projeto Sofia” com as crianças de 5 anos, e uma terapeuta da fala.

Relativamente à equipa educativa da sala D, esta é constituída por uma educadora com mais de 25 anos de experiência que exerce funções no ensino público acerca de 10. Como já referi as assistentes operacionais têm frequência rotativa, mas de um modo geral, a equipa funciona bem com todas as assistentes, uma vez que já se apropriaram do funcionamento e das rotinas de cada uma das salas.

1.5. Caracterização da família das crianças

Tal como acima referido, na freguesia onde se localiza o agrupamento de escolas, existem famílias de estratos sociais diversos, não sendo possível identificar uma maioria.

Tabela 1: Idade dos pais e estrutura familiar.

	Idade		Estrutura Familiar
	Pai	Mãe	
1	43	43	Nuclear
2	38	39	Nuclear
3	39	33	Nuclear
4	25	31	Monoparental
5	30	27	Monoparental
6	40	42	Outros parentes (pais emigrantes)
7	36	38	Nuclear
8	33	34	Nuclear
9	44	44	Nuclear
10	–	28	Monoparental
11	32	24	Nuclear
12	–	25	Nuclear
13	41	46	Nuclear
14	41	46	Nuclear
15	35	31	Nuclear
16	40	43	Nuclear
17	37	36	Nuclear
18	33	32	Nuclear
19	26	25	Monoparental
20	42	41	Nuclear
21	26	27	Nuclear
22	40	35	Nuclear

Elaboração própria com base nas informações dos processos das crianças.

De acordo com a tabela 1, é possível identificar que o grupo de pais tem idades compreendidas entre os 24 e os 46 anos e que a maioria das famílias apresenta uma

estrutura nuclear. É de salientar o caso de uma criança que vive com outros familiares próximos, pois os pais estão a trabalhar fora do país.

Tabela 2: Habilitações escolares e profissão.

	Habilitações Escolares		Profissão	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
1	Ensino Superior	Ensino Superior	Engenheiro informático	Artista Plástica
2	Ensino Secundário	Ensino Secundário	Agente PSP	Comerciante
3	Ensino Superior	Ensino Básico	Contabilista	Cozinheira
4	Ensino Secundário	Ensino Secundário	Canalizador	Empregada de balcão
5	Ensino Secundário	Ensino Superior	Comercial	Assistente de vendas
6	Ensino Secundário	Ensino Secundário	Empresário	Desconhecido
7	Ensino Superior	Ensino Superior	Designer	Designer
8	Ensino Secundário	Ensino Superior	Técnico de operações	Técnico de operações
9	Ensino Superior	Ensino Superior	Engenheiro informático	Artista Plástica
10	Ensino Básico	Ensino Secundário	Desconhecido	Empregada de balcão
11	Ensino Básico	Ensino Secundário	Empregado de armazém	Desempregada
12	Ensino Básico	Ensino Secundário	Vigilante	Desconhecido
13	Ensino Superior	Ensino Superior	Engenheiro Químico	Comercial
14	Ensino Superior	Ensino Superior	Engenheiro Químico	Comercial
15	Ensino Superior	Ensino Superior	Jornalista	Enfermeira
16	Ensino Superior	Ensino Secundário	Funcionário público	Técnico comercial
17	Ensino Básico	Ensino	Desempregado	Cozinheira

		Secundário		
18	Ensino Superior	Ensino Superior	Tripulante de ambulâncias de emergência	Rececionista
19	Ensino Básico	Ensino Básico	Desconhecido	Restauração
20	Ensino Secundário	Ensino Secundário	Funcionário da Galp	Funcionário público
21	Ensino Básico	Ensino Básico	Desempregado	Empregada de escritório
22	Ensino Básico	Ensino Secundário	Estafeta	Desempregada

Elaboração própria com base nas informações dos processos das crianças.

Relativamente às habilitações escolares, como podemos observar na tabela 2 estas variam entre o ensino superior, o ensino secundário e o ensino básico, sendo que apesar de os números se apresentarem equilibrados, a maioria possui formação de nível superior. No que diz respeito à profissão, todas as famílias trabalham no setor terciário, sendo que existem alguns pais em situação de desemprego, o que poderá ter consequências na situação económica de algumas famílias.

No que concerne ao envolvimento das famílias no contexto escolar, no JI Agurela é regra os pais não acompanharem as crianças à sala de atividades, sendo que as entregam a uma assistente operacional junto ao portão da escola, o que significa que não estabelecem um contacto diário e próximo com a educadora responsável da sala. Desta forma, a comunicação casa – jardim-de-infância e jardim-de-infância – casa, é feita através da caderneta do aluno e por via telefónica. Geralmente, as famílias vão ao JI em dias festivos e nas reuniões de pais e realizam em casa tarefas que lhes são solicitadas, como a realização de pesquisas ou trabalhos sobre uma temática específica.

1.6. Caracterização do grupo de crianças

É indispensável a realização da caracterização do grupo de crianças, de modo a conhecer as suas características e interesses e a compreender as suas potencialidades e fragilidades. Desta forma, irei neste subcapítulo caracterizar o grupo de crianças com o qual irei realizar a minha prática profissional supervisionada.

O grupo é constituído por 22 crianças, 8 raparigas e 14 rapazes, com idades entre os 3 e os 5 anos. Destas 22 crianças, 13 delas entraram este ano para o JI, sendo que 4 delas já com 5 anos de idade, pelo que este será o último ano que frequentam a educação pré-escolar. Todas as crianças do grupo frequentaram no ano anterior uma creche ou um JI.

Tabela 3: Informações relativas às crianças.

Idades	Número de crianças	Percurso institucional	
		Nº de crianças novas na instituição	Nº de crianças que já frequentava a instituição
3 Anos	6	6	0
4 Anos	7	3	4
5 Anos	9	4	5
Total	22	13	9

Elaboração própria com base nas informações do Plano de trabalho de turma (PTT)

Através das informações da tabela 3, “(...) é fácil perceber que é um grupo bastante heterogéneo, composto maioritariamente por crianças que frequentam pela primeira vez este jardim e com uma média de idades baixa (pelo elevado número de crianças com menos de 5 anos).” (in PPT, 2014, p. 8).

Ao nível das características de desenvolvimento, o grupo apresenta ainda algumas dificuldades relativamente ao comportamento, à aquisição de rotinas, e pouca capacidade de concentração, pelo que considero importante trabalhar estes aspetos. Existem três crianças de 5 anos que revelam maiores dificuldades no domínio da linguagem oral e abordagem e à escrita, bem como na iniciação ao raciocínio lógico-matemático, tendo um apoio adicional nestas áreas por parte da educadora que dá apoio ao JI.

Relativamente à interação entre pares, daquilo que decorre da minha observação, as crianças relacionam-se bastante bem entre si e nas suas brincadeiras reproduzem comportamentos sociais, tanto na sala de atividades como no recreio exterior. A interação com os adultos também se considera positiva, sendo que existe uma relação de respeito entre a criança e o adulto.

1.7. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores e os espaços físicos

1.7.1. Intenções e finalidades educativas

De acordo com a análise do PPT (2014) e com as informações recolhidas através da observação participante realizada, foi possível perceber que as intenções e finalidades educativas da educadora cooperante relativamente ao grupo de crianças são:

- Desenvolver a Autonomia.
- Desenvolver o esquema corporal.
- Desenvolver as relações sociais com os pares e os adultos e a expressão das emoções.
- Desenvolver a consciência fonológica.
- Melhorar a capacidade de concentração.
- Envolver as famílias nos processos educativos.
- Desenvolver o raciocínio lógico.
- Desenvolver competências ao nível da abordagem à escrita (5 anos).

1.7.2. Princípios orientadores

A educadora cooperante que me acolheu na sua sala de atividades formou-se pelo método João de Deus. No entanto, apesar de manter alguns princípios característicos do modelo, há várias estratégias que não aplica, como é o caso da cartilha maternal. Desta forma, daquilo que pude depreender da minha observação participante, a educadora privilegia a área da modelagem, da matemática, da linguagem oral e abordagem à escrita e também o desenho. O seu método de trabalho comporta a divisão das crianças por idades, apesar de ser um grupo com idades heterogéneas, o trabalho que desenvolve é sempre tendo em conta os níveis de desenvolvimento das crianças. Assim, trabalha em grupos, juntando as crianças de 3 e 4 anos num mesmo grupo e as de 5 anos noutra grupo. Todas as crianças desenvolvem uma atividade em simultâneo, de acordo com a sua idade e exploram as áreas de interesse nos momentos destinados ao efeito. A educadora privilegia ainda

as histórias, considerando que esta é uma atividade importante para o desenvolvimento da linguagem oral.

1.7.3. Os espaços físicos, a sala de atividades e os materiais.

Daquilo que pude observar ao longo da minha PPS, à entrada da sala existe um pequeno hall de entrada onde as crianças deixam as suas mochilas e colocam os seus casacos no cabide. A sala de atividades encontra-se dividida em seis áreas, as quais as crianças exploram livremente, nos momentos para o efeito. São elas: a casa das bonecas, onde as crianças podem realizar o jogo simbólico; a modelagem, para o treino da motricidade, com plasticina e a utilização de rolos e formas; os jogos de tapete, que se traduzem em legos grandes, jogos de construção, estação dos comboios e animais; a garagem, onde podem brincar com carros, casas e uma pista automóvel; a leitura, onde podem ver diversos livros sentados numa manta; e os jogos de mesa, que se traduzem essencialmente em puzzles.

Existem na sala três mesas com cadeiras, uma delas é redonda, localiza-se junto ao lavatório e destina-se à realização de trabalhos de expressão plástica. Das outras duas, uma é retangular com capacidade para 10 crianças e a outra em formato quadrado com capacidade para 8 crianças. Geralmente, as crianças de 3 e 4 anos realizam as atividades na mesa retangular e as de 5 anos na mesa quadrada. Estas mesmas mesas destinam-se também às áreas de modelagem e jogos de mesa.

Relativamente aos materiais disponíveis na sala de atividades estes são bastante diversificados e em grande quantidade, desde os jogos, materiais de jogo simbólico, tintas, materiais de registo, entre outros.

No que concerne aos espaços físicos exteriores à sala de atividades, existe um ginásio bastante amplo que serve também de local de passagem e alberga o recreio das crianças quando está a chover. Normalmente este espaço não é utilizado pelas crianças noutros momentos, salvo em alguns tempos de transição. A casa de banho é bastante pequena, sendo composta apenas por quatro sanitas e dois lavatórios, o que causa algum transtorno no momento da higiene, havendo a necessidade de estabelecer horários para tal, uma vez que este espaço é partilhado pelas quatro salas de JI.

No que diz respeito ao espaço exterior, infelizmente este é um pouco pobre, uma vez que junto às salas de JI não existe nenhum equipamento lúdico e o equipamento destinado ao JI encontra-se na zona de recreio do 1º ciclo, sendo que as

crianças mais velhas se apropriam dele, uma vez que o recreio é realizado ao mesmo tempo. Este constrangimento faz com que as crianças tragam brinquedos de casa, causando por vezes alguns conflitos entre si.

1.7.4. A rotina

A rotina organiza-se tendo em conta as características e necessidades do grupo de crianças, contemplando momentos de atividade orientada e de atividade livre, em pequeno e grande grupo, momentos de higiene e alimentação, e tempo de recreio. Por vezes, as infraestruturas da instituição causam alguns constrangimentos relativamente à rotina, bem como a pouca flexibilidade de horários nomeadamente no tempo de recreio. Em seguida apresenta-se um dia tipo no JI Agurela.

PERÍODO DO DIA		MOMENTO DA ROTINA
MANHÃ	9H00-12H00	<ul style="list-style-type: none"> – Entrada e acolhimento – Higiene/Lanche/Higiene – Atividades por grupos etários – Recreio – Atividade de escolha livre – Higiene
	12H00-13H15	<ul style="list-style-type: none"> – Almoço – Recreio
TARDE	13h15-15h15	<ul style="list-style-type: none"> – Higiene – Atividades de retorno à calma (conto de história) – Atividades por grupos etários – Avaliação do dia/Sequência temporal – Entrega aos pais/Responsáveis pelos transportes
	15h15-19h00	<ul style="list-style-type: none"> – Prolongamento de horário (AAAF)

Fonte: PTT (2014)

2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

2.1. Planificação geral

Com o objetivo de propor atividades adequadas ao nível de desenvolvimento e às características do grupo de crianças, a partir da análise dos documentos orientadores fornecidos pela instituição, bem como da caracterização do grupo de crianças por mim efetuada, estabeleci um conjunto de intenções de trabalho com as crianças, as famílias e a equipa educativa, para o período de PPS.

No trabalho com as crianças as minhas grandes intenções são potenciar o desenvolvimento da autonomia, promover uma educação democrática e partilha de poder, promover atividades significativas partindo do que a criança já sabe, contribuir para o desenvolvimento de competências ao nível das diversas áreas de conteúdo, despertar a curiosidade e o espírito crítico e promover comportamentos de autorregulação.

No que concerne às famílias, apesar de existirem alguns constrangimentos que me são alheios, pretendo estabelecer uma relação de cooperação com os pais e outros familiares, promover a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos e envolver as famílias na promoção de comportamentos de autorregulação.

No que diz respeito à equipa educativa, é minha intenção estabelecer uma relação de confiança e empatia, de modo a facilitar o trabalho em equipa, e solicitar a opinião da mesma nas tomadas de decisão, bem como acerca de novas formas de trabalho com as crianças e as famílias.

Partindo das minhas intenções, defini os objetivos para o período de PPS, ou seja, aquilo que pretendo que as crianças atinjam ao longo da minha prática, que se encontram apresentados na tabela seguinte:

Tabela 4: Objetivos a ser desenvolvidos ao longo da PPS.

Áreas de conteúdo	Objetivos/Competências a desenvolver
Área de Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none">• Respeitar o outro.• Cumprir regras.• Saber estar em grupo.• Saber pedir desculpa.• Resolver conflitos autonomamente.• Refletir acerca do seu comportamento.

Área da Expressão e Comunicação	Domínio das expressões	Domínio da expressão motora	Desenvolver a motricidade fina e grossa: <ul style="list-style-type: none"> Realizar habilidades motoras como correr, saltar, e rastejar. Manipular corretamente os materiais (ex: lápis, canetas).
		Domínio da expressão plástica	Apropriação de diferentes meios de expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> Explorar diversos materiais. Pintar, desenhar, construir, modelar, etc. Dar significado às suas produções.
		Domínio da expressão dramática	Apropriar-se de situações sociais através do jogo simbólico: <ul style="list-style-type: none"> Fazer de conta. Expressar corporalmente e vocalmente estados de espírito. Inventar personagens.
	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Desenvolver a consciência fonológica: <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer algumas palavras escritas do seu dia-a-dia. Aperfeiçoar a fluência do discurso. Descrever uma história ouvida. Alargar do léxico de palavras. Contactar com o código escrito: <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer letras. Identificar os constituintes de um livro (capa. Contracapa, lombada, etc); Produzir tentativas de escrita. 	
	Domínio da matemática	Desenvolver o raciocínio lógico matemático: <ul style="list-style-type: none"> Classificar objetos; Medir; Reconhecer formas geométricas; Encontrar e formar padrão Apropriar-se de noções e relações matemáticas básicas <ul style="list-style-type: none"> Realizar relações matemáticas simples. 	
Área de Conhecimento do Mundo		<ul style="list-style-type: none"> Revelar curiosidade pelo mundo que a rodeia. Manifestar interesse pela descoberta de novos objetos e conceitos; Experimentar situações que lhe são novas; Partilhar conhecimentos e ideias; 	

2.2. Planificação semanal e diária

Semana de 2 a 6 de Março	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9h/9h45	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9h45/10h	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
10h/11h	<p>Conversa sobre a Alimentação (GP).</p> <p>Construção de uma lista de alimentos saudáveis e alimentos menos saudáveis, recorrendo a recortes de revistas. (5 anos).</p> <p>Continuação da elaboração prenda para o dia do pai.</p>	<p>Jogo de imagens: reconhecimento de legumes e estabelecimento da correspondência com o respetivo nome em suporte escrito. (5 anos)</p> <p>Continuação da elaboração prenda para o dia do pai.</p> <p>Atividades livres na sala</p>	<p>Construção de um diagrama de venn com imagens de legumes. (com que legumes faço sopa e com que legumes faço salada). (5 anos).</p> <p>Continuação da elaboração prenda para o dia do pai.</p>	<p>Classificação de alimentos com base na história “A lagartinha muito comilona” e correspondência entre o número de alimentos e o algarismo (3/4 anos)</p> <p>Início da elaboração da prenda da páscoa.</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Jogo de imagens: reconhecimento de frutos e estabelecimento da correspondência com o respetivo nome em suporte escrito. (5 anos)</p> <p>Continuação da elaboração da prenda da páscoa.</p> <p>Atividades livres na sala.</p>
10h30/11h	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11h/11h30	<p>Continuação das atividades da manhã.</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Reconhecimento de imagens de legumes. (3/4 anos)</p> <p>Atividades livres na sala</p>	<p>Confeção de uma salada (GP)</p>	<p>Continuação das atividades da manhã.</p>	<p>Confeção de espetadas de fruta (GP)</p>
11h30/11h45	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene
11h45/12h30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
12h30/13h15	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
13h15/13h45	Hora do Conto: História “Sopa de legumes”	Hora do Conto: História “O nabo gigante”	Hora do Conto História “A lagartinha muito comilona”	Hora do Conto	Hora do Conto
13h45/15h	<p>Construção de uma lista de alimentos saudáveis e alimentos</p>	<p>Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos)</p> <p>Desenho sobre os</p>	<p>Conversa acerca do almoço e da salada. (GP)</p>	<p>Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos)</p> <p>Atividades livres na</p>	<p>Conversa acerca do almoço e das espetadas de fruta. (GP)</p>

	menos saudáveis, recorrendo a recortes de revistas. (3/4 anos). Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)	legumes que conheço. (3/4 anos) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP) Balanço da semana. (GP)
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação

Planificação diária

Data: 2/03/2015

Atividades		<p>Atividade 1: Conversa sobre a alimentação.</p> <p>Atividade 2: Construção de uma lista de alimentos saudáveis e alimentos menos saudáveis, recorrendo a recortes de revistas.</p>		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Identificar alimentos saudáveis. Identificar alimentos menos saudáveis. Reconhecer a importância de uma alimentação saudável. 		
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> Identificar e selecionar alimentos saudáveis. Identificar e selecionar alimentos menos saudáveis. 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar e selecionar alimentos saudáveis. Identificar e selecionar alimentos menos saudáveis. Listar os alimentos selecionados segundo duas categoriais. 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar e selecionar alimentos saudáveis. Identificar e selecionar alimentos menos saudáveis. Listar os alimentos segundo duas categoriais. Usar autonomamente a tesoura.
Conteúdos Previsíveis		Educação para a saúde. Manipulação de objetos.		
Estratégias/ Procedimentos		<p>Atividade 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> Conversa em grande grupo. Questionar as crianças acerca da alimentação e da sua importância. <p>Atividade 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> Ajudar as crianças na seleção dos alimentos. Recortar os alimentos selecionados pelas crianças mais novas. Realização da atividade em pequenos grupos. 		
Recursos Humanos/Materiais		<p>Recursos Materiais:</p> <p>Atividade 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> Revistas Tesouras Cartolinas 		<p>Recursos Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional

		<ul style="list-style-type: none"> • Cola 		
Tempo	Atividade 1: cerca de 15 minutos. Atividade 2: cerca de 30 minutos (cada grupo)			
Espaço	Sala de atividades.			
Técnicas e instrumentos de avaliação	Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> • Observação participante • Registos fotográficos (cf. anexo B, figuras 1 e 2) 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação • Máquina fotográfica 	
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica pelo menos um alimento saudável. • Identifica pelo menos um alimento menos saudável. • Partilha pelo menos um motivo pelo qual é importante ter uma alimentação saudável. 		
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica e seleciona pelo menos dois alimentos saudáveis. • Identifica e seleciona pelo menos dois alimentos menos saudáveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica e seleciona pelo menos dois alimentos saudáveis. • Identifica e seleciona pelo menos dois alimentos menos saudáveis. • Lista os alimentos de acordo com as categorias estabelecidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica e seleciona pelo menos dois alimentos saudáveis. • Identifica e seleciona pelo menos dois alimentos menos saudáveis. • Lista os alimentos de acordo com as categorias estabelecidas. • Usa autonomamente a tesoura.

Planificação diária

Data: 3/03/2015

Atividades		Atividade: Jogo de imagens: reconhecimento de legumes e estabelecimento da correspondência com o respetivo nome em suporte escrito.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer imagens de legumes. Estabelecer a correspondência entre a imagem e a palavra escrita.
Conteúdos Previsíveis		Consciência Fonológica.		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequeno grupo. Ajudar as crianças na identificação da palavra escrita. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Imagens de legumes. Nomes dos legumes em suporte escrito. Quadro/placar. Bostik 		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional
Tempo		Cerca de 20 minutos.		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Reconhece os legumes apresentados nas imagens. Identifica pelo menos uma palavra escrita. Estabelece a correspondência entre a imagem e a palavra escrita.

Planificação diária

Data: 4/03/2015

Atividade		Atividade: Construção de um diagrama de venn com imagens de legumes. (com que legumes faço sopa e com que legumes faço salada).		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Classificar os legumes de acordo com os critérios estabelecidos.
Conteúdos Previsíveis		Classificação.		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequeno grupo. Questionar as crianças acerca dos legumes correspondentes a cada critério. Ajudar as crianças a responder às suas dúvidas e a classificar os legumes. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Cartolina Imagens de legumes Cola Lã de duas cores diferentes 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 	
Tempo		Cerca de 20 minutos.		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante Registos fotográficos (cf. anexo B, figura 3) 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação Máquina fotográfica 	
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Identifica os legumes que se podem usar na sopa. Identifica os legumes que se podem usar na salada. Classifica-os e agrupa-os de acordo com os critérios estabelecidos.

Planificação diária

Data: 5/03/2015

Atividades		Atividade: Classificação de alimentos com base na história “A lagartinha muito comilona” e correspondência entre o número de alimentos e o algarismo.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Distinguir os alimentos saudáveis dos alimentos menos saudáveis, presentes na história. Classificar dos alimentos segundo os critérios estabelecidos. Contar e agrupar os alimentos saudáveis. 	<ul style="list-style-type: none"> Distinguir os alimentos saudáveis dos alimentos menos saudáveis, presentes na história. Classificar os alimentos segundo os critérios estabelecidos. Contar e agrupar os alimentos saudáveis. Identificar o algarismo correspondente ao número de alimentos. 	
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Classificação. Sentido de número. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequeno grupo. Preparação prévia dos materiais. Recordar a história com recurso ao livro. Ajudar as crianças a agrupar os alimentos. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Livro “A lagartinha muito comilona”. Imagens dos alimentos presentes na história. Algarismos em suporte escrito. Cartolina. Cola. Canetas de filtro. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 	
Tempo		Cerca de 30 minutos.		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação 	

		• Registos fotográficos (cf. anexo B, figura 4)	• Máquina fotográfica
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> • Distingue os alimentos saudáveis dos alimentos menos saudáveis, presentes na história. • Classifica os alimentos de acordo com os critérios estabelecidos. • Conta e agrupa os alimentos saudáveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Distingue os alimentos saudáveis dos alimentos menos saudáveis, presentes na história. • Classifica os alimentos de acordo com os critérios estabelecidos. • Conta e agrupa os alimentos saudáveis. • Identifica o algarismo correspondente ao número de alimentos de cada grupo.
			5 Anos

Planificação diária

Data: 6/03/2015

Atividades		Atividade: Jogo de imagens: reconhecimento de frutos e estabelecimento da correspondência com o respetivo nome em suporte escrito.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer imagens de frutos. Estabelecer a correspondência entre a imagem e a palavra escrita.
Conteúdos Previsíveis		Consciência Fonológica.		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequeno grupo. Ajudar as crianças na identificação da palavra escrita. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: Atividade 1: <ul style="list-style-type: none"> Imagens de frutos. Nomes dos frutos em suporte escrito. Quadro/placar. Bostik 		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional
Tempo		Atividade 1: cerca de 20 minutos.		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Reconhece os frutos apresentados nas imagens. Identifica pelo menos uma palavra escrita. Estabelece a correspondência entre a imagem e a palavra escrita.

Semana de 9 a 13 de Março	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h/9h30	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.
9h30/9h45	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9h45/10h	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
10h/10h30	Ensaio para a apresentação sobre a família. (GP) Atividades livres na sala.	Introdução do responsável da sala, "Chefe": discussão em grande grupo acerca das funções e deveres do chefe (registo por escrito e em desenho). (GP) Decidir quem elabora a medalha do "Chefe".	Atividade sobre padrões algébricos: - O que é um padrão? - Construção de um padrão algébrico. (GP)	Sessão de expressão motora. (GP)	Identificação dos elementos constituintes de uma face humana. (GP) Composição da face humana recorrendo a recortes de revistas. (individual) ¹
10h30/11h	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11h/11h20	Apresentação e filmagem da dinâmica sobre a família.	Continuação da elaboração dos postais da páscoa.	Atividades livres na sala	Atividades livres na sala	Continuação das atividades da manhã.
11h20/11h30	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene
11h30/11h45	Jogos orientados (GP)	Jogos orientados (GP)	Jogos orientados (GP)	Jogos orientados (GP)	Jogos orientados (GP)
11h45/12h30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
12h30/13h15	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
13h15/13h45	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto
13h45/15h	Início da elaboração dos postais da páscoa: Recorte e colagem de papel. Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos) Atividades de treino da discriminação auditiva: identificação de sons. (3/4anos) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Construção de um padrão algébrico (individual) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP) Balanço da semana. (GP)
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação

¹ Atividade não realizada pelo número reduzido de crianças devido à greve da função pública.

Planificação diária

Data: 10/03/2015

Atividades		<p>Atividade 1: Introdução do responsável da sala, “Chefe”: discussão em grande grupo acerca das funções e deveres do chefe.</p> <p>Atividade 2: Treino da discriminação auditiva: identificação de sons.</p>		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Expressar a sua opinião. Aceitar e cumprir regras. 	<ul style="list-style-type: none"> Expressar a sua opinião. Aceitar e cumprir regras. Desenvolver o sentido de responsabilidade; 	
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver as capacidades de ouvir e discriminar os sons circundantes; 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver as capacidades de ouvir e discriminar os sons circundantes; Desenvolver as capacidades de memorizar e explicitar sequências de sons. 	
Conteúdos Previsíveis		<p>Atividade 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> Responsabilidade. Autonomia. Independência Cooperação <p>Atividade 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> Consciência Fonológica 		
Estratégias/ Procedimentos		<p>Atividade 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em grande grupo. Registar as regras estabelecidas. Ajudar as crianças na formulação das regras. <p>Atividade 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequeno grupo. Alternar sistematicamente a sequência se sons. 		

Recursos Humanos/Materiais	Recursos Materiais: Atividade 1: <ul style="list-style-type: none"> • Canetas de filtro • Cartolina Atividade 2: <ul style="list-style-type: none"> • Instrumentos Musicais 		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> • Estagiária • Educadora cooperante • Assistente operacional 	
Tempo	Atividade 1: cerca de 15 minutos. Atividade 2: cerca de 15 minutos.			
Espaço	Sala de atividades.			
Técnicas e instrumentos de avaliação	Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> • Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação 	
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> • É capaz de expressar oralmente a sua opinião. • Aceita e cumpre as regras estabelecidas. 		
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica a origem do som escutado. • Elenca uma sequência de sons escutada. 		

Planificação diária

Data: 11/03/2015

Atividades		Atividade 1: O que é um padrão? Atividade 2: Construção de um padrão de repetição (individual).		
		3 Anos	4 Anos	5 Anos
Objetivos	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> • Encontrar padrões nas situações do cotidiano; • Descrever oralmente um padrão; • Formar um padrão de repetição tendo em conta o atributo cor. 		
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> • Construir um padrão de repetição, utilizando duas cores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Construir um padrão de repetição, utilizando três cores. 	
Conteúdos Previsíveis		Padrões		
Estratégias/ Procedimentos		Atividade 1: <ul style="list-style-type: none"> • Conversa em grande grupo sobre padrões algébricos; • Demonstração de alguns exemplos; • Construção de um padrão em grande grupo; Atividade 2: <ul style="list-style-type: none"> • Apoiar as crianças na construção dos padrões; • Cada criança cria o seu padrão individualmente; 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: Atividade 1: <ul style="list-style-type: none"> • Imagens de padrões. • “Ovos” de papel de três cores diferentes. • Giz. Atividade 2: <ul style="list-style-type: none"> • Folhas A4. • “Ovos” de papel de três cores diferentes. • Cola. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> • Estagiária • Educadora cooperante • Assistente operacional 	

Tempo	Atividade 1: cerca de 30 minutos. Atividade 2: cerca de 15 minutos			
Espaço	Sala de atividades.			
Técnicas e instrumentos de avaliação	Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> • Observação participante • Registos fotográficos (cf. anexo B, figura 5) 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação • Máquina fotográfica 		
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica pelo menos um padrão em situações do cotidiano. • Descreve oralmente um padrão observado. • Constrói um padrão de repetição tendo em conta o atributo cor. 		
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> • Constrói um padrão de repetição, utilizando duas cores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Constrói um padrão de repetição, utilizando três cores. 	

Semana de 16 a 20 de Março	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h/9h30	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.
9h30/9h45	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9h45/10h	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
10h/10h30	Treino da motricidade: Fazer bolinhas de papel crepe de várias cores. (3/4anos). Pintura, recorte, montagem e colagem de um ovo da páscoa. (5 anos)	Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos) Atividades livres na sala (3/4 anos).	Pintura de uma borboleta de modo a formar um padrão. (5 anos). Preenchimento das asas de uma borboleta com pedaços de papel colorido. (3/4 anos).	Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos) Pintura de rolos de papel (corpo da borboleta). (3/4anos). Atividades livres na sala.	Atividades de exploração de ímanes. (GP)
10h30/11h	Visionamento do vídeo sobre a família.	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11h/11h10	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene
11h10/11h45	Recreio	Jogo de rimas (3/4 anos). Atividades livres na sala (5 anos)	Continuação das atividades da manhã.	Continuação das atividades da manhã.	Continuação das atividades da manhã. Atividades livres na sala.
11h45/12h30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
12h30/13h15	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
13h15/13h45	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto
13h45/15h	Preenchimento de uma flor com bolinhas de papel crepe. (3/4 anos). Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Exercício de formação de palavras. (5 anos) Rasgagem de papel (3/4anos) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Construção de um padrão de repetição tendo em conta o atributo forma (primeiro com 3/4 anos e depois com 5 anos). Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Sessão de expressão motora. (GP) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Ida ao teatro ver a peça: "O Príncipezinho".
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	

Planificação diária

Data: 16/03/2015

Atividades		Atividade: Pintura, recorte, montagem e colagem de um ovo da páscoa.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Decorar o ovo com diferentes cores. Recortar de acordo com as linhas. Montar e colar o ovo corretamente.
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Manipulação de objetos. Raciocínio lógico. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequeno grupo. Ajudar as crianças na montagem do ovo. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Registo individual impresso. Lápis de cor. Tesouras. Cola. Folhas A4. 		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional
Tempo		Cerca de 30 minutos.		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Decora o ovo de forma original utilizando diferentes cores. Recorta de acordo com as linhas. Monta e cola o ovo corretamente.

Planificação diária

Data: 17/03/2015

Atividades		Atividade: Exercício de formação de palavras.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de reconhecer e escrever palavras. • Contactar com o código escrito.
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> • Manipulação de objetos. • Reconhecimento e escrita de palavras. • Raciocínio lógico. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> • Realização da atividade em pequeno grupo. • Ajudar as crianças na identificação das letras que compõem cada palavra. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • Registo individual impresso. • Letras impressas e recortadas. • Lápis de cor. • Cola. 		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> • Estagiária • Educadora cooperante • Assistente operacional
Tempo		Cerca de 30 minutos.		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> • Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> • Reconhece e identifica as letras que compõem cada palavra. • Cola as letras pela ordem correta.

Planificação diária

Data: 18/03/2015

Atividades		<p>Atividade 1: Pintura de uma borboleta de modo a formar um padrão.</p> <p>Atividade 2: Construção de um padrão de repetição tendo em conta o atributo forma.</p>		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> • Construir um padrão de repetição nas tendo em conta o atributo cor.
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> • Construir um padrão de repetição utilizando duas formas diferentes. 		<ul style="list-style-type: none"> • Construir um padrão de repetição utilizando três formas diferentes.
Conteúdos Previsíveis		Padrões		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> • Realização das atividades em pequenos grupos. • Apoiar as crianças na construção dos padrões. 		
Recursos Humanos/Materiais		<p>Recursos Materiais:</p> <p>Atividade 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Registo individual impresso. • Lápis de cor. <p>Atividade 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Folhas A4. • Três formas diferentes previamente recortadas (flor, árvore e borboleta). • Cola. 	<p>Recursos Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estagiária • Educadora cooperante • Assistente operacional 	

Tempo	Atividade 1: cerca de 15 minutos. Atividade 2: cerca de 15 minutos.			
Espaço	Sala de atividades.			
Técnicas e instrumentos de avaliação	Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> • Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação 	
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> • Constrói um padrão de repetição utilizando, pelo menos, duas cores.
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> • Constrói um padrão de repetição utilizando duas formas diferentes. 		<ul style="list-style-type: none"> • Constrói um padrão de repetição utilizando três formas diferentes.

Planificação diária

Data: 20/03/2015

Atividades		Atividade: Atividades de exploração de ímanes.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Realizar previsões do que poderá acontecer. Explorar ímanes. Compreender que nem todos os objetos são atraídos. Reconhecer que apenas os objetos metálicos são atraídos pelo ímane. Registrar as conclusões. 		
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Rigor científico. Manipulação de objetos. Construção de conceitos. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em grande grupo. Incentivar as crianças a elencar previsões. Apoiar as crianças no registo das previsões. Apoiar as crianças na exploração dos objetos com o íman. Apoiar as crianças no registo das conclusões. Orientar as crianças na realização do registo individual. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Ímanes. Caneta. Tesoura. Lápis de carvão. Folha de papel. Colher de metal. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 	

	<ul style="list-style-type: none"> • Cartolina. • Canetas de filtro. • Registos individuais impressos. • Lápis de cor. • Cola. 			
Tempo	Cerca de 60 minutos (repartidos em diferentes momentos)			
Espaço	Sala de atividades.			
Técnicas e instrumentos de avaliação	Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> • Observação participante • Registos fotográficos (cf. anexo B, figura 6) 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação • Máquina fotográfica 		
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> • Refere algumas previsões do que poderá acontecer. • Demonstra compreender que nem todos os objetos são atraídos. • Reconhece que apenas os objetos metálicos são atraídos pelo imane. 		

Semana de 6 a 10 de Abril	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h/9h30	Interrupção letiva	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.
9h30/9h45		Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9h45/10h		Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
10h/10h30		Conclusão de trabalhos. Atividades livres na sala.	Introdução da área da pintura livre: definição das regras (GP) Atividade de contagem de objetos e estabelecimento de relações numéricas (5 anos)	Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos) Atividade de desenvolvimento da consciência fonológica: rimar a brincar (3/4anos) Atividades livres na sala.	Atividade sobre a germinação de sementes. (GP)
10h30/11h		Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11h00/11h20		Continuação das atividades da manhã	Continuação das atividades da manhã	Continuação das atividades da manhã	Continuação das atividades da manhã
11h20/11h30		Higiene	Higiene	Higiene	Higiene
11h30/11h45		Jogos orientados	Jogos orientados	Jogos orientados	Jogos orientados
11h45/12h30		Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
12h30/13h15		Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
13h15/13h45		Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto
13h45/15h		Expressão plástica: pintura simétrica. (individual) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Atividades de contagem de objetos (3/4anos. PG) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Atividade de desenvolvimento da consciência fonológica: rimar a brincar (5 anos) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)	Audição e aprendizagem de uma canção sobre a primavera. Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas. (GP)
15h/15h15		Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação

Planificação diária

Data: 8/04/2015

Atividades		Atividade: Atividade de contagem de objetos e estabelecimento de relações numéricas.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Identificar o número total de pintas. Identificar quantas pintas colocou em cada asa. 		<ul style="list-style-type: none"> Identificar o número total de pintas. Identificar quantas pintas colocou em cada asa. Registrar o número de pintas através de algarismos.
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Sentido de número. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequenos grupos. Apoiar as crianças na distribuição das pintas pelas asas. Incentivar as crianças a explorar diferentes hipóteses. Auxiliar as crianças na escrita dos algarismos. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Registos individuais impressos. Pintas pretas. Cola. Lápis de carvão. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 	
Tempo		Cerca de 15 minutos (por grupo).		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante Registos fotográficos (cf. anexo B, figura 7) 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação Máquina fotográfica 	
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Identifica, através da contagem, o número total de pintas. Identifica, através da contagem, o número de pintas que colocou em cada asa. 		<ul style="list-style-type: none"> Identifica, sem recorrer a contagem, o número total de pintas. Identifica, sem recorrer a contagem, o número de pintas que colocou em cada asa. Regista o número de pintas através de algarismos.

Planificação diária

Data: 9/04/2015

Atividades		Atividade: Atividade de desenvolvimento da consciência fonológica: rimar a brincar.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a capacidade de identificar sons semelhantes em final de palavra, as rimas. 		
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Consciência Fonológica 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequenos grupos. Leitura do poema com expressividade, fazendo algumas pausas. Apoiar as crianças na elaboração do registo. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Poema "O menino inacabado". Registos individuais impressos. Lápis de cor. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 	
Tempo		Cerca de 15 minutos (por grupo).		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação 	
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Identifica pelo menos duas palavras com sons semelhantes. 		<ul style="list-style-type: none"> Identifica mais de duas palavras com sons semelhantes.

Planificação diária

Data: 10/04/2015

Atividades		Atividade: Atividade sobre a germinação de sementes.		
		3 Anos	4 Anos	5 Anos
Objetivos	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Realizar previsões do que poderá acontecer. Reconhecer as sementes apresentadas. Construir germinadores. Registrar a evolução ao longo do tempo. 		
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Educação ambiental. Construção de conceitos. Rigor científico. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em grande grupo. Primar pelo questionamento, para levar as crianças a refletir e a colocar hipóteses. Apoiar as crianças na construção dos germinadores. Apoiar as crianças no registo da evolução das sementes. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Sementes de feijão, ervilha e fava. 3 Frascos de vidro. Papel de cozinha. Cartão canelado. Recipiente com água. Cartolina. Canetas de filtro. Máquina fotográfica. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 	
Tempo		Cerca de 45 minutos (repartidos em vários momentos)		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante Registos fotográficos (cf. anexo B, figura 8) 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação Máquina fotográfica 	
Indicadores de avaliação	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Refere algumas previsões do que poderá acontecer. Reconhece as sementes apresentadas. Participa na construção dos germinadores, dando ideias. Participa no registo da evolução das sementes. 		

Semana de 13 a 17 de Abril	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h/9h30	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.
9h30/9h45	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9h45/10h	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
10h/10h30	Exploração de um globo terrestre (GP)	Conversa acerca da prenda para o dia da mãe. Elaboração da prenda para o dia da mãe. (3/4anos) Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos) Atividades livres na sala.	Atividade de contagem. (5 anos) Atividades livres na sala.	Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos) Atividade de consciência fonológica: segmentação silábica (3/4 anos)	Observação e registo das diferenças nas sementes. Atividade: O papel absorve água ou não?
10h30/11h	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11h/11h30	Continuação das atividades da manhã. Atividades livres na sala.	Desenho sobre a primavera com carimbo de flores. (5 anos)	Atividade de contagem. (3 anos) Atividades livres na sala.	Atividade de escrita (5 anos)	Continuação das atividades da manhã.
11h30/11h45	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene
11h45/12h30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
12h30/13h15	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
13h15/13h45	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto
13h45/15h	Jogo: “Uma viagem por Portugal” (GP) Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Elaboração da prenda para o dia da mãe. (5 anos) Desenho sobre a primavera com carimbo de flores. (3/4 anos) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Atividade de contagem. (4 anos) Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Atividade de consciência fonológica: segmentação silábica (5 anos) Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Registo da atividade: “O papel absorve água ou não?” Atividades livres na sala Apresentação das tarefas realizadas (GP)
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação

Planificação diária

Data: 15/04/2015

Atividades		Atividade: Atividade de contagem.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Contar os objetos de um conjunto. Registrar o número de objetos através do desenho. Desenhar os objetos que faltam num conjunto. 		<ul style="list-style-type: none"> Contar os objetos de um conjunto. Registrar o número de objetos através do algarismo correspondente. Desenhar os objetos que faltam num conjunto.
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Sentido de número. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequenos grupos. Apoiar as crianças na contagem dos objetos. Apoiar as crianças no registo. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Registos individuais impressos. Lápis de carvão. Lápis de cor. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 	
Tempo		Cerca de 15 minutos (por grupo).		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação 	
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Conta os objetos de um conjunto. Regista o número de objetos através do desenho. Desenha os objetos que faltam num conjunto. 		<ul style="list-style-type: none"> Conta os objetos de um conjunto. Desenha os objetos que faltam num conjunto. Regista o número de objetos através do algarismo correspondente.

Planificação diária

Data: 16/04/2015

Atividades		Atividade: Atividade de consciência fonológica: segmentação silábica		
Objetivos	Atividade 1	3 Anos	4 Anos	5 Anos
		<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a capacidade de dividir as palavras em sílabas. 		
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Consciência Fonológica. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequenos grupos. Bater palmas à medida que segmento uma palavra em sílabas. Pedir às crianças que identifiquem o número de sílabas de cada palavra. Incentivar as crianças a experimentar a segmentação de palavras em sílabas. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 		
Tempo		Cerca de 15 minutos (por grupo).		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação
Indicadores de avaliação	Atividade 1	3 Anos	4 Anos	5 Anos
		<ul style="list-style-type: none"> Identifica o número de sílabas de, pelo menos, uma palavra. Experimenta segmentar silabicamente uma palavra à sua escolha. 		

Planificação diária

Data: 17/04/2015

Atividades		Atividade: O papel absorve água ou não?		
		3 Anos	4 Anos	5 Anos
Objetivos	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Realizar previsões do que poderá acontecer. Conhecer vários tipos de papel. Identificar o tipo de papel que absorve a água. 		
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Construção de conceitos. Rigor científico. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em grande grupo. Primar pelo questionamento, para levar as crianças a refletir e a colocar hipóteses. Apoiar as crianças na experimentação. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Papel de cozinha. Papel de jornal. Papel de escrita. Papel de revista. Recipiente com água (com medida). 4 Tabuleiros. Cartolina. Canetas de filtro. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 	
Tempo		Cerca de 45 minutos (repartidos em vários momentos).		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante Registos fotográficos (cf. anexo B, figura 9) 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação Máquina fotográfica 	
Indicadores de avaliação	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Refere algumas previsões do que poderá acontecer. Reconhece e identifica os diferentes tipos de papel. Identifica o tipo de papel que absorve a água. 		

Semana de 20 a 24 de Abril	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h/9h30	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.	Atividades livres na sala.
9h30/9h45	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9h45/10h	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
10h/10h30	Treino da motricidade: Fazer bolinhas de papel crepe. (3/4anos). Início da elaboração do postal para o Dia da Mãe (5 anos).	Visita ao Museu de São Roque.	Escolha de um poema para colocar no postal. (GP) Aprendizagem do poema. (GP)	Elaboração de uma ficha do livro. (5 anos) Conclusão do postal para o dia da mãe. (3/4 anos)	Observação e registo das diferenças nas sementes. Construção da maquete das ilhas dos Açores. (PG) Atividades livres na sala.
10h30/11h	Recreio		Recreio	Recreio	Recreio
11h/11h20	Continuação das atividades da manhã.		Definição de quem irá participar na construção da maquete das ilhas dos Açores e levantamento do material necessário.	Continuação das atividades da manhã.	Continuação das atividades da manhã.
11h20/11h30	Higiene		Higiene	Higiene	Higiene
11h30/11h45	Jogos orientados (GP)		Jogos orientados (GP)	Jogos orientados (GP)	Jogos orientados (GP)
11h45/12h30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
12h30/13h15	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
13h15/13h45	Visionamento de imagens das ilhas dos Açores, no computador.	Hora do Conto	Visionamento de imagens das ilhas dos Açores, no computador.	Visionamento de um filme.	Visionamento de um filme.
13h45/15h	Continuação da elaboração do postal para o Dia da mãe. Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Registo da visita ao Museu de São Roque. Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Atividades livres na sala. Atividade de articulação com o 1ºciclo acerca do projeto "Projeto Sofia" Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Sessão de expressão motora. Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)	Conversa acerca do comportamento do grupo: o que está a correr mal? Como podemos melhorar? Atividades livres na sala. Apresentação das tarefas realizadas (GP)
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação

Planificação diária

Data: 20/04/2015

Atividades		Atividade: Visionamento de imagens das ilhas dos Açores, no computador.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer a cultura das ilhas do Açores. 		
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Saberes sobre o mundo. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em grande grupo. Primar pelo questionamento, para levar as crianças a refletir e a colocar hipóteses. Apoiar as crianças na identificação das características das ilhas dos Açores. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Computador da sala. 		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional
Tempo		Cerca de 10 minutos		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Identifica, pelo menos, uma das características observadas nas imagens. Reconhece o nome de, pelo menos, duas ilhas. 		

Planificação diária

Data: 24/04/2015

Atividades		Atividade: Conversa acerca do comportamento do grupo: o que está a correr mal? Como podemos melhorar?		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Refletir acerca do comportamento individual e do grupo. 		
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Cidadania. Valores. Respeito pelo outro. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em grande grupo. Primar pelo questionamento, para levar as crianças a refletir e a colocar hipóteses. Dar algumas sugestões. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 		
Tempo		Cerca de 15 minutos		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Identifica, pelo menos, uma das características do comportamento do grupo. Sugere uma mudança com vista a melhorar o comportamento do grupo. 		

Importa referir que a partir deste ponto, a estrutura das planificações semanais se alterou, passando a não conter os horários previstos para a realização das atividades, uma vez que foi introduzido o quadro de planeamento diário e o dia passa a ser planeado diariamente com as crianças, tendo em conta as atividades propostas.

Semana de 27 a 30 de Abril	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h/15h	<p>Introdução de quadro de planeamento diário. (GP)</p> <p>Elaboração do embrulho para a prenda do dia da mãe. (individual)</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Conversa acerca da questão: “O que é uma paisagem” – o que sabemos? O que queremos saber? (PG)</p> <p>Atividade de capacidades de visualização espacial e análise das representações. (4/5 anos) (PG)</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Sistematização das informações sobre os Açores. (GP)</p> <p>Aprendizagem de um poema sobre a Mãe. (GP)</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Atividade experimental: “Mais, menos ou a mesma água”. (GP)</p> <p>Sessão de Expressão motora.</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	Feriado
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação

Planificação diária

Data: 28/04/2015

Atividades		Atividade: Atividade de capacidades de visualização espacial e análise das representações.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1		<ul style="list-style-type: none"> Representar, através do desenho, a vista de frente de um bloco de legos. 	
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Capacidades de visualização espacial. Formas geométricas. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realizar a atividade em pequenos grupos. Construir blocos de legos iguais para todas as crianças. Apoiar as crianças ao longo da atividade. Diversificar o bloco de legos. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Legos. Folhas de papel A4. Lápis de cor. 		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional
Tempo		Cerca de 15 minutos (por grupo).		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1		<ul style="list-style-type: none"> Representa todas as peças do bloco. Representa corretamente as cores das peças. Representa as peças pela ordem correta. 	

Planificação diária

Data: 30/04/2015

Atividades		Atividade: Atividade experimental: “Mais, menos ou a mesma água”.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Realizar previsões. Medir a água que contém cada recipiente. Registar e apresentar as conclusões. 		
Conteúdos Previsíveis	<ul style="list-style-type: none"> Medições. Rigor científico. 			
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequenos grupos. Primar pelo questionamento, para levar as crianças a refletir e a colocar hipóteses. Apoiar as crianças na experimentação. 			
Recursos Humanos/Materiais	Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> 4 Recipientes de tamanhos diferentes. Água. 1 Copo. 1 Recipiente. Registos impressos. Canetas de filtro. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 		
Tempo	Cerca de 45 minutos (repartidos em vários momentos).			
Espaço	Sala de atividades.			
Técnicas e instrumentos de avaliação	Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante Registos fotográficos (cf. anexo B figura 10) 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação Máquina fotográfica 		
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Refere algumas previsões. Conta o número de copos de água quem tem cada recipiente. Compara as conclusões com as previsões. 		

Semana de 4 a 8 de Maio	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h/15h	<p>Observação e registo das diferenças nas sementes.</p> <p>Registo individual da germinação das sementes e contagem de folhas.</p> <p>Associação de cada semente à planta respetiva. (5 anos).</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Jogo de construção de relações numéricas. (PG)</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Atividade de manipulação de palavras na periferia da frase. (PG)</p> <p>Atividades do projeto: “O que é uma paisagem?”</p> <p>Ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Dispensa</p>	<p>Atividade: Misturar com água.</p> <p>Introdução do caderno do comportamento.</p> <p>Atividades livres na sala.</p>
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação		Avaliação

Planificação diária

Data: 4/05/2015

Atividades		Atividade: Associação de cada semente à planta respetiva.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer uma semente. • Reconhecer uma planta. • Estabelecer a correspondência entre a semente e a planta.
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> • Educação ambiental. • Classificação 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> • Realização da atividade em pequeno grupo. • Questionar sucessivamente as crianças ao longo da atividade. • Apoiar as crianças na realização do registo. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • Registo individual impresso. • Cola. • Lápis de carvão. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> • Estagiária • Educadora cooperante • Assistente operacional 	
Tempo		Cerca de 15 minutos (por grupo).		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> • Observação participante 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação 	
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> • Reconhece uma semente. • Reconhece uma planta. • Estabelece a correspondência entre a semente e planta, recorrendo aos germinadores da sala.

Planificação diária

Data: 5/05/2015

Atividades		Atividade: Jogo de construção de relações numéricas.		
		3 Anos	4 Anos	5 Anos
Objetivos		<ul style="list-style-type: none"> Identificar o número de pintas no dado. Identificar a cor no dado. Encontrar o cartão que corresponde à cor e ao número de pintas atribuído. 		<ul style="list-style-type: none"> Identificar o número de pintas no dado, sem recorrer a contagem. Identificar a cor no dado. Encontrar o cartão que corresponde à cor e ao número de pintas atribuído.
	Atividade 1			
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Sentido de número. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequeno grupo. Preparação prévia dos materiais. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais:		Recursos Humanos:
		<ul style="list-style-type: none"> 		<ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional
Tempo		Cerca de 15 minutos.		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1	<ul style="list-style-type: none"> Identifica o número de pintas do dado, recorrendo a contagem. Identifica a cor no dado. Encontra o cartão que corresponde à cor e ao número de pintas atribuído. 		<ul style="list-style-type: none"> Identifica o número de pintas do dado, sem recorrer a contagem. Identifica a cor no dado. Encontra o cartão que corresponde à cor e ao número de pintas atribuído.

Planificação diária

Data: 6/05/2015

Atividades		Atividade: Atividade de manipulação de palavras na periferia da frase.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a capacidade de manipular palavras na periferia da frase.
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Consciência Fonológica. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização da atividade em pequeno grupo. Questionar sucessivamente as crianças ao longo da atividade. Apoiar as crianças na realização do registo. Partindo de uma imagem que representará uma frase, por exemplo, "O João tem uma bola...", adicionar-se-á consecutivamente diferentes imagens com características mais específicas do objeto: "O João tem uma bola... verde. ... com riscas. ... verde com riscas. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> Cartões com imagens e palavras. Fio/corda. Molas. Folhas de papel A4. Lápis de carvão. Lápis de cor. 	Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional 	
Tempo		Cerca de 20 minutos.		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação 	
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Representa a frase recorrendo ao desenho e a palavras escritas. Elenca palavras para colocar na periferia da frase.

Semana de 11 a 15 de Maio	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h/15h	<p>Conversa acerca dos registo no “O meu amigo caderno”.</p> <p>Recorte de revistas de formas geométricas (5 anos).</p> <p>Exploração de formas geométricas e desenho das construções realizadas. (3/4 anos).</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Atividade: Pintura gestual (com latas).²</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Plantação das plantas dos germinadores na horta.</p> <p>Ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Visita ao museu do teatro.</p> <p>Registo da visita.</p>	<p>Mini chefes: atividades no âmbito do dia da família.</p> <p>Registo semanal de “O meu amigo caderno”.</p> <p>Introdução do quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos.</p> <p>Atividades livres na sala.</p>
	Atividades do Projeto: Aventura da Paisagem				
	<p>Construção do placar do projeto (o que sabemos, o que queremos saber, onde vamos procurar, o que vamos fazer.)</p> <p>Informar as restantes salas do JI sobre o projeto e pedir ajuda para recolher informações.</p> <p>Realização de pesquisas do computador da sala.</p>	<p>Observação e análise da paisagem junto ao jardim-de-infância e desenho da mesma. (manhã)</p> <p>Jogo “Caça à paisagem”: caça às peças e montagem de puzzles de paisagens.(tarde)</p>	<p>Descrição de uma paisagem à escolha e identificação dos elementos que a compõem.</p> <p>Desenho dos elementos que compõem a paisagem escolhida.</p>	<p>Ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>(A estagiária faltou porque esteve doente)</p>
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação

² Atividade por realizar.

Planificação diária

Data: 11/05/2015

Atividades		Atividade 1: Recorte de revistas de formas geométricas. Atividade 2: Exploração de formas geométricas e desenho das construções realizadas.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Identificar formas geométricas nos objetos do cotidiano.
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> Explorar as formas geométricas, desenhando as mesmas. 	<ul style="list-style-type: none"> Explorar as formas geométricas, desenhando as mesmas. Realizar construções com as peças e registá-las através do desenho. 	
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> Formas geométricas. Manipulação de objetos. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> Realização das atividades em pequeno grupo. Apoiar as crianças na realização das tarefas. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: Atividade 1: <ul style="list-style-type: none"> Revistas. Tesouras. Cola. Folhas de papel A4. Atividade 2:		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> Estagiária Educadora cooperante Assistente operacional

	<ul style="list-style-type: none"> Folhas de papel A4. Blocos lógicos. Lápis de carvão. Lápis de cor. 			
Tempo	Atividade 1: cerca de 20 minutos. Atividade 2: cerca de 20 minutos.			
Espaço	Sala de atividades.			
Técnicas e instrumentos de avaliação	Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> Observação participante 	Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> Grelha de observação³ 		
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> Identifica e seleciona formas geométricas nos objetos do cotidiano. Recorta e cola o que encontrou, realizando o seu registo individual.
	Atividade 2	<ul style="list-style-type: none"> Explora as formas geométricas, desenhando as mesmas. Realiza construções com as peças e regista-as através do desenho. 		

³ As atividades prevista nesta planificação foram dinamizadas pela educadora cooperante, com as crianças que não estavam envolvidas no projeto “Aventura da paisagem”, pelo que não realizarei o preenchimento da grelha de observação, uma vez que não efetuei a observação das atividades.

Semana de 18 a 22 de Maio	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira
9h/15h	<p>Registo no “O meu amigo caderno”.</p> <p>Atividades livres na sala.</p> <p>Atividades: Pintura gestual (com latas).</p> <p>Introdução do quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos.</p>	<p>Ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”</p> <p>Atividades livres na sala.</p> <p>Preenchimento do quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos.</p>	<p>Ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”</p> <p>Exploração da técnica de pontilhismo.</p> <p>Atividades livres na sala.</p> <p>Preenchimento do quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos.</p>	<p>Treino da motricidade fina: tecelagem de papel. (3/4 anos)</p> <p>Atividades livres na sala.</p> <p>Preenchimento do quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos.</p>	<p>Ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”</p> <p>Registo semanal de “O meu amigo caderno”.</p> <p>Atividades livres na sala.</p> <p>Preenchimento do quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos.</p>
	Atividades do Projeto: Aventura da Paisagem				
15h/15h15	<p>Sistematização acerca do que já sabemos e verificação das questões a que já respondemos e que ainda faltam responder.</p> <p>Observação e análise da mesma paisagem em diferentes estações do ano.</p>	<p>Observação e análise de obras sobre paisagens.</p> <p>Continuação de uma obra de uma paisagem</p>	<p>Observação e análise de paisagens com a técnica de pontilhismo.</p> <p>Pintura de uma paisagem através da técnica de pontilhismo.</p>	<p>Aprendizagem e escrita de palavras relacionadas com a palavra “Paisagem”</p>	<p>Elaboração do convite para a divulgação do projeto.</p>
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação

Semana de 25 a 29 de Maio	2ª Feira	3ªFeira	4ªFeira	5ªFeira	6ªFeira	
9h/15h	<p>Conversa acerca do registo no “O meu amigo caderno”.</p> <p>Atividade de desporto solidário com crianças e encarregados de educação (ao nível da instituição).</p> <p>Atividades livres na sala.</p> <p>Conclusão do preenchimento do quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos.</p>	<p>Ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”</p> <p>Atividades livres na sala.</p> <p>Recorte de revistas de palavras iniciadas com a letra A. (5 anos)</p>	<p>Ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”</p> <p>Jogo de coordenação motora: “Estou a pensar num menino/a que está à direita da Adriana. Quem é?” (GP)⁴</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Pintura a sopro com bolhas. (água + detergente da loiça + tintas + palhinhas + folhas) (PG)⁵</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	<p>Ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”</p> <p>Registo semanal de “O meu amigo caderno”.</p> <p>Atividades livres na sala.</p>	
	Atividades do Projeto: Aventura da Paisagem					
	<p>Conclusão do projeto: Sistematização do que aprendemos e avaliação.</p> <p>Entrega dos convites para a divulgação do projeto</p> <p>Início das filmagens para a divulgação.</p>	<p>Filmagens para a divulgação.</p>	<p>Conclusão das filmagens para a divulgação.</p>	<p>Divulgação do projeto: “Aventura da Paisagem”</p>		
15h/15h15	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação	

⁴ Atividade por realizar.

⁵ Atividade por realizar.

Atividades		Atividade: Recorte de revistas de palavras iniciadas com a letra A.		
Objetivos		3 Anos	4 Anos	5 Anos
		Atividade 1		
Conteúdos Previsíveis		<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento e escrita de palavras. 		
Estratégias/ Procedimentos		<ul style="list-style-type: none"> • Realização das atividades em pequeno grupo. • Apoiar as crianças na realização das tarefas. 		
Recursos Humanos/Materiais		Recursos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • Revistas. • Tesouras. • Cola. • Folhas de papel A4 		Recursos Humanos: <ul style="list-style-type: none"> • Estagiária • Educadora cooperante • Assistente operacional
Tempo		Cerca de 20 minutos.		
Espaço		Sala de atividades.		
Técnicas e instrumentos de avaliação		Técnicas: <ul style="list-style-type: none"> • Observação participante 		Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação⁶
Indicadores de avaliação		3 Anos	4 Anos	5 Anos
	Atividade 1			<ul style="list-style-type: none"> • Reconhece a letra A. • Distingue uma palavra de uma frase ou conjunto de palavras. • Identifica a letra A no início de uma palavra.

⁶ A atividade prevista nesta planificação foi dinamizada pela educadora cooperante, com as crianças que não estavam envolvidas no projeto “Aventura da paisagem”, pelo que não realizarei o preenchimento da grelha de observação, uma vez que não efetuei a observação da atividade.

2.3. Projetos desenvolvidos

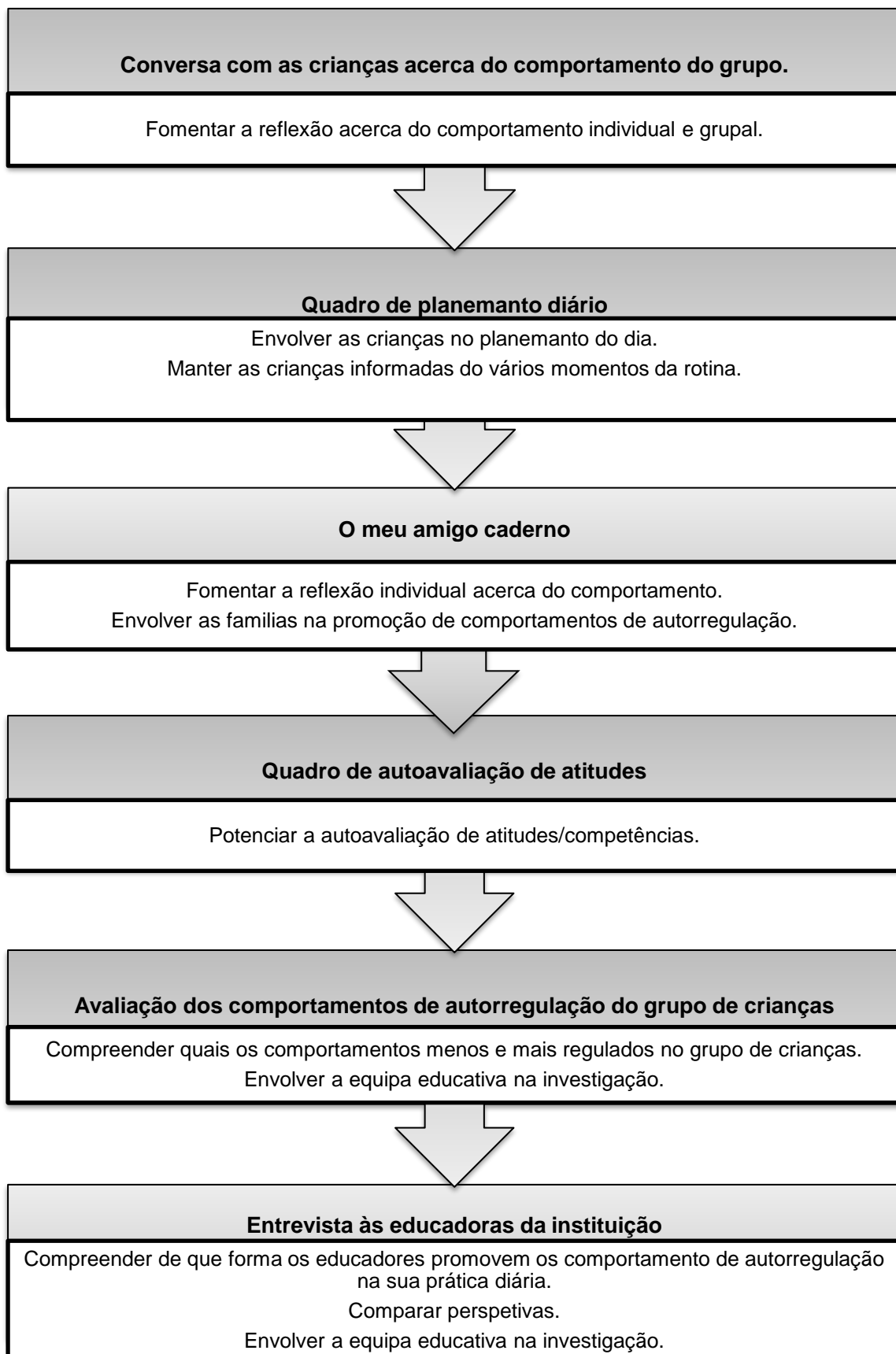
Durante a PPS foi desenvolvido com as crianças um projeto, segundo a metodologia de trabalho de projeto, denominado “Aventura da paisagem”, que partiu do interesse de uma criança. O projeto encontra-se devidamente descrito e fundamentado no relatório do projeto (cf. anexo C).

2.4. Identificação da problemática

A problemática identificada decorre da observação participante realizada ao longo da PPS e está relacionada com a capacidade das crianças regularem o seu comportamento. Como tenho vindo a referir, o grupo de crianças é bastante conflituoso e demonstra algumas dificuldades ao nível do comportamento, mais especificamente do saber ser e saber estar. Neste sentido, proponho-me investigar acerca de qual o papel do educador na promoção de comportamentos de autorregulação das crianças.

Após identificar a problemática a estudar, decidi procurar um referencial teórico que me esclarecesse acerca dos comportamentos de autorregulação das crianças. Desta forma, Veiga & Fernandes (2012) define autorregulação como um conjunto de processo que ocorrem no cérebro humano e exercem controlo sobre as ações, comportamentos, impulsos, emoções e desejos do sujeito. Referem ainda que a crianças começa a regular o seu comportamento desde o primeiro ano de vida aprendendo a controlar-se e a acalmar-se sem a ajuda dos adultos. Quando a criança entra no jardim-de-infância necessita de se adaptar a uma rotina estrutura, ao respeito pelos adultos do contexto e à partilha dos objetos, começando assim a desenvolver de forma mais evidente a capacidade de autorregulação. Por fim, os autores referem ainda que as competências de autorregulação constituem um marco bastante importante na idade pré-escolar, pois influenciam o futuro da criança a nível social, pessoal e académico. Posto isto, elaborei um plano de ação para a intervenção, o qual contempla as estratégias de intervenção, o trabalho com a equipa educativa e o envolvimento das famílias.

Plano de ação para a intervenção:



3. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

3.1. Avaliação pessoal (autoavaliação)

Neste subcapítulo apresenta-se todas as reflexões diárias e semanais realizadas. Estas reflexões tinham o objetivo de autoavaliar a minha intervenção, bem como de refletir de forma fundamentada sobre acontecimentos relevantes ao longo da PPS. Estas mesmas reflexões foram lidas e comentadas oralmente pela educadora cooperante.

Reflexão diária: 19 de fevereiro de 2015

Hoje iniciei o período de observação da prática profissional supervisionada em jardim-de-infância. Cheguei à instituição pelas 9 horas e fui recebida pelas quatro educadoras do jardim, juntamente com as minhas colegas de mestrado.

Relativamente à educadora cooperante, esta recebeu-me muito bem na sua sala, tendo-me apresentado ao grupo de crianças, que também me recebeu pacificamente. Tivemos a oportunidade de conversar um pouco acerca do funcionamento da instituição e das rotinas do grupo de crianças, as quais tive a oportunidade de observar e compreender melhor o seu funcionamento.

Ao longo do dia, procurei relacionar-me com as crianças, com o intuito de as conhecer melhor e de também me dar a conhecer às mesmas. Procurei também envolver-me nas atividades realizadas ao longo do dia, podendo assim perceber melhor as potencialidades e fragilidades das crianças ao nível das áreas de conteúdo. Considero que a estratégia que adotei será a mais adequada tendo em conta o grupo de crianças. Irei continuar a aproximar-me delas nos próximos dias, de modo a estabelecer relações com as mesmas.

Reflexão diária: 20 de fevereiro de 2015

Hoje foi um dia diferente na instituição, devido à greve da função pública, mais especificamente das assistentes operacionais. O 1º ciclo do ensino básico encerrou, por número insuficiente de assistentes operacionais ao serviço. Já o jardim-de-infância funcionou normalmente, no entanto, a maioria das crianças ficou em casa, uma vez que tinha sido enviado, no dia anterior, um aviso sobre a greve. Esta situação faz-me

pensar que as famílias possuem uma rede de suporte familiar relativamente às crianças, por exemplo os avós. O dia acabou por ser de brincadeira, em que na maior parte do tempo as crianças das quatro salas estiveram juntas.

Reflexão diária: 23 de fevereiro de 2015

Hoje as crianças de 5 anos passaram a manhã noutra sala, no âmbito do projeto “Projeto Sofia”, o que normalmente, pelo que pude apurar, acontece todas as semanas. Durante este período foi notório o silêncio na sala de atividades, mesmo com as crianças de 3 e 4 anos a trabalhar e a brincar. Assim, considero que neste grupo de crianças, as de 5 anos são mais agitadas do que as mais novas. A educadora cooperante confirma.

Durante o tempo em que observo o almoço, pude perceber que as crianças não comem salada, alegando não gostar. Isto é comum à maioria das crianças do grupo, e acontece com frequência, pelo que considero importante desenvolver atividades acerca da alimentação e da importância de comer legumes e fruta.

Reflexão diária: 24 de fevereiro de 2015

Hoje pude compreender melhor os horários fixos e pouco flexíveis que o jardim-de-infância tem, sendo que para além do recreio ser feito ao mesmo tempo que as crianças do 1ºciclo, para evitar a existência de ruído exterior durante as aulas, também para fazer a higiene antes do almoço, cada sala tem um horário, devido às infraestruturas sanitárias serem insuficientes, sendo que apenas serve três crianças de cada vez. Isto porque antes de a instituição albergar a valência de jardim-de-infância, as salas agora ocupadas por este, serviam o 1ºciclo, pelo que as casas de banho estão preparadas para esta valência e não para a de jardim-de-infância, uma vez que não sofreram qualquer alteração aquando do início do seu funcionamento.

Hoje sugeri uma forma de embrulhar a prenda do dia do pai, bem como um modelo de cartão que poderíamos usar. Ambas as sugestões foram experimentadas e aceites pela equipa educativa da sala, o que me deixou bastante feliz, uma vez que senti as minhas ideias e opiniões valorizadas.

Reflexão diária: 25 de fevereiro de 2015

Hoje iniciei com as crianças a elaboração do embrulho para a prenda do dia do pai. Esta tarefa tem de ser desenvolvida individualmente pois trata-se de carimbar a palavra “Pai” com tinta numa folha de papel sifon e só existe um exemplar de cada letra. Antes de iniciar a atividade com cada criança, procurei questionar cada uma delas se conhecia as respetivas letras e o que poderia escrever com elas. Acima de tudo procurei que soubessem o que estavam a escrever e qual a finalidade da tarefa. Agora que penso acerca disto, deveria ter optado por conversar com o grande grupo sobre a atividade e fazer este exercício em conjunto com o mesmo, ainda que depois voltasse a questionar cada criança individualmente. Pude perceber que nem todas as crianças conhecem as letras, nem mesmo algumas de 5 anos, pelo que pretendo desenvolver algumas atividades a esse nível.

Reflexão diária: 26 de fevereiro de 2015

Hoje dinamizei o acolhimento, procurando fazer-lo da mesma forma que a educadora, de acordo com aquilo que pude observar ao longo dos dias anteriores. Penso que correu bem, no entanto faltou alguma ludicidade, talvez por ser a primeira vez que o fiz.

Percebi que o grupo de crianças demonstra dificuldade em cumprir regras, tendo este assunto sido sublinhado pela educadora várias vezes ao longo da semana. Irei procurar desenvolver atividades no âmbito da responsabilização e do cumprimento de regras estabelecidas.

Reflexão diária: 27 de fevereiro de 2015

Hoje foi um dia diferente, pois fomos a uma visita ao Padrão dos Descobrimentos, onde as crianças realizaram atividades sobre a flutuação. A atividade foi interessante e as crianças gostaram. Esta foi a primeira saída do jardim-de-infância este ano, pelo que foram dadas algumas indicações às crianças e foram feitos pares tendo em conta as idades, para que ficasse uma criança mais velha com outra mais nova. Talvez por ser a primeira vez que saíram da instituição e pela curiosidade em observar o que estava à nossa volta, as crianças tinham tendência para se afastar do “comboio” dois a dois, desmanchando várias vezes a fila. Penso que poderia ajudar se

estivessem nesta formação mais vezes, por exemplo nas rotinas, em que a fila costuma ser uns atrás dos outros.

Hoje depois da avaliação diária do comportamento, decidi fazer com as crianças a avaliação do comportamento da semana, referente a cada uma delas, para que pudessem perceber como correu, de modo a comprometerem-se a melhorar na próxima semana. Esta análise do comportamento semanal poderá ser um bom indicador para escolher o “chefe” da sala, uma vez que a educadora mostrou interesse em introduzir esta dinâmica.

Reflexão semanal: 23 a 27 de fevereiro (inclui os dias 19 e 20 de fevereiro)

Esta primeira semana de prática profissional supervisionada em jardim-de-infância foi essencialmente de observação, na qual pude conhecer o funcionamento da instituição e as rotinas tanto da sala de atividades como do jardim. Procurei conhecer em primeiro lugar o grupo de crianças, de modo a compreender as suas necessidades e interesses, bem como conhecer as suas potencialidades e fragilidades. De forma progressiva, comecei a envolver-me nas rotinas e atividades da sala, tendo dado sugestões para a prenda do dia do pai e trabalhado nas mesmas, e ainda dinamizado alguns momentos da rotina como o acolhimento e a avaliação do comportamento.

Tive também a oportunidade de experienciar uma saída da instituição, pois fomos a uma visita ao padrão dos descobrimentos. Nesta saída observei grandes dificuldades no cumprimento de regras, facto que foi evidente durante toda a semana e sublinhado também pela educadora que tem trabalho a este nível. De acordo com o Ministério da Educação (1997) “é na inter-relação que a criança vai aprendendo a atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros, conhecendo, reconhecendo e diferenciando modos de interagir.” (p.52), ou seja, é através da vivência desses comportamentos que a criança toma consciência dos comportamentos socialmente adequados.

Relativamente ao funcionamento da instituição, esta tem horários muito precisos e pouco flexíveis, o que poderá ser favorável em alguns aspetos, como na organização do dia, pois o mesmo é planeado de acordo com os horários estabelecidos, e desfavorável noutros, como na concretização das atividades, uma vez que as mesmas poderão ser interrompidas diversas vezes ao longo do dia para assegurar o cumprimento dos horários.

Referências

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME.

Reflexão diária: 2 de março de 2015

Hoje iniciei a minha intervenção, fazendo o acolhimento que durou um pouco mais que o habitual, uma vez que as crianças estiveram a contar o que fizeram no fim de semana. Depois do lanche, iniciei a minha proposta de atividade, sobre a alimentação, com as crianças de cinco anos, que durou toda a manhã e um pouco da tarde, e também com as crianças de três e quatro anos, na parte da tarde. A atividade consistiu em elaborar uma lista de alimentos saudáveis e alimentos menos saudáveis, utilizando recortes de revistas. As crianças mostraram-se entusiasmadas com a atividade e pude perceber que todas elas têm consciência dos alimentos que são e não são saudáveis.

Considero que o dia correu muito bem, pois consegui gerir o grupo tanto nas atividades em pequeno como em grande grupo, e realizar todas as atividades propostas para hoje. O *feedback* da educadora também foi positivo o que me deixou motivada para continuar a trabalhar.

Hoje, durante o acolhimento, surgiu uma questão para um possível projeto, um pouco despoletada por mim, decorrente da observação de uma das crianças, que estava a mexer no umbigo. As crianças ficaram curiosas e interessadas no tema, pelo que me parece ser uma boa oportunidade para trabalhar com a metodologia de trabalho de projeto.

Reflexão diária: 3 de março de 2015

Hoje o dia correu bem, tendo conseguido concretizar todas as tarefas contempladas na planificação. A proposta de hoje consistia num jogo de reconhecimento de legumes, através de imagens reais, e para as crianças com 5 anos, estabelecer a correspondência entre a imagem e a palavra escrita, sendo que tiveram o meu apoio na identificação dos sons. Com esta atividade pude perceber que as crianças têm dificuldade na identificação das letras e dos sons, pelo que deverei trabalhar ao nível da consciência fonológica.

Reflexão diária: 4 de março de 2015

Hoje, na primeira parte da manhã, realizei uma atividade de formação de conjuntos, com as crianças de 5 anos, representando os mesmos num diagrama de venn. Esta atividade demorou mais tempo do estava à espera, pois apesar de terem formado rapidamente os conjuntos, tiveram alguma dificuldade em estabelecer uma ligação entre os mesmos. Este tipo de representação não é usual na sala, pelo que considero que tenha sido difícil exatamente porque as crianças não estão habituadas a este tipo de registo. Considero que devo continuar a trabalhar este tipo de representação, bem como outros, o que trará resultados a longo prazo.

Hoje fizemos também, já em grande grupo, uma exploração de uma cenoura, uma cebola, uma folha de alface e um tomate, e depois confeccionámos uma salada de vegetais. As crianças participaram na atividade proposta com entusiasmo e motivação. Ao almoço, a salada foi distribuída pelos pratos das crianças e a grande maioria comeu todos os vegetais, outros comeram apenas alguns e outros só provaram. Esta situação não era recorrente, uma vez que no período de observação identifiquei que uma das fragilidades do grupo era não comer vegetais, sendo que alegavam não gostar. Por esse motivo decidi propor atividades que sensibilizassem para a importância de uma alimentação saudável e considero que estou a conseguir alcançar os objetivos, uma vez que as crianças têm aderido bastante bem às atividades e mostrado vontade de comer vegetais à refeição. Estou satisfeita e considero que as atividades propostas têm sido adequadas, pois para além da sensibilização para as questões da alimentação, procuro trabalhar de forma lúdica e através do tema, as diferentes áreas de conteúdo. O que me permitiu também identificar algumas fragilidades ao nível do domínio da matemática, e da linguagem oral e abordagem à escrita, bem como do cumprimento de regras de convívio social.

Tenho sentido também alguma dificuldade em manter o grupo atento, uma vez que algumas crianças têm tendência para começar a conversar e muitas vezes o ruído instala-se no seio do grupo, tendo dificuldade em contrariar esta situação. Preciso de encontrar estratégias para manter o interesse do grupo e também para gerir o ruído na sala.

O grupo mostra também alguns problemas ao nível do comportamento, esta questão torna-se mais evidente na avaliação no final do dia, através da qual pude compreender quais as crianças com mais dificuldades a este nível. Considero que

devo trabalhar ao nível da formação pessoal e social, encontrando estratégias que fomentem comportamentos socialmente adequados.

Reflexão diária: 5 de março de 2015

Hoje realizei uma atividade de classificação de objetos, com base na história contada ontem “A lagartinha muito comilona”, com as crianças de 3 e 4 anos. Optei por realizar a atividade no tapete, com o grupo disposto em roda. As crianças mostraram-se interessadas na atividade e formaram rapidamente os conjuntos. Também a contagem de objetos dos conjuntos e a identificação do respetivo algarismo foi bem conseguida. Como pontos fracos desta atividade tenho a salientar as questões da lateralidade, uma vez que nem todas as crianças conseguiam ver a cartolina de frente, o que dificultou um pouco o raciocínio. Esta situação poderia ter sido resolvida se a cartolina estivesse colocado num placar e as crianças sentadas em meia-lua. Também as questões de colagem das imagens no respetivo lugar foram um pouco demoradas, e conseqüentemente existiram bastantes tempos de espera. Penso que teria funcionado melhor se as imagens e a cartolina estivessem previamente preparadas, por exemplo, com velcro. Por consequência dos tempos de espera, as crianças tiveram tendência para começar a conversar e a brincar umas com as outras, perdendo assim a concentração na atividade.

Reflexão diária: 6 de março de 2015

Hoje foi um dia recheado de atividades e o cansaço da semana também se fez sentir. De manhã realizei uma atividade de reconhecimento de frutos e estabelecimento da correspondência com a palavra escrita, com as crianças de cinco anos. As crianças voltaram a estar pouco concentradas, pelo que optei por parar a atividade quando começavam a conversar uma com as outras, retomando apenas quando estas me davam a sua atenção. Outra das minhas estratégias foi atribuir tarefas dentro da atividade, como colar no placar as imagens e as palavras, às crianças que não levantavam a voz para responder às questões e que colocavam o braço no ar para falar. A atividade foi demasiado curta para que houvesse uma evolução resultante das estratégias implementadas, mas considero que se continuar a usá-las, as crianças aprenderam a estar atentas e a esperar pela sua vez de falar.

À tarde, realizámos em grande grupo a exploração sensorial de quatro frutos: tangerina, morango, banana e uva. As crianças mostraram-se motivadas na atividade, tocando e cheirando os frutos. Depois, já com as frutas preparadas, realizámos espetadas de fruta. Cada criança tinha um prato de plástico e um pau de espetada, as frutas estavam no centro da mesa para que todos pudessem lá chegar. Cada criança realizou a sua espetada e todos cumpriram a regra que inicialmente referi, não brincar com os paus de espetada por serem perigosos. Considero que a atividade foi bem-sucedida, as crianças gostaram muito e pediram para fazer mais vezes.

Reflexão semanal: 2 a 6 de março

Esta semana foi rica em propostas de atividade sobre o tema A Alimentação. Através deste tema, tentei sensibilizar as crianças para a importância de uma alimentação saudável, articulando as diferentes áreas de conteúdo. Considero que consegui alcançar o objetivo proposto para esta semana e através das atividades, pude perceber algumas fragilidades do grupo no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, da matemática e da formação pessoal e social.

No que diz respeito ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, de acordo Ministério da Educação (1997) o educador deve promover diferentes situações de comunicação, com diferentes sujeitos e temas, permitindo à criança dominar a comunicação de forma progressiva, enquanto emissor e recetor. Deve também, criar um clima de familiarização com o código escrito e valorizar todas as tentativas de escrita da criança. Neste sentido, procurarei seguir estas orientações e propor atividades que promovam o desenvolvimento da consciência fonológica e o contacto com o código escrito.

Relativamente ao domínio da matemática, segundo Ministério da Educação (1997) o educador deve partir de situações do cotidiano para promover o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, "(...) intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas." (p.73). Desta forma, procurarei propor atividades que estimulem a reflexão, o pensamento e a experimentação das crianças através de experiências diversificadas e situações problemáticas. Com as crianças mais novas, pretendo trabalhar inicialmente, mais ao nível da noção de número.

No que concerne à formação pessoal e social, esta é a fragilidade que considero mais acentuada no grupo de crianças. Segundo Brazelton & D. Sparrow (2010) “controlar a criança é importante, mas não é suficiente: o objectivo é ensiná-la a controlar-se a si própria. Estabelecer limites ao nível do comportamento, aprender a controlar desejos e impulsos, é uma tarefa para toda a vida.” (p.58). É neste aspeto que tenho sentido mais dificuldade, em ensinar a criança a controlar-se, a estabelecer limites, a entender que existem momentos para tudo, momentos para brincar e momentos para trabalhar e que todos eles são momentos de aprendizagem. De acordo com Ministério da Educação (1997) “o desenvolvimento pessoal e social assenta na constituição de um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribuiu para o seu bem estar e autoestima.” (p.52). Ao longo desta semana procurei valorizar cada criança, promover a sua autonomia e independência, e fomentar a partilha do poder e a vivência de valores democráticos, dando-lhes oportunidades de escolha e de tomada de decisão. Acontece que, as crianças demonstram não ser ainda capazes de tomar decisões em grupo, gerando assim conflitos e quebrando o clima da atividade. Nestas situações, usei como estratégias dar oportunidades de escolha individuais, dentro de uma atividade de grupo, evitando assim os conflitos. No entanto, não estou satisfeita com esta estratégia, uma vez que desta forma, as crianças acabam por tomar novamente a decisão individualmente, não sendo assim capazes de chegar a um consenso no seio do grupo. De facto, esta tem sido a minha maior dificuldade, na qual pretendo continuar a trabalhar para obter resultados positivos.

Referências

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME.

Brazelton, T. B. & D. Sparrow, J. (2010). *A Criança dos 3 aos 6 anos* (S. S. Santos, Trad.) (5ªed.). Lisboa: Editorial Presença.

Reflexão diária: 9 de março de 2015

Hoje iniciámos a elaboração do postal da páscoa, que consistiu em decorar a forma de um ovo com tiras de papel coloridas. As crianças de cinco anos cortaram as suas próprias tiras, no entanto, para as de 3 e 4 anos as tiras foram previamente

preparadas, uma vez que se considerou que o uso da tesoura é ainda precoce. Considero que a atividade correu bem, a explicação foi dada no tapete em grande grupo, após a hora do conto, e acompanhada de uma demonstração. A execução do trabalho foi rápida e fácil para as crianças de 3 e 4 anos, sendo que apenas uma delas, decidiu colocar as tiras numa orientação diferente das restantes crianças.

No momento da avaliação, pude constatar que hoje o comportamento do grupo foi sensivelmente bom, uma vez que foram poucas as bolas amarelas e não foi atribuída nenhuma bola vermelha. Ficarei atenta a este aspeto, para tentar perceber se este comportamento se mantém ou melhora e porquê.

Reflexão diária: 10 de março de 2015

Hoje discutimos a possibilidade de existir um “chefe” na sala para ajudar os adultos. As crianças mostraram-se bastante interessadas na ideia, e em grande grupo listámos algumas regras, como por exemplo quem pode ser “chefe”, que acordámos que será apenas quem tiver bolinhas verdes na avaliação da semana anterior. Combinámos também algumas funções do “chefe” e decidimos que este deveria ter uma medalha, chegando a um consenso sobre quem a iria realizar. Considero que a atividade correu bem, no entanto, o grupo demonstrou alguma dificuldade em elencar funções do chefe e em chegar a um consenso no seio do grupo. Também o tempo de concentração foi reduzido, tendo dispersado a atenção muito rapidamente.

Na hora do conto, contei a história “Como é que uma galinha...”, sendo que ontem contei a história “Os ovos misteriosos”, um pouco diferente da de hoje, mas com a mesma temática. No final da história, quando questionei as crianças acerca da mesma, reparei que as respostas se referiam à história contada no dia anterior e não àquela que contei hoje. Recordei então a história mostrando imagens e fazendo uma pequena síntese juntamente com o grupo. Considero que deveria ter optado por uma história relacionada com outra temática, uma vez que acabei por confundir as crianças.

Durante a tarde, realizei uma atividade de treino da discriminação auditiva com as crianças de 3 e 4 anos, usando instrumentos musicais. As crianças mostraram-se entusiasmadas com a atividade e solicitaram que trocasse de instrumentos, coisa que inicialmente não tinha planeado, mas que acabei por fazer respondendo assim à vontade das crianças. Acabei também por deixar que experimentassem os

instrumentos, fazendo um pouco o papel por mim desempenhado na atividade. No entanto, dado o tempo a que já estava a decorrer a tarefa, as crianças começaram a ficar cansadas, perdendo a concentração. Desta forma, optei por deixar a segunda parte da atividade, referente a onomatopeias, para outro dia. Considero que tomei a decisão mais acertada.

Reflexão diária: 11 de março de 2015

Hoje estivemos a falar sobre padrões de repetição. Comecei por questionar o grupo se sabia o que é um padrão, questão à qual algumas crianças de cinco anos responderam dando alguns exemplos presentes na sala de atividades. Depois, mostrei imagens de três padrões diferentes e tentámos identificar o grupo de repetição de cada um deles. Este processo foi um pouco demorado, uma vez que as crianças insistiam em referir apenas uma cor ou forma em cada padrão. Depois de explicar o que era o grupo de repetição, usando uma marcação nos padrões de modo a facilitar a compreensão, pedi a uma das crianças que construísse um padrão, com duas cores diferentes, fornecendo-lhe material para o efeito. Depois do padrão construído identificámos o grupo de repetição contornando-o com giz. O processo repetiu-se, sendo que o desafio foi criar um padrão diferente com as mesmas cores e depois com mais uma cor. Considero que o início da atividade foi um pouco confuso e senti dificuldade em explicar às crianças o que era um padrão e o seu grupo de repetição, sem lhes dar de imediato a resposta, mas apenas o necessário para que a encontrassem. A primeira criança à qual propus a construção de um padrão com três cores (criança de 5 anos), começou a compor o padrão e a minha primeira impressão foi que seria em padrão bastante complexo, mas depois, percebi que estava a construí-lo sem usar qualquer critério, então, decidi aproveitar e identificar o grupo de repetição, incentivando a criança a continuar o seu próprio padrão, com a ajuda dos colegas.

Durante a tarde, cada criança teve a oportunidade de construir o seu próprio padrão, sendo que às crianças de 3 e 4 anos foram disponibilizadas duas cores e às de 5 anos três cores. Relativamente às crianças de 5 anos, apenas uma não foi capaz de construir um padrão, já as de 4 anos, a sua maioria construiu sem dificuldade um padrão AB, e as de 3 anos, tiveram dificuldade em construir um padrão, sendo que

coloram os “ovos” sem qualquer critério. Como constrangimento desta atividade tenho a apontar a ausência da assistente operacional, uma vez que a educadora deu apoio à mesa das crianças de 5 anos e eu à das crianças de 3 e 4 anos tendo passado a maior parte do tempo de atividade e gerir os materiais de colagem e não podendo apoiar as crianças mais novas na elaboração do padrão. Uma estratégia para responder a este constrangimento seria realizar a atividade faseadamente com pequenos grupos de cada vez.

Reflexão diária: 12 de março de 2015

Hoje realizei pela primeira vez uma sessão de expressão motora. Este tipo de atividade não é praticada regularmente no horário letivo, mas sim no horário das Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF), no entanto nem todas as crianças usufruem das mesmas. Por não conhecer o grupo neste tipo de dinâmicas, optei por planejar uma sessão simples, com alguma prática motora e de formação massiva. No início da sessão, durante o aquecimento as crianças estavam um pouco confusas, mas depois perceberam que deveriam explorar livremente os movimentos que lhes pedia. Depois realizámos um jogo em grande grupo, no qual as crianças mais novas demonstraram maior dificuldade, penso que por não terem compreendido bem a tarefa. Deveria ter feito uma pequena demonstração, recorrendo à ajuda de algumas crianças, durante a explicação do jogo. Em seguida, tínhamos um circuito de deslocamentos, com diferentes formas de locomoção, que experimentámos fazer primeiro sem bola e depois com bola. As crianças gostaram de experimentar mover-se de diversas formas e de transportar os “ovos da páscoa”, que dizem respeito à contextualização da sessão. Nesta tarefa, senti que existiu muito tempo sem prática motora, uma vez que as crianças ficavam na fila à espera de executar o circuito. Agora que já conheço um pouco o grupo neste tipo de sessão, poderei optar por uma organização diferente nas sessões futuras.

A maior dificuldade que senti na dinamização da sessão foi a gestão do grupo, uma vez que é composto por 22 crianças. Foi-me difícil apoiar as crianças que estavam no circuito e ao mesmo tempo as que estavam à espera. A presença e o apoio da educadora foram fundamentais na gestão do grupo, pois sem a sua ajuda não teria conseguido realizar todas as tarefas propostas.

Reflexão diária: 13 de março de 2015

Hoje foi dia de greve geral da função pública, mas as educadoras do jardim-de-infância não aderiram à greve, sendo que apenas duas assistentes operacionais o fizeram e as restantes duas apresentaram-se ao serviço, sendo desta forma possível a abertura do jardim. Ainda assim, tal como na greve anterior, foram muitas as crianças que ficaram em casa. Na sala onde me encontro estiveram apenas 9 crianças, pelo que optei por não realizar a atividade prevista, dado o número reduzido de crianças. A atividade será realizada noutra dia, quando se considerar adequado.

Reflexão semanal: 9 a 13 de Março de 2015

Esta semana surgiu uma nova dinâmica na sala, o “Chefe” da sala, cujas regras foram decididas em grande grupo. O “chefe” tem como missão ajudar os adultos nas tarefas diárias da sala de atividades e muda semanalmente, sendo que apenas as crianças cujo comportamento é muito bom, têm a oportunidade de ser “chefe”. Este tipo de dinâmicas “(...) permite construir uma autonomia colectiva que passa por uma organização social participada em que as regras, elaboradas e negociadas entre todos, são compreendidas pelo grupo, que se compromete a aceitá-las.” (Ministério da educação [ME] 1997, p. 53).

De acordo com Ministério da Educação (1997) “apresentar padrões para que as crianças descubram a lógica subjacente ou propor que imaginem padrões, são formas de desenvolver o raciocínio lógico (...)” (p.74). Foi com esse objetivo que esta semana propus uma atividades de construção de padrões de repetição tendo em consideração o fator cor. Inicialmente foi difícil explicar ao grupo o que é um padrão e como se constrói, apesar de algumas das crianças mais velhas já terem tido contacto com padrões no ano anterior. Ainda assim, depois de perceberem a lógica dos padrões, as crianças adoraram e construíram padrões bastante interessantes. Na minha opinião, os padrões são a forma mais divertida de desenvolver o raciocínio lógico e é possível desenvolver atividades muito interessantes através de diversas situações do dia-a-dia.

“Tendo em conta o desenvolvimento motor da criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu corpo.” (ME, 1997, p.58). Apesar de não ser prática na sala,

decidi introduzir uma sessão de expressão motora por semana, uma vez que apenas as crianças que usufruem das AAAF, tem prática motora semanal. A primeira sessão aconteceu esta semana e consistiu num pequeno jogo de estafetas e num circuito com diferentes formas de locomoção, tendo como tema a páscoa. No início da sessão as crianças mostraram-se um pouco confusas mas depois perceberam o que se pretendia e demonstraram-se satisfeitas durante toda a sessão. Foi difícil para mim gerir todo o grupo durante a sessão, uma vez que este é composto por 22 crianças, o apoio da educadora foi fundamental neste aspeto, no entanto considero que uma das fragilidades desta sessão foram os tempos de espera, uma vez que as crianças tinham de esperar pela sua vez durante o circuito. Numa próxima sessão, devo experimentar um circuito em estações, de modo a reduzir os tempos de espera.

Referências

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Reflexão diária: 16 de março de 2015

Hoje celebra-se o dia da família na EB/JI Agualela, pelo que este foi um pouco agitado. De manhã iniciei uma atividade com as crianças de 5 anos que não foi possível concluir hoje, uma vez da parte da tarde estiveram a trabalhar, com a educadora que dá apoio ao JI, ao nível do domínio da linguagem e abordagem à escrita, sobre poemas. Ainda da parte da manhã fomos para uma sala visualizar o filme que resultou da dinâmica “A família num minuto”, para que as crianças vissem o resultado final da sua participação.

Durante a tarde, realizei uma atividade de colagem com as crianças de 3 e 4 anos que consistia em colar bolinhas de papel crepe, que realizaram durante a manhã, de modo a decorar a forma de uma flor. Existiam bolinhas de 6 cores diferentes e o “Aranha” decorou o centro da flor de amarelo, e as pétalas uma de cada cor. Quando chegou à última pétala, percebeu que já tinha usado todas as cores disponíveis e ficou estático a olhar para a folha. Ao reparar nesta situação disse-lhe:

Marisa: - Já usaste as cores todas?

Aranha: (indica que sim com a cabeça)

Marisa: - Queres ir buscar outra cor?

Aranha: (abana novamente a cabeça do mesmo modo)

Marisa: - Qual é a cor que queres?

Aranha: - Hummm! Cor-de-rosa!

Marisa: Então vai buscar ao balde o papel cor-de-rosa e uma tesoura se faz favor, para fazermos bolinhas cor-de-rosa.

(Nota de campo de 16 de março de 2015)

A criança percebeu que lhe faltava uma cor para que preenchesse cada pétala de uma cor diferente, mas não conseguiu resolver o problema sozinha, não sendo capaz de solicitar uma nova cor de livre iniciativa.

Reflexão diária: 17 de março de 2015

Hoje realizei um jogo de rimas com as crianças de 3 e 4 anos, recorrendo a um material por mim construído, semelhante a um relógio, com o objetivo de apontar os ponteiros para as palavras que rimam. Inicialmente as crianças tiveram alguma dificuldade em perceber como se jogava e também em reconhecer algumas imagens, o que é fundamental para a realização do jogo. Depois do reconhecimento das imagens e de algumas tentativas, as crianças começaram a perceber o objetivo do jogo e a sua maioria foi capaz de identificar os conjuntos de rimas. No entanto, continua a persistir a tendência de algumas crianças para imitarem o que outros dizem, não sendo capazes de identificar a resposta correta e de identificar se o que o colega disse está ou não correto. Esta é uma dificuldade comum ao grupo de crianças, que tenho vindo a notar já há algum tempo, uma vez que quando não sabem a resposta optam por imitar o que outros dizem ou fazem, ou mesmo por dizer coisas que não estão relacionadas com a atividade. Desde que identifiquei esta fragilidade, tenho procurado conversar com o grupo acerca desta situação, sempre que esta acontece, no entanto, a maioria das crianças continua a fazê-lo. Considero que devo estimular o sentido crítico e a autoestima das crianças, para que aprendam a pensar por si.

Reflexão diária: 18 de março de 2015

Hoje deparei-me com uma questão pertinente. Durante a manhã, realizei uma atividade de padrões com as crianças de 5 anos, ao explicar a tarefa, perguntei se todos tinham percebido o que era para fazer e se alguém tinha dúvidas. Todos responderam que tinham compreendido a tarefa e ninguém mostrou ter dúvidas. No entanto, ao longo da realização da mesma percebi que algumas crianças não estavam a fazê-la corretamente e questionei-as porquê. Questionei-as se não tinham percebido o que era para fazer ao que me responderam que de facto não tinham compreendido a tarefa. Percebi então que não sabiam o significado da palavra “dúvidas”, que procurei esclarecer de imediato. Percebi também que a maioria não é capaz de admitir que não compreendeu a tarefa, preferindo olhar para o trabalho dos colegas ou tentar fazer por si. Esta situação deixa-me um pouco preocupada, pois não compreendo o porquê de não serem capazes de admitir que não perceberam.

Reflexão diária: 19 de março de 2015

A sessão de expressão motora de hoje foi composta apenas por jogos. No entanto, senti bastante dificuldade em gerir o grupo durante a atividade, pois o ginásio é bastante grande e as crianças estavam muito dispersas. Em sessões futuras, irei ter o cuidado de delimitar o espaço de jogo utilizando por exemplo alguns pinos, bem como utilizar um objeto sonoro para solicitar a atenção do grupo, uma vez que a minha voz não se fez ouvir nesta sessão dada a dimensão do espaço.

Reflexão diária: 20 de março de 2015

Hoje realizámos uma atividade de exploração de ímanes, uma vez que esta curiosidade tinha surgido na semana anterior através de uma história. O momento em grande grupo correu bem, registámos primeiro as previsões, depois fizemos a exploração e de seguida registámos os resultados, tudo isto numa tabela previamente preparada. Depois elaborámos o registo individual da atividade, sendo que algumas crianças de 5 anos não conseguiram terminar, pois à tarde não foi possível continuar o registo uma vez que fomos ao teatro ver a peça “O Príncipezinho”.

Infelizmente, dado o tempo limitado e os horários estáticos do jardim-de-infância, não foi possível realizar a atividade do modo que pretendia, pois tive de tornar a dinâmica um pouco mais rápida para que conseguíssemos realizar o registo.

Poderia ter optado por realizar a atividade noutro dia, no entanto, devido às interrupções letivas considere que ficaria descontextualizado, pois as crianças já não se lembrariam desta curiosidade.

Reflexão semanal: 16 a 20 de março de 2015

Esta semana foram muitas as situações sobre as quais pretendo refletir. Uma das questões com que me deparei esta semana foi a forma como comunicamos com as crianças, mais especificamente, os conceitos que utilizamos, pois durante a explicação de uma atividade às crianças de 5 anos utilizei a palavra “dúvidas” e só mais tarde, no decorrer da tarefa, através da identificação de dificuldades em realizá-la, percebi que as crianças não sabiam qual o significado daquela palavra. De acordo com Ministério da Educação (1997), cabe ao educador “criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interação e a aprendizagem das crianças.” (p. 66). Parece-me então importante, manter uma comunicação oral rica, tendo em consideração aquilo que as crianças já sabem e procurando identificar se compreenderam de facto o que lhes foi dito, explicando os conceitos sempre que se considerar necessário.

Outra das situações ocorridas esta semana foi o problema com que o “Aranha” se deparou, durante uma atividade de preenchimento de uma flor. Depois de já ter utilizado todas as cores disponíveis, e faltando-lhe preencher uma pétala, ficou estático a olhar para a folha, sem saber o que fazer ou dizer. Ao reparar nesta situação convidei-o a ir buscar outra cor. De acordo com Ministério da Educação (1997) “a resolução de problemas constitui uma situação de aprendizagem que deverá atravessar todas as áreas e domínios em que a criança será confrontada com questões que não são de resposta imediata, mas que a levam a reflectir (...).”(p. 78). Refletindo agora sobre esta situação e relativamente à minha prática, considero que não agi adequadamente, pois acabei por, involuntariamente, dar uma resposta imediata à criança resolvendo assim o seu problema. Deveria ter colocado questões à criança que a levassem a refletir, a colocar hipóteses e a encontrar a solução para o problema. Hohmann e Weikart (2011) referem que “(...) a melhor maneira de levar as crianças a tornarem-se progressivamente melhores e mais inteligentes solucionadores de problemas é dar-lhes oportunidades de resolverem problemas que lhes interessam,

ou seja, problemas que surjam das suas próprias tentativas de compreender o mundo.” (p. 23).

“A sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais.” (ME, 1997, p. 82). Foi neste sentido que procurei partir de um interesse do grupo acerca dos ímanes, que surgiu durante a leitura de uma história, para realizar uma atividade de exploração de ímanes, registando as previsões do grupo, e os resultados, através de um registo em grupo e outro individual. Procurarei continuar a abordagem das ciências propondo atividades relacionadas com o dia-a-dia e que sejam fruto do interesse das crianças.

Referências

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. (6.^a ed.) Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.

Reflexão diária: 7 de abril de 2015

Hoje voltámos ao jardim-de-infância após a interrupção letiva e durante o acolhimento as crianças contaram o que fizeram nas férias. Uma das crianças referiu que tinha ido a Espanha, e eu aproveitei para questionar o grupo se Espanha ficava perto ou longe e se era um país ou uma cidade. O “Ovelha” disse: “Eu tenho lá em casa uma bola que se chama terra.”, despoletando o interesse do grupo pelo globo terrestre, pelo que me parece adequado explorar o globo com as crianças na sala.

Hoje realizámos a técnica de pintura simétrica, que nunca tinha experimentado, embora tivesse procurado perceber qual o processo inerente a esta técnica. No entanto, durante a atividade percebi que tinha colocado demasiada tinta e alguns trabalhos acabaram mesmo por ficar danificados, tendo de ser repetidos. Deveria ter solicitado o auxílio da educadora, recorrendo à sua experiência.

Reflexão diária: 8 de abril de 2015

Hoje introduzi uma nova área na sala, a área da pintura livre, isto porque desde o início da PPS em jardim-de-infância que tinha reparado na existência de um cavalete

na sala de atividades, o qual não era usado. Como considero a pintura um meio de expressão bastante importante, que permite desenvolver diversas competências ao nível da expressão plástica, da motricidade, entre outras, decidi propor à educadora cooperante a utilização deste material pelas crianças. A educadora deu o seu aval positivo e avancei. Inicialmente as crianças tiveram alguma dificuldade em compreender do que eu estava a falar, uma vez que o cavalete não se encontrava visível, pelo que optei por colocá-lo junto ao tapete, onde se encontravam as crianças e iniciar de novo a proposta da existência de uma nova área na sala. As crianças aceitaram mas não se mostraram muito entusiasmadas e ao longo do dia apenas duas crianças escolheram esta atividade. Ainda assim, considero que ao longo do tempo as crianças se irão apropriar deste material da sala e utilizá-lo com mais frequência.

Reflexão diária: 9 de abril de 2015

Hoje propus uma atividade de consciência fonológica, que consistia em desenhar partes de um desenho, de acordo com a leitura de um poema. O desenho era um menino, que estava incompleto, faltando-lhe algumas partes do corpo, como a mão, os pés, a orelha, os olhos, entre outras, e as crianças teriam de desenhar estas mesmas partes à medida que estas eram referidas no poema por mim lido. As crianças de três anos demonstraram alguma dificuldade ao nível do desenho e do acompanhamento do poema, como eu já esperava, pelo que optei por dar um apoio mais pormenorizado a estas crianças, auxiliando-as a selecionar o que iriam desenhar de seguida. Já as crianças de 5 anos, ao contrário das minhas expectativas, não compreenderam a atividade e algumas delas começaram a desenhar antes de eu começar a ler o poema, pelo que optei por parar, e explicar de novo a atividade.

Será que a explicação inicial não foi bem concretizada? Será que as crianças não estavam disponíveis?

Reflexão diária: 10 de abril de 2015

Hoje construímos germinadores com sementes de ervilha, fava e feijão e realizámos um registo que irá repetir-se uma vez por semana, com o objetivo de estudar a evolução das sementes. Realizámos algumas previsões para posteriormente comparar com os resultados obtidos. As crianças mostraram-se bastante entusiasmadas com a atividade e ao longo da tarde foram muitas as que decidiram ir observar se já alguma semente tinha germinado.

Da parte da tarde ensinei uma canção sobre a primavera, tomando como estratégia e divisão por frases e a repetição por parte das crianças, várias vezes. O processo estava a correr bem, dentro daquilo que eram as minhas expectativas para atividade, no entanto, na última estrofe da canção, as crianças tiveram alguma dificuldade em decorar uma sequência de cores, “verde, vermelho, rosa, amarelo”, ocultando sempre a cor “rosa”. Para resolver esta dificuldade, decidi ir buscar canetas de filtro das respetivas cores e de cada vez que cada cor era dita eu levantava a respetiva caneta. A estratégia resultou na perfeição e as crianças conseguiram aprender toda a canção.

Reflexão semanal: 7 a 10 de abril de 2015

Esta semana voltamos ao JI após a interrupção letiva da Páscoa, as crianças contaram o que fizeram nas férias, sendo que uma das crianças disse que tinha estado em Espanha e através desta conversa pude perceber que o grupo tem algumas dúvidas relativamente aquilo que são países e cidades. Através desta mesma conversa foi despoletado o interesse pelo globo terrestre, através de uma criança que disse ter uma bola em casa que se chama “terra”. Parece-me então que, face a esta curiosidade, será importante explorar o globo terrestre com o grupo de crianças e esclarecer as suas dúvidas, pois “a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo (...)”.(ME, 1997, p. 79).

Esta semana foi também introduzida uma nova área na sala de atividades, a área da pintura livre, pois existia um cavalete na sala que estava sem uso e decidi coloca-lo à disposição das crianças para que possam realizar as suas produções artísticas livremente, uma vez que “as actividades de expressão plástica são de iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que interiormente construiu.” (...).(ME, 1997, p. 61). Esta atividade implica ainda o conhecimento e cumprimento de regras, como “(...) não molhar o mesmo pincel em diferentes frascos de tinta (...) (ME, 1997, p. 62) e colocar sempre um avental plástico para não se sujar. Hohmann e Weikart (2011) referem que é importante dar tempo à criança para realizar os seus desenhos, pois cada criança tem o seu próprio ritmo, e também permitir-lhe o “(...) acesso diário às tintas, aos pincéis, ao papel, aos marcadores, aos lápis de carvão e aos lápis de cor.” (Hohmann e Weikart, 2011, p. 513).

A forma como nos expressamos perante as crianças é bastante importante, uma vez que o educador deve “criar um clima de comunicação em que a linguagem (...) ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interação e a aprendizagem das crianças.” (ME, 1997, p. 66). Numa das atividades desta semana senti que a minha explicação não foi suficientemente esclarecedora, pois algumas crianças iniciaram a atividade, de forma incorreta, ainda durante a explicação. Considero que isto não teria acontecido se antes de iniciar a explicação da tarefa tivesse procurado confirmar se todas as crianças estavam realmente atentas à minha explicação.

Por último, esta semana utilizei como estratégia objetos da sala de atividades, ou seja, do cotidiano das crianças, para ajudar o grupo a ultrapassar uma dificuldade na aprendizagem de uma canção. Considero que resultou muito bem e irei procurar simplificar as minhas estratégias utilizando os objetos da sala.

Referências

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. (6.ª ed.) Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.

Reflexão diária: 13 de abril de 2015

Hoje estiveram apenas 16 crianças na sala, um número reduzido para o que é habitual, o que conseqüentemente facilitou a gestão do grupo, permitindo assim que tudo corresse na sua normalidade.

Iniciei hoje a abordagem ao tema “As ilhas dos Açores”, uma vez na festa de final de ano as crianças irão dançar folclore típico dos Açores, pelo que considerámos importante realizar uma contextualização prévia acerca do tema. Foi difícil questionar as crianças sobre esta temática e também fazer com que estas questionassem algo, uma vez que normalmente não o fazem.

Reflexão diária: 14 de abril de 2015

Hoje iniciámos a prenda para o dia da mãe, proposta que as crianças aceitaram muito bem e elaboraram com gosto. Ao longo do dia, o grupo esteve

empenhado nas tarefas que desempenhava, tendo notado uma preocupação adicional com a arrumação. Numa das situações, juntando esforços, um pequeno grupo de crianças conseguiu arrumar a caixa do comboio, tarefa que é habitualmente desempenhada por um adulto dado o peso da caixa. Fiquei satisfeita com esta interação e esforço em grupo, à qual dei de imediato um feedback positivo.

O comportamento e a capacidade de saber estar em grupo continua a ser uma das minhas preocupações, uma vez que novamente voltei a chamar várias crianças à atenção, diversas vezes, pela sua postura e atitude, nomeadamente nos momentos no tapete. Esta é uma das minhas grandes preocupações e intenções, no entanto tenho sentido alguma dificuldade em fomentar comportamentos socialmente adequados. Será que não estou a fazê-lo de forma correta?

Reflexão diária: 15 de abril de 2015

Hoje decidi implementar uma nova estratégia, retirei a cadeira onde habitualmente me sento durante o acolhimento e nos momentos em grande grupo e sentei-me no chão com as pernas cruzadas, tal como as crianças. Penso que esta estratégia vai permitir estabelecer uma relação adulto-criança mais próxima e espero que as crianças tomem a minha postura como um exemplo de como estar sentado no tapete.

Reflexão diária: 16 de abril de 2015

Hoje realizei uma atividade de segmentação silábica com as crianças de 5 anos. As crianças segmentaram facilmente as sílabas oralmente, no entanto demonstraram alguma dificuldade no registo escrito, pelo que utilizei como estratégias rodear as sílabas de cada palavra, para que as colocassem pela ordem correta nos respetivos espaços. Esta estratégia facilitou bastante as crianças que demonstraram maiores dificuldades na sua resolução.

Uma das crianças de 5 anos copia sistematicamente o trabalho dos colegas, no entanto, já pude depreender que não é por falta de capacidades, porque esta acaba por conseguir resolver as tarefas sozinha. Penso que esta criança tenha falta de motivação para as atividades e por esse motivo prefere copiar o trabalho dos colegas. O que tenho feito para contrariar esta situação é colocar a criança noutra mesa, para que não copie, no entanto, penso que isto não é benéfico pois fica isolada dos colegas

e não consigo dar-lhe o apoio necessário à atividade. O que posso fazer para ajudar esta crianças?

Reflexão diária: 17 de abril de 2015

Hoje enquanto observávamos fotografias dos Açores no computador da sala, e eu tecia alguns comentários sobre as mesmas, uma das crianças colocou a questão: “O que é uma paisagem?”. Pareceu-me de imediato uma questão interessantíssima para um projeto, registei a pergunta e disse a criança que não sabia bem o que era mas que poderíamos descobrir. A criança aceitou a minha resposta e algumas crianças deram já algumas hipóteses. Quando encontrar o momento oportuno irei questionar o grupo acerca deste tópico.

O comportamento do grupo voltou a ser preocupante, o que poderei eu fazer para que as crianças melhorem neste aspeto?

Reflexão semanal: 13 a 17 de abril de 2015

Esta semana fiquei particularmente satisfeita com a autonomia do grupo, competência que procuramos fomentar no dia-a-dia das crianças, pois “favorecer a autonomia da criança e do grupo assenta na aquisição do saber-fazer indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia enquanto oportunidade de escolha e responsabilização.” (ME, 1997, p. 53) Num dos dias desta semana, durante um momento de atividades livres na sala, em pequeno grupo estava a brincar com o comboio, objeto que se arruma numa caixa de plástico grande e o seu transporte é normalmente feito por um adulto, devido ao seu peso. Quando foi solicitado que arrumassem, este pequeno grupo de crianças colocou todas as peças do comboio dentro da caixa e, unindo os esforços das várias crianças, transportaram autonomamente a caixa para o seu lugar de arrumação. Fiquei bastante surpresa com esta situação e dei de imediato um feedback positivo. Desde então, as crianças têm procurado repetir este processo, tomando-o já como parte da arrumação deste objeto.

O comportamento continua a ser uma das dificuldades do grupo de crianças, pois a grande maioria tem dificuldade em autorregular o seu comportamento. Veiga & Fernandes (2012) definem autorregulação como um “(...) conjunto de processos mentais que exercem controlo sobre o sujeito, sobre as suas funções, comportamentos, pensamentos, emoções, impulsos e desejos.” (p. 23) e referem que

a autorregulação pode ser promovida desde os primeiros anos de vida, sendo a idade pré-escolar um momento crucial para o desenvolvimento desta competência. Desta forma, irei procurar implementar estratégias para promover a autorregulação do comportamento das crianças, como uma que já comecei esta semana, colocar-me ao nível das crianças nos momentos do tapete, estabelecendo uma relação mais próxima e servindo de modelo comportamental.

Outra questão que me leva a refletir esta semana é facto de uma das crianças copiar as atividades que realiza, levando-me a crer que não esta motivada, pois se não tiver ninguém ao seu lado, esta criança realiza as tarefas com sucesso. Hohmann e Weikart (2011) referem que (...) a melhor maneira de levar as crianças a tornarem-se progressivamente melhores e mais inteligentes solucionadores de problemas é dar-lhes oportunidades de resolverem problemas que lhes interessem, ou seja, problemas que surjam das suas próprias tentativas de compreender o mundo. ” (p. 23). Neste sentido, resolvi dar ênfase a uma questão colocada por esta criança, “O que é uma paisagem?”, tomando-a como tópico para um projeto. Desta forma, penso que a criança irá estar motivada nas atividades que levarão à resposta a esta questão.

Referências

Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. (6.ª ed.) Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Veiga, F., Fernandes, A. (2012). *Perceções dos educadores de infância acerca dos comportamentos de autorregulação das crianças* (Dissertação de mestrado/doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.

Reflexão diária: 20 de abril de 2015

O dia de hoje foi dedicado essencialmente à elaboração dos postais para o dia da mãe. Durante a tarde, as crianças de 3 e 4 anos realizaram um desenho para a mãe numa cartolina em formato de coração, que será uma das páginas do postal. Reparei que o “Ovelha” continua a desenhar de uma forma pouco nítida e com bastantes riscos. Depois de ter insistido diversas vezes para que desenhasse mais e

que ele era capaz de fazer melhor, sentei-me ao seu lado e dei-lhe uma atenção mais individualizada, uma vez que as restantes crianças já tinham terminado a tarefa e estavam a brincar nas áreas. Questionei-o se considerava que a mãe ia gostar do desenho e se ele era capaz de fazer melhor. Depois de negar várias vezes, afirmou que seria capaz de fazer um desenho melhor. Mostrei-lhe alguns desenhos de outras crianças e fui buscar uma folha branca. Pedi-lhe que desenhasse uma pessoa na folha, ajudando-o a identificar os elementos da figura humana, enquanto desenhava. Depois, perguntei-lhe “então, afinal consegues fazer melhor?”, ao que ele me respondeu que sim. Em seguida questionei-o se caso lhe desse uma cartolina nova faria um novo desenho, ao que ele respondeu positivamente. Fui buscar uma nova cartolina e permaneci ao seu lado enquanto desenhava, dando algumas sugestões para o desenho. Depois de terminar permiti que fosse brincar para a área que queria, mesmo já estando lá o número máximo de crianças.

Já há algum tempo que tenho vindo a observar esta criança e considero que necessita de um estímulo adicional, que tem falta de autoestima e que não se sente competente, embora o seja. Torna-se bastante complicado apoiar esta criança de uma forma especial quando se tem 22 crianças numa sala, todas elas com as suas características, e muitas das vezes não se tem uma assistente operacional presente. Considero que a estratégia que usei hoje ajudou esta criança a acreditar que era capaz de realizar aquele desenho, no entanto, este trabalho precisa de ser desenvolvido diariamente para que dê frutos.

Reflexão diária: 21 de abril de 2015

Hoje fomos ao Museu de São Roque ver alguns quadros da exposição e realizar algumas atividades sobre as cores. A exposição pareceu-me interessante e o facto de articularem as obras com as atividades desenvolvidas também. No entanto, as atividades que desenvolveram pareceram-me pouco interessantes para a idade e o nível de desenvolvimento do grupo, uma vez que já tinham trabalhado esta questão das cores no jardim-de-infância. Por outro lado, toda a visita foi muito repetitiva, levando assim a que as crianças perdessem o interesse na mesma e começassem a ficar desatentas. Tornou-se assim difícil gerir o grupo durante a visita. Outro aspeto que considerei pouco interessante foi o facto de toda a visita ser baseada na mistura de duas cores para obter uma terceira e de, no final da visita, terem pedido às crianças para pintar três imagens diferentes fornecendo-lhes os lápis com as respetivas cores.

Teria sido muito mais interessante e para mim faria mais sentido, se tivessem dado as cores iniciais para que as crianças tivessem de as misturar de modo a obter a cor pretendida.

Reflexão diária: 22 de abril de 2015

Hoje levei dois poemas sobre a mãe para que em conjunto escolhêssemos aquele iríamos colocar no postal do dia da mãe. Comecei por declamar os dois poemas e as crianças votaram naquele que mais gostaram. Passamos então para a aprendizagem do poema, utilizando como método a repetição verso por verso. Ao longo do processo de aprendizagem percebi que as crianças não estavam a conseguir aprender o poema, dado a sua dimensão. Resolvi então terminar a atividade e tentar repetir mais tarde, ou até mesmo propor um poema mais pequeno.

Reflexão diária: 23 de abril de 2015

A sessão de expressão motora de hoje foi uma dança típica dos Açores, a “Chamarrita”, que será a dança que o grupo irá apresentar na festa de final de ano. Optei por introduzir a dança esta semana, uma vez que estamos a abordar a temática dos Açores. Foi necessário adaptar a dança à idade das crianças, uma vez que esta é demasiado complexa para crianças tão pequenas. Ainda assim, a adaptação funcionou muito bem e as crianças conseguiram dançar, mostrando-se bastante satisfeitas. Para ensinar a dança optei por ir passo a passo, praticando cada um e depois juntar os passos pouco a pouco. Penso que a estratégia utilizada funcionou muito bem e a atividade foi bem conseguida.

Reflexão diária: 24 de abril de 2015

Hoje tive a oportunidade de conversar com o grupo acerca do comportamento, questionando as crianças acerca do que está a correr mal e de forma podemos melhorar. As crianças apontaram alguns dos problemas existentes, como o facto de não se portarem bem no refeitório e de não estarem atentos quando estamos no tapete, fazendo ainda referência ao quadro do comportamento. Perguntei então o que poderia fazer para ajudar o grupo a melhorar o comportamento. O “Martim Manhã” começou por sugerir que as crianças de 5 anos fizessem atividades e as de 3 e 4 anos brincassem. Questionei-o se essa ideia seria para acontecer todos os dias, e se as crianças de 5 anos não brincavam. Fez uma cara engraçada e sugeriu que se

fizessem uma troca à semana. Perguntei-lhe então se uma semana não seria muito tempo e ele abanou que sim com a cabeça. Foi neste momento que sugeri ao grupo, a criação de um quadro de planeamento diário, explicando-lhes que serviria para decidirmos quem brinca e quem faz as atividades, nos diferentes momentos do dia e também para estarem informados dos momentos da rotina. O grupo aceitou a ideia, pelo que irei procurar introduzir este quadro já no início da próxima semana. Gostaria de poder construí-lo em conjunto com as crianças mas infelizmente o tempo é bastante limitado.

Reflexão semanal: 20 a 24 de abril de 2015

Um dos aspetos acerca do qual pretendo refletir esta semana é o facto de o educador ter muito pouco tempo para dar uma atenção individualizada a cada criança. Considero que o número de crianças na sala é um dos fatores que leva a não ser possível este tipo de trabalho, uma vez que, normalmente existem cerca de 25 crianças por sala, num jardim-infância. O reduzido número de recursos humanos é outro dos fatores que condiciona esta abordagem, uma vez que o habitual é a existência de apenas uma auxiliar/assistente operacional por sala, e muitas das vezes não está presente na mesma, por desempenhar outro tipo de funções na instituição, como acontecia no JI Agurela. Estes fatores fazem com que o educador não seja capaz de dar uma atenção individualizada a cada criança, pois necessita de ter uma visão total do grupo e de apoiar todas as crianças ao longo do dia. Apesar de ter o apoio incondicional da educadora cooperante na gestão do grupo, desde o início e até ao final da PPS, senti que foram poucas as oportunidades de apoiar individualmente cada criança numa tarefa, de a conhecer melhor, de brincar com ela. Santana (2000) refere que o que importa não é ensinar, mas sim criar condições para que as crianças aprendam. Desta forma, considero que para tal é necessário conhecer cada criança, cada ser, individualmente, de modo a compreender como cada uma delas aprende, para criar um clima de aprendizagem desafiante e com apoio dos adultos.

Esta semana fomos a uma visita ao Museu de São Roque e como referi na minha reflexão diária, esta foi bastante repetitiva e pouco interessante. Da minha experiência no trabalho com crianças, que é ainda muito pouca, pude perceber que quando algo é demasiado repetitivo e pouco interessante, as crianças começam a perder a motivação e a encontrar formas de se ocupar, levando assim a que comecem

a perturbar o funcionamento e o comportamento do grupo. Hohmann e Weikart (2011) defendem que o desejo de aprender vem de dentro da criança, isto é, a criança é um ser curioso por natureza e procura estar atento para encontrar as respostas às suas dúvidas e descobrir coisas novas, através da observação e experimentação. Ora se o estímulo externo não é satisfatório para a criança, ela começa a perder o interesse, procurando encontrar algo que satisfaça a sua curiosidade intrínseca. Esta situação aconteceu num momento em que não era o educador a dinamizar a atividade, no entanto, este tipo de situações podem acontecer infinitas vezes ao longo da nossa prática, cabendo-nos assim encontrar estratégias que antecipem este tipo de situação. Considero que o mais importante é conhecer muito bem o grupo de crianças e preparar propostas ricas que vão ao encontro dos seus interesses.

Esta semana aconteceu também algo semelhante à situação que acabei de referir, mas desta vez, passou-se comigo e na sala de atividades, quando levei dois poemas sobre a mãe para as crianças escolherem qual deles queriam aprender e colocar no postal que iram oferecer à mãe. Durante a aprendizagem do poema escolhido, percebi que as crianças não estavam a ser capazes de o aprender dada a sua dimensão. Optei então por terminar a atividade, uma vez que não estava a correr bem e as crianças estavam já a ficar cansadas. Se fosse hoje, faria exatamente o mesmo, pois considero que tomei a atitude correta em terminar uma atividade que não estava a ter qualquer efeito positivo. O erro começou na escolha dos poemas que propus, pois ambos eram demasiado grandes. Durante a escolha, não me ocorreu que as crianças poderiam ter dificuldade em decorar algo tao grande, um erro típico da falta de experiência. A escolha acertada teria sido um poema mais pequeno, apenas com uma ou duas estrofes. Pretendo repetir a atividade, mas desta vez apresentando poemas mais curtos.

Terminámos esta semana com uma conversa em grupo acerca do comportamento do mesmo. Pude perceber que as crianças não têm a consciência das suas dificuldades de comportamento, nem do modo como as podem ultrapassar. Terminámos a conversa decidindo a introdução de um quadro de planeamento diário, para que as crianças participem no planeamento do dia e estejam informadas dos diferentes momentos do dia que fazem parte da rotina.

Referências

- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. (6.^a ed.) Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Santana, I., (2000). Práticas Pedagógicas diferenciadas. *Escola Moderna*, nº8 5ªSerie, 30-33.

Reflexão diária: 27 de abril de 2015

Hoje introduzi o quadro de planeamento diário, ideia que surgiu da conversa com o grupo realizada no final da semana anterior. No início da manhã planeamos o dia, tendo em conta as atividades previstas para o mesmo, definindo através do quadro os momentos do dia em que cada grupo (por idades) iria desenvolver as atividades orientadas e iria estar em atividades livres na sala. Daquilo que pude depreender considero que as crianças compreenderam o funcionamento do quadro, tendo sido fácil realizar o planeamento do dia. No entanto, ao longo do dia, aconteceu algo que não estava à espera. Durante o desenvolvimento das atividades por mim orientadas, as crianças realizaram as tarefas com demasiada rapidez, com o objetivo de ir brincar. Situação que não esperava que acontecesse, uma vez que o quadro de planeamento tem como intuito, não só envolver as crianças na planificação diária, mas também permitir-lhes conhecer e estar informadas do que vai acontecer nos vários momentos do dia, de modo a promover a motivação. Esta situação deixa-me um pouco preocupada, pois vai exatamente contra ao objetivo do quadro. Irei estar atenta, para verificar se esta situação se mantém ou se altera e procurarei encontrar estratégias para reverter esta tendência.

Reflexão diária: 28 de abril de 2015

Hoje realizei a chuva de ideias com o grupo do projeto “Aventura da paisagem”, de modo a registar quais as suas ideias prévias, quais as questões a que se pretende responder e quais os meios de recolha de informação, tal como sugere a metodologia de trabalho de projeto. Senti alguma dificuldade na realização desta atividade, uma vez que o grupo não conseguia colocar questão acerca das paisagens, fazendo sucessivas afirmações na tentativa de responder à questão “o que é uma paisagem?”. Remei então um pouco contra a maré, e talvez tendo sido até um pouco insistente de mais, não desisti e fui questionando as crianças, através das suas afirmações, para

que conseguissem chegar às questões das quais não sabiam a resposta. Foi assim que conseguimos chegar a um conjunto de 5 questões acerca das paisagens.

Uma das minhas propostas de hoje foi uma atividade de desenvolvimento das capacidades de visualização, que realizei em pequenos grupos, tendo sido o primeiro o grupo de crianças com 5 anos. A atividade consistia em desenhar a vista de frente de bloco de legos, tendo em consideração a cor e a forma. As crianças de 5 anos realizaram a atividade com facilidade e bastante depressa, situação que não tinha sido prevista por mim. A educadora cooperante, muito atentamente, alertou-me para esta situação e sugeriu que complexificasse a tarefa, para que a duração fosse maior e o desenvolvimento mais produtivo. Segui então o conselho que me foi dado e com os restantes grupos, tornei a tarefa mais complexa à medida que ia avançando, pedindo-lhes que desenhassem não apenas um bloco, mas vários, com diferentes graus de complexidade. Apesar desta fragilidade, o balanço da atividade é positivo. É importante referir que não fui capaz de pensar numa alternativa de imediato, pelo que o conselho da educadora cooperante foi fundamental para que adequasse de imediato a minha prática. A aprendizagem que retiro desta situação é que nem sempre as atividades correm como planeamos, e por isso devemos ter sempre alternativas para todas as situações.

Reflexão diária: 29 de abril de 2015

Na semana anterior levei dois poemas sobre o dia da mãe, para que em conjunto escolhêssemos qual deles iríamos colocar no postal do dia da mãe e aprender. Infelizmente a aprendizagem do poema escolhido não correu muito bem, pois este era demasiado grande e resolvi terminar a atividade porque não estava a correr bem. Hoje levei um poema mais pequeno, apenas com duas estrofes. As crianças gostaram do poema e conseguiram aprendê-lo facilmente. Apesar de a primeira proposta não ter sido a melhor, levando a que a atividade não corresse bem, considero que tomei a decisão certa ao terminar a atividade e optar por escolher um poema mais pequeno, mais adequado ao nível de desenvolvimento do grupo.

Reflexão diária: 30 de abril de 2015

Devido à apresentação na festa de final de ano, resolvemos substituir a sessão de expressão motora da semana por um ensaio da dança típica dos Açores “Chamarrita”, que o grupo apresentará na referida festa. Esta dança tinha sido por mim

introduzida na semana anterior e correu bastante bem, as crianças aprenderam facilmente os passos e dançaram bem. No entanto, no ensaio de hoje as crianças estavam desmotivadas e não conseguiram dançar como na semana anterior. Penso que isto se deve ao facto de já não ser uma novidade e da própria coreografia ser pouco desafiante para as crianças. Necessito de encontrar estratégias que promovam a motivação das crianças para esta dança, uma vez que fará parte de um momento importante para toda a escola, a festa de final do ano letivo.

Reflexão semanal: 27 a 30 de abril de 2015

Esta semana introduzimos o quadro de planeamento diário, com o intuito das crianças participarem no planeamento do dia e estarem informadas dos diversos momentos da rotina. Hohmann e Weikart (2011) referem que planejar ajuda as crianças a tomar consciência da sua capacidade de controlar as suas próprias ações. É neste sentido, que o quadro de planeamento diário vem ao encontro da problemática em estudo “O papel do educador enquanto promotor de comportamento de autorregulação das crianças”, tornando-se assim numa estratégia de promoção de comportamentos de autorregulação, na medida em que permite às crianças controlar as suas próprias ações. Infelizmente, nos primeiros dias, o quadro causou alguns constrangimentos, pois as crianças realizaram as atividades com rapidez, para poderem ir brincar nas áreas de interesse, situação que não estava prevista e que vai contra à intencionalidade do quadro. Fiquei um pouco preocupada com esta situação, no entanto esta alterou-se, pois as crianças já começaram a apropriar-se do funcionamento do quadro e a cumprir aquilo que estipulam aquando do planeamento do dia.

Na semana anterior, a atividade de aprendizagem de um poema não correu bem e resolvi terminá-la, pois considerei que não estava a ter qualquer efeito positivo. Para corrigir esta situação, optei por escolher um poema mais pequeno, apenas com duas estrofes e as crianças adoraram. A aprendizagem do poema correu bastante bem, mesmo utilizando a mesma metodologia da semana anterior. Considero que é importante corrigir os nossos erros e mais vale terminar uma atividade quando esta não está a resultar, do que levá-la até ao fim, sem ter qualquer efeito ou aprendizagem. Considero ainda que, apesar de ter corrido mal, não devemos simplesmente desistir da atividade e nunca mais a realizar. Devemos sim adaptar e

tentar outra vez e todas as vezes que forem necessárias, mas sempre sem ser intrusivas ou demasiado insistentes. É preciso que as adaptações feitas tenham de facto qualidade e tornem a atividade rica.

Referências

Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. (6.^a ed.) Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.

Reflexão diária: 4 de maio de 2015

Hoje ocorreu uma situação de racismo entre duas crianças de 5 anos. O “Bola” queixou-se que a “Pequena Sereia” lhe tinha chamado “estupido”. No imediato pensei que fosse um ato normal entre crianças, sem qualquer tipo de maldade, uma vez que esta palavra é bastante pronunciada neste grupo de crianças. Repreendi a “Pequena Sereia” como faço normalmente nestas situações, e a criança respondeu à minha repreensão:

Pequena Sereia: “Mas eu não gosto da cor dele.”

Marisa: “Não gostas de quê?”

Pequena Sereia: “Não gosto da cor dele porque ele tem uma pele diferente da minha e a minha mãe não gosta dele.”

(Nota de campo de 4 de Maio de 2015)

Percebi de imediato que aquela ideia partia da mãe da criança e que a mesma não tinha a noção real do quão grave era aquela afirmação. Confesso que por dentro eu estava em pânico, pois não sabia o que fazer, são estas as situações em que o educador não tem um manual e também não pode deixar para resolver mais tarde. Olhei à minha volta e chamei uma criança que estava próxima e tem uma cor de pele bastante clara. Coloquei o braço dessa mesma criança lado a lado com o braço da “Pequena Sereia” (que tem um tom de pelo moreno) e através de uma pequena conversa expliquei-lhe que não somos todos iguais fisicamente, cada um tem as suas próprias características, mas somos todos pessoas, e devemos ser tratados todas da mesma forma e ser amigos. A criança compreendeu e pediu desculpa ao “Bola”. Na realidade ela não teve a noção daquilo que disse, limitou-se a repetir aquilo que a figura de referência, a mãe, lhe tinha dito. Infelizmente, e nisto considero que errei

bastante, de uma forma indireta acabei por dizer à “Pequena Sereia” que a sua mãe estava errada, coisa que apesar de ser a minha opinião, não deveria ter demonstrado, pois não sou ninguém para fazer juízos de valor sobre alguém. No meu futuro como educadora irei lembra-me deste episódio e pensar melhor antes de dizer algo que não seja correto.

Reflexão diária: 5 de maio de 2015

Hoje levei um jogo, construído por mim com base num referencial teórico, de construção das relações numéricas. O jogo foi feito em pequenos grupos, por idades como é habitual e para meu grande espanto as crianças tiveram bastante facilidade em jogar. Apenas algumas das crianças de 3 anos demonstraram algumas dificuldades, como é normal para o seu nível de desenvolvimento. Apesar da facilidade do jogo, considero que as crianças se divertiram e gostaram de jogar. O jogo poderia ter sido adicionado à área dos jogos, no entanto optei por não o fazer, pois é um material de fácil desgaste e iria ficar rapidamente danificado. O jogo foi assim guardado por mim, no entanto as crianças poderão jogar sempre que o solicitarem.

Reflexão diária: 6 de maio de 2015

Hoje levei uma proposta de atividade para as crianças de 5 anos, que consistia em manipular as palavras na frase. Preparei os cartões com imagens e palavras, com o objetivo de os colocar num estendal improvisado na sala. Tinha pensado como ia colocar o estendal e onde. Acontece que no momento da atividade, ao pendurar os cartões no estendal, estes viram-se ao contrário não permitindo ver o seu conteúdo. Este constrangimento não impediu a concretização da atividade, pois com algumas estratégias foi possível colocar os cartões visíveis. No entanto, poderia ter sido evitada esta situação se tivesse testado previamente todo o material, uma vez que esta situação levou a que as crianças tivessem de estar algum tempo à espera, limitando assim o seu tempo de concentração.

Reflexão diária: 8 de maio de 2015

Hoje introduzi “O meu amigo caderno”, que tem como objetivos levar as crianças a refletir acerca dos seus comportamentos e envolver as famílias na promoção de comportamentos de autorregulação. O preenchimento do caderno é de carácter semanal, efetuado à sexta-feira no jardim-de-infância, no qual cada criança

registra os momentos da semana que mais gostou e os que menos gostou e autoavalia e justifica o seu comportamento de toda a semana, recorrendo para isso ao quadro do comportamento existente na sala. Neste dia, o caderno é levado para casa, para que ao domingo, a criança repetia este processo relativamente ao seu fim de semana, em conjuntos com a família. Na segunda-feira, a criança volta a trazer o caderno para o jardim-de-infância e em grupo conversamos acerca do registo efetuado.

Enquanto explicava às crianças o funcionamento do caderno, a “Pequena Sereia” com uma expressão preocupada perguntou “Isso vai para casa?” (nota de campo de 8 de maio de 2015). Pedi-lhe que esperasse até ao final da explicação e ela assim o fez. Durante o preenchimento do caderno, a “Pequena Sereia” foi acompanhada pela educadora cooperante que estava a gerir um pequeno grupo de crianças enquanto eu geria o outro, pelo que não me apercebi da sua atitude durante o preenchimento. Já depois de ter terminado o horário letivo e das crianças estarem já nas AAAF, fui juntamente com a educadora cooperante, por coincidência, à sala onde se encontrava a “Pequena Sereia” e a monitora fez-nos chegar a informação de que a criança tencionava não mostrar o caderno em casa, por ter medo do pai. É importante referir que esta criança tem um comportamento considerado menos bom, pelo que a sua autoavaliação poderá deixar os pais descontentes. Conversei com a criança para que percebesse a importância de mostrar o caderno aos pais e de o preencher com os mesmos. Na próxima semana irei verificar se o caderno foi ou não preenchido e implementar estratégias de acordo com a situação que se verificar. Procurarei também conversar com a criança de modo a compreender melhor as motivações que a levaram a não querer mostrar o caderno aos pais.

Reflexão semanal: 4 a 8 de maio de 2015

Esta semana ocorreu uma situação de racismo na sala de atividades, entre duas crianças de 5 anos. Claramente percebi que a criança em causa não tinha a consciência da gravidade da afirmação que havia feito e que apenas se tinha limitado a repetir o que ouvira da figura de referência, a mãe. Fiquei um pouco assutada com a situação, sem saber o que fazer nem o que dizer. No entanto, penso que consegui resolver a situação de uma forma adequada. De acordo com o Ministério da Educação (1997) a aceitação da diferença, seja ela sexual, social ou étnica, impulsiona a

igualdade de oportunidades, respeitando diferentes maneiras de ser e fomenta o contacto com novos saberes e culturas.

Refletindo um pouco melhor acerca da forma como resolvi a situação, poderia tê-lo feito de maneira diferente. Poderia ter chamado a criança para um local onde fosse possível conversar com ela calmamente e explicar-lhe o quão grave foi a sua atitude. Poderia não ter envolvido outra criança, que nada tinha a ver com a situação e deveria não ter referido qualquer palavra acerca da mãe da criança, pois apesar de desaprovar a atitude desta mãe, não sou ninguém para dizer a esta criança que a mãe está errada.

Numa das atividades desta semana tive um constrangimento ao nível do material, que dificultou a realização da atividade. No entanto, com este constrangimento aprendi que o melhor a fazer é experimentar sempre o material antes, para evitar que este tipo de situações ocorram. A atividade acabou por ser realizada, no entanto não correu tão bem como gostaria, pois o material não estava disposto tal como tinha idealizado e as crianças estavam já cansadas por terem estado algum tempo à espera, enquanto eu tentava colocar os materiais corretamente. De acordo com o Ministério da Educação (1997) o educador deve transformar as situações e oportunidades imprevistas em momentos de aprendizagem. Ou seja, nesta situação, poderia ter solicitado a ajuda das crianças para resolver o problema do material, levando-as assim a refletir e a experimentar, realizando aprendizagens significativas em diversas áreas do saber.

De acordo com o Ministério da Educação (1997) as relações que se estabelecem entre a escola e a família influenciam a educação da criança. É neste sentido que considero de extrema importância o trabalho com as famílias. Uma vez que o JI tem alguns constrangimentos relativamente a este tipo de trabalho, resolvi envolver os pais na vida escolar dos seus filhos, através de “O meu amigo caderno” que introduzi esta semana. Este caderno tem como objetivo levar as crianças a refletir acerca do seu próprio comportamento e envolver as famílias na promoção de comportamentos de autorregulação. Assim, as crianças têm a oportunidade de ser acompanhadas, não só pela equipa educativa da sala, na reflexão semanal que fazem acerca do seu comportamento, mas também pelas famílias, na reflexão acerca do seu comportamento no fim de semana. Esta foi a primeira semana que o caderno foi enviado para casa, pelo que espero ainda obter feedback dos pais no início da próxima semana. Infelizmente, uma das crianças diz que não vai mostrar o caderno

aos pais, talvez por medo ou vergonha, não sei, mas irei esperar para ver se a criança preenche ou não o caderno no fim de semana.

Referências

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Reflexão diária: 11 de maio de 2015

Para a minha reflexão de hoje recordo um episódio da passada sexta-feira, em que a “Pequena Sereia” dizia que não iria mostrar “O meu amigo caderno” aos pais. Ao contrário do que esperava, esta criança trouxe o caderno preenchido, significando que os mostrou aos pais, e classificou o seu comportamento com a cor amarela, justificando o porquê desta avaliação. Apesar das reticências a criança refletiu acerca do seu comportamento durante o fim de semana e registou-o no caderno. Fiquei feliz com esta surpresa, pois considero que a “Pequena Sereia” foi capaz de refletir sobre a sua atitude na passada sexta-feira e corrigir o seu erro, mostrando o caderno aos pais e preenchendo-o com os mesmos.

Outro aspeto acerca do qual pretendo refletir aconteceu hoje durante o momento da avaliação. Quando perguntei ao “Ovelha” qual a cor que iria ter hoje, ele respondeu “verde”, no entanto, várias crianças se manifestaram referindo algumas situações que aconteceram com esta criança ao longo do dia. Ao questioná-lo sobre a veracidade das mesmas ele negou e como não tinha forma de provar se as declarações das outras crianças eram ou não verdadeiras, as quais considerei de pouca gravidade, acabei por lhe atribuir a cor “verde”, como forma de o motivar a manter este comportamento. Quando já estava a questionar outra criança, o “Ovelha” levantou-se muito rapidamente para olhar para o quadro da avaliação e ao mesmo tempo perguntou “Hey! Eu tive amarelo porquê?” (nota de campo de 11 de maio de 2015). Acalmei-o dizendo-lhe que tinha tido verde e ele voltou a sentar-se. Pude então perceber a importância de ter a cor verde na avaliação, uma vez que a esta criança raramente é atribuída esta cor.

Reflexão diária: 12 de maio de 2015

Hoje realizamos algumas atividades do projeto “Aventura da Paisagem”, que decorreram no espaço exterior. As crianças demonstraram-se motivadas nas atividades, no entanto, da parte da tarde, a atividade foi acompanhada por uma professora, da Escola Superior de Educação de Lisboa, que veio observar o projeto, uma pessoa desconhecida para o grupo, o que levou a que as crianças estivessem mais agitadas nesta atividade, tendo existido a necessidade de as chamar à atenção diversas vezes. Penso que a minha atitude foi correta, no entanto, considero que poderia ter utilizado uma estratégia lúdica para contrariar a agitação do grupo.

Reflexão diária: 13 de maio de 2015

Hoje fomos até à horta existente na escola, responsabilidade das AAAF, para plantar as plantas resultantes das sementes colocadas nos três germinadores, tal como o grupo de crianças decidiu que queria fazer. Antes de sairmos da sala, questionei o grupo acerca dos materiais que iríamos precisar para plantar as mesmas na horta. De imediato obtive a resposta “água” podendo assim perceber que as crianças compreenderam a importância da água para o crescimento das plantas. Já na horta, escolhemos os locais onde iríamos planta cada uma das diferentes sementes, tendo em conta aquelas que já lá estavam plantadas. Optei por chamar algumas crianças para me ajudarem a fazer um buraco, a colocar a planta no mesmo e a regar. No entanto, não foi possível chamar todas as crianças, uma vez que não existiam tarefas suficientes para todas. A tristeza de algumas foi evidente, por terem ficado apenas a observar. Esta situação leva-me a refletir acerca do que devo fazer nestes casos. Será que procedi da forma mais correta, permitindo a participação de algumas crianças, tanto quanto possível, ou será que no caso de não poderem participar todas, não devo chamar nenhuma?

Reflexão diária: 14 de maio de 2015

Hoje fomos visitar o museu do teatro, no qual conhecemos alguns figurinos e objetos cénicos, utilizados em grandes peças de teatro. Ao longo da visita, o guia ia contando histórias acerca dos objetos, com uma entoação e expressividade cativante não só para as crianças mas também para nós adultos, levando assim a que as crianças se mantivessem interessadas desde o início ao fim da visita. De facto,

quanto mais expressivos somos, quanto mais amor e diversão colocamos naquilo que fazemos, mais conseguimos cativar as crianças e torná-las felizes. A visita culminou com uma peça de teatro de fantoches, com um cenário fantásticos, fantoches lindíssimos e atores excelentes. As crianças adoraram.

Reflexão semanal: 11 a 14 de maio de 2015

Esta semana trabalhei essencialmente com o grupo de crianças do projeto “Aventura da paisagem”, sendo que o restante grupo foi orientado pela educadora cooperante, que me ajudou bastante na gestão desta situação. Esta semana recebemos a visita de uma professora da Escola Superior de Educação de Lisboa que veio observar uma das atividades do projeto. As crianças não conheciam esta professora e apesar de ter feito as devidas apresentações, as crianças estiveram bastante agitadas durante a atividade, tendo sido necessário chamá-las à atenção diversas vezes. Tive a oportunidade de refletir acerca desta situação e parece-me que a presença de um elemento estranho ao grupo perturba o funcionamento do mesmo, pois as crianças estão interessadas naquilo que é novo, que lhes é desconhecido e aproveitam também para testar alguns limites. Percebi assim que é necessário manter uma postura calma e interagir com o grupo utilizando estratégias para o manter focado na atividade.

Uma das atividades em grande grupo desta semana foi a plantação das plantas dos germinadores na horta da escola. Durante a plantação solicitei a ajuda de algumas crianças e as restantes ficaram apenas a observar. No final, foi visível a tristeza de algumas delas por não terem participado. Coloquei então a mim mesma a questão “o que devo fazer nestas situações? Será que quando não podem participar todas o melhor é não participar nenhuma?”. Refleti sobre o assunto e considero que, apesar de algumas crianças terem ficado tristes, não era possível a participação de todas. Por outro lado, parece-me pouco significativo que tivesse sido apenas eu a plantar as plantas, pelo que considero ter tomado a iniciativa correta ao solicitar a participação de algumas crianças. Penso que todas as crianças devem participar nas atividades ao longo do dia, por isso, o educador deve alternar a escolha das crianças, tendo em conta a diferentes possibilidades de participação.

Reflexão diária: 18 de maio de 2015

Hoje introduzi o quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos, que tem como objetivo que cada criança avalie aquilo que já é capaz de fazer, relativamente às atitudes esperadas. A autoavaliação realizada deverá ser alterada quando as crianças atingirem os comportamentos que ainda não são capazes de fazer. No quadro, podemos ler atitudes como “sou capaz de estar sentado corretamente”, “sou capaz de arrumar os materiais quando os utilizo”. Dada a dimensão do mesmo, a autoavaliação não poderá ser realizada de uma só vez, por isso, iremos avaliar cada item, em momentos do dia que se considerem adequados para o efeito, ao longo da semana. Hoje iniciámos a avaliação de alguns itens, sendo que no início, as crianças demonstraram algumas dificuldades em perceber o funcionamento do quadro, confundindo-o com o quadro do comportamento já existente na sala. No entanto, considero que ao longo da semana, as crianças vão apropriar-se do funcionamento do quadro e ser capazes de autoavaliar sem dificuldades aquilo que já são capazes de fazer. Este quadro tem como intuito, ajudar as crianças autorregular o seu comportamento, dando-lhe uma maior consciência daquilo que já são ou não capazes de fazer. Penso que esta será uma boa estratégia para promover comportamentos de autorregulação.

Reflexão diária: 19 de maio de 2015

Hoje venho refletir acerca das dificuldades que tenho sentido na gestão das rotinas e das atividades, desde que iniciámos o projeto “Aventura da Paisagem”. Tal como já referi numas das minhas reflexões anteriores, o tempo letivo é bastante curto e a instituição tem horários pouco flexíveis, causando assim alguns constrangimentos aquando da realização de atividades. O projeto está a decorrer apenas com 12 crianças, pois as restantes não mostraram interesse em participar. Apesar de ter o apoio incondicional da educadora cooperante para a gestão do grupo, tenho sentido alguma dificuldade em planear e preparar as atividades do projeto e em paralelo, propor atividades para as restantes crianças. É como se tivesse dois grupos de crianças. Como o tempo letivo é tão curto, nem sempre é possível realizar as atividades propostas, e outras vezes é a educadora cooperante quem as realiza, uma que estou envolvida no projeto e a trabalhar com as crianças do projeto. Para mim a metodologia de trabalho de projeto é extraordinária, na medida em que a criança é o

centro da sua aprendizagem, pois a questão parte do seu interesse e é ela quem procura encontrar as respostas. No entanto, para o contexto em questão, neste caso a instituição com os seus horários e também para a forma como estas crianças estão habituadas a trabalhar, torna-se complicado desenvolver esta metodologia apenas com um pequeno grupo, uma vez existem mais crianças na sala e que não estão envolvidas no projeto, que também têm as suas necessidades e que necessitam de desenvolver igualmente competências. Penso que seria mais fácil de tivesse o grupo todo envolvido no projeto, no entanto, as crianças têm o direito a escolher aquilo que querem fazer.

Reflexão diária: 20 de maio de 2015

Hoje ocorreu uma situação que me deixou um pouco preocupada. No recreio da manhã, como é habitual, as crianças levaram os seus brinquedos para o exterior. O “Zebra” trouxe um brinquedo bastante engraçado e um pequeno grupo de crianças ficou interessado no mesmo, não saindo de perto do “Zebra”. A “Pequena Sereia” fazia parte desse pequeno grupo de crianças e inicialmente estavam todos a brincar em conjunto, sem qualquer problema. Quando reparei, o brinquedo estava já na posse do grupo de crianças e a “Pequena Sereia” estava a empurrar o “Zebra” contra a parede, fazendo força nos seus braços para que não conseguisse sair daquele lugar. O objetivo dela era mantê-lo imobilizado enquanto as outras crianças brincavam com um brinquedo que lhes tinha dito ser seu, mas não o era. A “Pequena Sereia” tem por hábito dizer que os brinquedos das outras crianças são seus. Ao ver esta situação, com o “Zebra” já a chorar e a “Pequena Sereia” a dizer-lhe algo que não me foi possível ouvir, decidi intervir. Acalmei o “Zebra”, disse à “Pequena Sereia” que lhe pedisse desculpa e pedi-lhe que fosse brincar. Solicitei à “Pequena Sereia” que se sentasse junto à porta da sala, fê-lo mas contrariada e até chorou. Quando regressamos à sala, as restantes crianças estiveram em atividades livres, podendo escolher área para onde queriam ir brincar. A “Pequena Sereia” como forma de sanção pelo que tinha feito, não pôde escolher uma área, ficando sentada numa mesa a desenhar. Já durante o período da tarde, a “Pequena Sereia” veio ter comigo e disse: “Toma, fiz isto para ti. Desculpa.” (nota de campo de 20 de maio de 2015), dando-me uma folha com um desenho. Esta foi a forma que a criança encontrou e desculpar-se comigo pelo que tinha feito ao “Zebra”. O que importa retirar é que de

facto a criança refletiu acerca do seu comportamento e percebeu que o que fez não foi correto.

Reflexão diária: 21 de maio de 2015

Tal como temos vindo a fazer durante esta semana, as crianças autoavaliaram as suas atitudes e comportamentos relativamente a mais alguns itens do quadro. Importa referir que inicialmente as crianças demonstraram alguma dificuldade em compreender o funcionamento do mesmo, no entanto, e é isso que me leva a refletir hoje, pude depreender que já percebem o funcionamento e o significado do quadro, pois quando estamos a avaliar um item, cada criança é capaz de identificar a cor que atribui a si próprio, sem qualquer hesitação.

No âmbito do projeto “Aventura da Paisagem”, realizamos hoje uma atividade de exploração de letras que se iniciou com a procura do significado da palavra “paisagem” no dicionário e posteriormente de outras palavras relacionada com a mesma. Depois, escrevemos a palavra “paisagem” na placa de íman, com as letras e a partir desta, escrevemos também aquelas que encontrámos no dicionário. Foi difícil para as crianças compreenderem que não era necessário desconstruir toda a palavra “paisagem” para escrever as outras, podendo manter “paisa”. Para explicar esta questão às crianças, optei por questioná-las letra a letra, quais as letras que eram iguais. Considero que esta estratégia resultou e que as foram capazes de identificar as letras que se mantêm. Para esta atividade tenho a salientar um aspeto menos positivo, o facto de a atividade ser direcionada para as crianças mais velhas (5 anos), tendo assim como consequência a pouca participação das crianças de 3 e 4 anos que ficaram apenas a observar. Poderia ter encontrado uma estratégia para envolver estas crianças, como por exemplo, pedir-lhes que identificassem as letras, ou dar-lhe a possibilidade de escolherem uma atividade livre na sala para realizar.

Reflexão diária: 22 de maio de 2015

Tal como vem sendo habitual à sexta-feira, realizámos o preenchimento de “O meu amigo caderno”. Na semana anterior o mesmo não foi realizado na sexta-feira, por eu ter faltado, o registo foi feito na segunda-feira seguinte, na sala de atividades, não tendo ido o caderno para casa nessa semana. Apesar de todas estas variações, através do registo de hoje, pude perceber que as crianças já se apropriaram do caderno, sendo capazes de efetuar o seu registo quase de forma autónoma, na sua

grande maioria. É de salientar que há crianças que continuam a não trazer os cadernos, não podendo desta forma efetuar o registo.

Reflexão semanal: 18 a 22 de maio de 2015

Esta semana introduzi o quadro de autoavaliação de atitudes, para que cada criança possa avaliar aquilo que já é capaz de fazer, tomando assim consciência dos aspetos que necessitam de ser melhorados. Inicialmente as crianças não compreenderam muito bem o funcionamento do quadro, confundindo-o um pouco com o quadro de autoavaliação existente na sala. No entanto, ao longo da semana as crianças foram-se apropriando deste instrumento e à medida que íamos avaliando os diversos itens, pude perceber que já compreendiam o funcionamento do quadro. De acordo com Ministério da Educação (1997) a avaliação realizada com as crianças, para além de servir de suporte de avaliação, é ainda um momento educativo que permite ao educador analisar, através da reflexão acerca das suas observações, as aprendizagens a desenvolver com cada uma das crianças, constituindo assim uma base de planeamento.

Esta semana trabalhei maioritariamente com as crianças do projeto “Aventura da paisagem”, uma vez que as semanas estão a passar e já falta apenas uma para o final a PPS, foi necessário um investimento maior de tempo nas atividades do projeto, para que fosse concluído atempadamente. O projeto está a ser desenvolvido com um grupo de 12 crianças que mostraram interesse em desenvolver a questão de partida. A par disso, existem outras 10 crianças que fazem igualmente parte do grupo e que decidiram não se envolver no projeto. Ora enquanto educadora estagiária cabe-me a mim assegurar todo o grupo de crianças e não apenas aquelas que estão envolvidas no projeto. No entanto, dado a concentração do projeto, uma vez que o tempo para o desenvolver já não é muito, não têm existido muitas oportunidades de realizar atividades com as restantes 10 crianças. A educadora cooperante assegurou a gestão deste pequeno grupo enquanto eu desenvolvia atividades no âmbito do projeto. Considero que foi uma mais-valia ter o seu apoio na gestão desta situação, no entanto, ao longo da minha prática não terei uma educadora na sala para gerir o grupo de crianças em parceria. De acordo com Ministério da Educação (1997) a organização do ambiente educativo deve ser facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, dizendo também respeito à gestão de recursos humanos que implica a

análise de meios para melhorar as funções educativas. Esta situação poderia ter sido diferente, se o projeto tivesse emergido mais cedo, com mais tempo para o desenvolver, permitindo assim manter de igual forma a minha prática de sala e disponibilizar um dia por semana para as atividades do projeto.

Ainda esta semana, no momento de recreio ocorreu uma situação de abuso de poder por parte de uma criança de 5 anos sobre outra de 3 anos, em que a primeira manteve a segunda imóvel junto a uma parede, enquanto outras crianças brincavam com um brinquedo que era seu. Ao aperceber-me da situação não intervim logo, tendo ficado cerca de dois minutos a observar de longe para tentar perceber o que se estava a passar. Fiquei bastante preocupada com a situação e reprendi a criança mais velha, tendo-lhe dito que se fosse sentar como é prática neste JI. Para a criança mais nova, penso que a situação lhe ficou um pouco indiferente depois de ter sido resolvida, no entanto, este tipo de manifestações de poder parecem-me um pouco assustadoras nestas idades. No final do dia, a criança mais velha veio dar-me um desenho e pedir-me desculpa. Considero que este ato é um reflexo de que a criança refletiu acerca do seu comportamento, tentando assim autorregular-se.

Referências

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Reflexão diária: 25 de maio de 2015

Hoje iniciámos as filmagens para o vídeo do projeto que será apresentado na divulgação. Foi um pouco difícil realizar os vídeos, uma vez que as crianças se esqueciam do que tinham a dizer, ou falavam demasiado baixo para se ouvir. Foi também difícil gerir o grupo do projeto durante estes momentos, uma vez que se tratava de uma atividade fora do habitual e as crianças estavam entusiasmadas com a mesma, estando assim um pouco agitadas. Um aspeto positivo a realçar é o facto de ter efetuado algumas filmagens na sala de atividades, durante o tempo letivo em que todo o grupo de crianças se encontrava dentro da sala e permaneceu em silêncio, permitindo assim a gravação dos vídeos. É de salientar o apoio da educadora cooperante na gestão do grupo de crianças, tornando assim possível o trabalho com um pequeno grupo.

Reflexão diária: 26 de maio de 2015

Hoje o dia passou com uma grande rapidez. O facto de ser a última semana de prática profissional supervisionada e de ainda haver muitas coisas para fazer, inclusive ao nível do projeto “Aventura da Paisagem”, faz com que cada momento do dia seja aproveitado. Hoje realizámos a conclusão do projeto, em que tive a oportunidade de questionar as crianças acerca da sua opinião acerca do mesmo e das aprendizagens efetuadas. O balanço foi positivo e pude perceber que de facto o projeto foi importante para o grupo de crianças, pois aprenderam sobre as paisagens, experimentaram novos meios de expressão e desenvolveram uma atitude de questionamento. Apesar das dificuldades sentidas, penso que o projeto foi bem concretizado. É de salientar que dada a sua natureza, seria possível desenvolver muitas mais atividades, no entanto, visto que estamos já no final da PPS, não foi possível fazê-lo.

Reflexão diária: 27 de maio de 2015

Nem todas as crianças trazem “O meu amigo caderno” à segunda-feira, por isso vão trazendo ao longo da semana. Hoje o “Tartaruga Ninja” trouxe o caderno com a capa riscada e disse “a minha irmã riscou” (nota de campo de 27 de maio de 2015). Ao verificar se a criança tinha efetuado o registo do fim de semana deparo-me com o caderno totalmente preenchido, nas folhas que correspondem ao preenchimento do fim de semana, ou seja, a criança já preencheu todos os fins de semana até ao final de maio, inclusive aquele que ainda está para vir. Consultando os meus registos que esta criança não tinha preenchido o caderno nos fins de semana anteriores, o que significa que preencheu todos os registos num só momento. Que importância dão os pais desta criança ao caderno? Que credibilidade têm os registos efetuados? Será que esta iniciativa de envolvimento parental terá alguns resultados? Em alguns casos penso que sim, pois tenho recebido caderno preenchidos tal como se espera e que de facto mostram que os pais acompanharam os seus filhos no preenchimento. Por outro lado, deparo-me com famílias pouco interessadas e penso “o que poderei eu fazer?”. A lição que retiro desta situação é que nem todas as famílias estão disponíveis para se envolverem nas aprendizagens escolares dos seus filhos. É preciso respeitar, pois não sabemos quais os fatores que estão inerentes a esta falta de envolvimento. Ainda assim, nesta situação, sinto que a família não respeitou as aprendizagens da criança e o trabalho da educadora estagiária.

Reflexão diária: 28 de maio de 2015

Hoje efetuámos a divulgação do projeto, através do vídeo realizado com o grupo, que ilustra todo o processo desenvolvido ao longo do projeto. A primeira divulgação decorreu ao início da manhã e destinou-se às famílias. Não esperava a presença de muitas famílias, uma vez que nem todas as crianças estavam envolvidas no projeto e que ao longo do mesmo, nenhuma família se envolveu. No entanto, tive uma grande surpresa, pois foram cerca de doze os familiares das crianças que assistiram à divulgação, inclusive familiares de crianças que não estavam envolvidas no projeto. Foi gratificante ter os pais a assistir à divulgação, ouvir os seus comentários positivos e ver as crianças a mostrar os seus trabalhos expostos na sala com uma grande satisfação. Posso dizer que neste momento senti que o meu trabalho enquanto educadora estagiária estava a ser valorizado. Aproveitei para trocar algumas palavras com os pais das crianças, questionando-os acerca do projeto e todos foram bastante simpáticos. A divulgação às restantes salas de JI também correu bastante bem e as crianças da turma de articulação de projetos, do 1º ciclo, gostaram tanto que no final da divulgação foram para o espaço exterior desenhar a paisagem. Para mim foi o término do projeto e a certeza de que apesar do pouco tempo e de o tópico dar asas a muitas mais atividades, consegui fazer um bom trabalho, em conjunto com as crianças.

Reflexão diária: 29 de maio de 2015

Hoje foi o último dia da prática profissional supervisionada e decorreu na sua normalidade. Tentei não dar muita ênfase ao facto de ser o último dia em que estaria com as crianças, de modo a não as fazer sentir tanto a minha partida. Tal como é habitual à sexta-feira, realizámos o registo no “O meu amigo caderno”, o último registo a realizar na sala de atividades. Fizemos também um ensaio da dança “Chamarrita”, como vem sendo habitual nas últimas semanas, pois a festa de final de ano letivo está a chegar. As crianças já sabem a coreografia, embora precisem de uma orientação aquando das mudanças de sítio.

Sendo este o último dia de estágio, reflito um pouco acerca dos três meses que passaram. De todos os meus medos, de todas as minhas dúvidas, de todos os momentos em que precisava de tempo para pensar antes de dar uma resposta a uma criança e não tinha esse mesmo tempo. Foram todos estes momentos, juntamente

com uma educadora cooperante que sempre me apoiou, sempre esteve na minha retaguarda para me amparar, e com uma equipa educativa bastante prestável e companheira, que considero que me tornei numa educadora de infância.

Reflexão semanal: 25 a 29 de maio de 2015

Nesta última reflexão semanal da minha PPS escolho refletir acerca do envolvimento parental no jardim-de-infância. De acordo com Ministério da Educação (1997) a educação pré-escolar complementa a ação educativa das famílias, devendo assegurar a articulação entre a escola e as mesmas.

Como tenho vindo a referir, nesta instituição o envolvimento das famílias é bastante limitado, uma vez que estas não entram dentro do estabelecimento, sendo as crianças recebidas à entrada da escola pelas assistentes operacionais. Ao longo da minha prática tentei envolver as famílias através do pedido de pesquisas de informações sobre os Açores e sobre as paisagens e através do registo no “O meu amigo caderno”, tentando assim colmatar alguns dos constrangimentos causados pelas regras desta instituição. Importa referir que as famílias se envolveram maioritariamente no preenchimento de “O meu amigo caderno”, salvo algumas exceções, e surpreendentemente foram muitas as que estiveram presentes na divulgação do projeto “Aventura da paisagem” ao contrário do que esperava, uma vez que não me forneceram qualquer tipo de pesquisa ou informação ao longo do desenvolvimento do mesmo. Ainda assim, considero que poderia ter desenvolvido mais estratégias de trabalho com as famílias, no entanto, a minha falta de experiência fez com que preferir-se dar prioridade ao trabalho com as crianças.

Ao longo destes três meses foram diversas as situações que fizeram com que me testasse a mim própria, levando-me a dar respostas imediatas sem ter tempo para refletir bem sobre elas. Algumas foram acertadas, outras nem tanto. Ainda assim, considero que só a experiência profissional e a reflexão sistemática sobre a ação educativa, me levaram a tornar-me progressivamente melhor.

Referências

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

3.2. Avaliação do ambiente educativo

Para a avaliação do ambiente educativo do contexto onde realizei a minha PPS, utilizei os indicadores apresentados por Carvalho (s/d), que resultam da adaptação de Laevers, F. (ed.) (2005). Sics (Ziko), Well-Being and Involvement in Care - a Process-Oriented Self-Evaluation Instrument for Care Settings, Kind & Gezin and Research Centre for Experiential Education, Leuven University.

Tabela 5: Avaliação do ambiente educativo.

Indicadores		Observado	Não observado	Observações
1. Qualidade da oferta				
Infraestruturas	A organização básica do espaço consiste em quatro ou mais áreas.	X		
	Além da organização básica, existem áreas criadas em função da identificação de interesses e necessidades das crianças.	X		Uma destas áreas foi a área da pintura livre por mim introduzida durante a PPS.
	As áreas estão organizadas de maneira a potenciar o brincar e a exploração das crianças.	X		
	Áreas adjacentes não se perturbam umas às outras.	X		
	O espaço disponível está bem aproveitado.	X		
	A organização do espaço é pensada em função das crianças.	X		
	Os materiais são facilmente acessíveis às crianças.	X		
	A criança tem oportunidade de brincar no exterior, sendo essa oportunidade bem aproveitada, frequentemente.	X		No entanto, o espaço exterior não compõe qualquer equipamento lúdico.
Materiais e atividades	Cada área de brincar contém material suficiente para o número de crianças presentes: a oferta não é demasiado limitada nem excessiva.	X		
	A diversidade dos materiais, e várias combinações possíveis entre si, estimulam	X		

	a criança a brincar.			
	As áreas, o material e a mobília são mantidos em boas condições.	X		
	Diariamente, são oferecidas atividades livres e/ou orientadas.	X		
	O espaço contém materiais que estimulam todas as áreas de desenvolvimento: motricidade, comunicação, conhecimento do espaço, etc.	X		
	Os materiais e atividades disponíveis têm em consideração as várias necessidades, interesses e níveis de desenvolvimento das crianças.	X		
	Existe uma preocupação permanente em introduzir diversidade e criar novos desafios às crianças.		X	
	O potencial desenvolvimental das atividades e materiais em oferta é constantemente refletido.	X		
	As atividades oferecidas baseiam-se nos interesses observados nas crianças.	X		
1. Espaço para a iniciativa – liberdade e participação				
Liberdade de escolha	Durante a maior parte do dia, as crianças podem escolher entre diferentes atividades e materiais. Elas escolhem com que é que brincam, se brincam sós ou com alguém.	X		As crianças têm oportunidade de escolha nos momentos destinados a atividades livres na sala.
	Se o espaço exterior for acessível diretamente, as crianças podem escolher se querem brincar no interior ou no exterior.		X	
Regras e convenções	As regras e limites são funcionais, ou seja, têm como objetivo o bom funcionamento das atividades e têm em conta a tomada de iniciativa.	X		
	As regras e os limites são explicados às crianças, tendo em consideração o seu nível de compreensão.	X		

	Se possível, as regras e limites são estabelecidos em conjunto com as crianças.	X		Procurei negociar sempre com as crianças as decisões da vida do grupo.
Participação	As crianças têm alguma responsabilidade relacionada com ações práticas e de rotina.	X		Introdução do “Chefe” da sala durante a PPS.
	As crianças são envolvidas em várias tomadas de decisão.	X		
2. Estilo do adulto - Empatia				
Intervenção estimulante	O educador tem intervenções estimulantes durante as atividades, enriquecendo o brincar das crianças e criando novas oportunidades de evolução da brincadeira.	X		
	O entusiasmo do educador (expressões faciais, olhar, entoação de voz, etc.) e a maneira como as atividades são oferecidas são apelativos, estimulando a curiosidade e motivando as crianças para continuar a explorar.	X		
	O educador coloca questões ou intervém, estimulando a criança a refletir sobre coisas, a descobrir coisas, a comunicar, etc.	X		
	O educador presta atenção extra a crianças que experienciam dificuldades em iniciar e manter uma atividade.	X		
Sensibilidade	O educador aproveita os momentos de cuidados de rotina para prestar atenção individual às crianças.	X		
	O educador dá feedback positivo a iniciativas das crianças, mostrando interesse, colocando questões, admirando as suas “proezas” ou reforçando positivamente.	X		
	O educador oferece às crianças muito carinho, calor, cuidados atentos e sensíveis.	X		

	As crianças são incentivadas a expressar o que sentem, fazem, pensam e desejam.	X		
	As crianças que não se sentem à vontade ou estão a atravessar alguma etapa difícil são especialmente acompanhadas.	X		
	O educador traduz verbalmente as emoções e sentimentos das crianças.	X		
Autonomia	As crianças podem escolher as atividades de que mais gostam e as suas escolhas são respeitadas.	X		
	As crianças têm espaço para explorar e realizar as atividades à sua maneira.	X		
	O educador dá espaço suficiente à criança para ser independente em vez de fazer tudo por ela. Há momentos em que o educador escolhe conscientemente não intervir.	X		
3. Clima de grupo – sentir-se “em casa”				
Ambiente e relações	Há uma atmosfera serena, relaxante e agradável: as crianças brincam, interagem, cantam, etc.	X		
	O educador faz parte do grupo. Não se mantém ausente.	X		
	As crianças têm uma boa relação com os adultos. Interagem com eles e procuram o seu contacto sem se criar demasiada dependência.	X		
Iniciativas	Há geralmente música ambiente para criar uma atmosfera calma e relaxada ou para cantar e dançar.		X	
	Existe espaço para expor os desenhos das crianças ou outras coisas que tenham realizado.	X		
	As crianças reconhecem elementos do seu lar colocados na sala. A diversidade de culturas está representada.		X	
	O educador explicitamente	X		

	esforça-se por oferecer atividades nas quais as crianças podem experienciar agradáveis momentos em conjunto.			
	Existe preocupação por parte do educador para que se desenvolvam relações positivas entre as crianças.	X		
	Atividades e materiais inerentes à exploração de emoções são oferecidos, aprendendo as crianças a distinguir sentimentos e a falar sobre eles.	X		Através das histórias contadas.
4. Organização - eficácia				
Rotina diária	O planeamento do dia é entendido pela criança pelo recurso à identificação das atividades ou rotinas através de imagens ou símbolos.	X		Introdução do quando de planeamento diário durante a PPS.
	Raramente há momentos “mortos”, durante os quais as crianças se limitam a “esperar”.	X		
	Os sucessivos momentos do dia e a sua duração têm em consideração a idade e necessidades das crianças.	X		
Distribuição de tarefas	Em todos os momentos, um educador/adulto está atento e pronto a intervir, respondendo de imediato, no interesse e salvaguarda do bem-estar da criança.	X		
	Os diferentes adultos reagem bem uns aos outros, repartindo as tarefas de forma eficaz, em função das necessidades do grupo	X		Nem sempre a assistente operacional estava presente criando assim alguns constrangimentos na gestão do grupo de crianças.
	Os adultos procuram trocar experiências entre si e com outros profissionais, nomeadamente em situações de formação.	X		
Formação dos grupos	Na formação de grupos, tem-se em conta as relações (positivas e negativas) entre crianças e entre crianças e	X		

	adultos.			
	No caso de grupos heterogéneos, organizam-se atividades considerando a presença de diferentes níveis de desenvolvimento entre as crianças.		X	O grupo era geralmente organizado por idades.

Como é possível perceber através da análise da tabela 5, o ambiente educativo da sala onde decorreu a minha PPS é significativamente positivo, uma vez que a maioria dos indicadores foram avaliados como observados, tendo sido introduzidas algumas alterações ao longo da prática, já contempladas na avaliação realizada.

3.3. Avaliação do grupo de crianças

Este subcapítulo tem como objetivo avaliar o grupo de crianças de acordo com a observação participante realizada e os registos escritos efetuados. Desta forma, começarei por fazer uma apreciação geral do grupo de crianças, depois apresentarei uma avaliação mais pormenorizada de duas crianças em três momentos distintos, tendo por base a escala que descreve os fatores contextuais que influenciam o bem-estar e a implicação da criança. Por último, será apresentado um portefólio individual realizado com uma das crianças do grupo.

3.3.1. Avaliação geral do grupo

Neste ponto farei apenas uma apreciação geral do grupo de crianças, tocando em pormenor os aspetos que considere mais significativos.

Ao longo da PPS tive oportunidade de desenvolver propostas educativas que tocaram as mais diversas áreas de conteúdo. Pude também desenvolver novas formas de trabalho, trabalho em grande e pequeno grupo, trabalho de projeto. Posso dizer que, daquilo que decorre da minha observação participante e dos registos diários que realizei, notei alguma evolução no grupo de crianças, nomeadamente de algumas crianças especificamente, ao nível das diversas áreas do saber. A faixa etária de que mais evidente foi o desenvolvimento foi a dos 4 anos, uma vez que houve uma grande evolução visível neste grupo.

Tenho a salientar a situação de uma criança, o Oceano, que no início da PPS demonstrou grandes dificuldades de concentração e de aprendizagem. Ao longo da PPS esta criança evoluiu estrondosamente deixando-me bastante orgulhosa. Depois, adoeceu e esteve cerca de três semana sem frequentar o JI, situação que me deixou apreensiva, pois pensei que voltasse a ter dificuldades. Surpreendentemente, esta criança demonstrou não ter qualquer dificuldade, mantendo-se a sua evolução. Importa referir que o Oceano irá ingressar no 1º ciclo em setembro, pelo que esta evolução foi bastante importante para que a transição seja simples.

Ao nível do comportamento não foi muito significativa a evolução do grupo, pois apesar das estratégias por mim implementadas, o comportamento do grupo de crianças não oscilou muito. Apesar de não ter existido grande evolução neste aspeto, saliento algumas atitudes e verbalizações de algumas crianças que demonstraram tentativas de autorregulação.

3.3.2. Grelhas de observação

Atividade: Conversa sobre a alimentação.

Data: 2/03/2015

Crianças / Indicadores		Identifica pelo menos um alimento saudável.	Identifica pelo menos um alimento menos saudável.	Partilha pelo menos um motivo pelo qual é importante ter uma alimentação saudável.
3 Anos	Homem Aranha			
	Super-homem	Sim	Sim	Sim
	Faísca	Sim	Sim	Sim
	Zebra	Sim	Sim	Sim
	Bandolete	Sim	Sim	Sim
	Cavalo	Sim	Sim	Sim
4 Anos	Aranha	Sim	Sim	Sim
	Ovelha	Sim	Sim	Sim
	Margarida	Sim	Sim	Sim
	Flor	Sim	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim	Sim
	Girafa	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga	Sim	Sim	Sim
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Sim
	Bola			
	Praia	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim	Sim	Sim
	Tomate	Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim
	Barbie			
	Martim Manhã	Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº1

Atividade: Construção de uma lista de alimentos saudáveis e alimentos menos saudáveis, recorrendo a recortes de revistas.

Data: 2/03/2015

Crianças / Indicadores		Identifica e seleciona pelo menos dois alimentos saudáveis.	Identifica e seleciona pelo menos dois alimentos menos saudáveis.	Lista os alimentos de acordo com as categorias estabelecidas.	Usa autonomamente a tesoura.
3 Anos	Homem Aranha				
	Super-homem	Algumas vezes	Algumas vezes		
	Faisca	Algumas vezes	Algumas vezes		
	Zebra	Sim	Sim		
	Bandolete	Sim	Sim		
	Cavalo	Sim	Sim		
4 Anos	Aranha	Sim	Sim	Sim	
	Ovelha	Sim	Sim	Algumas vezes	
	Margarida	Sim	Sim	Algumas vezes	
	Flor	Sim	Sim	Sim	
	Relva	Sim	Sim	Sim	
	Girafa	Sim	Sim	Sim	
	Tartaruga	Sim	Sim	Sim	
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Sim	Sim
	Bola				
	Praia	Sim	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim	Sim	Sim	Sim
	Tomate	Sim	Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim	Sim
	Barbie				
	Martim Manhã	Sim	Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº2

Atividade: Jogo de imagens: reconhecimento de legumes e estabelecimento da correspondência com o respetivo nome em suporte escrito.

Data: 3/03/2015

Crianças / Indicadores		Reconhece os legumes apresentados nas imagens.	Identifica pelo menos uma palavra escrita.	Estabelece a correspondência entre a imagem e a palavra escrita.
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Algumas vezes
	Bola			
	Praia	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim	Sim	Algumas vezes
	Tomate	Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim
	Barbie	Sim	Sim	Algumas vezes
	Martim Manhã	Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº3

Atividade: Construção de um diagrama de venn com imagens de legumes. (com que legumes faço sopa e com que legumes faço salada).

Data: 4/03/2015

Crianças / Indicadores		Identifica os legumes que se podem usar na sopa.	Identifica os legumes que se podem usar na salada.	Classifica-os e agrupa-os de acordo com os critérios estabelecidos.
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Algumas vezes
	Oceano	Algumas vezes	Algumas vezes	Não
	Bola			
	Praia	Sim	Sim	Algumas vezes
	Tartaruga Ninja	Algumas vezes	Algumas vezes	Não
	Tomate	Sim	Sim	Algumas vezes
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Algumas vezes
	Barbie	Algumas vezes	Algumas vezes	Não
	Martim Manhã	Sim	Sim	Algumas vezes

Grelha de observação nº4

Atividade: Classificação de alimentos com base na história “A lagartinha muito comilona” e correspondência entre o número de alimentos e o algarismo.

Data: 5/03/2015

Crianças / Indicadores		Distinguir os alimentos saudáveis dos alimentos menos saudáveis, presentes na história.	Classificar os alimentos segundo os critérios estabelecidos.	Contar e agrupar os alimentos saudáveis.	Identificar o algarismo correspondente ao número de alimentos.
3 Anos	Homem Aranha				
	Super-homem				
	Faísca	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes
	Zebra				
	Bandolete	Sim	Sim	Sim	Sim
	Cavalo	Sim	Sim	Sim	Sim
4 Anos	Aranha	Sim	Sim	Sim	Sim
	Ovelha	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes
	Margarida	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes
	Flor	Sim	Sim	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim	Sim	Sim
	Girafa	Sim	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga	Sim	Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº5

Atividade: Jogo de imagens: reconhecimento de frutos e estabelecimento da correspondência com o respectivo nome em suporte escrito.

Data: 6/03/2015

Crianças / Indicadores		Reconhece os frutos apresentados nas imagens.	Identifica pelo menos uma palavra escrita.	Estabelece a correspondência entre a imagem e a palavra escrita.
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Algumas vezes
	Bola			
	Praia	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim	Sim	Algumas vezes
	Tomate	Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim
	Barbie	Sim	Sim	Algumas vezes
	Martim Manhã	Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº6

Atividade: Introdução do responsável da sala, “Chefe”: discussão em grande grupo

Data: 10/03/2015

acerca das funções e deveres do chefe.

Crianças / Indicadores		É capaz de expressar oralmente a sua opinião.	Aceita e cumpre as regras estabelecidas.
3 Anos	Homem Aranha	Não	Algumas vezes
	Super-homem		
	Faísca		
	Zebra	Sim	Sim
	Bandolete		
	Cavalo	Algumas vezes	Sim
4 Anos	Aranha	Algumas vezes	Sim
	Ovelha	Algumas vezes	Sim
	Margarida	Algumas vezes	Sim
	Flor	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim
	Girafa	Algumas vezes	Sim
	Tartaruga	Algumas vezes	Sim
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim
	Bola	Sim	Sim
	Praia	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Algumas vezes	Sim
	Tomate	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim
	Barbie	Algumas vezes	Sim
Martim Manhã	Sim	Sim	

Grelha de observação nº7

Atividade: Treino da discriminação auditiva: identificação de sons.

Data: 10/03/2015

Crianças / Indicadores		Identifica a origem do som escutado.	Elenca uma sequência de sons escutada.
3 Anos	Homem Aranha	Algumas vezes	Não
	Super-homem		
	Faísca		
	Zebra	Sim	Sim
	Bandolete		
	Cavalo	Sim	Sim
4 Anos	Aranha	Sim	Sim
	Ovelha	Sim	Sim
	Margarida	Sim	Sim
	Flor	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim
	Girafa	Sim	Sim
	Tartaruga	Sim	Sim

Grelha de observação nº8

Atividades:**Data:** 11/03/2015**Atividade 1:** O que é um padrão?**Atividade 2:** Construção de um padrão de repetição (individual).

Crianças / Indicadores		Identifica pelo menos um padrão em situações do cotidiano.	Descreve oralmente um padrão observado.	Constrói um padrão de repetição tendo em conta o atributo cor.	Constrói um padrão de repetição, utilizando duas cores.	Constrói um padrão de repetição, utilizando três cores.
3 Anos	Homem Aranha	Não	Não	Não	Não	
	Super-homem					
	Faísca	Não	Algumas vezes	Não	Não	
	Zebra	Algumas vezes	Sim	Não	Não	
	Bandolete					
	Cavalo	Não	Algumas vezes	Não	Não	
4 Anos	Aranha	Algumas vezes	Sim	Sim	Sim	
	Ovelha	Não	Sim	Não	Não	
	Margarida	Não	Sim	Sim	Sim	
	Flor	Algumas vezes	Sim	Sim	Sim	
	Relva	Sim	Sim	Sim	Sim	
	Girafa	Algumas vezes	Sim	Sim	Sim	
	Tartaruga	Algumas vezes	Sim	Não	Não	
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim		Sim
	Oceano	Algumas vezes	Sim	Sim		Sim
	Bola	Sim	Sim	Sim		Sim
	Praia	Sim	Sim	Sim		Sim
	Tartaruga Ninja	Algumas vezes	Sim	Sim		Sim
	Tomate					
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim		Sim
	Barbie	Algumas vezes	Sim	Sim		Sim
Martim Manhã	Sim	Sim	Sim		Sim	

Grelha de observação nº9

Atividade: Pintura, recorte, montagem e colagem de um ovo da páscoa.

Data: 16/03/2015

Crianças / Indicadores		Decora o ovo de forma original utilizando diferentes cores.	Recorta de acordo com as linhas.	Monta e cola o ovo corretamente.
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Algumas vezes
	Bola	Sim	Algumas vezes	Algumas vezes
	Praia	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim	Sim	Sim
	Tomate	Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim
	Barbie	Sim	Sim	Algumas vezes
	Martim Manhã	Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº10

Atividade: Exercício de formação de palavras.

Data: 17/03/2015

Crianças / Indicadores		Reconhece e identifica as letras que compõem cada palavra.	Cola as letras pela ordem correta.
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim
	Oceano	Algumas vezes	Algumas vezes
	Bola	Algumas vezes	Algumas vezes
	Praia	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Algumas vezes	Algumas vezes
	Tomate	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim
	Barbie		
	Martim Manhã	Sim	Sim

Grelha de observação nº11

Data: 18/03/2015

Atividades: Atividade 1: Pintura de uma borboleta de modo a formar um padrão.

Atividade 2: Construção de um padrão de repetição tendo em conta o atributo forma.

Crianças / Indicadores		Constrói um padrão de repetição utilizando duas formas diferentes.	Constrói um padrão de repetição utilizando, pelo menos, duas cores.	Constrói um padrão de repetição utilizando três formas diferentes.
3 Anos	Homem Aranha	Não		
	Super-homem	Não		
	Faísca	Não		
	Zebra	Não		
	Bandolete	Não		
	Cavalo	Não		
4 Anos	Aranha	Sim		
	Ovelha			
	Margarida	Sim		
	Flor	Sim		
	Relva	Sim		
	Girafa	Sim		
	Tartaruga			
5 Anos	Treinador de karaté		Sim	Sim
	Oceano		Sim	Sim
	Bola		Sim	Sim
	Praia		Sim	Sim
	Tartaruga Ninja		Sim	Sim
	Tomate		Sim	Sim
	Pequena Sereia		Sim	Sim
	Barbie		Sim	Sim
	Martim Manhã		Sim	Sim

Grelha de observação nº12

Atividade: Atividades de exploração de ímanes.

Data: 20/03/2015

Crianças / Indicadores		Refere algumas previsões do que poderá acontecer.	Demonstra compreender que nem todos os objetos são atraídos.	Reconhece que apenas os objetos metálicos são atraídos pelo ímã.
3 Anos	Homem Aranha			
	Super-homem			
	Faísca	Não	Algumas vezes	Algumas vezes
	Zebra	Sim	Sim	Sim
	Bandolete	Não	Algumas vezes	Algumas vezes
	Cavalo	Não	Algumas vezes	Algumas vezes
4 Anos	Aranha	Sim	Sim	Sim
	Ovelha	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes
	Margarida	Algumas vezes	Algumas vezes	Algumas vezes
	Flor	Algumas vezes	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim	Sim
	Girafa	Algumas vezes	Sim	Sim
	Tartaruga	Não	Sim	Sim
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Sim
	Bola	Sim	Sim	Sim
	Praia	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Algumas vezes	Sim	Sim
	Tomate	Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim
	Barbie	Não	Sim	Sim
	Martim Manhã	Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº13

Atividade: Atividade de contagem de objetos e estabelecimento de relações numéricas.

Data: 8/04/2015

Crianças / Indicadores		Identifica, através da contagem, o número total de pintas.	Identifica, através da contagem, o número de pintas que colocou em cada asa.	Identifica, sem recorrer a contagem, o número total de pintas.	Identifica, sem recorrer a contagem, o número de pintas que colocou em cada asa.	Regista o número de pintas através de algarismos.
3 Anos	Homem Aranha	Não	Não			
	Super-homem	Não	Não			
	Faísca	Sim	Sim			
	Zebra	Sim	Sim			
	Bandolete	Sim	Sim			
	Cavalo	Sim	Sim			
4 Anos	Aranha	Sim	Sim			
	Ovelha	Sim	Sim			
	Margarida	Sim	Sim			
	Flor	Sim	Sim			
	Relva	Sim	Sim			
	Girafa	Sim	Sim			
	Tartaruga	Sim	Sim			
5 Anos	Treinador de karaté			Sim	Sim	Sim
	Oceano			Sim	Algumas vezes	Algumas vezes
	Bola			Sim	Sim	Algumas vezes
	Praia			Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja			Sim	Algumas vezes	Algumas vezes
	Tomate			Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia					
	Barbie			Sim	Sim	Algumas vezes
	Martim Manhã			Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº14

Atividade: Atividade de desenvolvimento da consciência fonológica: rimar a brincar.

Data: 9/04/2015

Crianças / Indicadores		Identifica pelo menos duas palavras com sons semelhantes.	Identifica mais de duas palavras com sons semelhantes.
3 Anos	Homem Aranha	Não	
	Super-homem	Não	
	Faísca	Não	
	Zebra	Sim	
	Bandolete	Não	
	Cavalo	Não	
4 Anos	Aranha	Sim	
	Ovelha	Sim	
	Margarida	Não	
	Flor	Sim	
	Relva	Sim	
	Girafa	Sim	
	Tartaruga	Não	
5 Anos	Treinador de karaté		Sim
	Oceano		Não
	Bola		Sim
	Praia		Sim
	Tartaruga Ninja		Não
	Tomate		Sim
	Pequena Sereia		
	Barbie		Não
	Martim Manhã		Sim

Grelha de observação nº15

Atividade: Atividade sobre a germinação de sementes.

Data: 10/04/2015

Crianças / Indicadores		Refere algumas previsões do que poderá acontecer.	Reconhece as sementes apresentadas.	Participa na construção dos germinadores, dando ideias.	Participa no registo da evolução das sementes.
3 Anos	Homem Aranha	Não	Sim	Sim	Sim
	Super-homem	Não	Sim	Sim	Sim
	Faísca	Não	Sim	Sim	Sim
	Zebra	Sim	Sim	Sim	Sim
	Bandolete	Não	Sim	Sim	Sim
	Cavalo				
4 Anos	Aranha	Algumas vezes	Sim	Sim	Sim
	Ovelha	Não	Sim	Sim	Sim
	Margarida	Não	Sim	Sim	Sim
	Flor	Não	Sim	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim	Sim	Sim
	Girafa	Não	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga	Sim	Sim	Sim	Sim
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Sim	Sim
	Bola	Algumas vezes	Sim	Sim	Sim
	Praia	Algumas vezes	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Algumas vezes	Sim	Sim	Sim
	Tomate	Sim	Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia				
	Barbie	Algumas vezes	Sim	Sim	Sim
	Martim Manhã				

Grelha de observação nº16

Atividade: Atividade de contagem.

Data: 15/04/2015

Crianças / Indicadores		Conta os objetos de um conjunto.	Regista o número de objetos através do desenho.	Desenha os objetos que faltam num conjunto.	Regista o número de objetos através do algarismo correspondente.
3 Anos	Homem Aranha	Não	Não	Sim	
	Super-homem	Não	Não	Sim	
	Faísca	Sim	Não	Sim	
	Zebra				
	Bandolete	Sim	Sim	Sim	
	Cavalo	Sim	Sim	Sim	
4 Anos	Aranha	Sim	Sim	Sim	
	Ovelha	Sim	Sim	Sim	
	Margarida	Sim	Sim	Sim	
	Flor	Sim	Sim	Sim	
	Relva	Sim	Sim	Sim	
	Girafa	Sim	Sim	Sim	
	Tartaruga				
5 Anos	Treinador de karaté	Sim		Sim	Sim
	Oceano	Sim		Sim	Algumas vezes
	Bola	Sim		Sim	Algumas vezes
	Praia	Sim		Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim		Sim	Algumas vezes
	Tomate	Sim		Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim		Sim	Sim
	Barbie				
	Martim Manhã				

Grelha de observação nº17

Atividade: Atividade de consciência fonológica: segmentação silábica

Data: 16/04/2015

Crianças / Indicadores		Identifica o número de sílabas de, pelo menos, uma palavra.	Experimenta segmentar silabicamente uma palavra à sua escolha.
3 Anos	Homem Aranha	Não	Sim
	Super-homem		
	Faísca	Não	Sim
	Zebra		
	Bandolete	Sim	Sim
	Cavalo	Sim	Sim
4 Anos	Aranha	Sim	Sim
	Ovelha	Sim	Sim
	Margarida	Sim	Sim
	Flor	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim
	Girafa	Sim	Sim
	Tartaruga		
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim
	Bola	Sim	Sim
	Praia	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim	Sim
	Tomate	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim
	Barbie		
	Martim Manhã		

Grelha de observação nº18

Atividade: O papel absorve água ou não?

Data: 17/04/2015

Crianças / Indicadores		Refere algumas previsões do que poderá acontecer.	Reconhece e identifica os diferentes tipos de papel.	Identifica o tipo de papel que absorve a água.
3 Anos	Homem Aranha	Não	Sim	Sim
	Super-homem	Algumas vezes	Sim	Sim
	Faísca	Não	Sim	Sim
	Zebra			Sim
	Bandolete	Não	Sim	Sim
	Cavalo	Não	Sim	Sim
4 Anos	Aranha	Sim	Sim	Sim
	Ovelha	Algumas vezes	Sim	Sim
	Margarida	Algumas vezes	Sim	Sim
	Flor	Algumas vezes	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim	Sim
	Girafa	Algumas vezes	Sim	Sim
	Tartaruga			
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Sim
	Bola	Sim	Sim	Sim
	Praia	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Algumas vezes	Sim	Sim
	Tomate	Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim
	Barbie			
	Martim Manhã			

Grelha de observação nº19

Atividade: Visionamento de imagens das ilhas dos Açores, no computador.

Data: 20/04/2015

Crianças / Indicadores		Identifica, pelo menos, uma das características observadas nas imagens.	Reconhece o nome de, pelo menos, duas ilhas.
3 Anos	Homem Aranha	Algumas vezes	Sim
	Super-homem	Algumas vezes	Sim
	Faísca	Algumas vezes	Sim
	Zebra		Sim
	Bandolete	Sim	Sim
	Cavalo	Sim	Sim
4 Anos	Aranha	Sim	Sim
	Ovelha	Sim	Sim
	Margarida	Sim	Sim
	Flor	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim
	Girafa	Sim	Sim
	Tartaruga	Sim	Sim
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim
	Bola	Sim	Sim
	Praia	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim	Sim
	Tomate	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim
	Barbie	Sim	Sim
	Martim Manhã	Sim	Sim

Grelha de observação nº20

Atividade: Conversa acerca do comportamento do grupo: o que está a correr mal? Como podemos melhorar?

Data: 24/04/2015

Crianças / Indicadores		Identifica, pelo menos, uma das características do comportamento do grupo.	Sugere uma mudança com vista a melhorar o comportamento do grupo.
3 Anos	Homem Aranha	Não	Não
	Super-homem	Não	Não
	Faísca		
	Zebra		
	Bandolete	Não	Não
	Cavalo	Não	Não
4 Anos	Aranha	Sim	Não
	Ovelha	Não	Não
	Margarida	Não	Não
	Flor	Sim	Não
	Relva	Sim	Não
	Girafa		
	Tartaruga	Não	Não
5 Anos	Treinador de karaté	Não	Não
	Oceano	Sim	Não
	Bola	Sim	Não
	Praia	Não	Não
	Tartaruga Ninja	Não	Não
	Tomate	Não	Não
	Pequena Sereia		
	Barbie	Não	Não
	Martim Manhã	Sim	Sim

Grelha de observação nº21

Atividade: Atividade de capacidades de visualização espacial e análise das representações.

Data: 28/04/2015

Crianças / Indicadores		Representa todas as peças do bloco.	Representa corretamente as cores das peças.	Representa as peças pela ordem correta.
4 Anos	Aranha	Sim	Sim	Sim
	Ovelha	Sim	Sim	Não
	Margarida	Sim	Sim	Não
	Flor	Sim	Sim	Não
	Relva	Sim	Sim	Sim
	Girafa	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga	Sim	Sim	Não
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Algumas vezes
	Oceano	Sim	Sim	Algumas vezes
	Bola	Sim	Sim	Algumas vezes
	Praia	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim	Sim	Algumas vezes
	Tomate	Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim
	Barbie	Sim	Sim	Algumas vezes
	Martim Manhã	Sim	Sim	Algumas vezes

Grelha de observação nº22

Atividade: Atividade experimental: “Mais, menos ou a mesma água”.

Data: 30/04/2015

Crianças / Indicadores		Refere algumas previsões.	Conta o número de copos de água quem tem cada recipiente.	Compara as conclusões com as previsões.
3 Anos	Homem Aranha	Algumas vezes	Sim	Sim
	Super-homem	Sim	Sim	Sim
	Faísca	Algumas vezes	Sim	Sim
	Zebra	Sim	Sim	Sim
	Bandolete	Algumas vezes	Sim	Sim
	Cavalo	Algumas vezes	Sim	Sim
4 Anos	Aranha	Sim	Sim	Sim
	Ovelha	Algumas vezes	Sim	Sim
	Margarida	Algumas vezes	Sim	Sim
	Flor	Sim	Sim	Sim
	Relva	Sim	Sim	Sim
	Girafa	Algumas vezes	Sim	Sim
	Tartaruga	Algumas vezes	Sim	Sim
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Sim
	Bola	Sim	Sim	Sim
	Praia	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Algumas vezes	Sim	Sim
	Tomate	Algumas vezes	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim
	Barbie			
	Martim Manhã	Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº23

Atividade: Associação de cada semente à planta respetiva.

Data: 4/05/2015

Crianças / Indicadores		Reconhece uma semente.	Reconhece uma planta.	Estabelece a correspondência entre a semente e planta, recorrendo aos germinadores da sala.
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Sim	Algumas vezes
	Bola	Sim	Sim	Algumas vezes
	Praia	Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja	Sim	Sim	Algumas vezes
	Tomate			
	Pequena Sereia	Sim	Sim	Sim
	Barbie			
	Martim Manhã	Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº24

Atividade: Jogo de construção de relações numéricas.

Data: 5/05/2015

Crianças / Indicadores		Identifica o número de pintas do dado, recorrendo a contagem.	Identifica a cor no dado.	Encontra o cartão que corresponde à cor e ao número de pintas atribuído.	Identifica o número de pintas do dado, sem recorrer a contagem.
3 Anos	Homem Aranha	Sim	Sim	Sim	
	Super-homem	Sim	Sim	Sim	
	Faísca	Sim	Sim	Sim	
	Zebra	Sim	Sim	Sim	
	Bandolete	Sim	Sim	Sim	
	Cavalo	Sim	Sim	Sim	
4 Anos	Aranha	Sim	Sim	Sim	
	Ovelha	Sim	Sim	Sim	
	Margarida	Sim	Sim	Sim	
	Flor	Sim	Sim	Sim	
	Relva	Sim	Sim	Sim	

	Girafa	Sim	Sim	Sim	
	Tartaruga	Sim	Sim	Sim	
5 Anos	Treinador de karaté		Sim	Sim	Sim
	Oceano		Sim	Sim	Sim
	Bola		Sim	Sim	Algumas vezes
	Praia		Sim	Sim	Sim
	Tartaruga Ninja		Sim	Sim	Algumas vezes
	Tomate		Sim	Sim	Sim
	Pequena Sereia		Sim	Sim	Sim
	Barbie				
	Martim Manhã		Sim	Sim	Sim

Grelha de observação nº25

Atividade: Atividade de manipulação de palavras na periferia da frase.

Data: 6/05/2015

Crianças / Indicadores		Representa a frase recorrendo ao desenho e a palavras escritas.	Elenca palavras para colocar na periferia da frase.
5 Anos	Treinador de karaté	Sim	Sim
	Oceano	Sim	Algumas vezes
	Bola	Sim	Não
	Praia	Sim	Algumas vezes
	Tartaruga Ninja	Sim	Algumas vezes
	Tomate	Sim	Sim
	Pequena Sereia	Sim	Sim
	Barbie	Sim	Não
	Martim Manhã	Sim	Sim

Grelha de observação nº26

3.3.5. Portefólio do Ovelha

Neste subtópico irei apresentar o portefólio desenvolvido com uma das crianças, o Ovelha. A escolha desta criança parte da observação realizada e do conhecimento prévio do grupo, que me levou a considerar que esta criança estava um pouco a baixo do nível de desenvolvimento previsto para a sua idade, parecendo-me também que tinha falta de autoestima. Foi então por isso que decidi realizar com ele o portefólio, com o objetivo de o ajudar a sentir-se competente e a melhorar as suas capacidades.

Procurei envolver a família na realização do portefólio enviando um registo para casa para elaborar em conjunto. Infelizmente esse registo nunca foi desenvolvido.

Fazendo um balanço geral acerca do portefólio, penso que a realização do mesmo não foi muito significativa para a criança. Como podemos verificar, mais abaixo neste documento, as suas justificações para a escolha de um trabalho eram sempre idênticas, não podendo considerar-se uma justificação. Também demonstrou alguma dificuldade em verbalizar o que tinha aprendido com cada trabalho e muitas das vezes acabou mesmo por não verbalizar.

Apesar de tudo, considero que ao longo da PPS, o Ovelha se foi tornando um pouco mais expressivo, em diversos momentos que fazem parte do dia-a-dia do grupo. Ainda assim, considero que é uma criança triste, com falta de autoestima e motivação, que só precisa de uma atenção especial e um trabalho individualizado sistemático, que não me foi possível desenvolver.



Autorização

No âmbito do estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação de Lisboa irei desenvolver um portefólio individual com uma das crianças da sala Azul. Este portefólio trata-se de um instrumento de avaliação construído em conjunto com a criança, através de um acompanhamento individualizado.

Tenho vindo a observar o grupo de crianças desde o início do estágio e identifiquei no **Ovelha** potencialidades e capacidades de aprendizagem, que têm evoluído bastante, no entanto, ainda podem ser mais evidenciadas. De acordo também com as conversas com a educadora acerca da criança, pude depreender que a colocação anterior da mesma lhe deu poucos estímulos de aprendizagem (informações fornecidas pelos pais à educadora) sendo este o motivo pelo qual a criança se encontra ainda num nível um pouco abaixo relativamente às crianças da sua faixa etária.

Neste sentido, considero que seria proveitoso para o **Ovelha** a possibilidade de construir comigo um portefólio individual, no qual pedirei também a participação da família, tendo desta forma um acompanhamento da minha parte mais individualizado, permitindo um estímulo adicional face às restantes crianças. No final do estágio o portefólio será entregue à família.

Conto com a vossa colaboração.

A Estagiária

Marisa Alves

Eu, _____ encarregado de educação de **Ovelha** autorizo / não autorizo (riscar o que não interessa) a estagiária Marisa Alves a desenvolver um portefólio individual com o meu educando.

A. G. _____
(o encarregado de educação)

Autorização para a realização do portefólio com o Ovelha.

Este Sou Eu



Este portefólio pertence a:

Ovelha

Tenho 5 Anos

Sou



Comentários: Este foi o primeiro trabalho desenvolvido com o Ovelha, para o portefólio. Desenhou-se a si próprio, escreveu o seu nome e a sua idade. Apesar de já ter completado os 5 anos, ainda não irá para o 1º ciclo no próximo ano letivo, ficando ainda mais um ano no jardim-de-infância.

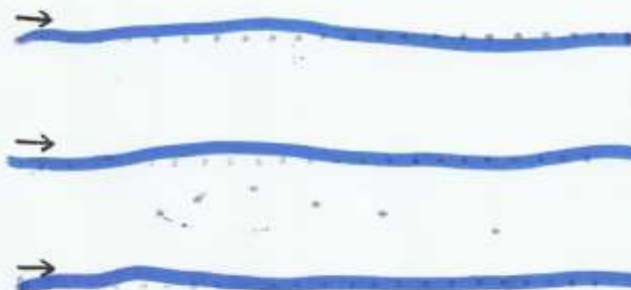
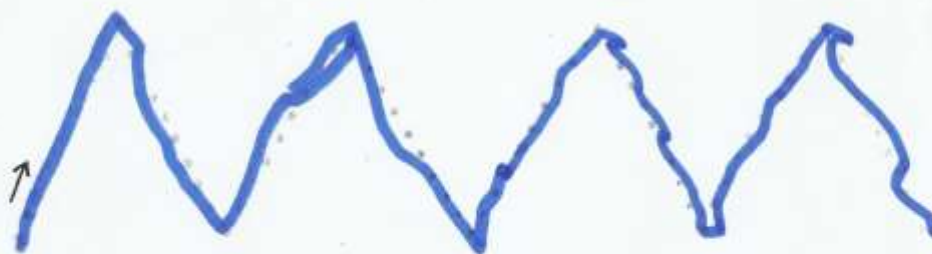
LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA





escrever

Já quase sabes escrever sozinho. Pega no teu lápis e passa-o sobre as linhas ponteadas, começando nas setas.



No acto de passar o lápis sobre as linhas ponteadas, o seu filho afina a sua destreza, aprendendo igualmente o sentido do movimento da escrita.

Comentários do Ovelha

"Este trabalho é giro, fiz há pouco tempo. foi fácil porque quis fazer."

"Apareci a fazer alguma coisa e diverti-me a fazê-lo."



Comentários de Ovelha

"Eu gostei de fazer este trabalho porque é muito lindo."

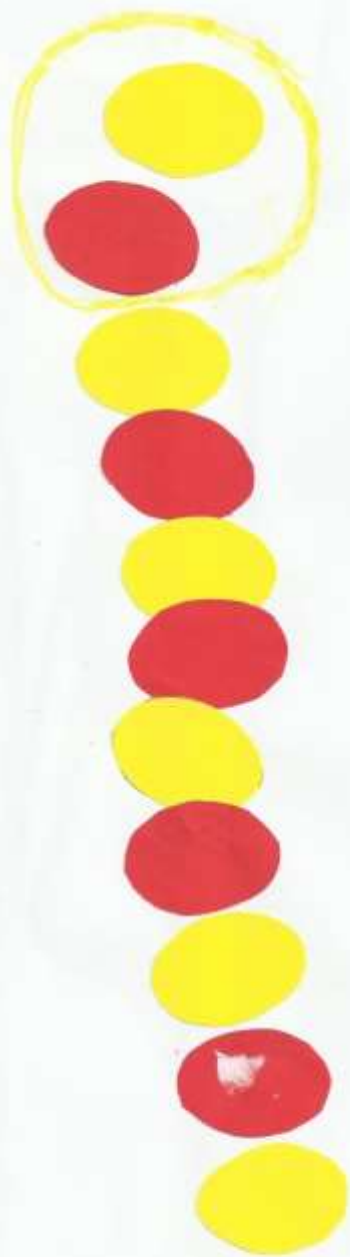
"Aquela professora usou um copo para fazer isto. Nós pintamos o sol por dentro e fizemos os riscos aqui."

MATEMÁTICA



PADRÃO DE CORES

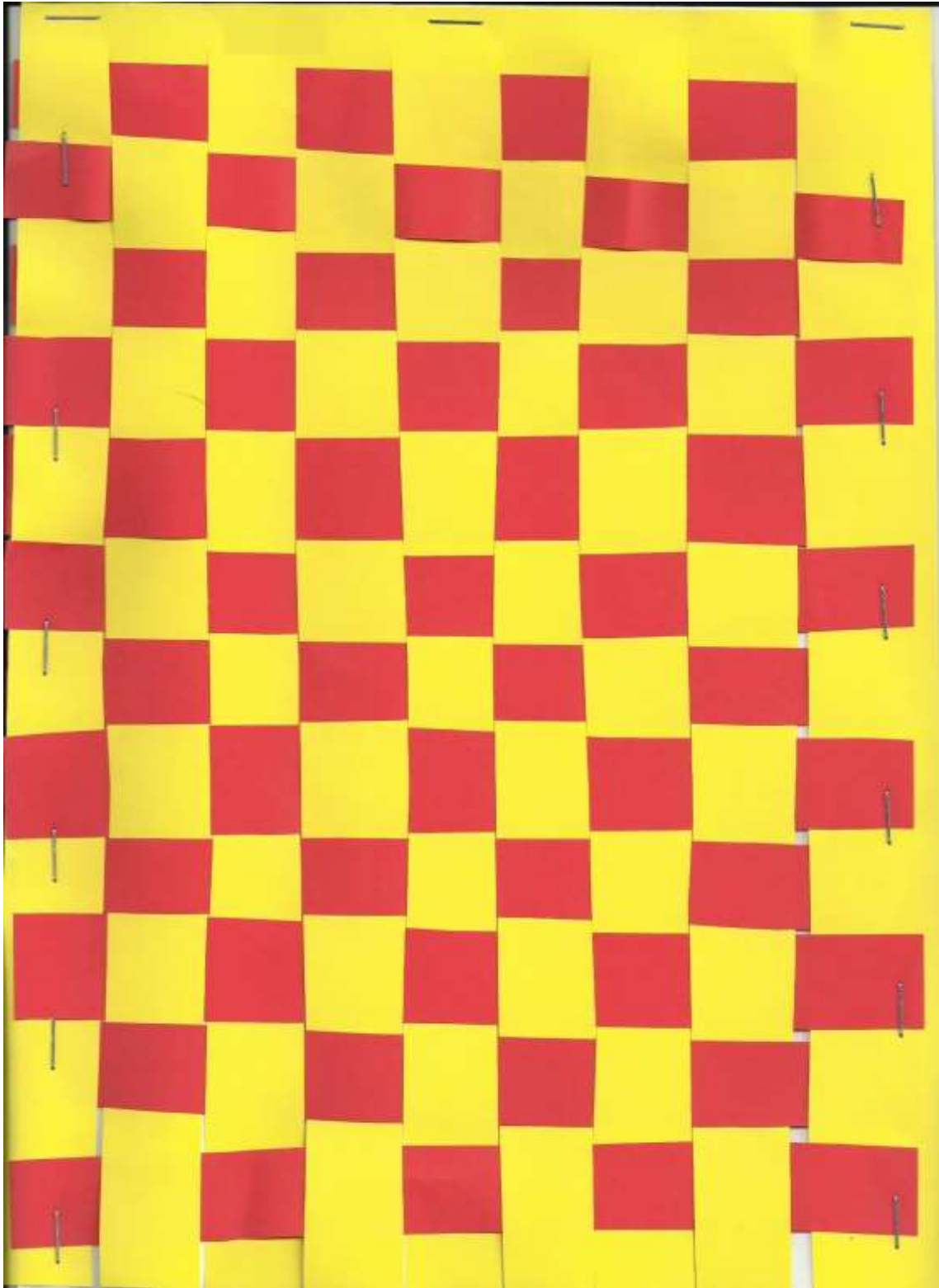
23/03/2015



Comentários do Óvelha

"Eu gostei de fazer este trabalho porque foi giro."

Comentário: Quando questionado acerca do que aprendeu com a realização deste trabalho, não é capaz de identificar, mesmo depois de o questionar se não teria aprendido a fazer padrões. Afirma que sim mas não é capaz de construir uma frase e verbaliza-la.



Comentários do Ovelha

Maeisa: "Porque escolheste este trabalho?"

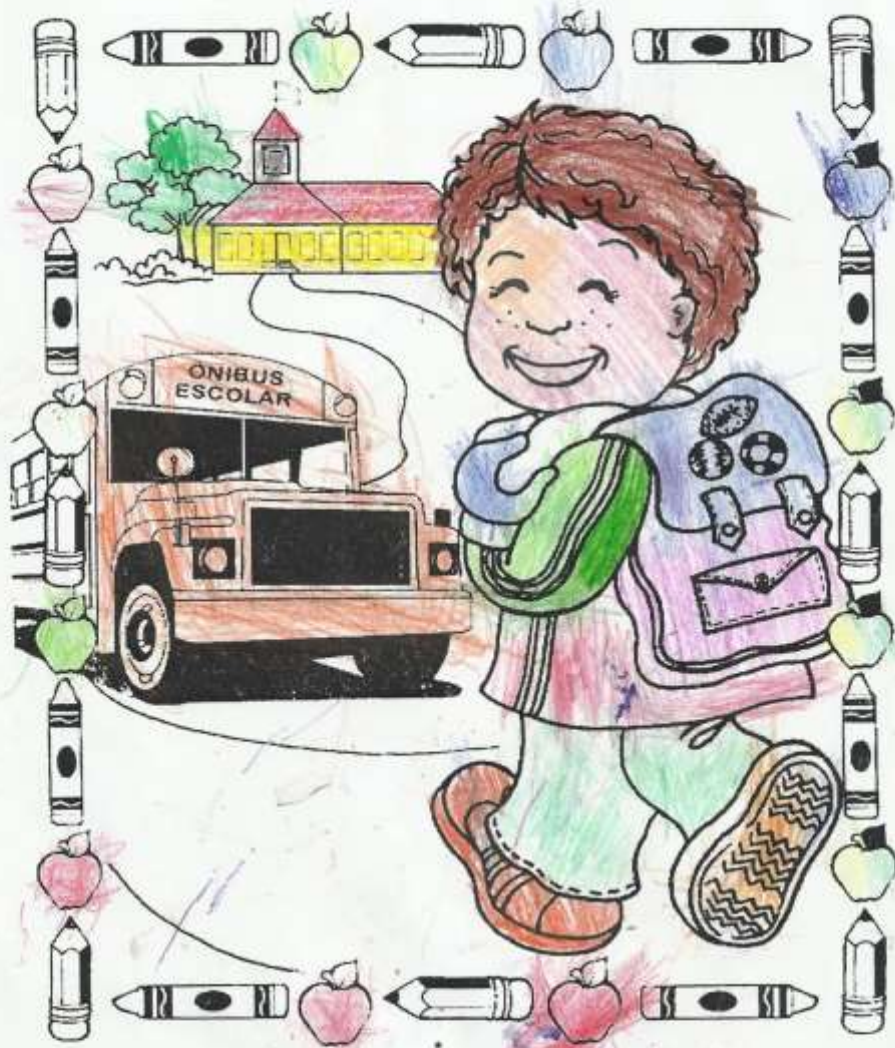
Ovelha → "Porque foi giro fazê-lo. Gostei de fazer os padrões."

Comentário: Quando questionado acerca do que aprendeu com a realização deste trabalho não é capaz de pronunciar uma única palavra, ficando estático a olhar para mim.

CONHECIMENTO DO MUNDO



Vamos pra escola



Nome: _____

Comentários do Óvelha

Maria: "Escolheste este trabalho porque?"

Óvelha "Porque eu gostei de fazê-lo."

Maria: "O que aprendeste com este trabalho?"

Óvelha "Gostei de pintar."

Os Três Reis Magos



Comentários do Ovelha

Marisa: "Este trabalho foi de quê? lembaste?"

Ovelha "Dos três reis, não vês os três reis aqui?"

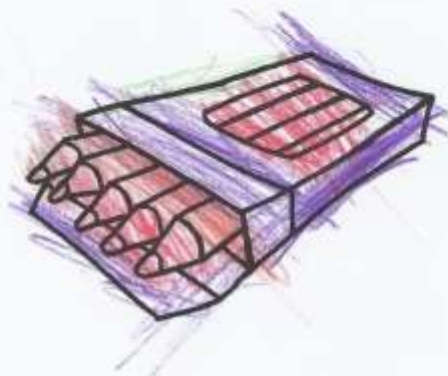
Marisa: "Escolheste este trabalho porque?"

Ovelha "Porque é giro! É dos três reis."

Marisa: "O que é que aprendeste com este trabalho?"

Ovelha "Que é giro fazê-lo e é giro aprender."

EXPRESSION PLÁSTICA



20 bermundo d, vial
C/W Recabi



Comentários do Óvelha,

Óvelha: "Escolhi este trabalho porque eu gostei de fazer."

Marisa: "O que é que recebeste no Natal?"

Óvelha "Uma guitarra. Ela tem uns botões aqui de lado que fazem música e também tem outros botões aqui em cima para tocar outras músicas diferentes."



Comentários do Ovelha

Morisa: "Escolheste este trabalho porquê?"

Ovelha "Porque gostei de fazê-lo."

Morisa: "Como é que fizeste este trabalho?"

Ovelha "Com cotonetes e depois pegamos nos cotonetes e fizemos estas pintas."

Morisa: "O que aprendeste?"

Ovelha "Gostei de fazê-lo."

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei a minha PPS em jardim-de-infância sendo bastante bem recebida pela educadora cooperante que me acolheu na sua sala de atividades. É uma pessoa com um espírito bastante jovem e aventureiro e tratou-me desde logo bastante bem. Na realidade, colocou-me totalmente à-vontade para participar nas dinâmicas e rotinas da sala, permitindo-me gerir os momentos sempre que me sentisse à-vontade para tal. O quero dizer com isto é que desde o início do estágio que me deu total liberdade para gerir o grupo de crianças, colocando-me assim um desafio, deixando-me testar os meus limites e os limites do grupo e vice-versa. Contudo, estive sempre na minha retaguarda, pronta para remar o barco quando algo corresse menos bem. Penso que não foi preciso remar muitas vezes, pois apesar das dificuldades de gestão iniciais, por ser um grupo bastante conflituoso, considero que estive à altura do desafio.

Ainda está presente na minha memória o primeiro dia, em que a educadora me informou do seu método de formação, o Método João de Deus, que nada tem a ver com as pedagogias ativas que aprendemos ao longo da licenciatura e do mestrado na Escola Superior de Educação de Lisboa. Rapidamente me disse também que não praticava grande parte das coisas, como a cartilha maternal, o que me deixou mais tranquila. É para mim importante salientar que, apesar de ter o seu método de formação, muito próprio, com ideais bastante definidos e que se observam nas suas características enquanto educadora, é uma pessoa aberta a novas ideias, que me deixou experimentar tudo, nunca me negando uma proposta de atividade mesmo que tivesse tudo para correr mal. Foi também importante ter o seu feedback diário, positivo ou crítico construtivamente, pois assim pude realizar aprendizagens significativas com alguém que tem mais anos de experiência do que eu de vida, e refletir acerca da minha intervenção.

Considero que a minha intervenção teve um impacto positivo para o grupo de crianças, pois fazendo uma retrospectiva dos três meses que passei com o grupo, penso que desenvolvi um bom trabalho, um trabalho diversificado e significativo, pois procurei tocar as diversas áreas do saber, em especial as ciências, que era uma das áreas pouco desenvolvidas com este grupo. Penso que foi interessante para as crianças realizar experiências todas as semanas, pois para além de ser algo sobre o mundo, do qual eles têm bastante curiosidade, era também um tipo de atividade diferente, que se desenvolvia na maioria das vezes em grande grupo, onde trocávamos ideias, estudávamos hipóteses e descobríamos o resultado. O desenvolvimento do projeto foi também um dos aspetos positivos da minha intervenção, uma vez que as crianças não estavam habituadas a

trabalhar segundo esta metodologia. Em primeiro lugar foi para mim um desafio e em segundo lugar foi uma novidade para as crianças, que adoraram descobrir coisas sobre as paisagens.

Relativamente ao comportamento do grupo, esperava que a minha intervenção obtivesse um impacto mais significativo, dado o conjunto de estratégias que implementei. Ainda assim, considero que através dos instrumentos e estratégias implementadas, consegui promover alguns comportamentos de autorregulação. No entanto, considero que este tipo de trabalho necessita de tempo para ser desenvolvido e o tempo da PPS não é suficiente, pois as crianças têm o seu ritmo e as suas características de desenvolvimento são também muito importantes.

Esta foi a última prática pedagógica antes de me tornar educadora de infância. Ao longo destes três meses em JI pude construir a minha identidade profissional, descobrir que educadora quero ser. Pude então perceber que o importante para mim é que a criança esteja no centro da aprendizagem, que tudo seja escolhido e decidido por ela, funcionando o educador como um mediador que trabalha em parceria com a criança. A reflexão sistemática sobre a ação é também um aspeto que considero indispensável para a minha prática futura, pois ao longo da PPS foram inúmeras as vezes que refleti sobre a minha ação, as minhas opções metodológicas e tudo o que está inerente à prática pedagógica. Só através da reflexão podemos melhorar a nossa prática e também perceber como podemos ajudar as crianças a aprender e a resolver os seus problemas.

Concluo este portefólio deixando uma nota de agradecimento, em primeiro lugar à pessoa maravilhosa com quem partilhei a sala de atividades durante três meses, a educadora cooperante, que no fundo me tratou como uma filha. Às assistentes operacionais que tanto trabalho tiveram a preparar materiais para as atividades que propus. À minha supervisora institucional por, apesar do excesso de trabalho, estar sempre disponível para os seus alunos. E como não pode deixar de ser, às minhas colegas de mestrado, Cláudia Ferreira e Patrícia Lima, que me acompanharam ao longo do estágio, desenvolvendo uma relação de amizade e um trabalho em parceria. Apesar das dificuldades sentidas ao longo de todo o mestrado, sinto que estou apenas a um passo de me tornar Educadora de Infância. O esforço valeu a pena.

5. REFERÊNCIAS

- Brazelton, T. B. & D. Sparrow, J. (2010). *A Criança dos 3 aos 6 anos* (S. S. Santos, Trad.) (5ªed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. (6.ª ed.) Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Laevers, F. (ed.) (2005). *Sics (Ziko), Well-Being and Involvement in Care - a Process-Oriented Self-Evaluation Instrument for Care Settings*, Kind & Gezin and Research Centre for Experiential Education, Leuven University.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME.
- Santana, I., (2000). Práticas Pedagógicas diferenciadas. *Escola Moderna*, nº8 5ªSerie, 30-33.
- Veiga, F., Fernandes, A. (2012). *Perceções dos educadores de infância acerca dos comportamentos de autorregulação das crianças* (Dissertação de mestrado/doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.

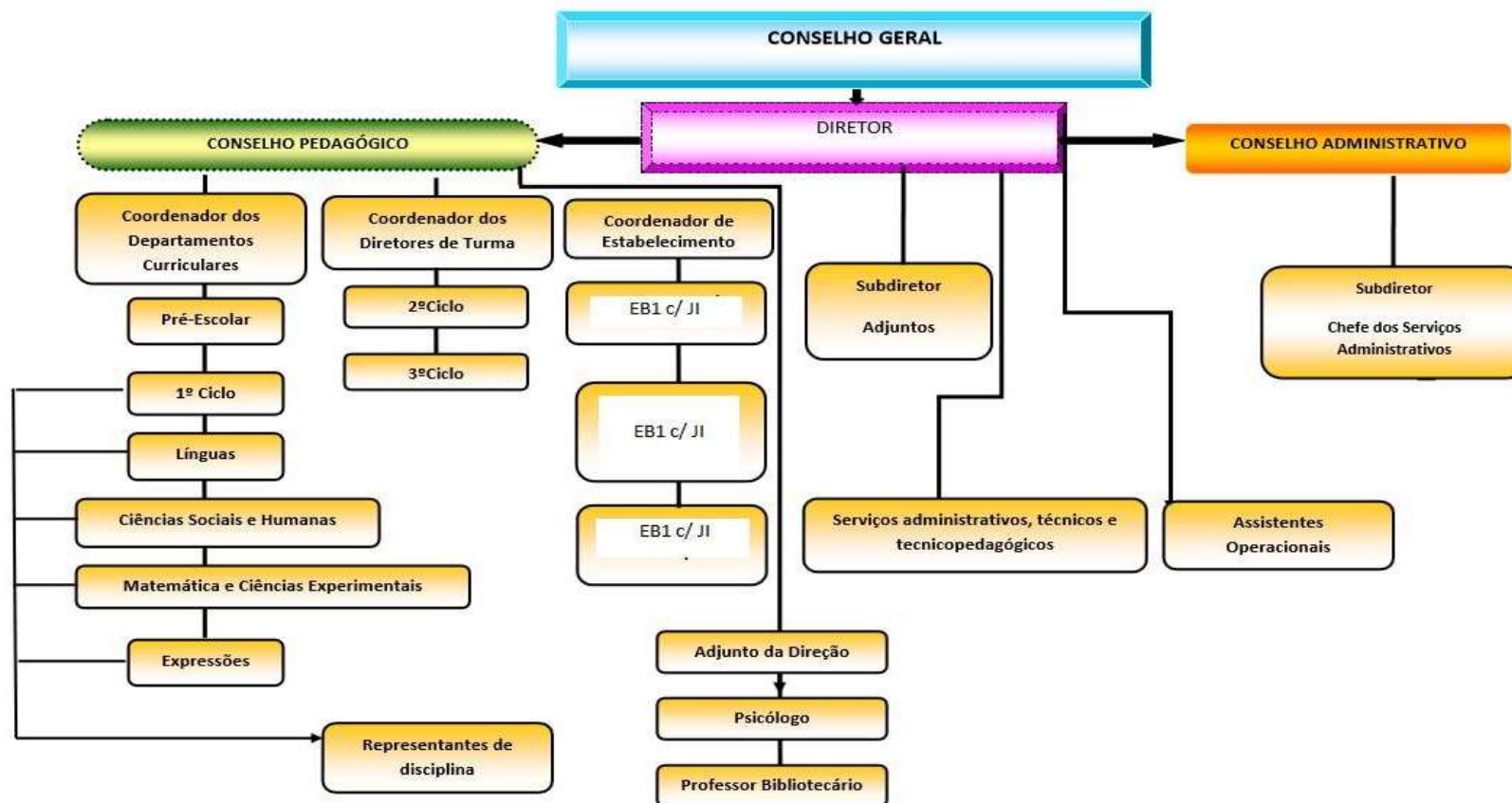
Documentos consultados

Projeto educativo do agrupamento

Plano de trabalho de turma

ANEXOS

Anexo A – Organograma do agrupamento



Anexo B – Registos fotográficos



Figura 1 - Lista de alimentos saudáveis e menos saudáveis.



Figura 2 - Lista de alimentos saudáveis e menos saudáveis.

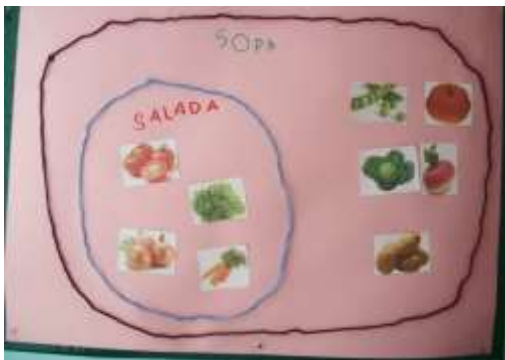


Figura 3 - Diagrama de venn com imagens de legumes.



Figura 4 - Classificação de alimentos e correspondência entre o número de alimentos e o algarismo.



Figura 5 - O que é um padrão?



Figura 6 – Atividade de exploração de imanes.



Figura 7 - Contagem de objetos e estabelecimento de relações numéricas.



Figura 8 – Construção de germinadores.



Figura 9 - O papel absorve água ou não?



Figura 10 - "Mais, menos ou a mesma água".

Anexo C – Relatório do projeto



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

PROJETO: AVENTURA DA PAISAGEM

UC Projetos Curriculares Integrados

**Sob orientação das Professoras
Filomena Covas, Otilia Sousa e Sandra Fernandes**

**MARISA ISABEL DE JESUS ALVES
MAIO 2015**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	231
1. CARACTERIZAÇÃO PARA A AÇÃO PEDAGÓGICA.....	232
2. FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO DE PROJETO REALIZADO	232
3. APRESENTAÇÃO DO PROJETO: AVENTURA DA PAISAGEM.....	234
Fase 1 – Definição do problema e planeamento.....	234
Fase 2 – Desenvolvimento e execução	236
Fase 3 – Divulgação e avaliação	238
CONSIDERAÇÕES FINAIS	241
REFERÊNCIAS.....	242
ANEXOS	243
Anexo A – Caracterização reflexiva do contexto socioeducativo	244
Anexo B – Teia.....	250
Anexo C – Atividade: Como pensamos que é uma paisagem	251
Anexo D – Atividade: A paisagem que podemos ver do jardim-de-infância	251
Anexo E – Atividade: Elementos que compõem uma paisagem	251
Anexo F – Atividade: Continuação de uma paisagem.....	252
Anexo G – Atividade: Experimentação da técnica de pontilhismo.....	252
Anexo H – Atividade: Reprodução de obra de George Seraut.....	253
Anexo I – Atividade: Escrita de palavras.....	253
Anexo J – Convite para a divulgação do projeto.....	254
Anexo K – Grelha de avaliação	255

INTRODUÇÃO

“(…) Realizar projectos com as crianças é proporcionar-lhes uma valiosa ajuda ao seu desenvolvimento. Com o apoio atento do educador as crianças tornam-se competentes (…)”. (Vasconcelos, 2012, p. 15). Trabalhar segundo a metodologia de trabalho de projeto, torna as crianças mais despertas para o mundo e ajuda-as a desenvolver diversas competências.

A situação desencadeadora que deu origem ao projeto “Aventura da paisagem”, ao qual se refere este relatório, surge da curiosidade de uma criança, que num momento em grande grupo, enquanto visualizámos imagens das ilhas dos Açores, no âmbito do tema da festa de final de ano da instituição, questionou “o que é uma paisagem?”. Esta questão desponta do facto de durante a atividade eu ter pronunciado esta palavra, diversas vezes, da qual a criança não conhecia qual o verdadeiro significado. Pareceu-me então interessante colocar a questão de imediato ao restante grupo e surgiram algumas ideias interessantes, no entanto, nenhuma totalmente conclusiva.

Defini então quais as principais intenções do projeto:

- Valorizar os interesses das crianças;
- Promover o desenvolvimento da capacidade de se questionar acerca do mundo.
- Potenciar a cooperação e o trabalho em grupo.

Face às intenções definidas, tomei em consideração alguns princípios pedagógicos que considero essenciais no decorrer do projeto, como o respeito pelo outro e pela individualidade de cada um, para que cada criança se sinta bem e faça os outros sentir-se bem, sem conflitos de género. A partilha e o espírito de grupo, na medida em as crianças devem partilhar os objetos, opiniões e saberes, dentro do próprio grupo, tendo em conta que todos têm os mesmos direitos e opiniões válidas. No íntimo do grupo, é também importante o princípio da entreaajuda, na medida em que todos devem ser capazes de ajudar o outro. O princípio da autonomia é também muito importante, na medida em que a criança deve ser autónoma na exploração do espaço e dos materiais, e no controlo de si próprio, sempre que possível.

No que concerne à metodologia e procedimentos éticos utilizados, ao longo de todo o projeto, foram respeitadas as opiniões, motivações e disponibilidade de cada uma das crianças. Para além disso, primei pelo anonimato em todos os registos escritos e fotográficos, codificando todos os nomes, optando por não colocar as caras das crianças no vídeo da divulgação e devolvendo posteriormente toda a informação às famílias.

1. CARACTERIZAÇÃO PARA A AÇÃO PEDAGÓGICA⁷

O grupo de crianças com o qual realizei a minha prática profissional supervisionada (PPS) é constituído por 22 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. É um grupo pouco curioso e demonstra alguns problemas ao nível do comportamento, uma vez que é bastante irrequieto, e a maioria das crianças apresenta claras dificuldades em saber estar em grupo. O grupo não está habituado a trabalhar segundo a metodologia de trabalho de projeto, não estando por isso acostumado a colocar questões.

Na construção do projeto foram tidas em conta as potencialidades, fragilidades e interesses do grupo de crianças, identificadas através da minha observação participante. O projeto surge assim do interesse de uma criança que me perguntou “o que é uma paisagem?”. Considerei de imediato a questão com relevante interesse para a realização de um projeto, em primeiro lugar porque parte do interesse de uma criança do grupo, em segundo lugar, porque considero que a valorização dos seus interesses, questões e opiniões se reflete na motivação das crianças para aprender, e dado que o grupo demonstra problemas ao nível do comportamento considerei uma boa oportunidade para trabalhar também este aspeto. Por último, porque daquilo que pude apreender da minha observação e nomeadamente das conversas que temos acerca do fim de semana, este grupo de crianças demonstra ter um reduzido acesso à cultura e à arte, pelo que este tópico me pareceu bastante interessante e importante para desenvolver com este grupo de crianças, partindo assim das suas potencialidades, o interesse pelo espaço exterior e o gosto pelo desenho e pelo lúdico.

O projeto foi desenvolvido apenas com um grupo de 12 crianças que demonstrou interesse em desenvolver o tópico em questão.

2. FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO DE PROJETO REALIZADO

Vasconcelos (2012) define o trabalho de projeto como “(...) uma abordagem pedagógica centrada em problemas (...)” (p.10) que se potencia em grupo, envolvendo todos os intervenientes no processo, que se traduz em trabalho de pesquisa, planificação e intervenção, com o objetivo de responder a uma questão ou problema. Segundo o mesmo autor, esta metodologia promove o desenvolvimento intelectual não só das crianças mas também dos adultos envolvidos, permite articular diversas áreas do saber através de uma perspetiva globalizante e oferece às crianças a oportunidade de conversar sobre assuntos

⁷ Caraterização mais pormenorizada em anexo (cf. anexo A)

que lhes interessam. Tendo em conta a perspetiva apresentada, a metodologia de trabalho de projeto parece-me a mais adequada para abordar o t3pico em quest3o, uma vez que se trata de um interesse das crian7as e que permite palpar diversas 3reas do saber, ampliando assim o conhecimento transmitido.

Tal como referido anteriormente, o projeto surge do interesse de uma crian7a que queria saber “o que 3 uma paisagem”. Desta forma, de modo a responder a esta curiosidade, e tomando em considera73o as potencialidades e fragilidades do grupo de crian7as, foram definidos objetivos que orientam o trabalho ao longo do projeto.

Quadro 1 - Objetivos do projeto

Objetivos gerais do projeto (na 3tica do educador)	Objetivos a atingir pelas crian7as	Indicadores de avalia73o
Promover o acesso 3 cultura e 3 arte	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer diferentes formas de express3o art3stica. • Identificar uma paisagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhece uma fotografia. • Reconhece uma pintura. • Reconhece e descreve uma paisagem seja qual for o seu suporte.
Fomentar a capacidade da representa73o do real	<ul style="list-style-type: none"> • Observar, descrever e representar uma paisagem. 	<ul style="list-style-type: none"> • Descreve a paisagem que est3 a observar. • Representa paisagens atrav3s do desenho.
Potenciar o contacto com diferentes meios de express3o	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer diferentes meios de express3o. • Experimentar diferentes materiais e meios de express3o 	<ul style="list-style-type: none"> • Distingue uma fotografia de uma obra pintada. • Experimenta diferentes materiais de pintura.

Fonte: Elabora73o pr3pria

Katz & Chard (1997) referem que “os projetos assemelham-se 3 estrutura de uma boa hist3ria, com princ3pio, meio e fim” (p.101). Os mesmos autores defendem que a metodologia de trabalho de projeto se divide em tr3s fases: a primeira fase, Planeamento e in3cio, em que o educador apoia as crian7as na constru73o de uma perspetiva acerca do assunto a tratar, tra7ando em conjunto uma linha orientadora a seguir ao longo da

investigação; a segunda fase, Desenvolvimento dos projetos, em que o grande objetivo é que as crianças adquiram novas informações e conhecimentos sobre o assunto que estão a tratar, e também que desenvolvam competências ao nível das diversas áreas do saber. Para isso, cabe ao educador proporcionar às crianças experiências que as levem a responder às grandes questões do projeto; e por último, a terceira fase, Reflexões e conclusões, na qual se pretende que as crianças reflitam acerca das aprendizagens realizadas ao longo do projeto, e avaliem todo o processo. Desta forma, tomei como referência a perspectiva destes autores, e é com base na mesma que irei descrever todo o processo inerente ao projeto “Aventura da Paisagem”, que realizei durante a minha PPS.

3. APRESENTAÇÃO DO PROJETO: AVENTURA DA PAISAGEM

Katz & Chard (1997) referem três fases na metodologia de trabalho de projeto. Tomando como referência esta perspetiva, passarei agora a apresentar, de forma faseada, a descrição do projeto realizado com as crianças, começando pela definição do problema e planeamento (fase 1), seguindo-se o desenvolvimento e execução do projeto (fase 2) e terminado com a divulgação e avaliação (fase 3).

Fase 1 – Definição do problema e planeamento

Na primeira fase da metodologia de trabalho de projeto, pretende-se que as crianças “(...) relatem acontecimentos da sua própria experiência sobre o tópico.” (Katz & Chard, 1997, p.209), de modo a perceber quais as suas ideias iniciais e quais as questões às quais se pretende dar resposta, resultando assim na definição do problema, que culminará no planeamento do trabalho a desenvolver ao longo do projeto.

Como já foi mencionado, o projeto “Aventura da Paisagem” surge da questão “o que é uma paisagem?” colocada pelo bola.⁸ Dado este interesse decidi questionar de imediato a todas as crianças presentes, se alguma delas sabia responder a esta questão. Surgiram logo algumas ideias que contribuíram para a chuva de ideias posteriormente construída, já com as doze crianças que mostraram interesse em participar no projeto.

Foi então realizada a chuva de ideias partindo do conhecimento prévio das crianças acerca do tópico e dos seus interesses e curiosidades face ao mesmo (Quadro 2).

⁸ Nome fictício.

Quadro 2 – Chuva de ideias realizada com as crianças

O que sabemos	
“A paisagem é uma vista.”	Tomate (5 anos)
“As paisagens são bonitas.”	Flor (4 anos)
“É uma coisa que vemos de muito longe”	Treinador de Karatê (5 anos)
“As paisagens são amarelas, vermelhas, azuis, às cores.”	
O que queremos saber	
<ul style="list-style-type: none">• O que é uma paisagem?• As paisagens têm nomes? Quais são?• Uma fotografia é uma paisagem?• Um quadro é uma paisagem?• As paisagens têm água?	

Fonte: Elaboração própria

Após o levantamento das ideias iniciais e das questões às quais pretendiam responder, foi realizado o planejamento do trabalho a desenvolver, através da identificação das fontes de recolha de informação e do levantamento das atividades que gostariam de desenvolver no âmbito do projeto (Quadro 3).

Quadro 3 – Planejamento realizado com as crianças

Onde vamos procurar?
<ul style="list-style-type: none">• No computador da sala.• No computador de casa.• Na biblioteca (com o pai e/ou a mãe).• Perguntar às pessoas que sabem o que é uma paisagem.
O que vamos fazer?
<ul style="list-style-type: none">• Desenhar paisagens.• Desenhar o que as paisagens têm.

Fonte: Elaboração própria

Tendo como referência a chuva de ideias e o planejamento realizados com as crianças foi elaborada por mim uma teia com o objetivo de estabelecer uma ligação entre as ideias das crianças e objetivos do projeto. (cf. anexo B)

Relativamente às famílias, infelizmente não recebi da parte de nenhuma delas, qualquer informação ou pesquisa acerca do tópico a tratar.

Fase 2 – Desenvolvimento e execução

Katz & Chard (1997) descrevem esta fase como um conjunto de atividades que permitem recolher dados e informações relevantes, que deem resposta às questões formuladas na fase anterior.

O projeto começou então a desenvolver-se, em primeiro lugar através das visitas que fizemos às restantes salas de jardim-de-infância (JI), com o objetivo de informar acerca do trabalho que estávamos a desenvolver e também de lhes solicitar algumas informações que soubessem sobre o tema e livros que nos pudessem emprestar. O retorno foi imediato, da parte de algumas das crianças que nos transmitiram ideias bastante interessantes, no entanto sem um fundo científico que pudesse comprovar a sua veracidade. Quanto aos livros, infelizmente nenhuma das salas de JI disponha de um livro cujo tema fosse a paisagem. Decidimos então avançar para a pesquisa no computador da sala, que tive a oportunidade de realizar apenas com um pequeno grupo, dado o tempo letivo ser limitado e o tempo para o desenvolvimento do projeto também, uma vez que este surgiu já perto do final do período de PPS. Com esta pesquisa pudemos descobrir que existem dois tipos de paisagens: a paisagem natural e a paisagem urbana. Estas informações foram posteriormente explicadas, pelo grupo que realizou a pesquisa, às restantes crianças envolvidas no projeto, para que todos ficassem a conhecer as informações recolhidas.

Realizámos depois uma atividade de registo, através do desenho, da ideia pré-concebida que cada uma das crianças tinha de uma paisagem, ou seja, cada criança desenhou como pensava ser uma paisagem. (cf. anexo C), para que mais tarde fosse possível comparar as suas representações iniciais com os registos desenvolvidos ao longo do projeto.

Procurei valorizar o espaço exterior da instituição, uma vez que existiam alguns constrangimentos em deslocar-me com as crianças para fora da escola, optei por realizar algumas atividades no espaço de recreio, que se caracteriza pela sua grande dimensão e por ser um espaço amplo. Uma das atividades que primou pela valorização o espaço exterior foi a observação e descrição da paisagem envolvente, em que cada uma das crianças teve a oportunidade de escolher uma parte dessa mesma paisagem para representar através do desenho (cf. anexo D). Esta atividade vai ao encontro da atividade anterior, uma vez que permite comparar um desenho realizado com base na imaginação ou numa imagem registada na memória, com um desenho à vista.

Novamente no espaço exterior realizámos uma “caça à paisagem”, que consistiu em encontrar peças de puzzles⁹ de quatro paisagens diferentes e posteriormente, em grupo, montar os respetivos puzzles e analisar as imagens neles presentes. Após a análise das paisagens, decidimos escolher duas delas e desenhar alguns dos elementos que as compõem (cf. anexo E). Esta atividade possibilitou às crianças, em primeiro lugar, desenvolver capacidades de visualização espacial, através da montagem dos puzzles, e em segundo lugar, “desmontar” uma, neste caso várias, paisagens, permitindo-lhes compreender que as paisagens não são estanques e que os elementos nelas presentes, podem ser retirados ou modificados, sem que a paisagem deixe de existir.

Analisámos também, através de suporte digital, algumas obras dos autores João Vaz e José Malhoa, que retratam bonitas paisagens. Após esta análise, realizámos sob a forma de registo individual, a continuação de uma destas obras (cf. anexo F), que permitiu às crianças contactar com novas formas de artes, experimentar diferentes meios de expressão e compreender que as paisagens também podem ser representadas através da pintura. O processo de análise repetiu-se, mas desta vez com obras do autor George Seraut, que pintava usando a técnica de pontilhismo. Tivemos oportunidade de explorar esta técnica, individualmente, numa folha branca de tamanho A4. (cf. anexo G). As crianças que não estavam envolvidas no projeto mostraram interesse em explorar a técnica e também o fizeram. Esta atividade culminou na reprodução de uma obra do autor, realizada em grupo. (cf. anexo H). Para a exploração desta técnica foram usadas tintas de guache e cotonetes. Com esta atividade, foi possível explorar uma técnica nova para as crianças e fazê-las descobrir que as obras podem ser pintadas através de diversas técnicas e com recurso de diferentes matérias.

Através da palavra paisagem surgem algumas outras palavras que decidimos procurar no dicionário e descobrir quais os seus significados. Depois, escrevemos essas mesmas palavras, utilizando um quadro de íman e algumas letras (cf. anexo I), material disponível na sala de atividades. Esta atividade vem, tal como outras das atividades desenvolvidas dar resposta à questão inicial “o que é uma paisagem?”, através da descoberta e desconstrução do seu significado publicado no dicionário, bem como aumentar o léxico de palavras que as crianças conhecem, permitindo-lhes também contactar e experimentar o código escrito.

⁹ O puzzles foram elaborados por mim através de imagem retiradas das internet.

Fase 3 – Divulgação e avaliação

Katz & Chard (1997) afirmam que “(...) as crianças podem aprender a valorizar e a dar sentido ao fim do projecto se o educador de infância e a classe desenvolverem uma visão partilhada do que aprenderam e alcançaram ao longo do projecto.” (p. 184).

Para a divulgação do projeto decidimos construir um vídeo que ilustrasse todo o percurso percorrido, as atividades desenvolvidas e as aprendizagens que fizemos. Por questões éticas optei por não filmar as caras das crianças, dando assim destaque às suas produções e às suas verbalizações. As crianças decidiram divulgar o projeto em primeiro lugar às restantes três salas do JI, depois às famílias e também à turma de 1^a ciclo com que o grupo efetua articulação nos projetos da instituição.

Começamos por elaborar um convite, que foi posteriormente entregue aos respetivos convidados, com a data e hora da divulgação (cf. anexo J). Depois, iniciámos as filmagens, aproveitando um pouco dos tempos de recreio, uma vez que nem todo o grupo de crianças estava envolvido no projeto e no tempo letivo as restantes crianças estariam na sala de atividades e existiria alguma ruído de fundo, como é espectável.

Durante as gravações, ia pedindo às crianças que verbalizassem algumas das frases que tinham pronunciado ao longo do projeto, por mim registadas. O seu entusiasmo era visível, no entanto, no momento em que a câmara já estava a filmar, as crianças esqueciam-se das suas falas ou falavam demasiado baixo para se ouvir na gravação. Katz & Chard (1997) referem que “o educador de infância pode coordenar a apresentação destes resultados do trabalho de projecto, narrando a história tanto do seu ponto de vista como do das crianças.” (p. 187). Face a esta dificuldade e dado que a maioria das crianças convidadas para a divulgação não sabem ainda ler, pelo que as legendas não teriam grande utilidade, optei por, em grande parte dos casos, ser eu mesma a narrar os acontecimentos, para que através do vídeo fosse perceptível todo o processo inerente ao projeto. A divulgação aconteceu ao longo de um dia inteiro, com horários combinados com cada grupo convidado e os elogios foram bastante interessantes e gratificantes, tanto para as crianças como para mim. Foi possível compreender, que todo o processo inerente ao projeto estava de facto representado no vídeo que divulgámos.

Relativamente à avaliação do projeto, esta foi realizada pelas crianças envolvidas, pelas famílias que assistiram à divulgação e pelas crianças das restantes salas de JI e da turma de articulação com o 1^o ciclo, aquando da divulgação do projeto.

A avaliação feita pelas crianças envolvidas no projeto, foi realizada através de uma conversa em grupo, na qual cada criança deu a sua opinião acerca de todo o processo inerente ao projeto. Foi possível registar algumas das suas opiniões:

“Gostei porque foi divertido e é bom para a aprender coisas.” Martim Manhã (5 anos).

“Gostei porque dissemos coisas sobre paisagens.” Treinador de Karaté (5 anos)

“Gostei porque era para aprender.” Tartaruga Ninja (5 anos).

Katz & Chard (1997) referem que as famílias podem envolver-se no trabalho de projeto de quatro formas: através da partilha de informações acerca do tema com os seus filhos; pelo questionamento que fazem aos seus filhos ao longo do decorrer do projeto, sobre como está a correr e que dificuldades estão eles a sentir; por meio da partilha de informações e conhecimentos sobre o tema, seja através de pesquisas, livros, ou outros suportes de informação; e por último, podem ser convidados a observar o trabalho que as crianças desenvolvem.

As famílias foram sem dúvida a grande surpresa do projeto, uma vez que ao longo do processo não se mostraram envolvidas. No entanto, para meu grande espanto, contrariando aquilo que esperava, foram cerca de doze os familiares das crianças que estiveram presentes na divulgação. As famílias mostraram o seu agrado e esboçaram comentários agradáveis acerca do projeto. Foi ainda possível recolher alguns comentários, que escreveram no livro de opinião, disponível na sala para o efeito, onde pode ler-se:

“Adorámos. Foi muito giro e espetacular. Ficámos a conhecer as diferentes paisagens.”

“Adorámos as perguntas que foram feitas. Tudo o que estimule o entusiasmo deles é importante para a motivação e vontade de aprender.”

“Foi uma ideia muito pedagógica e criativa.”

No que concerne à avaliação realizada pelas restantes salas de JI, para além dos comentários efetuados no final a divulgação, esta foi também registada no livro de opinião:

“Gostámos muito da vossa divulgação! Adorámos a vossa pintura. Muitos parabéns!”

“Gostámos muito de todas as coisas que fizeram. Parabéns.”

Por último, a turma de articulação de projeto, do 1º ciclo, escreveu também alguns comentários no livro de opinião, no entanto o mais significativo, foi o facto de no final da divulgação, se terem dirigido para o espaço exterior da instituição com materiais de desenho para desenharem a paisagem que podem observar.

No que diz respeito à avaliação das aprendizagens das crianças, esta foi feita ao longo de todo o projeto através dos registos fotográficos e das notas de campo recolhidas através da observação participante por mim realizada, o que me permitiu avaliar os objetivos definidos no início do projeto (cf. anexo K).

Foi também possível registrar também algumas das verbalizações das crianças, ao longo do desenrolar do projeto, que demonstram evidências dos conhecimentos que adquiriram:

“Descobrimos que a paisagem é uma foto.” Martim Manhã (5 anos)

“A paisagem urbana foi construída e a paisagem natural não foi.” Martim Manhã (5 anos)

“As paisagens são de muitas cores.” Relva (5 anos)

“O que nós vemos à frente é uma paisagem.” Treinador de Karaté (5 anos)

“As paisagens é tudo o que nós vemos no nosso mundo.” Tartaruga Ninja (5 anos)

“Umas têm água e outras não têm água. A água é do rio, da praia e das cascatas.” Flor (4 anos)

“As paisagens são quadros.” Barbie (5 anos).

“As paisagens têm nomes. O nome das paisagens é urbana e natural” Bola (5 anos)

“A paisagem é um quadro ou uma foto.” Bola (5 anos)

“As paisagens têm nomes e também têm água e podem ser quadros ou fotografias.” Bandolete (4 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver um projeto com este grupo de crianças foi para mim um grande desafio, uma vez que o grupo não está habituado a colocar questões e que demonstra grandes dificuldades ao nível do comportamento. Por não estar habituado a questionar, foi difícil emergir um tópico que se tornasse relevante para a realização de um projeto, pelo que a situação desencadeadora só aconteceu já perto do final da PPS, levando assim a que o projeto tivesse que ser desenvolvido em tempo limitado.

Dei liberdade às crianças de escolherem se queriam ou não participar no projeto, o que levou a que ficasse apenas com cerca de metade do grupo de crianças envolvido no projeto. Esta situação foi bastante desafiante e difícil, pois houve a necessidade de trabalhar ao nível do projeto e a par disso desenvolver outras atividades também para as restantes crianças. Foi fundamental o apoio da educadora cooperante neste aspeto, uma vez que se demonstrou sempre disponível para me auxiliar na gestão de toda a rotina, bem como das atividades propostas, dando-me total liberdade para gerir os tempo tanto da rotina como do projeto.

Considero que ter trabalhado através da metodologia de trabalho de projeto com este grupo, desenvolveu nas crianças o sentido crítico e uma atitude de questionamento, uma vez que despertou a sua curiosidade pelo mundo. Considero que esta metodologia é essencial para desenvolver o pensamento das crianças e leva-las progressivamente a refletir sobre o real.

O meu papel foi um pouco mais ativo do que gostaria, uma vez que as crianças tiveram algumas dificuldades em colocar as questões para a definição do problema e em realizar o planeamento do trabalho, consequência de não estarem habituadas a trabalhar segundo esta metodologia. No entanto, ao longo do desenvolvimento do projeto, pude reparar que as crianças foram tomando um papel mais ativo e demonstrando progressivamente mais motivação para a concretização das atividades. No que concerne aos objetivos do projeto, considero que todos foram alcançados e que as crianças realizaram aprendizagens significativas.

REFERÊNCIAS

Katz, L. & Chard, S. (1997). *A abordagem por projectos na educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vasconcelos, T. et al (2012). *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência e Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

ANEXOS

Anexo A – Caracterização reflexiva do contexto socioeducativo

Caracterização do meio

De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) (2012), a EB1/JI Agualela, esta está inserida num agrupamento de escolas situado numa freguesia do concelho de Lisboa, do qual fazem parte quatro estabelecimentos de ensino. É ainda importante salientar que atualmente este é um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP) (PEA, 2012). Segundo o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) (2012) “a freguesia onde se localiza o agrupamento de escolas é heterogénea a diversos níveis, dado coexistirem famílias de diferentes estratos sociais.” (p.7). Relativamente às infraestruturas que circundam a instituição na qual me encontro, é possível identificar uma esquadra da polícia, uma igreja, um mercado local, um pequeno centro comercial, um jardim amplo com diversas áreas lúdicas, uma quinta pedagógica e, ainda, algumas lojas de pequeno comércio.

Caracterização do contexto socioeducativo

De acordo com o documento acima mencionado, o edifício que alberga a EB1/JI Agualela tem cerca de quarenta anos, funcionando inicialmente apenas com a valência de primeiro ciclo, passou a integrar a valência de Jardim de Infância (JI) em 1986, sendo que foi incluída no agrupamento de escolas no ano letivo 2004/2005. A instituição pertence à Câmara Municipal de Lisboa, entidade pública, sendo por isso, a sua natureza jurídica a Direção de Serviços Região de Lisboa e Vale do Tejo. No que concerne à dimensão organizacional, o agrupamento rege-se segundo o organograma presente no PEA (2012) (Anexo A).

Caracterização da equipa educativa

No que diz respeito à equipa educativa, nesta instituição existe um coordenador de estabelecimento, que exerce funções relativas a ambas as valências. Importa salientar que irei referir, com mais pormenor, apenas a equipa que integra o JI, uma vez que é nesta valência que está a decorrer a minha intervenção. Para caracterizar a mesma é importante referir que o JI é composto por

quatro salas, tendo por isso um educador por sala perfazendo um total de quatro educadores. A equipa integra ainda quatro assistentes operacionais, sendo que uma está afeta a uma das sala, devido ao facto de o grupo contemplar duas crianças com necessidades educativas especiais. As três restantes têm uma frequência rotativa semanal pelas outras três salas.

Na EB1/JI Agurela, há ainda uma educadora externa que dá apoio a algumas crianças com maiores dificuldades de aprendizagem e desenvolve o projeto “A menina do Mar” com as crianças de 5 anos, e uma terapeuta da fala.

Relativamente à equipa educativa da sala D, esta é constituída por uma educadora com mais de 25 anos de experiência que exerce funções no ensino público acerca de 10. Como já referi as assistentes operacionais têm frequência rotativa, mas de um modo geral, a equipa funciona bem com todas as assistentes, uma vez que já se apropriaram do funcionamento e das rotinas de cada uma das salas.

Caracterização da família das crianças

Tal como acima referido, na freguesia onde se localiza o agrupamento de escolas, existem famílias de estratos sociais diversos, não sendo possível identificar uma maioria.

Tabela 1: Idade dos pais e estrutura familiar.

	Idade		Estrutura Familiar
	Pai	Mãe	
1	43	43	Nuclear
2	38	39	Nuclear
3	39	33	Nuclear
4	25	31	Monoparental
5	30	27	Monoparental
6	40	42	Outros parentes (pais emigrantes)
7	36	38	Nuclear

8	33	34	Nuclear
9	44	44	Nuclear
10	–	28	Monoparental
11	32	24	Nuclear
12	–	25	Nuclear
13	41	46	Nuclear
14	41	46	Nuclear
15	35	31	Nuclear
16	40	43	Nuclear
17	37	36	Nuclear
18	33	32	Nuclear
19	26	25	Monoparental
20	42	41	Nuclear
21	26	27	Nuclear
22	40	35	Nuclear

Fonte própria com base nas informações dos processos das crianças.

De acordo com a tabela 1, é possível identificar que o grupo de pais tem idades compreendidas entre os 24 e os 46 anos e que a maioria das famílias apresenta uma estrutura nuclear. É de salientar o caso de uma criança que vive com outros familiares próximos, pois os pais estão a trabalhar fora do país.

Tabela 2: Habilitações escolares e profissão.

	Habilitações Escolares		Profissão	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
1	Ensino Superior	Ensino Superior	Engenheiro informático	Artista Plástica
2	Ensino Secundário	Ensino Secundário	Agente PSP	Comerciante
3	Ensino Superior	Ensino Básico	Contabilista	Cozinheira
4	Ensino Secundário	Ensino Secundário	Canalizador	Empregada de balcão
5	Ensino Secundário	Ensino Superior	Comercial	Assistente de vendas

6	Ensino Secundário	Ensino Secundário	Empresário	Desconhecido
7	Ensino Superior	Ensino Superior	Designer	Designer
8	Ensino Secundário	Ensino Superior	Técnico de operações	Técnico de operações
9	Ensino Superior	Ensino Superior	Engenheiro informático	Artista Plástica
10	Ensino Básico	Ensino Secundário	Desconhecido	Empregada de balcão
11	Ensino Básico	Ensino Secundário	Empregado de armazém	Desempregada
12	Ensino Básico	Ensino Secundário	Vigilante	Desconhecido
13	Ensino Superior	Ensino Superior	Engenheiro Químico	Comercial
14	Ensino Superior	Ensino Superior	Engenheiro Químico	Comercial
15	Ensino Superior	Ensino Superior	Jornalista	Enfermeira
16	Ensino Superior	Ensino Secundário	Funcionário público	Técnico comercial
17	Ensino Básico	Ensino Secundário	Desempregado	Cozinheira
18	Ensino Superior	Ensino Superior	Tripulante de ambulâncias de emergência	Rececionista
19	Ensino Básico	Ensino Básico	Desconhecido	Restauração
20	Ensino Secundário	Ensino Secundário	Funcionário da Galp	Funcionário público
21	Ensino Básico	Ensino Básico	Desempregado	Empregada de escritório
22	Ensino Básico	Ensino Secundário	Estafeta	Desempregada

Fonte própria com base nas informações dos processos das crianças.

Relativamente às habilitações escolares, como podemos observar na tabela 2 estas variam entre o ensino superior, o ensino secundário e o ensino básico, sendo que apesar de os números se apresentarem equilibrados, a maioria possui formação

de nível superior. No que diz respeito à profissão, todas as famílias trabalham no setor terciário, sendo que existem alguns pais em situação de desemprego, o que poderá ter consequências na situação económica de algumas famílias.

No que concerne ao envolvimento das famílias no contexto escolar, no JI Agurela é regra os pais não acompanharem as crianças à sala de atividades, sendo que as entregam a uma assistente operacional junto ao portão da escola, o que significa que não estabelecem um contacto diário e próximo com a educadora responsável da sala. Desta forma, a comunicação casa – jardim-de-infância e jardim-de-infância – casa, é feita através da caderneta do aluno e por via telefónica. Geralmente, as famílias vão ao JI em dias festivos e nas reuniões de pais e realizam em casa tarefas que lhes são solicitadas, como a realização de pesquisas ou trabalhos sobre uma temática específica.

Caracterização do grupo de crianças

É indispensável a realização da caracterização do grupo de crianças, de modo a conhecer as suas características e interesses e a compreender as suas potencialidades e fragilidades. Desta forma, irei neste subcapítulo caracterizar o grupo de crianças com o qual irei realizar a minha prática profissional supervisionada.

O grupo é constituído por 22 crianças, 8 raparigas e 14 rapazes, com idades entre os 3 e os 5 anos. Destas 22 crianças, 13 delas entraram este ano para o JI, sendo que 4 delas já com 5 anos de idade, pelo que este será o último ano que frequentam a educação pré-escolar. Todas as crianças do grupo frequentaram no ano anterior uma creche ou um JI.

Tabela 3: Informações relativas às crianças.

Idades	Número de crianças	Percurso institucional	
		Nº de crianças novas na instituição	Nº de crianças que já frequentava a instituição
3 Anos	6	6	0

4 Anos	7	3	4
5 Anos	9	4	5
Total	22	13	9

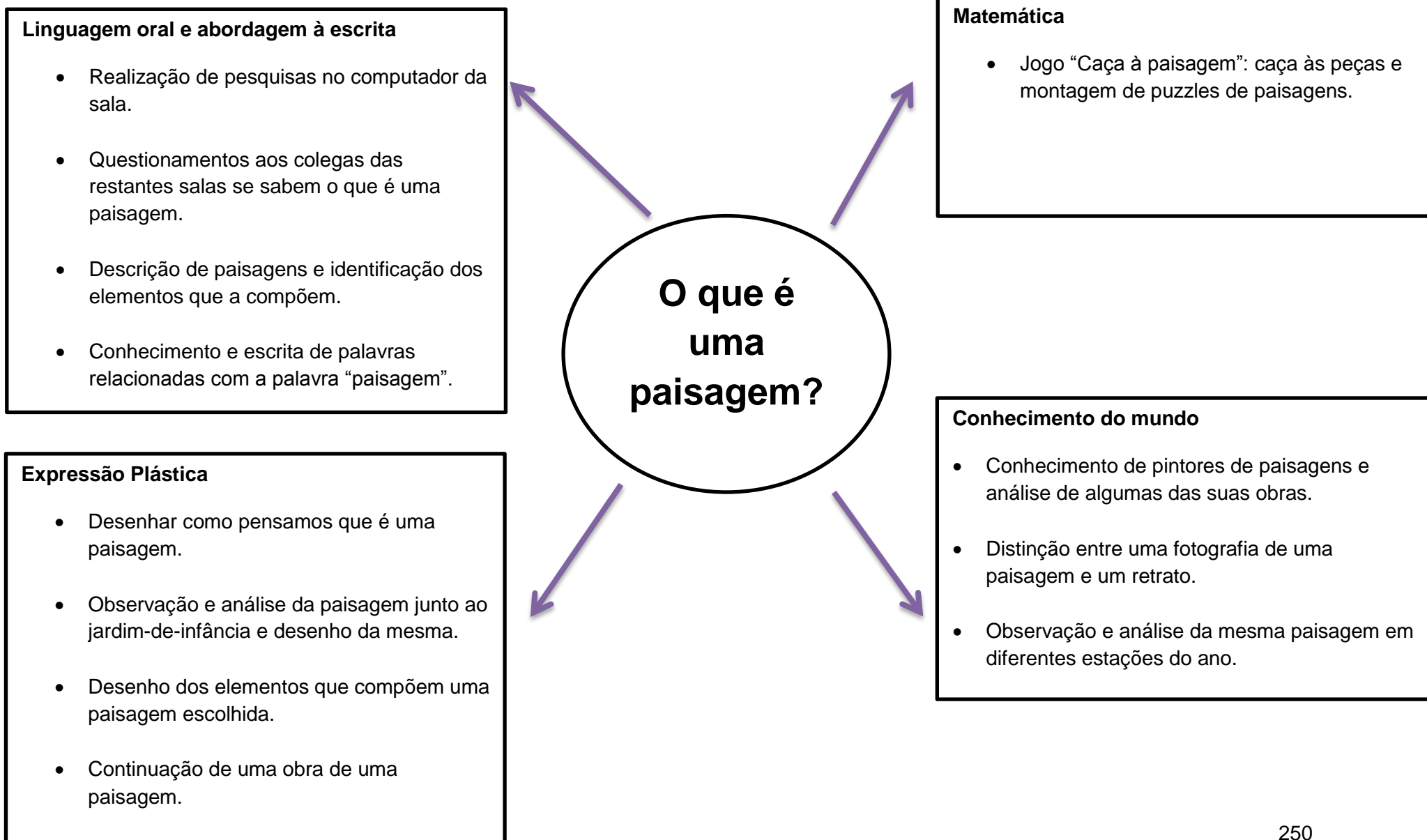
Fonte própria com base nas informações do PPT.

Através das informações da tabela 3, “(...) é fácil perceber que é um grupo bastante heterogéneo, composto maioritariamente por crianças que frequentam pela primeira vez este jardim e com uma média de idades baixa (pelo elevado numero de crianças com menos de 5 anos).” (in PPT, 2014, p. 8).

Ao nível das características de desenvolvimento, o grupo apresenta ainda algumas dificuldades relativamente ao comportamento, à aquisição de rotinas, e pouca capacidade de concentração, pelo que considero importante trabalhar estes aspetos. Existem três crianças de 5 anos que revelam maiores dificuldades no domínio da linguagem oral e abordagem e à escrita, bem como na iniciação ao raciocínio lógico-matemático, tendo um apoio adicional nestas áreas por parte da educadora que dá apoio ao JI.

Relativamente à interação entre pares, daquilo que decorre da minha observação, as crianças relacionam-se bastante bem entre si e nas suas brincadeiras reproduzem comportamentos sociais, tanto na sala de atividades como no recreio exterior. A interação com os adultos também se considera positiva, sendo que existe uma relação de respeito entre a criança e o adulto.

Anexo B – Teia



Anexo C – Atividade: Como pensamos que é uma paisagem



Anexo D – Atividade: A paisagem que podemos ver do jardim-de-infância



Anexo E – Atividade: Elementos que compõem uma paisagem





Anexo F – Atividade: Continuação de uma paisagem



Anexo G – Atividade: Experimentação da técnica de pontilhismo





Anexo H – Atividade: Reprodução de obra de George Seraut



Anexo I – Atividade: Escrita de palavras



Anexo J – Convite para a divulgação do projeto



Anexo K – Grelha de avaliação

Crianças	Treinador de Karaté	Bola	Tartaruga Ninja	Margarida	Zebra	Flor	Relva	Bandolete	Barbie	Martim Manhã	Cavalo	Tartaruga
	Indicadores de avaliação											
Reconhece uma fotografia	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Reconhece uma pintura.	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Reconhece e descreve uma paisagem seja qual for o seu suporte.	S	S	S	AV	S	S	S	S	AV	S	AV	AV
Descreve a paisagem que está a observar.	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Representa paisagens através do desenho.	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Distingue uma fotografia de uma obra pintada.	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Experimenta diferentes materiais de pintura.	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda:
 Sim - **S**
 Algumas Vezes - **AV**
 Não - **N**

Anexo B. Notas de campo

Nota de campo nº.1 - dia 12.01.2015

A Cinderela esteve doente e durante alguns dias não frequentou a Creche. Está ainda muito frágil, chora bastante e não quer brincar. A Cinderela está sentada no tapete e o Horácio e o Leopardo estão, constantemente, a dar-lhe beijinhos.

Nota de campo nº.2 - dia 27.01.2015

Estávamos no espaço socioeducativo e o Bolacha tirou um conjunto de barcos à Concha. Fui ter com ele e pedi-lhe que devolvesse o que tirou à amiga. Depois de ter devolvido, pedi à Concha que lhe emprestasse alguns, pois tinha muitos, mas ela recusou. Foi buscar um carro e deu-o ao Bolacha.

Nota de campo nº.3 - dia 28.01.2015

Hoje, por volta das 10 horas, fui assistir uma sessão de competências parentais, sobre a temática das birras, dinamizada pela educadora cooperante juntamente com outra educadora da creche e o psicólogo da instituição. Achei bastante interessante conhecer os diversos estilos parentais, nos quais por vezes também me revejo enquanto futura educadora, e que deverei adequar ao longo da minha prática, consoante as características da criança e as situações. Considero ainda que este tipo de iniciativas é bastante importante e enriquecedor para os pais/cuidadores destas crianças, uma vez que os ajudam a compreender melhor as crianças e a adequar a sua resposta perante cada situação.

Nota de campo nº.4 - dia 11.05.2015

Hoje foi segunda-feira e as crianças trouxeram o “O Meu Amigo Caderno” preenchido com as atividades que fizeram no fim de semana e a classificação que atribuíram ao seu comportamento. Optei então por mostrar individualmente cada caderno ao grupo, divulgando assim os resultados do preenchimento efetuado no fim de semana.

Nota de campo nº.5 - dia 13.01.2015

As crianças estão no tempo de repouso e aproveito para refletir um pouco acerca da minha relação com as mesmas, que penso estar a consolidar-se. Em relação ao Bolacha, a criança que me tem criado mais desafios a este nível, esta semana optei por não me aproximar muito, fazendo-o apenas quando surgem espontaneamente oportunidades para tal. Ainda assim, considero que a relação está a melhorar um pouco.

Nota de campo nº.6 - dia 26.01.2015

Após o almoço e a higiene, dá-se a hora do repouso. As crianças já estão deitadas nos respetivos catres, mas nem todas estão já a dormir. O Horácio sentou-se no catre e uma das auxiliares disse: “Horácio deita-te!”. A Concha, que está deitada mas ainda acordada repete de imediato: “deita-te, deita-te!”. Constato assim desta forma, que algumas das crianças mais velhas começam já a repetir aquilo que escutam, tomando o adulto como modelo oral.

Nota de campo nº.7 - dia 27.01.2015

Durante o tempo de brincadeira livre na sala, o “Bolacha” tentou tirar um carro à “Loira”. Disse-lhe para ir buscar outro carro à garagem. O “Bolacha” deitou-se no chão a chorar e a “Loira” foi à garagem buscar um carro e levou-o ao “Bolacha”, mas ele não o aceitou, indo-se embora para outra zona da sala.

Nota de campo nº.8 - dia 16.03.2015

Durante a manhã, as crianças estiveram a desenhar o que fizeram no fim de semana e o Oceano disse: “Não tenho folha”. Por algum motivo não reparei que não tinha distribuído a folha a esta criança. Disse-lhe então: “Vai buscar uma.” O Oceano fez exatamente o que lhe pedi, aceitando tranquilamente e retomando o lugar após ter ido buscar a folha.

Nota de campo nº.9 - dia 13.05.2015

Já final de tempo letivo, enquanto fazíamos a avaliação do dia, reparei que o Bola tinha classificado o seu comportamento com a cor verde, cor que tem vindo a manter ao longo da semana. Decidi então felicitá-lo: “Estou muito contente contigo, esta semana ainda só tiveste verdes. Estás a portar-te melhor, muito bem.”

Nota de campo nº.10 - dia 24.04.2015

Estávamos todos sentados no tapete e eu resolvi perguntar:

Marisa: O comportamento aqui na sala está a correr bem? O que é que acham?

Crianças: Naaaooooo!

Marisa: - E porquê? Sabem?

Relva: - Porque há muitas bolas amarelas e vermelhas (referindo-se ao quadro do comportamento existe na sala).

Marisa: - E porque é que há muitas bolas amarelas e vermelhas?

Martim Manhã: - Porque os meninos se portem mal no refeitório e ficam de castigo.

Marisa: - A Marisa precisa da vossa ajuda para saber o que pode fazer para ajudar os meninos e as meninas a portarem-se melhor. Têm alguma ideia?

Martim Manhã: - Então, os 5 anos trabalham e os pequeninos brincam.

Marisa: - Sempre?!

Martim Manhã: - Sim.

Marisa: - Então e os 5 anos? Não brincam?

Martim Manhã: - Ohhhh... (faz uma cara engraçada). Então, uma semana brincamos e outra trabalhamos.

Marisa: - A semana toda? Isso não é muito tempo?

Martim Manhã: - Ahhhh! Já sei! Os 5 anos trabalham e os pequeninos brincam e depois trocamos.

Marisa: - Humm! Gosto desta ideia. O que acham?

Crianças: - Siiimmm!

Marisa: - Então a Marisa tem uma ideia. E se eu fizesse um quadro para planejarmos o nosso dia? Para decidirmos quem trabalha e quem brinca e para vocês saberem o que vão fazer durante o dia?

Crianças: - Siiimmm!

Nota de campo nº.11 - dia 28.05.2015

Hoje foi a divulgação do projeto “Aventura da paisagem” e não esperava a presença de tantos pais e encarregados de educação. Estiveram cerca de 12 familiares das crianças e gostaram bastante do projeto e das atividades desenvolvidas. No final da divulgação, foi interessante ver a motivação das crianças ao mostrarem aos pais os trabalhos realizados, não só do projeto, como também todos os outros registos afixados na sala, as áreas de interesse e o quadro de autoavaliação de atitudes/comportamentos, que teve especial relevo por parte das crianças, mostrando aos pais aquilo que já eram capazes de fazer. O quadro recebeu também bastantes elogios por parte dos pais, referindo-o como “uma excelente ideia”.

Nota de campo nº.12 - dia 29.04.2015

Hoje de manhã, durante o preenchimento do quadro da planificação, as crianças estavam todas sentadas à volta do tapete e eu estava junto ao quadro a colocar os cartões, conforme as crianças iam decidindo. Foi interessante ver na cara todas elas, a satisfação por saberem quando iam poder brincar livremente na sala. Pude ouvi-las a conversar umas com as outras, sobre quando iam brincar, e quais as áreas que iriam escolher.

Anexo C. Portefólio de Creche



**PORTEFÓLIO DA PRÁTICA PROFISSIONAL
SUPERVISIONADA
CRECHE**

Supervisor institucional:

Ana Simões

Aluna:

Marisa Alves

(2014094)

Pré 2

2014-2015

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	58
1. CARACTERIZAÇÃO REFLEXIVA DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO.....	59
1.1. Caracterização para a ação.....	59
1.2. Caracterização do meio.....	59
1.3. Caracterização do contexto socioeducativo.....	59
1.4. Caracterização da equipa educativa.....	60
1.5. Caracterização da família das crianças	60
1.6. Caracterização do grupo de crianças	63
1.7. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores e os espaços físicos	65
1.7.1. Intenções, finalidades e princípios educativos	65
1.7.2. Os espaços físicos.....	274
1.7.3. A sala de atividades e materiais.....	66
1.7.4. A rotina	67
2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO.....	68
2.1. Planificação geral	68
2.2. Planificação semanal e diária	279
2.3. Identificação da problemática.....	299
3. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO	300
3.1. Avaliação pessoal (autoavaliação)	300
3.2. Avaliação do ambiente educativo	323
3.3. Avaliação do grupo de crianças.....	325
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	332
5. REFERÊNCIAS	333
ANEXOS.....	334
Anexo A – Plano Funcional	335
Anexo B – Foto de atividade de exploração sensorial	336
Anexo C – Área do “faz de conta”	336
Anexo D – Área dos jogos e da biblioteca	337
Anexo E – Área da garagem	337
Anexo F – Área do tapete.....	338

Anexo G – Dia tipo da sala R	338
Anexo H – Exemplo de questionário	341
Anexo I – Planta da sala R	343
Anexo J – Grelhas de observação das atividades	344

SIGLAS

AAE	Auxiliar de Ação Educativa
CSC	Centro Social Comunitário
PE	Projeto Educativo
PAA	Plano Anual de Atividades
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PP	Projeto Pedagógico de sala
PPS	Prática Profissional Supervisionada

INTRODUÇÃO

Este portefólio surge no âmbito da unidade curricular Prática Profissional Supervisionada (PPS) e tem como objetivo organizar e registar toda a minha prática ao longo de seis semanas numa sala de creche, ilustrando e fundamentando a minha intervenção.

Este documento foi elaborado ao longo da minha PPS, que decorreu no período de 5 de janeiro a 13 de fevereiro de 2015 no Centro Social Comunitário (CSC) Amizade e trata-se de um registo pormenorizado do todo o trabalho por mim desenvolvido, fundamentando alguns aspetos com referenciais teóricos.

O presente portefólio encontra-se organizado em cinco capítulos. O primeiro capítulo, Caracterização reflexiva do contexto socioeducativo, diz respeito à análise reflexiva de todos os aspetos relevantes para a minha prática, ou seja, conhecer o meio onde se insere a instituição e o seu contexto socioeducativo, a equipa educativa, as famílias e o grupo de crianças com o qual decorrerá a minha PPS. O capítulo seguinte, Análise reflexiva da intervenção, refere-se à planificação da minha intervenção tendo por base o conhecimento prévio do grupo de crianças a partir da caracterização feita no capítulo anterior. Segue-se o capítulo 3, que diz respeito aos processos de avaliação, contemplando a avaliação pessoal, diária e semanal, da minha prática, a avaliação do contexto educativo e ainda a avaliação do grupo de crianças. Por último, apresentam-se as considerações finais e as referências consultadas para a elaboração deste documento.

É importante referir, que todos os nomes referidos neste portefólio são nomes fictícios por mim inventados, de modo a cumprir todas as questões éticas no trabalho com crianças.

1. CARACTERIZAÇÃO REFLEXIVA DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

1.1. Caracterização para a ação

Neste capítulo será apresentada a caracterização do meio envolvente, do contexto socioeducativo da instituição, da equipa educativa, das famílias das crianças e do grupo de crianças com o qual decorreu a minha prática profissional supervisionada. Apresentarei também uma análise reflexiva sobre as intenções e finalidades educativas, os princípios orientadores, os espaços físicos, a sala de atividades e os materiais, bem como da rotina diária.

1.2. Caracterização do meio

Segundo o Projeto Educativo (PE) (2013), o Centro Social Comunitário Amizade situa-se no Bairro da F, na freguesia de M. Esta freguesia possui aproximadamente 38.000 habitantes, sendo que nos últimos anos houve um crescimento da população com 65 anos ou mais, estando esta a tornar-se numa população envelhecida. A maioria dos habitantes é de nacionalidade portuguesa, encontrando-se também residentes provenientes dos continentes africano, americano e asiático.

A freguesia M apresenta uma taxa de analfabetismo de cerca de 6,8%, superior à taxa referente à população total de Portugal. Relativamente à população alfabetizada, esta revela baixa escolaridade, sendo que a sua maioria concluiu apenas o 1º ciclo de escolaridade. Quanto à taxa de atividade, predomina a população inativa com cerca de 53%, seguindo-se a população ativa com aproximadamente 46%, dos quais 14,1% se encontram em situação de desemprego, sendo que os restantes exercem funções administrativas e operárias. Importa ainda referir que cerca de 1200 famílias da freguesia, são beneficiárias da prestação social de Rendimento Social de Inserção.

De acordo com o observado relativamente às infraestruturas circundantes ao estabelecimento em questão, estas são maioritariamente habitações de cariz social, onde a maioria dos beneficiários dos serviços prestados pela instituição reside. Ao nível da mobilidade, importa referir a oferta de transportes públicos sendo estes autocarro e metro. Existe ainda um centro comercial, que comporta particularmente um supermercado e uma loja do cidadão, e uma unidade de saúde do Bairro A, que serve a população da freguesia M.

1.3. Caracterização do contexto socioeducativo

Segundo o PE (2013), o CSC Amizade funciona desde os finais do ano de 1998. É um Centro Social, pois apresenta-se como uma resposta às necessidades da população que habitam nos bairros circundantes à localização do estabelecimento, sendo este o Bairro F e o Bairro A já referidos anteriormente. Para além de corresponder às necessidades dos habitantes idosos, dá resposta ainda aos mais novos, desde os bebés aos jovens. A instituição integrava também as vertentes de Jardim de Infância e Atividades dos Tempos Livres, atualmente extintas.

É também um Centro Comunitário, na medida em que articula as faixas etárias que recebem os serviços prestados pelo estabelecimento, de modo integrado e participativo, contando com o auxílio de todos para realização das atividades propostas e previstas no Plano Anual de Atividades (PAA) (2014).

Relativamente à dimensão organizacional, de acordo com o organograma fornecido pela coordenadora pedagógica, o CSC Amizade é dirigido por uma diretora com formação em assistência social, que acumula funções de coordenação da valência da Comunidade, orienta os responsáveis pelo espaço de inclusão digital e pela animação socioeducativa, destinada aos jovens, e ainda presta apoio comunitário a famílias em situação de exclusão social. Na valência dos idosos, coordena a equipa responsável pelo centro de dia.

No que concerne à valência da Infância, esta é orientada pela coordenadora pedagógica que coordena o funcionamento de toda a equipa educativa da creche, que inclui educadoras e auxiliares de ação educativa (AAE). Esta valência é apoiada por uma equipa interdisciplinar de apoio técnico, composta por uma assistente social, uma técnica de educação e um psicólogo. Este último presta apoio técnico e interdisciplinar também à valência dos idosos.

Existe ainda um grupo de apoio logístico, composto por um encarregado de setor, um rececionista, três auxiliares de serviços gerais, uma ajudante de ação educativa, um motorista e uma operadora de lavandaria, uma vez que o CSC Amizade presta este serviço aos utentes que necessitam.

Por último, existem ainda os serviços de alimentação, limpeza e jardinagem que funcionam em regime de *Outsourcing*¹⁰.

¹⁰“**Outsourcing** é uma expressão em inglês normalmente traduzida para português como **terceirização**. No mundo dos negócios, o *outsourcing* é um **processo** usado por uma empresa no qual outra organização é **contratada** para **desenvolver uma certa área** da empresa.”
Retirado de <http://www.significados.com.br/outsourcing/#>

O CSC Amizade é propriedade da Santa Casa de Misericórdia, sendo esta a sua natureza jurídica. A Santa Casa é uma instituição que presta serviços de ação social, prestando apoio a várias faixas etárias, em diferentes domínios, como a saúde, a educação, entre outros.

1.4. Caracterização da equipa educativa

O CSC Amizade oferece diferentes respostas sociais: creche, centro de dia, grupo de jovens e serviço de apoio domiciliário. Neste subcapítulo será focada a valência de creche, na qual incidirá a minha intervenção.

Daquilo que constatei, a creche do CSC Amizade encontra-se dividida em Creche I e Creche II, estando estas instaladas em diferentes edifícios. A Creche I é constituída por uma sala de berçário, com sala de repouso, sala parque e fraldário; por duas salas de 1 ano; uma casa de banho de crianças comum a estas duas; um refeitório; uma copa de leites; um espaço socioeducativo comum a todas as salas, e ainda, uma casa de banho de adultos e um gabinete de educadores. Neste edifício situa-se ainda o gabinete da coordenadora pedagógica e a biblioteca itinerante, que funciona no espaço socioeducativo. Relativamente à equipa educativa, neste edifício trabalham três educadoras, quatro AAE e duas auxiliares de serviços gerais. A sala rosa é composta por uma educadora e duas AAE e a sala amarela e a verde (berçário), por uma educadora e uma AAE, sendo que há duas auxiliares de serviços gerais que apoiam estas duas salas.

No que diz respeito à composição da Creche II, esta possui três salas de atividades, uma com crianças de idades entre o 1 e 2 anos (sala laranja) e duas salas com crianças de 2 anos (sala azul e sala amarela). As duas últimas salas referidas partilham a utilização de uma casa de banho, enquanto que a primeira sala mencionada tem à sua disposição uma casa de banho com fraldário de uso exclusivo. Para além destes espaços, existe ainda um ginásio, um refeitório que também serve como espaço socioeducativo, um gabinete de educadores e uma casa de banho de adultos. Quanto à equipa, cada sala é composta uma educadora e por duas AAE, existindo ainda uma auxiliar de serviços gerais que dá apoio às três salas.

Relativamente à equipa educativa da sala R, esta é constituída por uma educadora e duas AAE. Daquilo que pude depreender de conversas informais com a equipa educativa, a educadora desta sala é a mais antiga do CSC Amizade, trabalhando na instituição há cerca de dezasseis anos. A equipa trabalha com crianças há vários anos, tendo um vasta experiência. Apenas uma das AAE, trabalha no CSC Amizade há 3 anos,

tendo estado anteriormente num lar de acolhimento de crianças em risco. A equipa é bastante dinâmica e relaciona-se positivamente entre si. As funções a desempenhar ao longo da rotina diária estão organizadas num plano funcional (Anexo A). “O plano funcional organizou-se em função das necessidades das famílias mediante levantamento de dados da caracterização das crianças e suas famílias no início do ano lectivo, contudo terá carácter flexível sempre que se justifique e no sentido de dar respostas adequadas e de qualidade às necessidades das crianças e suas famílias.” (PP, 2014).

1.5. Caracterização da família das crianças

O Projeto Pedagógico de Sala R (PP) (2014) apresenta várias tipologias de agregado familiar dentro do grupo de crianças. Destacam-se pela maioria dois tipos: casal com filhos; e família monoparental (mãe) com outros parentes. A maior parte das famílias é constituída por mais de 4 elementos e revela ter uma rede de suporte familiar relativamente às crianças. Algumas delas demonstram ter universos relacionais complexos.

O grupo de pais apresenta idades compreendidas entre os 18 e os 31 anos, considerando-se assim um grupo jovem, de nacionalidades portuguesa (cerca de 50%) e oriundas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) (cerca de 50%). Relativamente às habilitações literárias, a maioria dos sujeitos insere-se entre o 2º e o 3º ciclos do ensino básico, apresentando assim um grau de escolaridade baixo. No que concerne à situação profissional, metade dos pais encontram-se em situação de desemprego, e apenas 10 se apresentam em situação laboral, no entanto sem qualificação.

Relativamente à habitação, apenas uma das famílias reside fora da freguesia M, morando as restantes perto do estabelecimento, o que permite o cumprimento do horário da creche. Uma pequena parte das famílias revela precariedade económica.

As famílias valorizam o papel da creche no desenvolvimento integral dos seus filhos, tendo consciência da importância da interação com os pares e adultos qualificados.

Considero que é de grande importância a participação e o envolvimento das famílias, no processo de desenvolvimento e de aprendizagem dos seus filhos, não só na vida familiar, como no seio da vida escolar. Desta forma, torna-se impreterível que as instituições criem estratégias de promoção da participação e do envolvimento das famílias. Algumas das estratégias implementadas são: a dinamização de sessões formativas envolvendo as famílias e os parceiros, neste âmbito, pude observar uma sessão de competências parentais acerca das “birras” que faz parte de um conjunto de 10 sessões, organizadas e dinamizadas por duas educadoras e pelo psicólogo clínico da instituição, que vai ao encontro dos

objetivos a) **Promover ativamente momentos de interação entre família e estabelecimento;** e b) **Promover competências parentais,** descritos no PP (2014). Outra estratégia é envolver as famílias nas atividades de sala e nos projetos, relativamente a esta estratégia tenho como exemplo a participação dos pais na época natalícia com a elaboração de um presente de natal, idealizado e preparado, ao nível dos materiais, pela equipa educativa e elaborado pelas famílias no atelier da instituição. Por último, o objetivo c) **Participação efetiva no grupo de pais.** O grupo de pais é um grupo de carácter facultativo, no qual os pais se podem inscrever no início do ano letivo para participar. Este grupo é atualmente composto por vinte e dois pais, tendo como responsáveis a coordenadora pedagógica, uma educadora e uma AAE. Os objetivos do grupo são: a) Implicar as famílias na dinâmica do estabelecimento e tomadas de decisão; b) Promover a interação e o convívio entre as famílias; e c) Valorizar os saberes de cada um. O grupo de pais participa maioritariamente nas épocas festivas, por exemplo na decoração do espaço como aconteceu no carnaval (informações fornecidas pela educadora responsável pelo grupo de pais).

1.6. Caracterização do grupo de crianças

O grupo é constituído por 14 crianças, com idade compreendidas entre os 10 e os 22 meses (novembro de 2014). Todas as crianças têm a marcha adquirida, à exceção de uma, que gatinha e se põe de pé com apoio. O grupo está equilibrado ao nível do género e todas as crianças são de nacionalidade portuguesa, pelo que o português será a sua língua materna.

Relativamente à alimentação, todas as crianças comem alimentos líquidos e sólidos, sendo que necessitam de um adulto para comerem os alimentos líquidos, mas comem autonomamente os alimentos sólidos com a colher ou a mão, uma vez que “embora a criança desta idade goste de brincar com uma colher, normalmente não a consegue usar para levar a comida à boca.” (Brazelton, 2010, p. 173). Durante o período de PPS foram introduzidos os garfos, às crianças mais velhas, tendo o cuidado de apenas o fazer quando os alimentos são propícios a espetar.

No que concerne ao momento do repouso, 13 crianças dormem cerca de 2 horas, no período depois do almoço e apenas uma dorme cerca de 1 hora, devido a problemas respiratórios frequentes. O grupo apresenta hábitos de sono regulados, salvo algumas exceções de crianças que demonstram cansaço no momento do almoço.

Relativamente à higiene todas as crianças usam fralda, tendo sido iniciado o treino do controle dos esfíncteres pelas crianças mais velhas durante a PPS. Foi um processo relativamente fácil, tendo sido menos agradável para algumas delas apenas nos primeiros dias.

No que diz respeito à colocação anterior, 8 crianças frequentaram o berçário da creche com a mesma equipa educativa, à exceção de uma AAE. Das restantes 6 crianças, apenas duas já tinham experimentado o processo de separação dos pais e as restantes 4 estavam com as famílias. A maioria das crianças frequenta a creche cerca de 8 horas diárias, o número considerado perto ideal para potenciar a aquisição de competências (PP, 2014).

Do que me foi possível observar e vivenciar ao longo da PPS, o grupo de crianças é bastante afetuoso e as crianças mais velhas demonstram preocupação para com as mais novas. Têm preferências pela área do “faz de conta”, a garagem e a caixa dos animais. É um grupo um pouco conflituoso relativamente à partilha dos brinquedos, no entanto, é propício da idade. Demonstram também especial interesse pelo mapa das presenças, no qual cada um coloca a sua fotografia. Daquilo que pude observar, considero que este momento é um dos momentos chave do dia. Gostam também de livros e de explorar tudo o que aparece de novo na sala. São imaginativos e capazes de dar diferentes apropriações ao mesmo objeto/material, tal como podemos verificar numa situação ocorrida no final da primeira semana de PPS, em que durante uma atividade de exploração sensorial, a “Chica” foi buscar uma colher e colocou-a dentro da caixa de dracalon, tentando recolher um pouco com a colher. (Anexo B).

Relativamente à comunicação e linguagem, as crianças mais velhas demonstram compreender aquilo que ouvem. “Se lhe pedimos para ir buscar um brinquedo ou uma fralda, ela mostra que sabe o que lhe estamos a pedir, quer obedecendo, quer mostrando claramente que se recusa a fazê-lo, embora saiba o que queremos.” (Brazelton, 2010, p. 174). Quando desenvolvem uma ação que lhes foi solicitada, como colocar um papel no caixote do lixo, aplaudem-se a si próprios valorizando positivamente a sua ação. As crianças de idade próxima aos 24 meses, fazem algumas produções, no entanto, “muito poucas palavras se conseguem entender, mas já está em formação a base para a sua futura linguagem.” (Brazelton, 2010, p. 175). Mostram também tendência para imitar o que ouvem dos adultos, tal como no exemplo que apresento, de uma situação ocorrida no início do repouso, em que uma das AAE disse «“Horácio” deita-te.» e a “Concha” repetiu «Deita-te, deita-te». (Nota de campo, 26 de janeiro de 2015, 12h20).

As crianças mais novas comunicam essencialmente por gestos, expressões e vocalizações e confirmam as clarificações dos adultos sobre as suas produções.

1.7. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores e os espaços físicos

1.7.1. Intenções, finalidades e princípios educativos

Daquilo que pude depreender da minha observação direta e de conversas informais com a educadora cooperante, os princípios pelos quais esta rege a sua ação pedagógica são os princípios educativos descritos no PE (2013): valorização das diferenças, da inclusão, do trabalho e do sentido de responsabilidade, da formação e aprendizagem ao longo da vida, das parcerias com outras instituições, das questões ambientais, da comunicação, da intergeracionalidade, e do desenvolvimento pessoal e da autonomia.

Relativamente às intenções, o PP (2014) contempla objetivos gerais para as crianças e para as famílias. No que concerne às crianças, a sua grande intenção é **promover o desenvolvimento integral da criança**, contando com o apoio das famílias e da equipa de apoio interdisciplinar. No que diz respeito às famílias, a educadora tem como intenções, prestar apoio sistemático aos agregados que se encontrem em situação vulnerável; promover o desenvolvimento de competências pessoais e sociais das famílias; promover a colaboração entre o estabelecimento e a família; e promover ações que fomentem a sustentabilidade e a política dos 3Rs, contando para isso com o apoio de todos os parceiros da instituição.

De acordo ainda com o documento anterior, o modelo pedagógico que orienta a ação da educadora, é “a Abordagem Experiencial descrita por Laevers (2005) na qual a criança é entendida como construtora do seu próprio conhecimento através de uma atitude exploratória incentivada e apoiada por pares ou adultos significativos (...)” (PP, 2014). Destacam-se também os quatro pilares da educação, **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser**, presentes no Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, publicado em 2010. Segundo o PE (2013) é ainda contemplada a utilização de instrumentos reguladores do modelo do Movimento da Escola Moderna. Pelo que pude observar, na sala R existe apenas o mapa das presenças, penso que se deve à idade das crianças e às características de desenvolvimento do grupo.

1.7.2. Os espaços físicos

Relativamente aos espaços físicos, já referi anteriormente que a Creche se divide em Creche I e II, sendo que funcionam em edifícios distintos. Dado que a minha PPS decorreu no edifício da Creche I, irei descrever apenas os espaços físicos do mesmo, uma vez que o grupo de crianças não tinha contacto com o segundo edifício.

Tal como descrito anteriormente, a Creche I é composta por três salas distintas, sendo uma delas de berçário e as restantes duas de 1 ano.

Neste edifício existe também uma casa de banho de crianças comum as duas salas de 1 ano, bem como um refeitório. A casa de banho é composta por quatro lavatórios e cinco sanitas, de tamanho e altura adequados ao nível de desenvolvimento das crianças.

“A casa de banho das crianças deve incluir sanitas muito baixas dimensionadas para as crianças (...) deve haver lavatórios baixos ou um conjunto de pequenas escadas estáveis que permitam que as crianças cheguem aos lavatórios (...), o sabonete líquido no lavatório deve estar dentro de um recipiente simples de manipular e, junto ao lavatório, (...) o espelho por cima do lavatório permite que as crianças se vejam enquanto se lavam.” (Post & Hohmann, 2011, p. 133-134).

Existem pequenos degraus amovíveis que são usados pelas crianças quando necessário, o sabonete líquido encontra-se num recipiente de fácil manipulação e na parede junto aos lavatórios existe um espelho para que as crianças se observem enquanto lavam as mãos. Há ainda duas bancadas de muda de fralda, bem como armários para a arrumação dos pertences das crianças.

O refeitório onde as crianças fazem as suas refeições localiza-se ao lado da sala R e contempla quatro mesas e cadeiras adequadas à idade das crianças. “Sinto que a mesa e a cadeira do tamanho da criança promovem o respeito na medida em que as crianças vêem o mundo na sua própria perspectiva.” (Gerber & Johnson citado por Post & Hohmann, 2011, p.124). As crianças comem em pratos feitos de um materiais de difícil quebra e utilizam colheres de metal e/ou garfos de plástico.

O espaço socioeducativo é comum às três salas e funciona no hall de entrada do edifício. Nele podemos encontrar uma piscina de bolas, uma estante com livros, jogos de construções, bolas, triciclos, cavalos de balancé e outros materiais didáticos. No centro deste espaço existe um conjunto de pilares que formam um círculo, dentro do qual se encontra a piscina de bolas. Na minha opinião, decorrente da observação direta que fiz, estes pilares tornam o espaço pouco funcional, pois perturbam a visão de quem está a

supervisionar as brincadeiras das crianças não permitindo observar com rigor todas elas, condicionando assim a sua segurança.

Podemos também encontrar na Creche I uma casa de banho de adultos e um gabinete de educadores, o gabinete da coordenadora pedagógica, a biblioteca itinerante que funciona no espaço socioeducativo e ainda uma copa de leites.

Relativamente ao espaço exterior, este é bastante amplo, sendo composto por pavimento de pedra e relva. Podemos encontrar três equipamentos lúdicos, uma casa, um escorrega e dois baloiços. Existe ainda uma caixa de areia lavável, que é usada apenas no verão, por questões climáticas. De acordo com Post & Hohmann (2011) o espaço exterior é rico em "(...) texturas, sons, cheiros e oportunidades para movimento, o espaço exterior de recreio alarga em muito o repertório das experiências sensório-motoras das crianças." (p. 161). Este espaço revela alguma vegetação e uma árvore de grandes dimensões. Existe ainda uma horta pedagógica desenvolvida, de momento, pelos pais.

1.7.3. A sala de atividades e materiais

A sala de atividades onde decorreu a minha prática é uma sala bastante grande e ampla, que está organizada por áreas de aprendizagem: área do "faz de conta" (Anexo C); área dos jogos (Anexo D); área da biblioteca, que se encontra em fase de reconstrução; área da garagem (Anexo E) e área do tapete (Anexo F). A educadora cooperante refere que a sala está organizada de modo a ser facilitadora de que as crianças se referenciem na relação consigo mesmas, com os outros e com o meio social. Esta organização pretende proporcionar às crianças, experiências e situações de aprendizagem de forma a utilizar e dominar o seu corpo tomando, ao mesmo tempo, consciência de si na relação com os outros e com os objetos. Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) referem que "o espaço deve acomodar e responder à multiplicidade de sentimentos, pensamentos, projetos que as crianças transportam." (p.17). No início do ano letivo a sala encontrava-se também organizada por áreas, no entanto numa disposição diferente, o que significa que a educadora adequou o espaço às necessidades emergentes das crianças consoante o seu desenvolvimento, uma vez que "(...) o ambiente físico e material da salas de creche, deverá refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades ao nível dos seus processos de aprendizagem e desenvolvimento." (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.30).

Post & Hohmann (2011) defendem a flexibilidade do espaço físico, de modo a transmitir segurança e conforto à criança, favorecendo as necessidades e interesses reflexo

do seu desenvolvimento. Atualmente, a mesa de trabalho encontra-se sensivelmente o meio da sala de atividades, sendo que esta é flexível e quando necessário, como por exemplo durante o repouso, é colocada num canto da sala de modo a facilitar a colocação dos catres proporcionando uma maior segurança e conforto no momento do repouso.

No que concerne aos materiais, a educadora tenta primar pela diversidade, de modo a proporcionar experiências significativas. Utiliza materiais de desgaste rápido e representativos, como pinhas, folhas, tintas, entre outros. Na sala de atividades estão disponíveis jogos didáticos, puzzles, jogos de enfiamento, jogos de construção, entre outros.

1.7.4. A rotina

“(…) torna-se bastante óbvia a necessidade de pensar acerca dos processos educativos de organização temporal que criem espaço individual, para pequenos grupos, para o grande grupo como um todo.” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.17).

A rotina está organizada de acordo com as características e necessidades do grupo de criança. Um dia tipo na sala R contempla momentos de atividade livre e orientada, em grande e pequeno grupo, momentos de alimentação e momentos de prestação de cuidados pessoais à criança, centrados na interação adulto-criança (Anexo G). Post & Hohmann (2011) referem que “os horários e as rotinas são suficientemente repetitivos para permitirem que as crianças explorem, treinem e ganhem confiança nas suas competências em desenvolvimento (...) embora suficientemente flexíveis para favorecer ritmos e temperamentos individuais” (p.15).

2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

2.1. Planificação geral

Com o intuito de planificar atividades adequadas às características do grupo de crianças, a partir da análise dos documentos da instituição e da caracterização do grupo, estabeleci um conjunto de intenções de trabalho com as crianças, as famílias e a equipa educativa, para o período de PPS.

Relativamente às crianças pretendo privilegiar a satisfação das necessidades e respeitar a individualidade e os ritmos de cada um. É também minha intenção promover a autonomia, promover momentos de desenvolvimento da linguagem oral e potenciar o respeito pelos outros. Assim, procurarei por em prática diariamente estas minhas intenções, a nível individual e em grupo, através da rotina, dos momentos de transição e das atividades que irei propor. Combinei também com a educadora cooperante, explorar todos os objetivos presentes no PP (2014), tentando trabalhar um por semana. Partindo desses mesmos objetivos e das minhas intenções, defini os objetivos para o período de PPS, ou seja, aquilo que pretendo que as crianças atinjam ao longo da minha prática, que se encontram apresentados na tabela seguinte:

Tabela 1 – Objetivos a serem desenvolvidos ao longo da PPS

Áreas de conteúdo	Objetivos
Formação Pessoal e Social	Saber pedir desculpa Expressar sentimentos e emoções
Expressão e Comunicação	Desenvolver a linguagem oral: <ul style="list-style-type: none">• Reconhecer sons• Reconhecer palavras• Aumentar o vocabulário
	Desenvolver a motricidade global: <ul style="list-style-type: none">• Experimentar diversas formas de locomoção Desenvolver a motricidade fina: <ul style="list-style-type: none">• Desenvolver a prensa palmar Desenvolver noções de espaço: <ul style="list-style-type: none">• Em cima de;

	<ul style="list-style-type: none"> • Em baixo de; • Ao lado de; • A frente de; • Atrás de;
Matemática	Desenvolver noções de espaço <ul style="list-style-type: none"> • Dentro de; • Fora de;
Conhecimento do Mundo	Revelar curiosidade pelo mundo que o rodeia Explorar diferentes materiais Conhecer e identificar animais

No que concerne às famílias, pretendo estabelecer uma relação de segurança e confiança, de forma progressiva ao longo do período de PPS, valorizando sempre as competências parentais. Procurarei também envolver as famílias no processo de aprendizagem dos seus filhos, pedindo a sua colaboração para o carnaval.

No que diz respeito à equipa educativa, é minha intenção estabelecer uma relação de confiança e empatia, de modo a facilitar o trabalho em equipa. Pretendo também consultar toda a equipa nas tomadas de decisão e pedir sugestões para o trabalho com as crianças e as famílias.

2.2. Planificação semanal e diária

Semana de 5 a 9 de Janeiro de 2015

Objetivos Pedagógicos	<p>Motricidade: Iniciar a aquisição de noções de Espaço e da estruturação do esquema corporal.</p> <p>Linguagem: Aperfeiçoar a linguagem e aumentar o vocabulário em 50%.</p>
Momentos/Propostas educativas	<p>Todos os dias: Readaptação à presença da estagiária: Contacto individual e grupal nos diversos momentos da rotina.</p>
	<p>Sexta-feira: Exploração de materiais de diferentes texturas, usando as mãos e os pés.</p>
Recursos humanos	<p>Recursos humanos: Estagiária; Educadora cooperante; Auxiliar de ação educativa;</p> <p>A equipa deve organizar-se de modo a:</p> <ul style="list-style-type: none">• Proporcionar momentos de interação individual e grupal entre as crianças e a estagiária, fomentando um ambiente calmo e acolhedor.• Manter o grupo calmo durante as atividades.
Técnicas e instrumentos de avaliação	<p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none">• Observação direta• Registos Fotográficos <p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Grelhas de observação• Máquina fotográfica

Dia 9 de janeiro de 2015

Atividade	Exploração de materiais de diferentes texturas (duro, macio, áspero).
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Revelar curiosidade pelo mundo que o rodeia; ✓ Explorar diferentes materiais; ✓ Aumentar o vocabulário.
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Realização da atividade em grande grupo; • Introdução das caixas, através de uma história; • Apoiar as crianças na exploração das caixas; • Expressar sentimentos de conforto; • Ler a legenda das caixas;
Recursos Humanos/Materiais	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estagiária; • Educadora cooperante; • Auxiliar de ação educativa; <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 6 Caixas • Casca de carvalho • Pedras • Algodão • Areia • Lixa • Dracalon
Tempo	20/30 minutos.
Espaço	Colchão
CrITÉrios de Avaliação	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Demonstra interesse e curiosidade durante a atividade; • Explora os materiais e expressa sentimentos de conforto / desconforto; satisfação / insatisfação; • Conhece e produz palavras novas.

Semana de 12 a 16 de Janeiro de 2015

<p>Objetivos Pedagógicos</p>	<p>Cognitivo: Iniciar a aquisição de noções de Espaço e tempo.</p> <p>Linguagem: Aperfeiçoar a linguagem e aumentar o vocabulário em 50%.</p>
<p>Momentos/Propostas educativas</p>	<p>Segunda-feira: Exploração de sacos de pano.</p> <p>Terça-feira: História e canção “A quinta do tio Manel”; Introdução dos carimbos dos animais; Decoração dos sacos de pano.</p> <p>De terça a sexta-feira: Decoração dos sacos; Experimentação dos carimbos em papel.</p>
<p>Recursos humanos</p>	<p>Recursos humanos: Estagiária; Educadora cooperante; Auxiliar de ação educativa;</p> <p>A equipa deve organizar-se de modo a:</p> <ul style="list-style-type: none"> • De modo a manter um clima calmo durante as atividades; • De modo a que o grupo seja acompanhado enquanto a estagiária trabalha com as crianças, individualmente ou a pares.
<p>Técnicas e instrumentos de avaliação</p>	<p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registos Fotográficos <p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação <p>Máquina fotográfica</p>

Dia 12 de janeiro de 2015

Atividade	Exploração de sacos de pano
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">✓ Desenvolver a noção de: dentro de, e fora de;✓ Aumentar o vocabulário.
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• Colocar diferentes objetos (da sala) dentro de um saco.• Contar uma história utilizando os objetos que estão dentro do saco.• Dar um saco a cada criança e pedir-lhes que coloquem um objeto dentro do seu saco.• Auxiliar as crianças na colocação dos objetos dentro do saco.• Cada criança apresenta as restantes o objeto que tem dentro do seu saco.
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Sacos de pano;• Objetos da sala (brinquedos)
Tempo	20/30 minutos
Espaço	Sala de atividades; Colchão.
Critérios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Compreende que o objeto está dentro do saco;• Compreende que o objeto está fora do saco;• Identifica oralmente pelo menos um objeto;

Dia 13 de janeiro de 2015

Atividade	História e canção “A quinta do tio Manel” Introdução dos carimbos dos animais Decoração dos sacos de pano
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer e identificar os animais; ✓ Identificar o animal pela silhueta; ✓ Aumentar o vocabulário; ✓ Desenvolver a prensa palmar.
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Contar a história recorrendo a fotografias dos animais; • Questionar as crianças acerca dos animais apresentados; • Apoiar as crianças na identificação da silhueta do animal nos carimbos; • Repetir o nome dos animais várias vezes e o seu som. • Auxiliar as crianças na decoração dos sacos; • Permitir às crianças que escolham a(s) caneta(s) com que querem pintar o saco.
Recursos Humanos/Materiais	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estagiária; • Educadora cooperante; • Auxiliar de ação educativa; <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fotografias dos animais; • Carimbos dos animais; • Sacos de pano; • Canetas de tecido.
Tempo	20/30 minutos
Espaço	Colchão; Mesa de trabalho.
Crítérios de Avaliação	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhece e identifica pelo menos um animal apresentado; • Identifica a silhueta correspondente ao animal apresentado; • Manipula a caneta;

Dia 14 de janeiro de 2015

Atividades	Continuação da decoração dos sacos de pano. Experimentação dos carimbos em folha de papel.
Objetivos	✓ Desenvolver a prensa palmar.
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• Auxiliar as crianças na decoração dos sacos;• Permitir às crianças que escolham a(s) caneta(s) com que querem pintar o saco;• Auxiliar as crianças na experimentação dos carimbos;• Desenvolver as tarefas individualmente ou a pares.
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Sacos de pano;• Canetas de tecido;• Carimbos dos animais;• Folhas de papel manteiga;• Tintas de várias cores.
Tempo	10 minutos (cada criança)
Espaço	Mesa de trabalho.
CrITÉrios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Coloca tinta no carimbo;• Carimba corretamente na folha de papel.

Dia 15 de janeiro de 2015

Atividades	Exploração de imagens dos animais e respectiva silhueta.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">✓ Conhecer e identificar os animais;✓ Identificar a silhueta do respectivo animal.
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• Colocar as imagens dentro de um saco e as silhuetas (carimbos) dentro de outro.• Pedir à criança que retire primeiro a imagem, mostre e identifique;• Pedir às crianças que procure dentro do outro saco a respectiva silhueta;• As crianças colocam as imagens na parede.
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Sacos de pano;• Fotografias dos animais em suporte de papel, plastificadas;• Carimbos dos animais;• Fita cola;
Tempo	20 minutos
Espaço	Colchão
CrITÉrios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Conhece e identifica pelo menos um animal apresentado;• Identifica a silhueta correspondente ao animal apresentado;

Semana de 19 a 23 de Janeiro de 2015

<p>Objetivos Pedagógicos</p>	<p>Motricidade: Iniciar a aquisição de noções de Espaço e da estruturação do esquema corporal.</p> <p>Cognitivo: Iniciar a aquisição de noções de Espaço e tempo.</p> <p>Linguagem: Aperfeiçoar a linguagem e aumentar o vocabulário em 50%.</p>
<p>Momentos/Propostas educativas</p>	<p>Quarta-feira: Exploração de materiais representativos do revestimento dos animais da quinta (macio, áspero, duro).</p> <p>Quinta-feira: Sessão de movimento/ mímica dos animais trabalhados.</p> <p>Sexta-feira: Jogo de reconhecimento de sons de animais com suporte áudio e vídeo.</p>
<p>Recursos humanos</p>	<p>Recursos humanos: Estagiária; Educadora cooperante; Auxiliar de ação educativa;</p> <p>A equipa deve organizar-se de modo a:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar momentos de interação individual e grupal entre as crianças, fomentando um ambiente calmo e acolhedor. • Manter o grupo calmo durante as atividades.
<p>Técnicas e instrumentos de avaliação</p>	<p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registos Fotográficos <p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação • Máquina fotográfica

Dia 21 de janeiro de 2015

Atividades	Exploração de materiais representativos do revestimento dos animais da quinta (macio, áspero, duro).
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">✓ Explorar diferentes materiais;✓ Conhecer e identificar os animais;
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• Colocar os materiais na parede junto às imagens dos animais;• Incentivar as crianças a explorar com as mãos os diferentes revestimentos;• .Apoiar as crianças na exploração;• Fazer a analogia entre o revestimento e os respectivos animais;• Manter os materiais na parede, permitindo que as crianças explorem sempre que desejarem.
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Penas;• Pelúcia;• 1 Trincha (para retirar o pelo)• Pelo de cão (lavado)
Tempo	15 minutos
Espaço	Colchão
CrITÉrios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Explora os diferentes tipos de revestimento, com a mão;• Conhece e identifica pelo menos um animal;

Dia 22 de janeiro de 2015

Atividades	Sessão de movimento/ mímica dos animais trabalhados.
Objetivos	✓ Experimentar diversas formas de locomoção; ✓ Imitar o som dos animais;
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• O espaço deve estar amplo e sem obstáculos;• Dizer o nome do animal e fazer a sua mímica;• Incentivar as crianças a imitar as minhas ações;
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa;
Tempo	10 minutos
Espaço	Sala de atividades
Crítérios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Experimenta diferentes formas de locomoção (andar de pé; andar de gatas, saltar, rastejar);• Imita o som dos animais;

Dia 23 de janeiro de 2015

Atividades	Jogo de reconhecimento de sons de animais com suporte áudio e vídeo.
Objetivos	✓ Reconhecer o som e identificar o respetivo animal;
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• As crianças ficam sentadas no colchão, voltadas para a parede onde se encontram as imagens dos animais;• O computador está disposto de forma a que as crianças não observem o ecrã;• O som é reproduzido e uma criança dirige-se às imagens dos animais e identifica de qual se trata.
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Imagens dos animais;• Computador com internet;
Tempo	15 minutos
Espaço	Colchão
CrITÉrios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Reconhece pelo menos um som e identifica o respetivo animal;

Semana de 26 a 30 de Janeiro de 2015

<p>Objetivos Pedagógicos</p>	<p>Socio emocional: Mostrar empatia pelos sentimentos e necessidades dos outros.</p> <p>Linguagem: Aperfeiçoar a linguagem e aumentar o vocabulário em 50%.</p>
<p>Momentos/Propostas educativas</p>	<p>Segunda-feira: História "O Tomás está crescendo" - exploração dos animais da história fazendo analogia com imagens reais.</p> <p>Quinta-feira: História "A Caracolinhos Loiros e os 3 Ursos"; Reconhecimento e mímica de 5 emoções, utilizando suporte de imagens. Recordar a canção "Os sons dos animais". Analogia entre a história, as emoções e os animais;</p> <p>Todos os dias: Observação e registo de interações (avaliação).</p>
<p>Recursos humanos</p>	<p>Recursos humanos: Estagiária; Educadora cooperante; Auxiliar de ação educativa;</p> <p>A equipa deve organizar-se de modo a:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manter o grupo calmo durante as atividades.
<p>Técnicas e instrumentos de avaliação</p>	<p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registos Fotográficos <p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação • Máquina fotográfica

Dia 26 de janeiro de 2015

Atividades	História "O Tomás está crescendo" - exploração dos animais da história fazendo analogia com imagens reais.
Objetivos	✓ Identificar os animais da história e a respectiva fotografia;
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• Mostrar as imagens da história e questionar as crianças acerca de que animal se trata;• Solicitar a uma criança, de cada vez, que retire uma fotografia, identifique o animal e o respectivo desenho na história;
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• História "O Tomás está crescendo" em suporte de papel;• Imagens reais dos animais da história em suporte de papel;
Tempo	30 minutos
Espaço	Colchão
CrITÉrios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Identifica o animal através da fotografia;• Identifica o animal através do desenho;• Estabelece a correspondência entre a fotografia e o desenho;

Dia 29 de janeiro de 2015

<p align="center">Atividade</p>	<p>História “A Caracolinhos Loiros os 3 Ursos”; Recordar a canção “Os sons dos animais”. Analogia entre a história, as emoções e os animais;</p>
<p align="center">Objetivos</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Experimentar diferentes emoções. ✓ Conhecer e identificar os animais. ✓ Desenvolver a linguagem oral.
<p align="center">Estratégias/ Procedimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Realização da atividade em grande grupo. • Contar a história com expressividade, recorrendo a imagens. • Introduzir as diferentes emoções ao longo da história, com recurso a suporte de imagem. • Mimar as diferentes emoções. • Ajudar as crianças na identificação dos animais e dos seus sons.
<p align="center">Recursos Humanos/Materiais</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estagiária; • Educadora cooperante; • Auxiliar de ação educativa; <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Imagens da história “A Caracolinhos Loiros os 3 Ursos” • Imagens das emoções (Alegria, tristeza, medo, espanto e raiva). • Canção “Os sons dos animais” em suporte escrito, com imagens. • Imagens dos animais.
<p align="center">Tempo</p>	<p>20/30 minutos.</p>
<p align="center">Espaço</p>	<p>Colchão</p>
<p align="center">CrITÉrios de AvaliaÇão</p>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressa sentimentos de conforto/desconforto, relativamente às emoções mimadas pela estagiária; • Conhece e identifica o animal da história; • Identifica, pelo menos, um animal e o seu som.

Semana de 2 a 6 de Fevereiro de 2015

<p>Objetivos Pedagógicos</p>	<p>Socio emocional: Mostrar empatia pelos sentimentos e necessidades dos outros.</p> <p>Linguagem: Aperfeiçoar a linguagem e aumentar o vocabulário em 50%.</p>
<p>Momentos/Propostas educativas</p>	<p>Segunda-feira: História " O Cuquedo" Colocação de comedouros para os pássaros do jardim.</p> <p>Quarta-feira: História "A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça"</p> <p>Quinta-feira: História "Beijinhos, beijinhos"</p> <p>Todos os dias: Atelier do carnaval com famílias – construção de máscaras/adereços para as crianças.</p>
<p>Recursos humanos</p>	<p>Recursos humanos: Estagiária; Educadora cooperante; Auxiliar de ação educativa;</p> <p>A equipa deve organizar-se de modo a:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manter o grupo calmo durante as atividades. • Assegurar o grupo aquando da presença da estagiária e/ou educadora na sala dos ateliers.
<p>Técnicas e instrumentos de avaliação</p>	<p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registos Fotográficos <p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação • Máquina fotográfica

Dia 2 de Fevereiro de 2015

Atividade	História " O Cuquedo"
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">✓ Conhecer e identificar os animais da história;✓ Experimentar as emoções medo e espanto;
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• Realização da atividade em grande grupo.• Contar a história com expressividade, recorrendo às imagens do livro.
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Livro "O Cuquedo" de Clara Cunha e Paulo Galindo.
Tempo	15 minutos.
Espaço	Colchão
CrITÉrios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Conhece e identifica pelo menos um animal da história;• Experimenta pelo menos a emoção espanto;• Experimenta a emoção espanto e medo;

Dia 4 de Fevereiro de 2015

Atividade	História "A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça"
Objetivos	✓ Conhecer e identificar os animais da história;
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• Realização da atividade em grande grupo.• Contar a história com expressividade, recorrendo às imagens do livro.
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Livro "A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça" de Werner Holzwarth e Wolf Erlbruch.
Tempo	15 minutos.
Espaço	Colchão
Crítérios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Conhece e identifica pelo menos um animal da história;

Dia 5 de Fevereiro de 2015

Atividade	História "Beijinhos, beijinhos" Exploração sensorial de algodão, lã e aço;
Objetivos	✓ Experimentar diferentes sensações na face;
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• Realização da atividade em grande grupo.• Contar a história com expressividade, recorrendo às imagens do livro.• Ao longo da história ir introduzindo os materiais de exploração sensorial;
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Livro "Beijinhos, beijinhos" de Selma Mandine;• Algodão;• Lã;• Escova de aço;
Tempo	15 minutos.
Espaço	Colchão
Crítérios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Experimenta a sensação agradável do algodão macio;• Experimenta a sensação agradável da lã;• Experimenta a sensação desagradável do aço;

Semana de 9 a 13 de Fevereiro de 2015

<p>Objetivos Pedagógicos</p>	<p>Socio emocional: Mostrar empatia pelos sentimentos e necessidades dos outros.</p> <p>Linguagem: Aperfeiçoar a linguagem e aumentar o vocabulário em 50%.</p>
<p>Momentos/Propostas educativas</p>	<p>Segunda-feira: História “Quando a mãe grita”, fazendo a analogia com as emoções já trabalhadas;</p> <p>Todos os dias: Atelier do carnaval com famílias – construção de máscaras/adereços para as crianças.</p>
<p>Recursos humanos</p>	<p>Recursos humanos: Estagiária; Educadora cooperante; Auxiliar de ação educativa;</p> <p>A equipa deve organizar-se de modo a:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manter o grupo calmo durante as atividades. • Assegurar o grupo aquando da presença da estagiária e/ou educadora na sala dos ateliers.
<p>Técnicas e instrumentos de avaliação</p>	<p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registos Fotográficos <p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação • Máquina fotográfica

Dia 9 de Fevereiro de 2015

Atividade	História “Quando a mãe grita”, fazendo a analogia com as emoções já trabalhadas;
Objetivos	✓ Experimentar diferentes emoções;
Estratégias/ Procedimentos	<ul style="list-style-type: none">• Realização da atividade em grande grupo.• Contar a história com expressividade, recorrendo às imagens do livro.• Ao longo da história ir introduzindo as diferentes emoções;
Recursos Humanos/Materiais	Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Estagiária;• Educadora cooperante;• Auxiliar de ação educativa; Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Livro “Quando a mãe grita” de Jutta Bauer• Imagens das emoções já trabalhadas;
Tempo	15 minutos.
Espaço	Colchão
Crítérios de Avaliação	A criança: <ul style="list-style-type: none">• Experimenta a emoção espanto;• Experimenta a emoção tristeza;• Experimenta a emoção medo;• Experimenta a emoção alegria;

2.3. Identificação da problemática

A problemática identificada decorre de uma atividade realizada com o grupo de crianças, na qual um dos recursos foi um computador com internet (ver reflexão diária de 23 de janeiro de 2015) e do conhecimento que a educadora tem acerca do grupo e das famílias. Esta problemática está relacionada com o tempo que as crianças brincam com equipamentos eletrónicos e o tipo de supervisão que estas brincadeiras têm.

Optei então por fazer um inquérito por questionário às famílias das crianças, através do qual pretendia fazer o levantamento dos hábitos de brincadeira e as preferências das crianças (Anexo H). Este questionário era anónimo, sendo que as folhas foram colocadas nas capas de atividade diária das crianças e foi elaborada uma caixa para os pais colocarem o questionário preenchido, com o objetivo de manter o anonimato.

Num período de duas semanas, recolhi apenas nove de um total de catorze questionários distribuídos. Deste nove, apenas quatro foram preenchidos corretamente e da leitura que pude fazer dos mesmos, as informações recolhidas não correspondem à problemática identificada, sendo que desta forma, a problemática não existe. Assim, dado que os questionários foram recolhidos já no final da PPS e que o número e qualidade de informações recolhidas, na minha opinião, não é suficiente e relevante para dar continuidade à investigação, considere-se sem efeito a problemática identificada.

3. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

3.1. Avaliação pessoal (autoavaliação)

Neste subcapítulo apresenta-se todas as reflexões diárias e semanais realizadas. Estas reflexões tinham o objetivo de autoavaliar a minha intervenção, bem como de refletir de forma fundamentada sobre acontecimentos relevantes ao longo da PPS. Nas reflexões é possível encontrar alguns comentários da supervisora institucional, professora Ana Simões (AS), bem como da educadora cooperante (EC).

Reflexão Diária – 5/01/2015

Após três semanas de ausência, regressei hoje à sala onde tinha estado em dezembro, no período de observação. A ideia que tinha era que as crianças iriam estranhar a minha presença, uma vez que estive demasiado tempo fora, e necessitariam de alguns dias para voltar a aceitar-me na sala. No entanto, e para meu grande espanto, a minha chegada à sala foi bastante pacífica, como se não tivessem existido as três semanas de ausência. Fiquei satisfeita com esta situação, uma vez que desta forma poderei estabelecer relações com cada uma das crianças, mais rapidamente¹¹.

Durante o período de observação, estavam doentes bastantes crianças, pelo que estive pouco tempo com algumas, e três delas não cheguei a conhecer. Uma destas três crianças continua a não frequentar a creche, sendo que os motivos são desconhecidos, as restantes duas tive o privilégio de conhecer hoje. Logo à chegada de ambos percebi que não iria ser fácil estabelecer contacto de imediato, pelo que optei por não me aproximar muito. O contacto mais próximo que estabeleci foi deita-los para a sesta. Penso que este passo foi importante para uma aproximação futura. Será que devo aproximar-me mais destas crianças? Devo insistir¹²?

Com as restantes crianças do grupo, penso que as relações se encontram no mesmo patamar em que ficaram em dezembro. Pretendo aproximar-me mais de cada uma delas ao longo das próximas semanas, mas sem contrariar as suas disponibilidades para tal.¹³

Reflexão Diária – 6/01/2015

¹¹AS: Folgo em saber.

¹²AS: sim, mas com calma e tranquilidade.

¹³AS: tudo bem, há que não desistir.

Hoje já estive mais próxima das duas crianças que conheci ontem, a “Bela” e o “Timóteo”. No caso da “Rafa” foi ela própria quem começou a aproximar-se de mim, situação que eu aproveitei para estabelecer um contacto mais próximo com ela. O “Timóteo” é uma criança muito calma e pacífica, pelo que foi fácil aproximar-me dele e estabelecer um contacto positivo, embora não consiga perceber bem o que ele está a sentir. Acho que ainda não o vi sorrir. Talvez deva passar mais tempo com ele.¹⁴

Ao longo do dia, há momentos em que me sinto como se parasse no tempo. Parece que fico ausente, apenas a observar o que está a acontecer. Penso que esta situação não é favorável e que tenho de estar mais atenta e interagir. Sei que há vários momentos em que podia expressar-me mais e interagir com as crianças, no entanto raramente o faço. Talvez isto se deva à minha falta de experiência e à insegurança que sinto ao estar à frente de um grupo de crianças.¹⁵

Há uma criança com a qual estou a ter mais dificuldades em estabelecer relação. O “Bolacha” é uma criança teimosa, no entanto, respeita a educadora e as auxiliares. Comigo, faz tudo o que quer e insiste em contrariar todos os meus pedidos, bem como em recusar que seja eu a dar-lhe de comer. Esta situação deixa-me um pouco irritada por vezes, por tanto insistir em fazer-me ouvir. Talvez não deva insistir.¹⁶ A equipa educativa já se apercebeu da situação e tem-me ajudado quando não consigo fazer-me ouvir por esta criança. Ainda assim, preciso de encontrar estratégias para ser capaz de estabelecer uma relação positiva com esta criança. O que devo fazer? Que estratégias devo usar?¹⁷

Reflexão Diária – 7/01/2015

A primeira criança a chegar à creche foi o “Bolacha” e eu aproveitei para passar algum tempo com ele, uma vez que ainda não tinham chegado mais crianças. Ele aproveitou para ir ao berçário, explorar alguns brinquedos, penso que para recordar o tempo que lá passou. Neste momento tentei interagir com ele, conversar e questioná-lo acerca do que estava a fazer. Penso que até correu bem e foi possível estar um pouco mais próxima dele.¹⁸ Depois, fomos para a piscina de bolas, onde o “Bolacha” decidiu atirar as bolas para

¹⁴AS: de que forma?

¹⁵AS: Há que ter e mostrar confiança nas suas capacidades. A relação, o criar laços, o dar-se às crianças é fundamental. Vença a sua insegurança. Desafie-se, ouse.

¹⁶AS: Talvez... Não supervalorize as atitudes da criança em questão. Dê-lhe tempo e espaço e, passado algum tempo, volte e aproximar-se, com uma atitude segura (pelo menos, aparentemente)

¹⁷AS: O que acha? Pense nalgumas possíveis e registe-as: experimente abordar a criança de outra forma, noutra espaço e momento do dia. Leve um fantoche, um livro, um brinquedo, um jogo...

¹⁸ AS: Boa estratégia!

fora da piscina. Pedi-lhe várias vezes, calmamente, que não atirasse as bolas para fora da piscina, e também que fosse apanhar aquelas que já tinha atirado. Estas solicitações foram em vão, pois quanto eu mais solicitava, mais ele contrariava. Fiquei um pouco irritada, novamente, também porque estava sozinha com ele e não sabia o que fazer, pois ele não parava de atirar as bolas para fora da piscina.¹⁹

Ao almoço, tive a oportunidade de, pela primeira vez, dar de comer ao “Bolacha”. Penso que só o permitiu porque estava com muita fome²⁰, pois tinha comido muito cedo. Durante o almoço, e como já é habitual, tentou sair da cadeira, mas eu não permiti, como de costume, o que o deixou a ele irritado. Depois da sesta, recusou-se a deixar-me vesti-lo e calça-lo. Uma das auxiliares de ação educativa interveio na situação, para que ele permitisse que fosse eu a executar esta tarefa. Apesar de ser teimoso é uma criança meiga. Talvez deva tentar uma abordagem diferente com esta criança.²¹

Hoje preparei alguns materiais para a atividade de pretendo dinamizar amanhã. A educadora têm-me ajudado muito, bem como ambas as auxiliares da sala. Posso dizer que tenho aprendido bastante com todas elas.²²

Reflexão Diária – 8/01/2015

Hoje era para ter dinamizado uma atividade, no entanto, a educadora decidiu fazer uma atividade diferente que considerou adequada para o momento e eu aceitei. A atividade foi feita com um pano de paraquedas colorido, que a educadora colocou sobre todas as crianças e elas puderam brincar lá debaixo. Depois, a educadora colocou uma criança de cada vez debaixo do pano para que outra adivinhasse quem era. Tivemos também a balançar as crianças, uma de cada vez, em cima do pano e a arrasta-las pelo chão, com o mesmo pano. Fora alguns medos iniciais, todas as crianças adoraram a atividade e eu considerei muito interessante e divertida, pois permitiu trabalhar as noções de espaço e de permanência de objeto.²³

Depois do repouso estive a mudar fraldas e tentei várias vezes chamar o “Bolacha” para lhe mudar a fralda, mas ele fugia sempre. Decidi não insistir e, das várias tentativas em vão, levava sempre outra criança para mudar. Acabei por aproveitar a música que estava a tocar e com ludicidade consegui agarrá-lo e levá-lo ao colo para a casa de banho.

¹⁹AS: É natural; a criança está mesmo a desafiá-la... Seja firme, mas assertiva.

²⁰AS: Seja mais otimista.

²¹AS: Sim, talvez mesmo

²²AS: Ainda bem! Folgo em saber.

²³AS: Mais rigor na reflexão! Evitar a comunicação próxima da comunicação oral.

Consegui mudar-lhe a fralda e ainda a roupa, por que estava húmida, sem que chorasse ou gritasse. Penso que consegui aproveitar um bom momento para o cativar e o momento da muda da fralda para conversar com ele com mais proximidade.

Reflexão Diária – 9/01/2015

Hoje dinamizei uma atividade em conjunto com a educadora, que introduziu as caixas com os materiais (casca de carvalho, areia, pedras, dracalon, algodão e lixa) através de uma história em que um cão passava pelos mesmos. Através desta história foi possível explorar palavras e sons, e ainda explorar os materiais da atividade com as mãos. Em seguida, ajudámos as crianças a descalçar os sapatos e cada uma delas foi arrumá-los na sapateira. Explorámos então os materiais com os pés, no entanto fizemo-lo de meias calçadas, uma vez que estava muito frio e que as crianças tinham muita roupa (collants). No entanto, eu que também experimentei, considero que seria bem mais interessante se a exploração fosse feita sem as meias, para isso, teria de ser numa época do ano em que o clima estivesse mais quente. Quanto à minha prestação na dinamização da atividade, considero que não foi muito boa, pois estava insegura e deixei que isso se notasse, tendo tido alguma dificuldade em manter o grupo interessado. Preciso de encontrar estratégias para manter o grupo interessado na atividade.²⁴

Reflexão Semanal: 5 a 9 de Janeiro

Esta semana foi essencialmente de readaptação, tanto para mim como para as crianças. Esperava que me recebessem com alguma estranheza, uma vez que já tinha estado quatro dias na sala e que me ausentei durante três semanas. No entanto, o meu regresso foi pacífico para todas as crianças, tendo encontrado as relações que estabeleci em dezembro, no mesmo patamar em que tinham ficado. Fiquei contente, pois assim foi mais fácil aproximar-me de cada uma das crianças.²⁵

Considero que esta semana foi mais difícil para mim do que para as próprias crianças, pela dificuldade que tive em encontrar as estratégias adequadas para a interação com cada uma delas. No entanto, ao longo da semana consegui experimentar algumas abordagens, tentando assim adequá-las a cada criança.²⁶

²⁴ AS: Tudo bem, acontece. Deve mostrar-se mais segura e confiante nas suas capacidades!

²⁵ AS: Em que patamar, concretamente?

EC: Em grupos com crianças que frequentaram berçário a disponibilidade para a relação com os outros é mais evidente

²⁶ AS: Folgo em saber!

EC: E cada uma das crianças encontrou estratégias para se relacionar contigo.

Optei por realizar apenas uma atividade, no final da semana, uma vez que era necessário um pequeno período de readaptação. Assim, privilegiei a satisfação das necessidades da criança, através das rotinas, uma vez que, de acordo com Portugal (s.d.), é necessário garantir que as rotinas diárias asseguram a satisfação das necessidades da criança, nomeadamente necessidades físicas; de afeto; de segurança; de reconhecimento e de afirmação; de se sentir competente; e de significados e valores. Foi com base nestes pressupostos que orientei a minha prática ao longo desta semana, pretendendo manter esta mesma orientação ao longo das próximas semanas.²⁷

A atividade realizada ocorreu na sexta-feira, com a dinamização partilhada com a educadora. Esta trata-se de uma exploração de materiais de diferentes texturas, com as mãos e os pés. A exploração com os pés foi feita com meias, devido ao frio da época, no entanto, considero que teria sido bastante mais interessante se fosse feita com os pés descalços. Optei por este tipo de atividade, uma vez que, segundo Portugal (s.d.), à medida que a criança se torna mais ativa, a necessidade de exploração e a curiosidade aumentam.

Ao nível das aprendizagens, pude observar algumas situações que me pareceram bastante interessantes. Uma delas foi o facto de a educadora ter dado garfos, às crianças mais velhas, na hora do almoço, pois reparou que algumas delas estavam a tentar espetar a comida com a colher, provavelmente porque em casa já comem com o garfo. A educadora adequou assim, os talheres em função das necessidades das crianças, bem como da comida, uma vez que apenas deu garfos, nos dias em que era possível espetar a comida. Outra situação, foi o facto de essas mesmas crianças, que já acompanham a educadora desde o berçário começarem a ir à sanita depois do almoço. Ao início algumas das crianças estranharam e tiveram medo, mas depois até começaram a gostar²⁸.

Referências Bibliográficas

Portugal, G. (s.d.). Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche. Porto: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.

Reflexão Diária – 12/01/2015

Hoje tivemos a explorar os sacos de pano que iremos pintar para transportar os livros da biblioteca. A atividade foi dinamizada pela educadora e começou com uma história sobre um cão que estava escondido. Depois cada criança foi tirar um objeto de dentro do saco e a

²⁷ AS: Boa reflexão.

²⁸ EC: Natureza da tarefa adequada à estrutura do sujeito.

questão-chave da atividade foi “o que é isto?”, permitindo assim trabalhar ao nível do vocabulário e da permanência do objeto (dentro e fora do saco). Nesta atividade estive um pouco retraída, podia ter interagido mais com as crianças.

Apesar de muitas vezes ser pouco dinâmica e participativa, tenho aprendido muito por observação e com as explicações e dicas que a educadora me vai dando ao longo do dia, acerca de diversas situações. Penso que ganharei mais se conseguir estar mais desinibida.²⁹

Reflexão Diária – 13/01/2015

Hoje contei uma história com recurso a suporte de imagens de animais, explorando os seus nomes e sons, e fazendo a analogia entre as imagens e os carimbos. De um modo geral, penso que a atividade correu bem, senti-me menos inibida e insegura e consegui manter o grupo interessado, com a ajuda da equipa educativa. No entanto, considero que tive uma falha grave, pois não sabia a canção referente à história, ainda assim, não estava programado cantar a canção hoje, pelo que não a pesquisei antecipadamente.

Iniciámos ainda a pintura dos sacos de pano para transportar os livros da biblioteca, que será feita ao longo de toda a semana, individualmente.

Relativamente à minha relação com as crianças, penso que se está a consolidar, aos poucos. No caso do “Gu”, esta semana optei por não me aproximar muito, apenas o faço em alguns momentos, que considero adequados, como nos momentos de brincadeira. Ainda assim, penso que a relação está a melhorar.

No que concerne às famílias, a maioria delas já me conhece e tem mostrado simpatia para comigo. Esta situação deixa-me reconfortada, pois sinto-me um pouco mais à-vontade para trabalhar tanto com as crianças, como com as próprias famílias.

Reflexão Diária – 14/01/2015

Hoje a atividade da manhã foi recordar a canção da Quinta do Tio Manel, com recurso às imagens, dinamizada pela educadora, para lançar a atividade de pintura com carimbos em papel. Senti que estive um pouco à quem das minhas próprias expectativas hoje, pois a educadora questionou-me se queria que ela iniciasse a atividade ou se queria ser eu, ao que eu respondi “tanto faz”, penso que por falta de à-vontade. Deveria ter sido eu a iniciar a atividade. A partir deste momento, considero que estive a manhã toda muito

²⁹ AS: Há que investir mais em si e no trabalho que desenvolve junto das crianças com quem se encontra, no âmbito da sua PPS.

pouco participativa, uma das auxiliares até me perguntou se estava chateada. Talvez tenha sido só um dia mais difícil. Espero conseguir ficar mais à-vontade, não que não sinta abertura por parte da equipa educativa para isso, é mesmo falta de segurança para estar à frente de um grupo de crianças.³⁰

Voltei a aproximar-me do “Gu”, tentando jogar com ele à bola, pois hoje estava muito agressivo tentando bater nos amigos várias vezes. Para que não o fizesse, perguntei-lhe se queria jogar à bola, penso que foi uma boa estratégia, no entanto, não durou muito tempo, pois ele cansou-se depressa e foi brincar com outra coisa. O facto de ele bater aos amigos pode querer dizer que algo não está bem, penso que seja falta de atenção. Tive ainda a oportunidade de lhe mudar a fralda duas vezes depois da sesta, conseguindo ter alguns minutos de conversa com ele, apesar da resistência para comigo. Tentei conversar com ele, mas não o consegui por muito tempo, pois ele encontra sempre alguma coisa para se distrair. Apesar de tudo, em alguns momentos encontro nele uma criança carinhosa.

Reflexão Diária – 15/01/2015

Hoje recordámos a canção do Tio Manel, com recurso às imagens e aos carimbos que já tínhamos usado no dia anterior, e ainda a um suporte escrito que ficará afixado na parede. As crianças tiraram uma imagem de dentro de um saco e em seguida procuraram o carimbo correspondente. As imagens foram coladas pelas crianças na parede. Esta atividade foi dinamizada em conjunto com a educadora. Penso que estive mais descontraída e que consegui manter o grupo interessado. No entanto, a atividade foi demasiado longa e como o tempo de concentração nestas idades é bastante limitado, algumas crianças começaram a ficar desinteressadas. A colaboração das auxiliares de ação educativa, foi fundamental nesta atividade, para que o grupo se mantivesse atento.³¹

Reflexão Diária – 16/01/2015

Hoje a educadora não esteve presente, no entanto, decidi manter o momento de atividade no tapete. Recordámos os animais que tínhamos colado na parede no dia anterior, os seus nomes e sons, e ainda a canção do Tio Manel. A atividade durou apenas 15

³⁰ AS: A resposta que deu não é, de todo, a mais acertada o que provocou, naturalmente, uma reação por parte da equipa educativa. Atenção à forma como se posiciona e como investe na sua PPS. Conversamos na 6ª feira sobre estes aspetos.

³¹ AS: mais cuidado e rigor na expressão escrita! Evite expressões como desinteressado e descontraído. Revelam pouca reflexão e pouco conhecimento científico sobre as crianças. Deve ser menos descritiva e mais reflexiva.

minutos.³² Penso que no geral correu bem, no entanto, bastou que uma das auxiliares se ausentasse do tapete para ir atender o telefone da sala, para que as crianças perdessem a concentração. Ainda assim, senti-me bem durante a atividade.³³

Depois deste pequeno momento de tapete, continuámos a atividade dos carimbos em folha de papel, com algumas das crianças que ainda não tinham feito. Depois de brincarem, e para que as auxiliares pudessem organizar a sala para o repouso, bem como para a hora do conto que aconteceu depois do lanche, sentei-me com as crianças no tapete e colocámos as fotografias no mapa das presenças e contei também uma história. Neste momento tive alguma dificuldade em manter o grupo atento e calmo, tendo precisado da ajuda de uma das auxiliares. Penso que a agitação do grupo é normal, uma vez que havia muita movimentação dentro da sala.³⁴

Hoje, o “Gu” veio ter comigo duas vezes para me dar um beijinho. Fiquei surpreendida,³⁵ mas feliz. Penso que seja um sinal de que está a aceitar a minha presença. No entanto, continua a tentar bater-me, tal como aos amigos, e a rejeitar as minhas solicitações. Considero que com calma e perseverança serei capaz de me aproximar dele.³⁶

Reflexão Semanal: 12 a 16 de Janeiro

Esta semana foi recheada de atividades, todas elas pensadas e preparadas em conjunto com a educadora. Iniciei a semana com alguma insegurança e inibição, mas ao longo da mesma fui ficando mais à-vontade em relação ao grupo.

Tive a oportunidade de compreender melhor a necessidade de preparar as atividades e os materiais antecipadamente, bem como a necessidade de reformular aquilo que tínhamos planeado para aquela semana, ajustando assim a planificação aos acontecimentos. Post & Hohmann (2011) referem que “(...) a previsibilidade e a flexibilidade juntas poderão parecer contraditórias, de facto, num infantário, ambas andam de mãos dadas na construção de um dia calmo, centrado na criança.” (p. 197)³⁷

Foi bastante interessante poder estar à frente do grupo, e perceber o quanto é difícil mantê-lo interessado, principalmente nestas idades. Muitas das vezes parece que estamos

³² AS: Apenas?! Há que reler teoria sobre o desenvolvimento e a capacidade de concentração das crianças tão pequenas!

³³ AS: Porque... Convém explicitar.

³⁴ AS: Tudo bem, acontece e é normal. O importante é perceber o que se passou e como pode melhorar a sua prestação.

³⁵ AS: Porquê?

³⁶ AS: Claro que sim! Coragem!

³⁷ EC: A previsibilidade de mãos dadas com a flexibilidade é uma ferramenta não só nos espaços de educação mas para a vida.

a falar para uma parede,³⁸ mas não pudemos desmotivar nem desistir, temos de continuar a trabalhar e de encontrar novas estratégias para cada criança.³⁹

Infelizmente, não consegui terminar os sacos da biblioteca a tempo da inauguração, que aconteceu esta sexta-feira. Estes sacos têm como função transportar os livros que foram requisitados pelas crianças. Todas as sextas-feiras, cada criança devolve o livro que levou e requisita outro.⁴⁰ O ideal seria que os sacos estivessem prontos no dia da inauguração da biblioteca, mas não foi possível termina-los a tempo. Penso que esta situação ilustra bem que o trabalho do educador nem sempre está terminado a tempo, pois existem prioridades, as necessidades das crianças e o cumprimento das rotinas diárias.⁴¹

Referências Bibliográficas

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários (4.ª edição)*.

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Reflexão Diária – 19/01/2015

Hoje decidimos aproveitar o sol e ir um pouco até ao parque da creche.⁴² A educadora e as auxiliares de ação educativa ficaram junto ao escorrega, em pontos estratégicos, de modo a que todas as crianças pudessem andar com segurança. Eu fiquei junto aos baloiços, sentando as crianças que queriam andar. É certo que poderia ter explorado o espaço com as crianças, no entanto, apesar de os baloiços serem bastante seguros, optei por me manter junto dos mesmos para que ninguém se magoasse, uma vez que ainda são muito pequenos e não têm a noção de como se podem magoar.⁴³ Como tinha medo que alguma criança se colocasse atrás de um dos baloiços e caísse decidi ficar alerta. Penso que, dadas as circunstâncias, tomei a decisão mais sensata. Numa outra oportunidade, poderei explorar o espaço com as crianças e o apoio da equipa educativa.⁴⁴

O “Bolacha” voltou a estar agitado, gerando conflitos com as restantes crianças. Numa tentativa de o aclamar, e por lhe ter solicitado que devolvesse um brinquedo que tinha

³⁸ AS: atenção à forma como se expressa!

³⁹ EC: E estratégias para quando estamos quer em pequeno grupo ou em grande grupo.

⁴⁰ AS: Porque razão?

⁴¹ AS: Há que melhorar, o quanto antes, esta falha/fragilidade!

EC: O trabalho nunca se termina porque é uma espiral em crescendo, mais complexa, mais ampla e mais abrangente em função das estruturas (competências) do grupo e de cada um. O que se conclui muitas vezes são as evidências desse trabalho.

⁴² AS: Que bom!

⁴³ AS: Tudo bem; foi uma boa opção!

⁴⁴ AS: Muito bem.

tirado ao amigo, agarrou a minha bata e tentou morder-me. Esta criança demonstra falta de resistência à frustração e através das conversas com a equipa educativa acerca da mesma pude perceber os motivos para estes comportamentos. Irei procurar encontrar estratégias para evitar os conflitos com outras crianças, bem como satisfazer as necessidades de reconhecimento e de afirmação do “Bolacha”.

Outra situação que me deixou um pouco desconfortável foi o facto de uma criança ter sido mordida enquanto eu estava sozinha na sala. Como não sabia o que fazer, pela falta de experiência que tenho, fiz então o que estava ao meu alcance no momento, peguei na criança ao colo e tentei acalmar o seu choro. Depois, quando a auxiliar de ação educativa voltou à sala, contei-lhe o sucedido e ela disse-me o que devia fazer, colocar um gel específico para estas situações. Apesar de já ter visto o gel na gaveta preferi não o colocar na cara da criança sem a indicação de um adulto responsável pela sala.

Reflexão Diária – 20/01/2015

Hoje dançámos ao som de músicas infantis e a educadora foi dando algumas indicações como: braços no ar, abanar a cabeça, saltar a pés juntos, etc. Participei nestes movimentos tentando ser o mais expressiva possível para cativar o interesse das crianças. Todas elas se mostraram felizes com a atividade, apesar de poucas terem imitado os movimentos, a maioria ficou apenas a observar. Durante a atividade tentei potenciar o movimento de algumas crianças, dançando com elas. Penso que este tipo de atividade, que é no fundo uma brincadeira, deixa as crianças felizes e as faz sentir que o adulto está mais próximo de si e que também brinca.

Reflexão Diária – 21/01/2015

Hoje dinamizei uma atividade de exploração de diferentes tipos de camuflagem (pelo macio, pelo áspero, e penas macias), fazendo a analogia com os animais. As crianças estavam bastante curiosas, pois os materiais já se encontravam na parede antes de iniciar a atividade. Penso que como pontos fortes há que apontar a qualidade dos materiais e da proposta, pois considero que os materiais foram bem conseguidos, fazendo uma boa representação das diferentes camuflagens, bem como as imagens dos materiais também foram escolhidas de forma adequada, com uma boa representação dos animais e um suporte de qualidade. Relativamente à proposta de exploração penso que foi bastante interessante, pois nestas idades as crianças gostam de explorar com as diferentes partes do corpo, sendo as mãos o que mais usam. Através da exploração, neste caso tátil e visual, as

crianças conhecem o mundo. É ainda de referir a importância de os materiais se manterem na parede por alguns dias, para que as crianças os possam explorar livremente sempre que quiserem. Foi curioso ver que a “Concha”, durante a atividade teve medo de explorar os materiais e, ao final do dia foi fazê-lo livremente, chegando mesmo a mostrar à mãe, quando a foi buscar. Ainda como ponto forte, considero que consegui manter o grupo interessado e focado na tarefa, o que me deixou bastante feliz.

Como ponto forte tenho a apontar a falta de ludicidade na dinamização. Penso que poderia ter sido mais original neste aspeto, podendo, por exemplo, introduzir as diferentes camuflagens através de uma história sobre animais.

Reflexão Diária – 22/01/2015

Hoje centrei a minha prática mais nas rotinas e na relação criança/adulto e criança/criança. Procurei envolver-me nas brincadeiras, estar disponível para cada uma das crianças e dar feedback positivo, nos momentos adequados. É certo que o faço todos os dias, mas hoje tive especial atenção a estes aspetos⁴⁵.

Fizemos uma sessão de mímica dos animais, com os membros superiores e inferiores, produzindo vocalizações. Novamente, tal como na sessão de movimento de terça-feira, as crianças ficaram espantadas a observar, demonstrando sentimentos de satisfação e felicidade. Algumas crianças imitaram os movimentos: andar de gatas e correr batendo palmas. Ao longo da tarefa procurei aproximar-me das crianças que estavam a observar e reproduzir vocalizações, do respetivo animal, junto de cada uma delas. Penso que consegui primar pela ludicidade, apesar de ser a educadora a conduzir a atividade.

Reflexão Diária – 23/01/2015

A atividade de hoje centrava-se novamente nos animais, com o objetivo de que as crianças ouvissem o som e identificassem o respetivo animal nas fotografias que estão na parede. Os sons foram produzidos pelo computador da educadora cujo ecrã se encontrava voltado para a mesma. O vídeo, do qual ouvimos os sons, era da internet e como alguns dos animais não estavam na parede optámos por reproduzir novamente o vídeo, desta vez virando o ecrã para as criança para que visualisassem também os animais. No final do vídeo, apareceram algumas sugestões de outros vídeos, um deles era a canção do *Panda e os Caricas*, Os sons dos animais. Uma das crianças apontou para esse mesmo vídeo, que decidimos visualizar.

⁴⁵ AS: E fez muito bem! Bom trabalho!

Durante o tempo em que o ecrã esteve voltado para as crianças, estas permaneceram bastante atentas. Ao questionar a educadora sobre esta situação, ela explicou-me que os suportes de vídeo e áudio são bastante apelativos para as crianças, no entanto, esta não é a única explicação para a sua atenção. Pelo conhecimento que a educadora tem acerca das famílias, crê que estas crianças estão bastante habituadas a ver televisão em casa. Esta situação faz-me questionar, a mim mesma, até que ponto isto será saudável para crianças tão pequenas.⁴⁶

Reflexão Semanal: 19 a 23 de Janeiro

Esta semana iniciou-se com um belo dia de sol que decidimos aproveitar, no parque da creche. Para mim foi bastante interessante ter ido ao parque, uma vez desde que se iniciou a minha PPS ainda não tinha acontecido. As crianças mostraram-se muito felizes por sair da sala e brincar na rua, uma vez que me parece ser algo raro nesta época do ano, dadas as temperaturas baixas. Araújo (2013) refere que a natureza suscita curiosidade e ímpeto exploratório na criança desde muito cedo, tornando-se assim um espaço que favorece a experimentação e a aprendizagem, devendo a sua exploração fazer parte da planificação do educador. Ainda assim, optei mais pela segurança e menos pela exploração do espaço, embora tenha dado liberdade de exploração às crianças.

A semana foi também dedicada ao desenvolvimento motor, através da dança ao som de músicas infantis, e de mímica dos animais, com indicações da educadora cooperante, e minhas, ao longo das sessões. Post & Hohmann (2011) referem que “ao explorar a música com o seu corpo e a sua voz, a criança expande a consciência sensorial do som e do ritmo.” (p. 44), levando a que seja capaz de movimentar partes do corpo, como um braço de cada vez, e de movimentar o corpo todo.

Foram também introduzidos alguns materiais representativos, neste caso da camuflagem dos animais, para que as crianças pudessem explorar com as mãos. Segundo Post & Hohmann (2011) o desejo natural de exploração sensorial das crianças deve ser apoiado através de materiais para tatear, isto é, que as crianças possam explorar com as mãos, e também, materiais que possam observar, provar, levar à boca, e ainda, experiências aromáticas e sonoras.

Esta semana, decidimos usar pela primeira vez, e numa única atividade, um suporte de vídeo e áudio com os animais e os seus sons. “Durante o tempo em que o ecrã esteve voltado para as crianças, estas permaneceram bastante atentas. Ao questionar a educadora

⁴⁶ AS: Boa reflexão!

sobre esta situação, ela explicou-me que os suportes de vídeo e áudio são bastante apelativos para as crianças, no entanto, esta não é a única explicação para a sua atenção. Pelo conhecimento que a educadora tem acerca das famílias, crê que estas crianças estão bastante habituadas a ver televisão em casa.” (Reflexão diária de 23 de janeiro de 2015).

Outra situação que ocorreu esta semana foram as mordidelas, as crianças têm mostrado bastante tendência para se morder umas às outras. Estas encontram-se num período exploratório da sua vida, e tal como a educadora cooperante explicou, a boca é um meio exploratório bastante apelativo, pois é através da mesma que se alimentam desde o seu nascimento, provam, e saboreiam.

Referências

Araújo, S., (2013). Dimensões da Pedagogia em Creche: Princípios e práticas ancorados em perspectivas pedagógicas de natureza participativa. In J. Oliveira-Formosinho & S. Araújo, *Educação em Creche: Participação e Diversidade* (pp. 40-44). Porto: Porto Editora.

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários (4.ª edição)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Reflexão Diária – 26/01/2015

Hoje ouvimos a história “O Tomás está crescido” e fizemos a identificação dos animais da história e a analogia com as fotografias dos mesmos. Esta história foi escolhida não só por estar relacionada com o tema que temos vindo a abordar, os animais, mas também porque a história se relaciona com a ida ao bacio, desta forma, é indicada para o momento, uma vez que as crianças iniciaram recentemente o treino do controle dos esfíncteres, e que algumas delas manifestaram medo de ir à sanita. A atividade foi dinamizada em conjunto com a educadora, e apesar de considerar que correu bem e que o grupo esteve interessado, penso que da minha parte faltou um pouco de ludicidade.

No início do repouso uma das auxiliares de ação educativa disse: «“Horácio” deita-te.» e a “Concha” repetiu «Deita-te, deita-te». Fiquei bastante surpreendida com esta imitação da “Concha”, mas fez-me refletir acerca de como o adulto é um modelo para a criança na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Irei ficar mais atenta para esta situação e tentar perceber se isto se repete e se acontece com outras crianças.

Reflexão Diária – 27/01/2015

Hoje decidi mudar de estratégia e ao invés de fazer as notas de campo apenas na hora do repouso, optei por ter um bloco de notas no bolso para apontar pequenas interações que considere relevantes. Isto porque reparei que muitas das vezes não dava a devida importância algumas situações bastante interessantes e também, outras vezes, quando ia registrar já não me recordava bem de como tinha acontecido. Considero que esta mudança de estratégia favoreceu a minha observação, uma vez que pude registrar duas interações bastante interessantes:

«“Bolacha” tentou tirar um carro à “Loira”. Disse-lhe para ir buscar outro carro à garagem. O “Bolacha” deitou-se no chão a chorar e a “Loira” foi à garagem buscar um carro e levou-o ao “Bolacha”.»

(Nota de campo, 27 de janeiro de 2015, 10h30)

e

«Estávamos no espaço socioeducativo e o “Bolacha” tirou um conjunto de barcos à “Concha”. Fui ter com ele e pedi-lhe que devolvesse o que tirou à amiga. Depois de ter devolvido, pedi à “Concha” que lhe emprestasse alguns, pois tinha muitos, mas ela recusou. Foi buscar um carro e deu-o ao “Bolacha”.»

(Nota de campo, 27 de janeiro de 2015, 11h15)

Consigo observar nestas interações uma intenção de partilha, apesar de pouco nítida, uma vez que não emprestaram e partilharam o brinquedo que tinham, mas tiveram a preocupação de ir buscar outro para o “Bolacha”.

Reflexão Diária – 28/01/2015

Hoje assisti a uma sessão de competência parentais, organizada por duas educadoras da creche (uma delas a educadora cooperante) e o psicólogo da instituição. Esta sessão teve como tema “As birras”, com o objetivo partilhar com os pais algumas estratégias para lidar com os seus filhos aquando das birras. É certo que não estive na sala a manhã praticamente toda, pelo que não interagi com as crianças. Ainda assim, fiquei bastante satisfeita pelo convite que me foi feito pela educadora cooperante para assistir a esta sessão, pois, conheci alguns estilos parentais, os quais podem apropriar-se a outros familiares e prestadores de cuidados das crianças. Fiquei a conhecer também algumas

estratégias para lidar com as crianças nestas situações e pude perceber o quão importante e interessante é o trabalho com as famílias, pois considero este tipo de sessões, acerca de diversos temas relacionados com a infância, bastante importantes para a partilha de saberes entre pais e educadores, de modo a que, em conjunto, trabalhem em equipa em prol do bem-estar e do desenvolvimento dos seus filhos.

Há uma situação, sobre a qual ainda não refleti, mas que me anda a inquietar à algum tempo. O “Fernando” era uma criança calma e meiga, tinha alguns comportamentos menos bons, próprios da sua idade, mas nada de muito estranho ou preocupante. Nos últimos dias, o “Fernando” continua com a sua inocência de criança, no entanto, tem gerado alguns conflitos com as restantes crianças e também contraria a maioria das indicações que lhe dão. Na minha opinião, estas atitudes não têm malícia e são apenas atitudes de uma criança que não se apercebe bem de que está a magoar os outros. Ainda assim, esta situação preocupa-me, pois o “Fernando” não costumava ter estas atitudes. Ainda não falei com a educadora acerca desta situação, mas vou procurar fazê-lo amanhã, pois calculo que ela também tenha reparado nesta mudança do “Fernando”.

Reflexão Diária – 29/01/2015

Hoje contei a história “A caracolinhos loiros e os 3 ursos”, introduzindo ao longo da mesma, em conjunto com a educadora, cinco emoções (alegria, medo, raiva, espanto e tristeza). Como aspetos positivos tenho a salientar a articulação da história com as emoções, penso que este aspeto foi bem concretizado e que fui capaz de mimar as emoções com expressividade. O grupo esteve interessado na atividade, expressando sentimentos de felicidade enquanto eu e a educadora mimávamos as emoções. Algumas crianças conseguiram também mimar a alegria e o espanto.

Como aspetos a melhorar tenho a referir a expressividade ao contar a história, penso que a falta de preparação da atividade se refletiu na sua execução, e também o facto de ter repetido muitas vezes a palavra “então”, sempre que retomava a história depois de mimar uma emoção. Dedicarei mais tempo à preparação de atividades futuras para que não me sinta insegura na sua dinamização.

Hoje falei com a educadora acerca do “Fernando” e ela disse-me que o comportamento dele se deve ao facto de a mãe estar grávida e de a família lhe dar mais mimo e liberdade por esse motivo.

Reflexão Diária – 30/01/2015

Hoje a educadora voltou a contar a história “A caracolinhos loiros e os 3 ursos”, de uma forma expressiva, sem recorrer às imagens e sentada numa cadeira em frente ao grupo. As crianças estiveram ainda mais interessadas e envolvidas que ontem e no final da história, todas elas ficaram sentadas no colchão, ninguém se levantou antes de a educadora dizer para irem brincar. Ficámos surpreendidas, mas felizes e percebemos que o facto de estarmos todas sentadas no colchão, não havendo movimentação na sala, e de a educadora não estar sentada ao nível das crianças fez alguma diferença para captar a sua atenção. De facto, a forma como nos expressamos e nos colocamos perante as crianças influencia bastante a modo as elas recebem a informação. No entanto, considero que cada grupo é um grupo e cada criança é única, por isso, é preciso experimentar para perceber quais as estratégias mais adequadas ao grupo.

Já depois do lanche, estava eu sentada no tapete quando o Espanhol se dirigiu a mim com um brinquedo em forma de telefone na mão.

«O Espanhol dá-me o telefone para a mão.

Marisa: - Quem é? É a mãe?

Espanhol: - Sim.

Marisa: (Coloco o telefone ao ouvido) - Sim?! Joana?! Ahh está bem!

(dou-lhe o telefone para a mão) - A mãe que falar contigo.

Espanhol: - Tou! Pai! (passa-me o telefone).

Marisa: - Sim?! Arlindo? Ahh está bem! (dou-lhe o telefone para mão) – O pai mandou-te um beijinho. (dou-lhe um beijo na cara)

Espanhol: (Dá um beijo no telefone).»

(Nota de campo, 30 de janeiro de 2015, 16h23)

Não sei bem qual é o significado desta interação, mas pretendo procurar referenciais teóricos acerca da mesma. Talvez por ser algo que diz respeito a esta criança e de que ela gosta, a primeira coisa em que pensei quando ele se dirigiu a mim com o brinquedo na mão foi precisamente os seus pais. Penso que, de forma involuntária e sem pensar muito bem naquilo que estava a fazer, acabei por potenciar a noção de permanência do objeto e de que as coisas, neste caso as pessoas, não deixam de existir quando não as vemos.

Reflexão Semanal: 26 a 30 de Janeiro

Esta semana senti que estive mais atenta às interações dentro do grupo e que permaneci mais segura tanto na dinamização das atividades como nas rotinas.

Um dos aspetos acerca do qual pretendo refletir é o desenvolvimento da linguagem. “No início do repouso uma das auxiliares de ação educativa disse: «“Horácio” deita-te.» e a “Concha” repetiu «Deita-te, deita-te». Fiquei bastante surpreendida com esta imitação da “Concha”, mas fez-me refletir acerca de como o adulto é um modelo para a criança na aquisição e desenvolvimento da linguagem.” (Reflexão diária de 26 de Janeiro de 2015). Sim-sim, Silva e Nunes (2008, p.27) referem que “é através da interação comunicativa que as crianças adquirem a língua da comunidade a que pertencem.” Sendo de extrema importância que o educador esteja consciente de que é um modelo para a criança. “Nesse sentido, é importante que a atitude conversacional adulto/criança se paute por parâmetros que facilitem o processo de desenvolvimento da linguagem.” (Sim-sim, Silva e Nunes, 2008, p.27).

Esta semana tive também a oportunidade de assistir a uma sessão de competências parentais na qual pude observar o trabalho com as famílias e a importância e o valor que estas lhes dão. Post & Hohmann (2011, p.329) referem que na relação escola-família, pais e educadores “aprendem uns com os outros”, os “novos pais ganham confiança nas suas competências parentais.” e “os pais experientes recebem apoio à medida que se adaptam a novos estádios de educação parental.”. Nesta sessão, pude observar uma grande troca de ideias entre os profissionais de educação presentes e os pais, bem como de pai para pai. Foram também colocadas algumas questões que inquietam as famílias, tendo os técnicos procurado responder às mesmas da melhor forma. De acordo com Post & Hohmann (2011, p.329) “ (...) pais e educadores, ganham mais segurança nos seus esforços mútuos no sentido de facilitarem a transição entre a casa e o infantário (...)”.

Observei esta semana duas interações que considerei bastante significativas:

«“Bolacha” tentou tirar um carro à “Loira”. Disse-lhe para ir buscar outro carro à garagem. O “Bolacha” deitou-se no chão a chorar e a “Loira” foi à garagem buscar um carro e levou-o ao “Bolacha”.»

(Nota de campo, 27 de janeiro de 2015, 10h30)

e

«Estávamos no espaço socioeducativo e o “Bolacha” tirou ou conjunto de barcos à “Concha”. Fui ter com ele e pedi-lhe que devolvesse o que tirou à

amiga. Depois de ter devolvido, pedi à “Concha que lhe emprestasse alguns, pois tinha muitos, mas ela recusou. Foi buscar um carro e deu-o ao “Bolacha”.»

(Nota de campo, 27 de janeiro de 2015, 11h15)

Post & Hohmann (2011, p.89) referem que “à medida que as crianças vão ganhando um sentido de si e começam a reclamar as coisas como sendo “Minhas!” também se envolvem em conflitos sociais.” Quando estes conflitos “(...) levam ao choro, ao bater ou ao morder (...)” os educadores intervêm calmamente “(...) reconhecem os sentimentos das crianças, recolhem informação, envolvem as crianças na descrição do problema e na procura de uma solução e oferecem uma continuidade para esse apoio.” Ora neste caso, eu intervim de modo a travar as ações que magoam, mas a oferta de continuidade foi dada pelas crianças, a “Loira” e a “Concha”, sem que fosse necessário pedir-lhes que o fizessem. Considero que estas interações são fruto do trabalho desenvolvido pela equipa educativa, ao longo do tempo, na gestão de conflitos.

Referências

- Sim-Sim., Silva, A. & Nunes, C., (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância - Textos de apoio para Educadores de Infância*. Editorial do Ministério da Educação.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários (4.ª edição)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Reflexão diária – 2/02/15

Hoje contei a história “O Cuquedo”, usando como recurso o livro. A conselho da educadora, sentei-me numa cadeira em frente ao grupo, em vez de me sentar no chão, uma vez que na sexta-feira esta estratégia resultou muito bem com a mesma. Relativamente à expressividade, considero que melhorei bastante desde a última vez que contei uma história, no entanto não foi o suficiente para cativar a atenção do grupo. Penso que hoje não estavam disponíveis para este tipo de atividade, talvez por ser o primeiro dia da semana. Possivelmente uma sessão de movimento teria resultado melhor, uma vez que as crianças estavam um pouco agitadas.

Hoje também ajudei as crianças mais velhas a fazer a higiene antes do almoço e tive a oportunidade de as incentivar a lavar as mãos sozinhas, promovendo assim a autonomia.

Reflexão diária – 3/02/15

Hoje iniciámos o atelier de carnaval com as famílias. Procurei apoiar os pais na escolha da máscara a elaborar, bem como dos materiais a utilizar, dando algumas sugestões, mas sempre privilegiando a suas escolhas. Considero que correu bastante bem, os pais mostraram-se interessados e dedicados à tarefa e ficaram bastante satisfeitos com as suas produções, tal como eu. Ao final da tarde, a mãe de um das crianças mostrou-se pouco interessada e sem vontade de elaborar uma máscara para a sua filha. Tentei sugerir e ajudar, mas a senhora não gostou de nenhuma das sugestões. Acabou por fazer a máscara seguindo as sugestões da funcionária do atelier, que já conhecia há bastante tempo. Senti que não estava preparada para uma situação destas, para ver o meu trabalho a não ser valorizado. No entanto, não voltei para a sala, pois quis cumprir a minha tarefa. Ainda assim, considero que agi de forma correta, mantendo educadamente a minha postura.

Reflexão diária – 4/02/15

Hoje voltei a contar uma história, usando o livro com imagens como recurso. Utilizei como estratégia dirigir-me a cada criança como se fosse uma personagem da história. Considero que esta estratégia foi importante para que o grupo se mantivesse interessado na atividade. Relativamente à ludicidade, penso que poderia ter uma melhor prestação se conhecesse bem a história.

Reflexão diária – 5/02/15

Hoje contei uma história sobre beijinhos usando o livro como recurso, que ilustra os vários tipos de beijinhos. Decidi levar alguns objetos representativos da história (algodão, lã, e uma escova de aço), que ilustram os beijinhos. Ao longo da história fui passando estes mesmos objetos na cara das crianças, dando-lhes também oportunidade de elas próprias os explorarem. As crianças mostraram-se bastante interessadas na história e na exploração dos objetos. Considero que foi uma boa estratégia para tornar a atividade mais interessante.

Reflexão diária – 6/02/15

Hoje estive grande parte da manhã com a mãe de uma criança a fazer a máscara de carnaval para o seu filho. A máscara escolhida era bastante complexa, pelo que demorou bastante tempo a elaborar. Mesmo depois de já estar tudo organizado e de já ter sido

iniciada a elaboração da máscara, decidi permanecer junto da mãe da criança e apoiá-la na tarefa, pelo que não estive na sala durante grande parte da manhã.

Ao longo do dia procurei satisfazer as necessidades das crianças e relacionar-me com elas, numa relação de afeto e segurança.

Reflexão Semanal: 2 a 6 de Fevereiro

Esta semana foi dedicada às histórias e ao atelier de carnaval. No final da semana passada e educadora propôs-me um desafio, contar uma história por dia, ao longo da semana, desafio este que eu aceitei com agrado. No entanto, contei apenas três histórias durante a semana, pois em dois dos dias passei a manhã no atelier de carnaval com as famílias.

Considero que o desafio lançado foi bastante importante para que alterasse a minha postura na sala. Esta semana senti que estive muito mais segura em todos os momentos. Ao contar as histórias apercebi-me de que estava completamente à-vontade, isto porque estava a divertir-me verdadeiramente. Apesar de nem sempre ter recebido o feedback esperado por parte do grupo de crianças, considero que melhorei bastante no fator segurança e que o desafio das histórias teve um importante papel nesse âmbito.

Relativamente ao atelier de carnaval, apesar de ter surgido uma dificuldade o balanço da semana é positivo. Considero que mantive uma postura adequada na interação com os pais das crianças, procurando sempre valorizar as suas competências e privilegiar as suas preferências, apoiando-os sempre que necessário. Matos (2012) refere que “conversar com as famílias individualmente é proporcionar momentos de estreitamento de relações e proximidade, tão importantes quando “no meio” dos profissionais e das famílias está uma criança.” (p.50). Considero que o atelier de carnaval me permitiu estreitar relações com as famílias, e compreender melhor as suas dinâmicas relacionais.

Referências

Matos, M. (2012). Reuniões de pais e trabalho com famílias. *Cadernos de Educação de Infância*, pp. 47-50.

Reflexão diária – 9/02/15

Hoje regresssei à sala por volta das onze horas, depois de ter estado a apoiar o pai de uma criança na elaboração da máscara de carnaval. Neste momento sentei-me no tapete

com as crianças e contei uma história, fazendo a analogia com as imagens das emoções tristeza, espanto e alegria, que já tínhamos trabalhado anteriormente. Em seguida colocámos as fotografias no mapa das presenças. Após este momento dei por mim a pensar na diferença de comportamento das crianças neste tipo de atividade. No início da PPS a atenção e o interesse eram bastante reduzidos, neste momento as crianças mostram-se bastante interessadas na atividade. Penso que esta evolução se deve ao estreitamento da relação entre mim e o grupo e à sua aceitação da minha presença na sala.

Reflexão diária – 10/02/15

Hoje a educadora contou uma história na chamada linguagem dos P's. As crianças estiveram bastante interessadas na atividade apesar de não compreenderem o que estava a ser dito. A educadora refere que muitas vezes o que importa não é o que se diz, mas a postura e a forma como se diz, neste caso, a expressão facial e corporal com que se conta a história.

Reflexão diária – 12/02/15

Hoje a educadora contou uma história com um balão onde desenhou uma lagarta e que foi enchendo à medida que contou a história, ilustrando o crescimento da lagarta que depois se transformou numa borboleta. As crianças gostaram imenso de ver a imagem da lagarta a crescer no balão. Depois, enchemos e distribuímos balões para todas as crianças. A educadora explicou que neste tipo de atividades devemos ter sempre materiais a mais, para evitar conflitos. De seguida, espalhámos algumas serpentinas por cima das crianças, para que pudessem explorar o brincar. Pude constatar que as crianças gostaram bastante de explorar estes materiais. Introduzimos estes materiais para que depois sejam usados na decoração da sala para o carnaval.

Reflexão diária – 13/02/15

Hoje foi o último dia de PPS em creche. Comecei na sala com as crianças a brincar com as máscaras construídas pelos pais. Depois estive reunida com a educadora cooperante e a supervisora institucional para fazer a avaliação. Regressei à sala por volta das 11h20 e ajudei na higiene antes do almoço. Aproveitei as mudas da fralda para me despedir carinhosamente de cada criança, uma vez que este é um momento de contacto privilegiado.

Depois da sesta, estavam algumas crianças na sanita, duas delas a “Concha” e a “Loira” que estavam sentadas lado a lado e aproveitaram aquele momento para dialogar. Quando me apercebi desta interação fiquei a observar atentamente e apesar de não compreender o que estavam a dizer percebi que ambas estavam envolvidas no diálogo.

Ao final da tarde, despedi-me de todas as crianças, bem como de toda a equipa da creche e agradei todos os ensinamentos que recebi.

Reflexão Semanal: 9 a 13 de Fevereiro

Nesta última semana de PPS, dei continuidade ao atelier de carnaval com as famílias. Apesar de não ter conseguido a participação de todas as famílias, o balanço é positivo, com uma aderência de cerca de 70% dos pais. “Importa ainda refletir sobre o impacto da cultura organizacional, que muitas vezes condiciona práticas de envolvimento e participação das famílias (...)” (Matos, 2012, p. 50). Fiquei bastante satisfeita com a participação dos pais nesta atividade, pois algumas das famílias tiveram que gerir as suas dinâmicas profissionais para participar no atelier de carnaval. Outro aspeto a refletir são as questões culturais e religiosas, muitas vezes as famílias, ou um dos seus elementos, não festejam o carnaval e outras festividades cristãs. Houve especificamente um caso, de uma mãe que não festeja o carnaval por questões religiosas e não se sentia à-vontade para construir uma máscara para a sua filha. No entanto, esta mãe acabou por participar, referindo que necessitava de se manter ocupada, uma vez que se encontra em situação de desemprego. De uma forma geral, as máscaras elaboradas foram além das minhas expectativas, tendo obtido máscaras bastante interessantes.

Esta semana, durante a dinamização de um momento do tapete, em que contava uma história, reparei na diferença do comportamento do grupo. No início da PPS, o grupo não permitia que gerisse a atividade, mostrando pouca atenção e interesse, isto por ser um elemento novo na sala. Nesta última semana, consigo gerir a atividade mantendo o interesse e a atenção do grupo de crianças. Post & Hohmann (2011) referem que uma relação estável diminui o stress da criança quando esta tem de se adaptar a um novo educador. “Ajuda também a proporcionar a confiança e previsibilidade que permitem à criança passar pelas frustrações e desafios necessários para o crescimento e desenvolvimento (...)” (p.63). Desta forma, considero que através do estreitamento da relação com cada criança e com o grupo, consegui alcançar aceitação de minha presença na sala.

Esta semana, visto ter sido a última semana de PPS, procurei favorecer as rotinas e aproveitar momentos privilegiados, como a muda da fralda, para me relacionar com as

crianças e despedir-me delas. Foi um percurso curto, mas recheado de aprendizagens, pois tive a oportunidade de aprender com uma grande equipa educativa e com um grupo de crianças fantástico.

Referências

Matos, M. (2012). Reuniões de pais e trabalho com famílias. *Cadernos de Educação de Infância*, pp. 47-50.

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários (4.ª edição)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

3.2. Avaliação do ambiente educativo

De acordo com Post & Hohmann (2011) “um ambiente bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais.” (p.101).

No que diz respeito à avaliação do ambiente educativo, não foi possível usar nenhum instrumento de avaliação, pelo que a avaliação que farei neste subcapítulo tem por base a minha observação direta, de acordo com as dimensões e indicadores descritos na escala que descreve os fatores contextuais que influenciam o bem-estar e o envolvimento da criança.

No que diz respeito às infraestruturas, a sala de atividades encontra-se dividida em cinco áreas bem definidas, organizadas de forma a potenciar o brincar e a exploração das crianças. A área pela qual demonstram clara preferência é a área do “faz de conta”. É nítido que a organização do espaço está pensada em função das crianças, uma vez que o mobiliário é adequado ao seu tamanho e as fotografias e outros materiais didáticos estão colocados ao nível dos seus olhos. Relativamente ao espaço exterior, este foi usado apenas uma vez ao longo do período da PPS, penso que por motivos meteorológicos. Apesar disso, o espaço está muito bem organizado constituindo uma excelente oportunidade de exploração para as crianças.

Relativamente aos materiais estes encontram-se em excelente estado de conservação e apresentam-se em quantidade suficiente para o número de crianças. A sua organização está de acordo com as áreas definidas, existindo pequenas orientações de arrumação (fotografias) na área dos jogos, de modo a promover a autonomia das crianças no momento de arrumar os brinquedos.

No que concerne às atividades, estas são planeadas tendo como base de sustentação os interesses observados nas crianças e tendo em consideração as suas necessidades e níveis de desenvolvimento. Existe tempo para atividade livre e orientada, e as crianças escolhem com o que brincam.

No que diz respeito à sensibilidade, a educadora tem como preocupação dar atenção individual a cada uma das crianças, aproveitando as rotinas para o fazer. A educadora opta por estar sempre presente num momento da mudança da fralda (de manhã ou à tarde). O feedback positivo é outra das suas preocupações, estando constantemente a transmiti-lo às crianças aquando das suas pequenas vitórias. O carinho e o afeto fazem também parte deste ambiente educativo, sendo que toda a equipa educativa é bastante carinhosa para com as crianças.

A educadora procura que as crianças desenvolvam também relações positivas entre si, fomentando o diálogo e a brincadeira entre pares. Desenvolve ainda, atividades relacionadas com a exploração das emoções, para que as crianças comecem a compreender os sentimentos e a falar sobre eles. A rotina da sala está organizada em função das necessidades e características das crianças, sendo que são evitados os momentos sem atividade. O planeamento é repetitivo mas flexível, adequando-se aos acontecimentos.

A equipa educativa organiza-se primando pelo trabalho em equipa, isto é, há divisão de tarefas entre os três membros responsáveis pelo grupo de crianças e as ideias e tomadas de decisão são discutidas em conjunto.

3.3. Avaliação do grupo de crianças

“a avaliação deve ser processual (atendendo aos processos de implicação e de bem-estar emocional experienciados pela crianças), deve atender à atual qualidade do contexto educativo (avaliação contextual) e, também, deve tornar possível o desenvolvimento de práticas orientadas para aprendizagens e desenvolvimento das crianças (avaliação de resultados).” (Portugal, 2012, p. 236)

Neste capítulo irei fazer uma avaliação do grupo de crianças. De acordo com que observei, escutei e registei ao longo da minha prática. A avaliação irá incidir de forma mais pormenorizada sobre duas crianças que observei, cada uma em três momentos distintos, tendo em conta a escala que descreve os fatores contextuais que influenciam o bem-estar e o envolvimento da criança. Estas duas crianças foram escolhidas tendo como critério a idade, sendo que observei uma das crianças mais velhas do grupo e uma das mais novas.

Ao longo da minha prática pude perceber que existem grandes diferenças de desenvolvimento dentro do grupo de crianças. Existe um pequeno grupo de oito crianças, de idade próxima aos 24 meses, que frequentou o berçário da instituição no ano letivo anterior tendo estado com a mesma educadora, que apresenta um desenvolvimento mais avançado ao nível da formação pessoal e social, da comunicação e linguagem, do raciocínio lógico e do conhecimento do mundo. Já as restantes crianças, que entraram para a creche este ano letivo, demonstram um nível de desenvolvimento inferior, uma vez que também são mais novas e passaram recentemente por um período de adaptação à creche. “Rodríguez e Hignett, 1981) sugerem que a adaptação à creche é um processo muito mais complexo do que se poderia supor e que durante determinadas fases de desenvolvimento é de esperar o ressurgimento de comportamentos negativos (...)” (Portugal, 1998, p. 184). Assim, dado o processo de adaptação à creche de um grupo de 6 crianças, é de esperar que ainda não se encontrem num nível de desenvolvimento superior. Algumas das crianças também faltam bastante, o que atrasa o processo de aquisição de competências.

Fazendo uma análise do grupo em geral, as crianças gostam de executar tarefas por cima próprias, valorizando as suas pequenas vitórias. Ao nível da autonomia a maioria do grupo, salvo algumas exceções, ainda precisa das indicações dos adultos para fazer algumas ações como arrumar os sapatos na sapateira. O tempo de concentração em atividades de grande grupo é ainda muito reduzido, distraíndo-se facilmente com pequenas coisas que aconteçam para além da atividade. A nível individual, têm alguma dificuldade em executar uma tarefa se as restantes crianças estiverem a brincar, fazendo o que é pedido à pressa, ou mesmo não fazendo. Existe uma grande dificuldade na resolução de conflitos,


provocados na sua maioria pela não partilha de materiais e brinquedos, sendo que ainda necessitam do apoio de um adulto neste aspeto.

Relativamente à linguagem oral, esta ainda se encontra pouco desenvolvida, apenas as crianças mais velhas produzem algumas palavras simples como “Sim” e “Não”. O grupo demonstra bastante curiosidade por coisas novas, no entanto, perde facilmente o interesse.

No que concerne às brincadeiras, ocorrem poucas interações entre pares, brincando maioritariamente sozinhos. Demonstaram clara preferência pela área do “faz de conta”, jogo simbólico, pelas caixas dos animais e pelos puzzles.


Apresentarei agora as grelhas de observação e avaliação do bem-estar e envolvimento de duas crianças, o Espanhol e a Nara.


Identificação da criança: Espanhol	Tipo de interação: Criança-criança			Data: 30/01/15	Hora: 10h40m
Descrição da situação observada	Estamos na sala de atividades e as crianças encontram-se em brincadeira livre. O Espanhol mostra à Princesa os animais que estão na parede junto à canção “Os sons dos animais”. Chama-se várias vezes pelo nome, solicitando a sua atenção, molda-lhe a cara com as mãos, inclinando o seu olhar para as imagens e diz “olha”.				
Nível de bem-estar	1	2	3	4	5
					X
Nível de envolvimento	1	2	3	4	5
				X	
Legenda	1. Extremamente Baixo	2. Baixo	3. Moderado	4. Alto	5. Extremamente Alto

Identificação da criança: Espanhol	Tipo de interação: Criança - objeto	Data: 27/01/15	Hora: 10h05m		
Descrição da situação observada	<p>O Espanhol quis entrar no berçário, onde está a prima e onde ele também já esteve no ano letivo anterior. A educadora do berçário autorizou.</p> <p>O Espanhol decidiu brincar com uns balões que se encontram suspensos no ar, pendurados por um fio num esticador, à altura das crianças.</p> <p>Ele atira os balões ao ar e puxa o fio.</p> <p>Repete esta ação com diversos balões.</p>				
					
Nível de bem-estar	1	2	3	4	5
Nível de envolvimento	1	2	3	4	5
Legenda	1. Extremamente Baixo	2. Baixo	3. Moderado	4. Alto	5. Extremamente Alto

Identificação da criança: Espanhol	Tipo de interação: Criança-adulto			Data: 10/02/15	Hora: 15h07m
Descrição da situação observada	A auxiliar vai mudar a fralda ao Espanhol. Com ele já deitado na bancada começa por lhe informar que lhe vai mudar a fralda. Vai fazendo algumas questões às quais o Espanhol responde apenas “Xim”. Apresenta algum desconforto ao nível do bem-estar, parece estar um pouco doente. Distrai-se com as crianças que estão sentadas na sanita e aponta para elas.				
Nível de bem-estar	1	2	3	4	5
				X	
Nível de envolvimento	1	2	3	4	5
			X		
Legenda	1. Extremamente Baixo	2. Baixo	3. Moderado	4. Alto	5. Extremamente Alto

Relativamente ao Espanhol, é uma criança bastante participativa, mas apenas quando está disponível para isso. Ao nível da linguagem produz algumas palavras e demonstra gosto pela realização de atividades individuais. No que diz respeito à autonomia, é capaz de lavar as mãos sozinho, com a supervisão e indicações de um adulto e embora não consiga ainda descalçar-se sozinho, é capaz de arrumar os sapatos na sapateira da sala. Ainda assim, o seu nível de envolvimento nas interações é reduzido.

Identificação da criança: Nara	Tipo de interação: Criança-objeto	Data: 27/01/15	Hora: 10h20m		
Descrição da situação observada	<p>Estamos no espaço socioeducativo e não se encontram mais crianças presentes. A Nara brinca com um material didático demonstra algum envolvimento na ação. Palra e bate palmas.</p> 				
Nível de bem-estar	1	2	3	4	5
					X
Nível de envolvimento	1	2	3	4	5
				X	
Legenda	1. Extremamente Baixo	2. Baixo	3. Moderado	4. Alto	5. Extremamente Alto

Identificação da criança: Nara	Tipo de interação: Criança-adulto		Data: 30/01/15	Hora: 11h10m	
Descrição da situação observada	<p>A auxiliar muda a fralda à Nara. Primeiro questiona a criança se tem cocó, ao que a Nara responde primeiro “não” e depois “têm”.</p> <p>A auxiliar vai pergunta onde estão várias partes do corpo, mas a Nara não responde. Chora um pouco quando a auxiliar lhe põe o creme. Palra e abana os braços.</p>				
					
Nível de bem-estar	1	2	3	4	5
					X
Nível de envolvimento	1	2	3	4	5
			X		
Legenda	1. Extremamente Baixo	2. Baixo	3. Moderado	4. Alto	5. Extremamente Alto

Identificação da criança: Nara	Tipo de interação: Criança-criança			Data: 13/02/2015	Hora: 16h30m
Descrição da situação observada	No refeitório, já depois do lanche, a auxiliar pergunta à Nara onde estão algumas partes do corpo da Chica, que se encontra ao seu lado. A Nara vai apontando e respondendo “táqui”. A Nara e a Chica trocam olhares e sorriem uma para a outra.				
Nível de bem-estar	1	2	3	4	5
					X
Nível de envolvimento	1	2	3	4	5
			X		
Legenda	1. Extremamente Baixo	2. Baixo	3. Moderado	4. Alto	5. Extremamente Alto

Relativamente à Nara é uma criança muito meiga e afetuosa para com os adultos. Demonstra curiosidade pelo mundo que a rodeia e pelas atividades desenvolvidas. Ao nível da linguagem produz algumas vocalizações, mas não são claras. No que diz respeito à autonomia já é capaz de arrumar os seus sapatos na sapateira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estágio pude aperceber-me das minhas próprias aprendizagens. Iniciei a intervenção com bastante insegurança, pois apesar de adorar bebés não sabia muito bem o tipo de atividades que deveria desenvolver com eles, uma vez que me sinto um pouco desfraldada no que diz respeito à formação para trabalhar com crianças de creche. Tive a sorte de trabalhar com uma excelente equipa educativa que me apoiou e puxou por mim desde o primeiro minuto. Quando nos sentimos bem recebidos as coisas correm bem e foi isso que de facto aconteceu. Reconheço que a forma como me receberam na sua sala e como estabeleceram relações de proximidade comigo foi fundamental para as minhas conquistas pessoais e profissionais ao longo da PPS.

Uma das minhas grandes dificuldades, se não a maior delas todas, era controlar o grupo sem ser intrusiva. Esta dificuldade permaneceu quase até ao final da minha intervenção, no entanto, percebi rapidamente que dificilmente iria conseguir interagir com o grupo da mesma forma que a equipa educativa. Apesar de tudo, no final da prática, senti que estava quase a conseguir que o grupo olhasse para mim como um membro da sala. É pena, e de facto isso sente-se, que o período de PPS em creche tenha sido tão curto, pois é necessário tempo para estabelecer relações e mergulhar nas dinâmicas do grupo, e quando estamos a ficar realmente envolvidos em tudo isto, temos de ir embora porque a PPS chegou ao fim.

Outra das dificuldades sentidas foi lidar com o “bolacha”, que é uma criança que tem uma personalidade forte e dificuldade em lidar com a frustração. Mesmo para a equipa educativa era difícil lidar com esta criança e como a minha chegada à sala foi tão repentina, o “bolacha” aproveitou para testar os meus limites. Pedi imensos conselhos à equipa educativa, tive inúmeras conversas com a educadora, tentei diferentes abordagens, mas de facto não consegui o respeito desta criança. Ainda assim, creio que nas últimas duas semanas o “bolacha” começou a aceitar a minha presença. Houve dois dias seguidos em que ele escolheu vir para o meu colo e também me deu beijinhos. Isto para mim foram grandes conquistas.

O trabalho com as famílias também fazia parte das minhas preocupações, dado que eu era uma pessoa estranha na sala e que a realidade social também não era fácil. De forma progressiva, e sem sequer me aperceber de imediato, a educadora começou a criar situações de interação entre mim e as famílias, nos momentos de chegada e de partida da creche. Considero que este aspeto foi fundamental para transmitir segurança aos pais das crianças, e a mim também, uma vez que era educadora, uma figura de referência para as famílias, que solicitava as minhas intervenções junto delas.

Um aspeto que também foi bastante importante foi a relação de confiança que estabeleci com a supervisora institucional. A sua sinceridade e os seus conselhos foram fundamentais para o meu processo de aprendizagens, pois foi a partir destes que pude adequar melhor a minha prática pedagógica.

Concluindo este portefólio da Prática Profissional Supervisionada em Creche, só tenho a agradecer à equipa educativa com quem tive o privilégio de trabalhar, que me proporcionou inúmeras aprendizagens e me fez sentir um pouco mais perto de ser educadora de infância.

5. REFERÊNCIAS

- Brazelton, T. B. (2010). O grande livro da criança (M. Peixoto, Trad.) (12ªed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Oliveira-Formosinho, J & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2012). Avaliar as aprendizagens das crianças: Avaliar o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças – desafios e possibilidades. In M. J. Cardona & C. M. Guimarães (coord.), *Avaliação na educação de infância* (pp. 236). Viseu: Psicosoma.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, famílias e creches: uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários (4.ªedição)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXOS

Anexo A – Plano Funcional

8h00 / 10h00	Acolhimento/Rotinas (Cuidados pessoais á criança)	Educadora 8h/9h/10h Auxiliar 8h/ 9h	
10h00 / 11h00m	Atividades	Equipa de sala	
11h00/11h30	Rotinas (Cuidados pessoais á criança)	Educadora 8h/9h/10h Auxiliar 8h/ 9h Auxiliar 10h: átrio	
11h 30m/12h 30m	ALMOÇO Rotinas(Cuidados pessoais á criança)	Equipa de sala Educadora 8h/9h/10h Auxiliar 8h/ 9h Auxiliar 10h:sala	
12h00m	Repouso	Auxiliar 8h/9h Auxiliar 10h:sala	
14h45h00 /15h30	Rotinas (Cuidados pessoais á criança)	Educadora 8h/9h/10h Auxiliar 10h	
15h00m/16h00	Lanche Rotinas (Cuidados pessoais á criança)	Equipa de sala Educadora 8h/9h/10h Auxiliar 10h	
16h00m/17h00m	Atividades / Rotinas(Cuidados pessoais á criança)	Educadora 8h/9h/10h Auxiliar 10h	
17h /18h	Acolhimento/Rotinas (Cuidados pessoais á criança)	Auxiliar 10h ou a educadora 10h – socioeducativo	

Fonte: PP (2014)

Anexo B – Foto de atividade de exploração sensorial



“Chica” a explorar os materiais, dando-lhe outra apropriação.

Anexo C – Área do “faz de conta”



Anexo D – Área dos jogos e da biblioteca



Anexo E – Área da garagem



Anexo F – Área do tapete



Anexo G – Dia tipo da sala R

Horário previsto	Momento do dia tipo	Interações
8h - 10h	<p>Acolhimento da manhã:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades livres apoiadas 	<p>Este momento é assegurado pelas auxiliares de educação ou pela educadora da sala que recebem as famílias e crianças do grupo e dão apoio àquilo que for solicitado ou necessário.</p> <p>São recebidas todas as crianças do grupo na sala de atividades. São registadas as ocorrências importantes na capa de atividade diária e organizados os pertences pessoais da criança. A disponibilidade do adulto em relação à família e criança é fundamental para integrar o início do novo dia. É a família que prepara a criança em termos de cuidados pessoais.</p> <p>Procede-se à manutenção e higienização dos materiais pela auxiliar de serviços gerais (9h00/9h15)</p>
10h - 10h45	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades livres apoiadas • Atividade orientada do dia • Cuidados pessoais à criança 	<p>Com o grupo reunido introduz-se a atividade orientada a par, que vai ser desenvolvida (adulto/criança). As restantes crianças exploram os espaços e materiais da sala de forma espontânea mas apoiada. Os adultos estão disponíveis, atentos e registam ocorrências importantes e significativas e intervêm com propostas à criança quando oportuno, em função do</p>

		envolvimento e bem-estar demonstrado por cada uma das crianças. Este momento é gerido respeitando ao máximo os ritmos individuais.
10h45- 11h15	<ul style="list-style-type: none"> • Arrumar • Cuidados pessoais à criança 	<p>Os adultos arrumam, com a participação das crianças, nos locais próprios os brinquedos de forma a que o espaço seja organizador e prepare as crianças para os momentos seguintes: Higiene e almoço.</p> <p>Os adultos (auxiliar das 8h e a educadora), muda as fraldas e coloca-lhes o babete estando sempre atento para intervir em função do bem-estar e segurança das crianças. Os cuidados pessoais das crianças são momentos privilegiados de relação adulto/criança. 1 auxiliar de serviços gerais prepara a sala para o repouso. Este momento é gerido respeitando ao máximo os ritmos individuais.</p>
11h15 – 12h00	<ul style="list-style-type: none"> • Almoço 	<p>Ao almoço os adultos vão conversando com as crianças, fortalecendo este momento privilegiado de relação adulto/criança e respeitando os hábitos transmitidos pela família e propondo a introdução de hábitos alimentares saudáveis. Todas as crianças estão dependentes dos adultos para se alimentarem em termos da alimentação líquida e a forma como o fazem com a alimentação sólida (mão ou colher) é determinado pelo grau de bem-estar que manifestam no momento e em função das suas competências quanto á autonomia. Este momento é gerido respeitando ao máximo os ritmos individuais.</p>
12h00 – 12h30	<ul style="list-style-type: none"> • Cuidados pessoais à criança 	<p>São prestados os cuidados pessoais (auxiliar das 10h e a educadora) às crianças em função das suas capacidades e necessidades quanto ao uso do bacio, á muda da fralda e lavagem das mãos e cara, colocação de creme no rosto, soro fisiológico no nariz. Este momento é gerido respeitando ao máximo os ritmos individuais.</p>
12h30 – 14h30	<ul style="list-style-type: none"> • Repouso 	<p>Após os cuidados pessoais, a criança é deitada na sua cama, se for o caso com objetos transitivos familiares e com colo ou contato físico até adormecer. Os adultos da sala durante este período fazem a hora de almoço (sai 2 das 12h30-13h30 e 1 das 13h30 ás 14h30). Neste período as auxiliares completam os registos de Atividade Diária e a educadora faz o não- letivo das 13h30 ás 15h00 para planificar, rever, avaliar, preparar e</p>

		organizar, sempre que possível. São revistos os pertences pessoais e registado em observações na atividade diária.
14h30-15h00 15h00-15h30	<ul style="list-style-type: none"> • Cuidados pessoais á criança • Atividades livres apoiadas 	Conforme as crianças vão acordando, vão-lhes sendo prestados os cuidados pessoais em função das suas necessidades quanto á muda da fralda, e soro fisiológico no nariz (auxiliar das 10h e a educadora). As crianças exploram os espaços e materiais da sala de forma espontânea Os adultos estão disponíveis, atentos e registam ocorrências importantes e significativas e intervêm com propostas à criança quando oportuno, em função do envolvimento e bem-estar demonstrado por cada uma das crianças. Este momento é gerido respeitando ao máximo os ritmos individuais.
15h30 – 16h	<ul style="list-style-type: none"> • Lanche e Higiene 	1 adulto transporta a criança que não anda no colo para o refeitório e apoiam a marcha das que estão a iniciar a aquisição desta competência. As que já andam encaminham-se para o refeitório.1 auxiliar de serviços gerais arruma as camas. 1 adulto arruma a sala e organiza os pertences pessoais para entrega às famílias e os outros 2 ajudam as crianças a sentar à mesa .As crianças esperaram que todos terminem de comer e a higienização de mãos e cara acontece em grupo antes de regressar à sala.
16h00-17h00	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades livres apoiadas 	As crianças exploram os espaços e materiais da sala ou no exterior de forma espontânea, individualmente, ou próximos. Os adultos estão disponíveis, atentos e registam ocorrências importantes e significativas e intervêm com propostas à criança quando oportuno. Não existem atividades de carácter obrigatório – cada criança tem oportunidade de participar quando assim o desejar. A partir da 17h, a saída é assegurada pelas auxiliares de educação e educadora escalada no hall comum do espaço da creche.
17h00-18h00	<ul style="list-style-type: none"> • Socioeducativo 	As famílias veem buscar as crianças na hora acordada e são-lhes transmitidos os acontecimentos mais relevantes do dia em contexto informal. Realizam-se os procedimentos definidos em formulário de Atividade Diária.

Fonte: PP (2014)

Anexo H – Exemplo de questionário



Questionário

Este questionário é anónimo e surge no âmbito da Prática Profissional Supervisionada, no contexto do Mestrado em Educação Pré Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa. Tem como objetivo fazer um levantamento sobre os hábitos de brincadeira e as preferências das crianças em casa.

Responda a todas as questões com um X à exceção da questão número 8.

1. Selecione o(s) equipamentos(s) que tem em casa:

Televisão Computador Consolas
Tablet Smartphone

2. O seu filho/a tem por hábito usar estes equipamentos?

Sim Não

2.1. Se sim, qual/quais?

Televisão Computador Consolas
Tablet Smartphone

2.2. Se não, passe para a questão número 5.

3. Quando o seu filho/a usa estes equipamentos está:

Sozinho
Acompanhado de outra criança mais velha
(Quem?) irmã
Acompanhado de um adulto
(Quem?) Pai ou Mãe

4. Em média, quanto tempo por dia dedica o seu filho/a a equipamentos eletrónicos?

Menos de 1 hora 1 a 2 horas
2 a 3 horas Mais de 3 horas

5. Tem livros infantis em casa?

Sim Não

6. Tem o hábito de contar histórias ao seu filho/a?

Sim Não

7. Tem em casa jogos e/ou brinquedos adequados à idade do seu filho?

Sim Não

8. Qual a ordem de preferência de brincadeiras do seu filho/a?

Ordene de 1 (o mais preferido) a 3 (o menos preferido)

Livros Equipamentos eletrónicos Jogos ou outros brinquedos

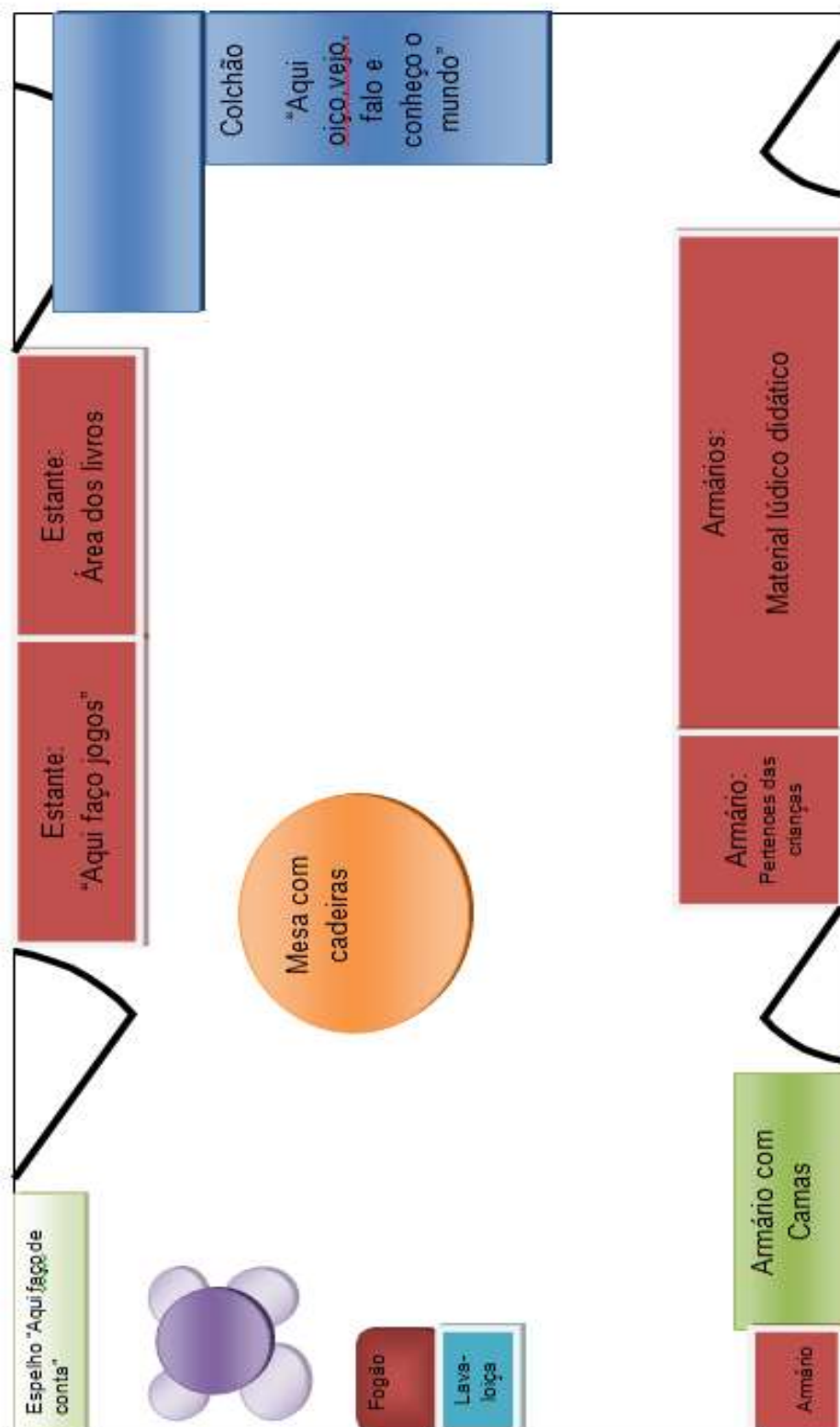
O questionário chegou ao fim, obrigada pela sua colaboração.

A estagiária

Marisa Alves

Lisboa (Marvila), fevereiro de 2015

Anexo I – Planta da sala R



Adaptado do PP (2014)

Anexo J – Grelhas de observação das atividades

Legenda:



SIM



NÃO



SIM COM AJUDA

X Faltou

Atividade: Exploração de materiais de diferentes texturas (duro, macio, áspero).			
Crianças	Indicadores		
	Demonstra interesse e curiosidade durante a atividade.	Explora os materiais e expressa sentimentos de conforto / desconforto; satisfação / insatisfação.	Conhece e produz palavras novas.
Princesa	X	X	X
Espanhol	●	●	●
Leopardo	X	X	X
Loira	●	●	●
Horácio	●	●	●
Nara	●	●	●
Fernando	X	X	X
Craque	X	X	X
Bela	X	X	X
Concha	●	●	●
Bolacha	●	●	●
Chica	●	●	●
Cinderela	●	●	●
Timóteo	X	X	X

Atividade: Exploração de sacos de pano			
Crianças	Indicadores		
	Compreende que o objeto está dentro do saco;	Compreende que o objeto está fora do saco;	Identifica oralmente pelo menos um objeto;
Princesa	X	X	X
Espanhol	●	●	●
Leopardo	●	●	●
Loira	●	●	●
Horácio	●	●	●
Nara	●	●	●
Fernando	●	●	●
Craque	X	X	X
Bela			
Concha	●	●	●
Bolacha	●	●	●
Chica	●	●	●
Cinderela	X	X	X
Timóteo	X	X	X

Atividades:**História e canção “A quinta do tio Manel”**

Introdução dos carimbos dos animais























Decoração dos sacos de pano

Crianças	Indicadores		
	Conhece e identifica pelo menos um animal apresentado;	Identifica a silhueta correspondente ao animal apresentado;	Manipula a caneta;
Princesa	●	●	●
Espanhol	●	●	●
Leopardo	●	●	●
Loira	●	●	●
Horácio	●	●	●
Nara	●	●	●
Fernando	●	●	●
Craque	X	X	X
Bela	●	●	●
Concha	●	●	●
Bolacha	●	●	●
Chica	●	●	●
Cinderela	X	X	X
Timóteo	●	●	●

Atividade: Experimentação dos carimbos em folha de papel.











Crianças	Indicadores	
	Coloca tinta no carimbo;	Carimba corretamente na folha de papel.
Princesa	x	x
Espanhol	●	●
Leopardo	x	x
Loira	●	●
Horácio	●	●
Nara	●	●
Fernando	●	●
Craque	●	●
Bela	●	●
Concha	●	●
Bolacha	●	●
Chica	●	●
Cinderela	x	x
Timóteo	●	●


























Atividade: Exploração de imagens dos animais e respetiva silhueta.

Crianças	Indicadores	
	Conhece e identifica pelo menos um animal apresentado;	Identifica a silhueta correspondente ao animal apresentado;
Princesa	X	X
Espanhol		
Leopardo		
Loira		
Horácio		
Nara		
Fernando		
Craque	X	X
Bela		
Concha		
Bolacha		
Chica		
Cinderela	X	X
Timóteo		

Atividade: Exploração de materiais representativos do revestimento dos animais da quinta (macio, áspero, duro).		
Crianças	Indicadores	
	Explora os diferentes tipos de revestimento, com a mão;	Conhece e identifica pelo menos um animal;
Princesa	X	X
Espanhol	●	●
Leopardo	●	●
Loira	●	●
Horácio	●	●
Nara	●	●
Fernando	●	●
Craque	●	●
Bela	●	●
Concha	●	●
Bolacha	●	●
Chica	●	●
Cinderela	X	X
Timóteo	X	X

Atividade: Sessão de movimento/ mímica dos animais trabalhados.		
Crianças	Indicadores	
	Experimenta diferentes formas de locomoção (andar de pé; andar de gatas, saltar, rastejar);	Imita o som dos animais;
Princesa	X	X
Espanhol		
Leopardo		
Loira		
Horácio		
Nara		
Fernando		
Craque		
Bela		
Concha		
Bolacha		
Chica		
Cinderela	X	X
Timóteo	X	X

Atividade: Jogo de reconhecimento de sons de animais com suporte áudio e vídeo.	
Crianças	Indicadores
	Reconhece pelo menos um som e identifica o respetivo animal;
Princesa	X
Espanhol	
Leopardo	
Loira	
Horácio	
Nara	
Fernando	
Craque	X
Bela	
Concha	
Bolacha	
Chica	
Cinderela	X
Timóteo	X

Atividade: História "O Tomás está crescendo" - exploração dos animais da história fazendo analogia com imagens reais.			
Crianças	Indicadores		
	Identifica o animal através da fotografia;	Identifica o animal através do desenho;	Estabelece a correspondência entre a fotografia e o desenho;
Princesa	X	X	X
Espanhol			
Leopardo			
Loira			
Horácio			
Nara			
Fernando			
Craque	X	X	X
Bela	X	X	X
Concha			
Bolacha			
Chica			
Cinderela			
Timóteo			

Atividade:

História “A Caracolinhos Loiros os 3 Ursos”;

Recordar a canção “Os sons dos animais”.

Analogia entre a história, as emoções e os animais;

Crianças	Indicadores		
	Expressa sentimentos de conforto/desconforto, relativamente às emoções mimadas pela estagiária;	Conhece e identifica o animal da história;	Identifica, pelo menos, um animal e o seu som;
Princesa	X	X	X
Espanhol	●	●	●
Leopardo	●	●	●
Loira	●	●	●
Horácio	●	●	●
Nara	●	●	●
Fernando	●	●	●
Craque	●	●	●
Bela	●	●	●
Concha	●	●	●
Bolacha	●	●	●
Chica	●	●	●
Cinderela	●	●	●
Timóteo	X	X	X

Atividade: História " O Cuquedo"			
Crianças	Indicadores		
	Conhece e identifica pelo menos um animal da história;	Experimenta pelo menos a emoção espanto;	Experimenta a emoção espanto e medo;
Princesa	X	X	X
Espanhol	●	●	●
Leopardo	●	●	●
Loira	●	●	●
Horácio	●	●	●
Nara	●	●	●
Fernando	●	●	●
Craque	●	●	●
Bela	●	●	●
Concha	●	●	●
Bolacha	●	●	●
Chica	●	●	●
Cinderela	X	X	X
Timóteo	●	●	●

Atividade: História "A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça"	
Crianças	Indicadores
	Conhece e identifica pelo menos um animal da história;
Princesa	X
Espanhol	●
Leopardo	●
Loira	●
Horácio	●
Nara	●
Fernando	●
Craque	X
Bela	●
Concha	●
Bolacha	●
Chica	●
Cinderela	X
Timóteo	X

Atividade:

História "Beijinhos, beijinhos"

Exploração sensorial de algodão, lã e aço;

Crianças	Indicadores		
	Experimenta a sensação agradável do algodão macio;	Experimenta a sensação agradável da lã;	Experimenta a sensação desagradável do aço;
Princesa	●	●	●
Espanhol	●	●	●
Leopardo	X	X	X
Loira	●	●	●
Horácio	●	●	●
Nara	●	●	●
Fernando	●	●	●
Craque	X	X	X
Bela	●	●	●
Concha	●	●	●
Bolacha	●	●	●
Chica	●	●	●
Cinderela	X	X	X
Timóteo	X	X	X

Atividade: História “Quando a mãe grita”, fazendo a analogia com as emoções já trabalhadas;

Crianças	Indicadores			
	Experimenta a emoção espanto;	Experimenta a emoção tristeza;	Experimenta a emoção medo;	Experimenta a emoção alegria;
Princesa	●	●	●	●
Espanhol	●	●	●	●
Leopardo	●	●	●	●
Loira	●	●	●	●
Horácio	●	●	●	●
Nara	●	●	●	●
Fernando	●	●	●	●
Craque	X	X	X	X
Bela	●	●	●	●
Concha	●	●	●	●
Bolacha	●	●	●	●
Chica	●	●	●	●
Cinderela	●	●	●	●
Timóteo	●	●	●	●

Anexo D. Guião da entrevista

ANO LETIVO 2014/2015

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA6

Guião da entrevista à educadora cooperante

Blocos Temáticos	Questões	Obs
1. Legitimação da entrevista	<p>Explicar os objetivos da investigação e da entrevista</p> <p>Garantir o anonimato ao/à entrevistado/a e explicar que os dados são usados unicamente para a investigação</p> <p>Solicitar a gravação da entrevista, como forma de facilitar o registo dos dados</p>	
2. Dados sobre o/a entrevistado/a	<p>Género: Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/></p> <p>1. Idade: 20/25 <input type="checkbox"/> 26/30 <input type="checkbox"/> 31/35 <input type="checkbox"/> 36/40 <input type="checkbox"/> Mais de 40 <input type="checkbox"/></p> <p>2. Formação Académica:</p> <p>3. Percurso profissional:</p> <p>4. Situação profissional atual:</p> <p>5. Outras informações relevantes:</p>	
3. Prática pedagógica do/a entrevistado/a	<p>1. Qual é o modelo pedagógico com que se identifica? E que tem aplicado?</p>	

<p>4. Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação nas crianças</p>	<p>2. Promove comportamentos de autorregulação no grupo de crianças com quem trabalha atualmente? Que estratégias utiliza?</p> <p>3. Utiliza instrumentos reguladores? Quais?</p> <p>4. Tem um quadro de comportamento na sua sala de atividades? Qual o seu objetivo? Atribui punições? Quais?</p> <p>5. A forma como promove esses comportamentos varia de grupo para grupo?</p> <p>6. Considera que a sua experiência profissional lhe trouxe novas estratégias para promover comportamentos de autorregulação nas crianças? Quais?</p>	
<p>5. Outras informações relevantes</p>	<p>7. Gostaria de acrescentar algo mais a esta entrevista? (partilhar mais alguma ideia ou questão pertinente)</p>	

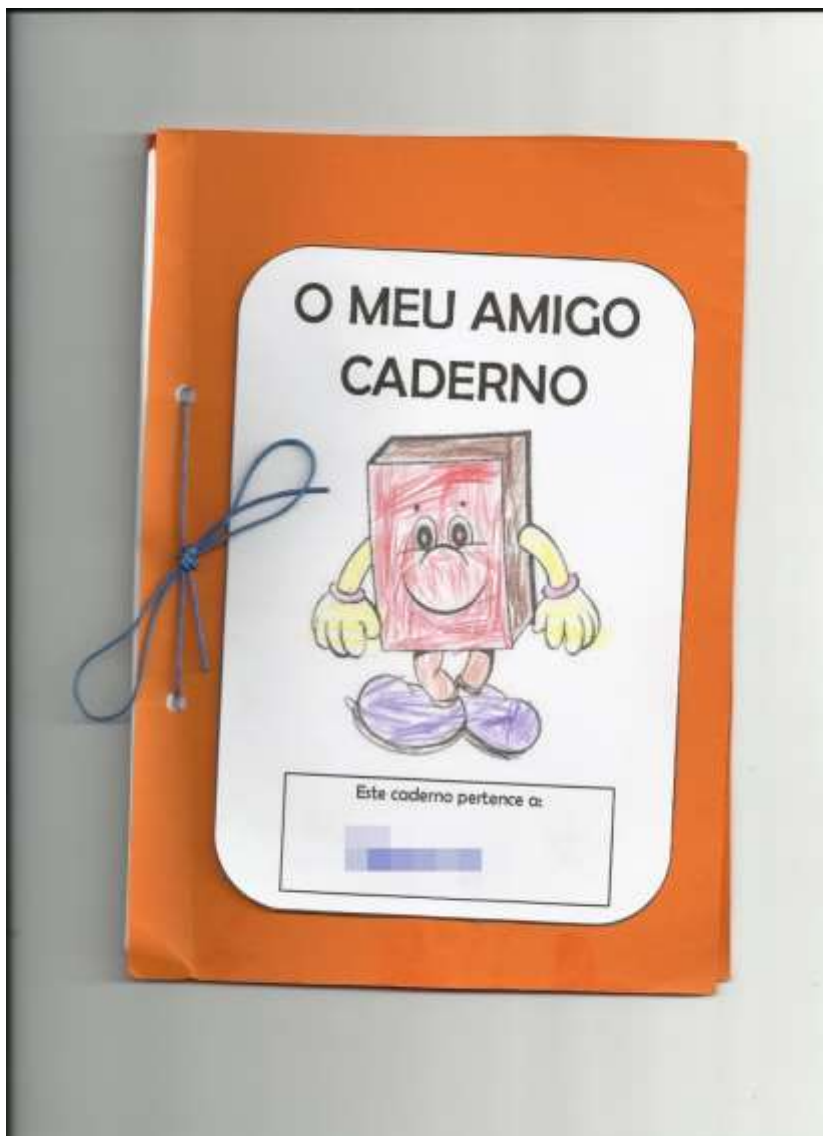
Muito obrigada pela sua colaboração.

A aluna/estagiária

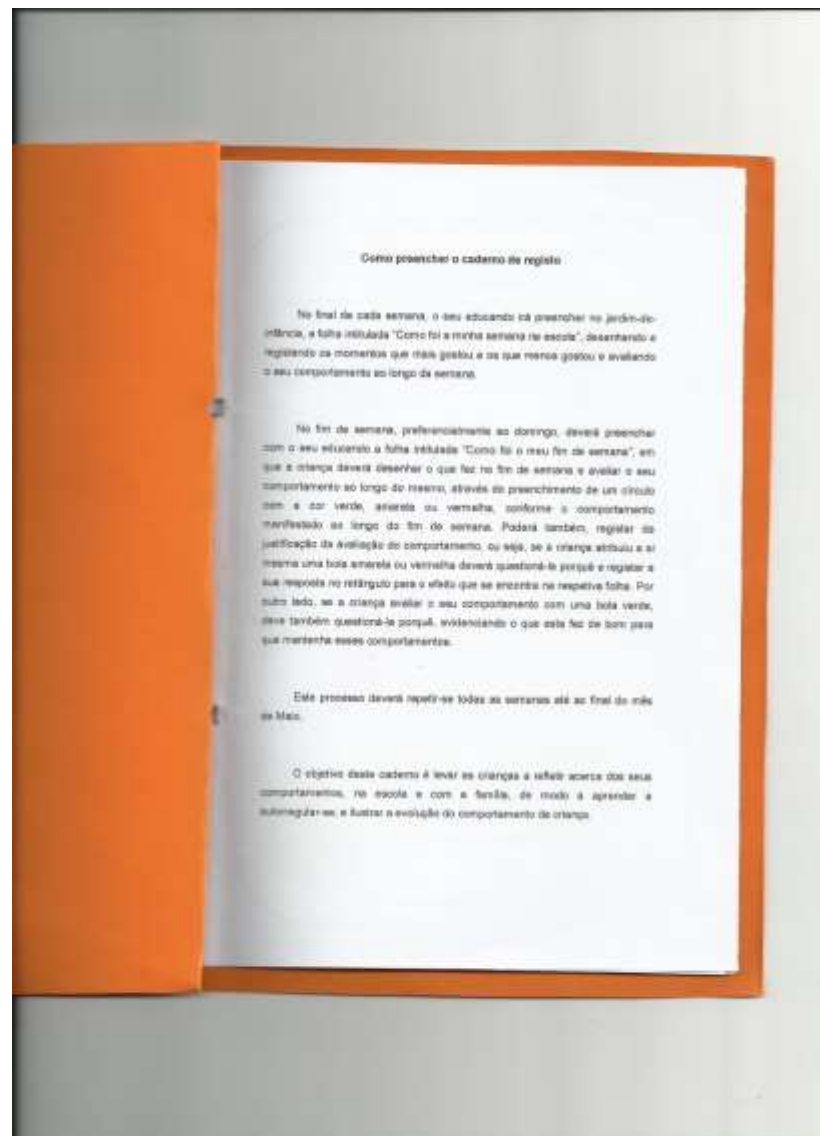
Marisa Alves

Lisboa, de maio de 2015

Anexo E. “O meu amigo Caderno”



Capa



Instruções de preenchimento

Como foi a minha semana na Escola

O que mais gostei de fazer:



Pintar o livro

O que menos gostei de fazer:



Estudar

Como classifico o meu comportamento:



Porquê?
"Porque portei-me bem"

Preenchimento da semana - 4 a 8 de maio

Como foi o meu fim de semana

O que fiz no fim de semana



Como classifico o meu comportamento:




Porquê?
"Porque portei-me bem"


Preenchimento do fim de semana - 9 e 10 de maio

Como foi a minha semana na Escola


O que mais gostei de fazer:



O que menos gostei de fazer:



Como classifico o meu comportamento:



Porquê?
"Porque portei-me muito bem."

Preenchimento da semana - 11 a 15 de maio

Como foi o meu fim de semana

O que fiz no fim de semana

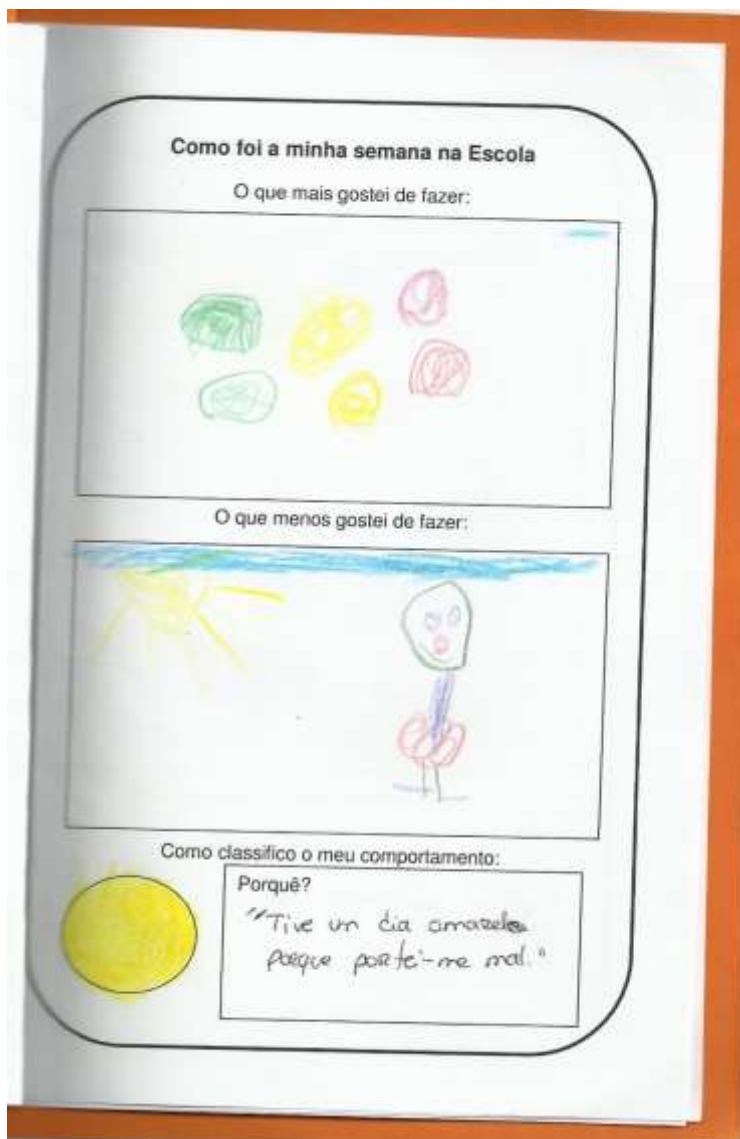


Como classifico o meu comportamento:



Porquê?
"Porque portei-me bem."

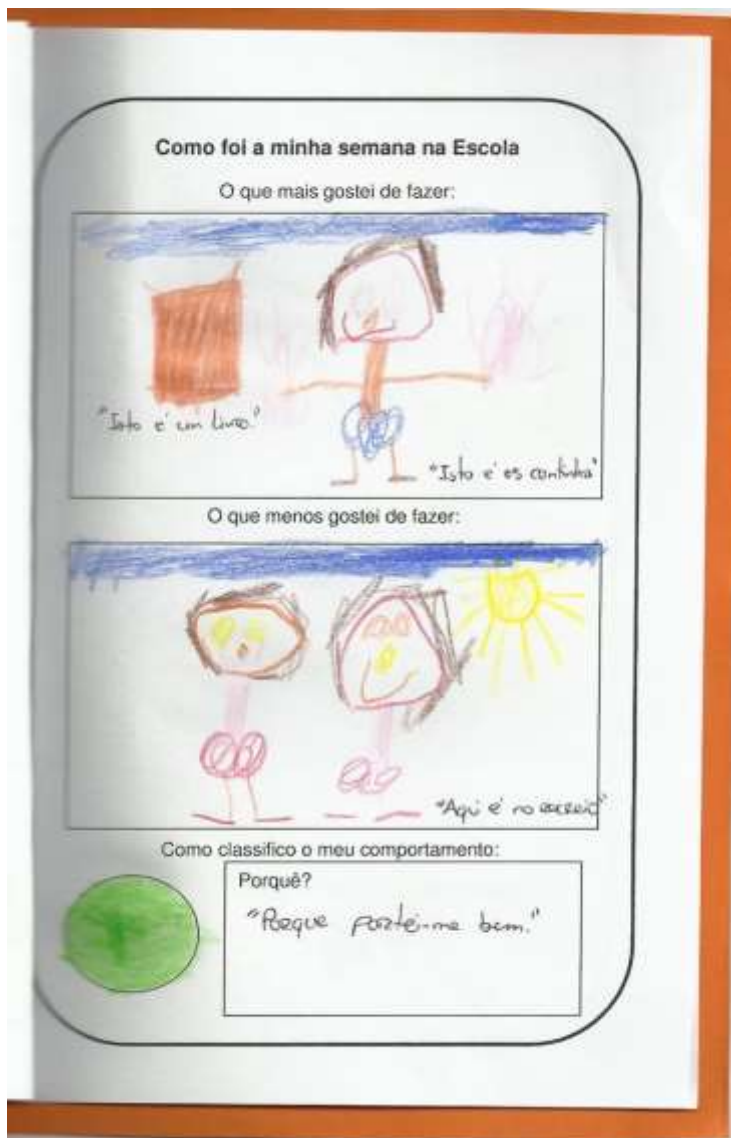
Preenchimento do fim de semana - 16 e 17 de maio



Preenchimento da semana - 18 a 22 de maio



Preenchimento do fim de semana - 23 e 24 de maio



Preenchimento da semana - 25 a 29 de maio



Preenchimento do fim de semana - 30 e 31 de maio

Anexo F. Concepções das crianças acerca dos seus comportamentos

Criança	O que é portar bem?	O que é não portar bem?
Treinador de Karaté (6 anos)	“É não fazer nada e é obedecer aos adultos.”	“É fazer asneiras e é bater, e também é ficar de castigo, e também tirar uma coisa aos outros e não emprestar.”
Oceano (5anos)	“É levar muitas bolinhas verdes. É ficarem amigos e não bater.”	“Levarem bolinha vermelha e amarela e também podem ter de castigo. É bater.”
Bola (5anos)	“É não bater, brincar como deve ser, não dar pontapés.”	“Magoar os meninos, dar-lhe um pontapé, bater.”
Praia (5anos)	“É não bater, emprestar as coisas aos outros, emprestar os brinquedos aos outros, emprestar tudo e ajudar os meninos.”	“É bater, amandar pontapés e atirar as peças.”
Tartaruga ninja (5anos)	“Porque não batem em ninguém, não bate na mesa e não bate em ninguém...ahhh já disse.”	“Bater, bater na mesa, amandar bonecos e ... não me lembro.”
Aranha (4 anos)	“É fazer as coisas que vocês dizem, também não gritar e também não...aleijar.”	“É aleijar e bater e dar pontapés e dar um murro.”
Homem Aranha (3 anos)	“Não bater às pessoas.”	“Bater, é portar-se mal.”
Super-Homem (3 anos)	-	“Bater, empurrar...”
Tomate (6 anos)	“É fazer o que as professoras dizem e o que os pais dizem.”	“ É não respeitar as regras da sala.”
Faísca (3 anos)	-	-
Pequena Sereia (5 anos)	“Não bater, ser amigo. Eu gosto de ser amiga! Não empurrar. Ajudar os amigos a tratar do dói-dói”	“Empurrar, morder, pôr os pés em cima da mesa, tar a brincar quando se for comer, não tar bem sentado na cadeira.”

Ovelha (5 anos)	“Quando batemos pedimos desculpa.”	“É bater, é pôr o pé à frente.”
Margarida (4 anos)	“Fazer os trabalhos, fazer o nome, arrumar as coisas, desenhar.”	“Não fazer as coisas. Não fazer os trabalhos.”
Zebra (3 anos)	-	-
Flor (4 anos)	“Não tirar as coisas sem autorização. Podemos pedir aos adultos se podemos trabalhar ou não e podemos dizer aos adultos se podemos ir beber água e se podemos fazer a avaliação. E não desarrumar as cadeiras todas.”	“É bater e morder e arranhar e dar pontapés.”
Relva (5 anos)	-	-
Girafa (4 anos)	“Temos de ficar caladinhos e quando temos que tar com atenção.”	-
Bandolete (4 anos)	“Não bater, não empurrar, não bater com as cadeiras e não estragar os trabalhos.”	“É bater e empurrar, bater com a cadeira e estragar os trabalhos.”
Barbie (5 anos)	“ Eu arrumo a sala e trabalho e também porto-me bem.”	“É porque eu bato e dou pontapés e empurro, e mais nada.”
Martim Manhã (5 anos)	-	-
Cavalo (3 anos)	“Não bater e não portar mal.”	“É bater.”
Tartaruga (5 anos)	“Não bater nem dar pontapés, não dizer mentiras.”	“Quando dizem asneiras e quando tiram os bonecos às pessoas.”

Anexo G. Transcrição das entrevistas

Transcrição de entrevista nº 1: Educadora Violeta⁴⁷

Data: 26 de maio de 2015

Hora: 15 horas e 30 minutos

Duração: 20 minutos

Autorização para gravação: Sim

Questões/respostas	Blocos Temáticos
<p>Género: Feminino</p> <p>Idade: Mais de 40 anos</p> <p>Formação Académica: Bacharelato pelo Instituto Piaget e Licenciatura em Educação para a Infância pelo Instituto Superior de Educação e Ciências.</p> <p>Percurso profissional: 5 meses como monitora num centro de reabilitação de crianças e jovens (COAS) 8 Anos a trabalhar como educadora na Madeira (ensino publico) Entrou no quadro de zona pedagógica (QZP) de Santarém, onde esteve vinculada alguns anos pedindo sempre mobilidade para Lisboa. Um ano como coordenadora pedagógica de uma instituição pública. 3 anos num centro do Ministério da Educação (CEPI) Entrou no QZP de Lisboa e foi para a instituição onde está hoje (à 6 anos).</p> <p>Situação profissional atual: Empregada</p>	<p>Dados sobre o/a entrevistado/a</p>

⁴⁷ Nome fictício.

<p>Outras informações relevantes:</p> <p>Entrevistado: - Será que realmente estive lá no COAS, que não tem nada a ver com o Ministério da Educação, tem a ver com o Ministério da Justiça. É outra realidade, é outra ... são outras vivências (ahhh) são miúdos que precisam não é? Eu fazia um bocadinho de psicóloga também.</p> <p>Entrevistador: - É mais social.</p> <p>Entrevistado:- É! (ahhh) fazia um bocadinho também de psicóloga, mas no fundo trabalhei quase meio ano, mesmo nesta área. Portanto o único sítio que eu estive sem ser Ministério da Educação, foi neste tal no Ministério da Justiça.</p>	<p>Dados sobre o/a entrevistado/a</p>
<p>1. Qual é o modelo pedagógico com que se identifica? E que tem aplicado?</p> <p>Entrevistado: - O meu modelo que eu apanhei foi o do Piaget. Eu não tenho um modelo próprio, único, eu não uso este modelo do Piaget, não uso um modelo. Eu acho que vou buscar um bocadinho a cada ... junto, dou o meu toque pessoal e aplico nas crianças. () O meu objetivo é o bem estar delas, não é, todas, a nível afetivo e nível psicológico () e tentar sempre estar atenta a qualquer mudança que eles tenham, não é? (ahhh) tentar dar-lhe os conhecimentos a nível de autonomia, de socialização, (ahhh) de relacionar-se com os adultos, com os colegas, e pronto aquela noções que eu acho ... principalmente os 5 anos, que serão, não com aquela importância toda, os básicos para eles terem mais ou menos umas bases para irem pro 1º ciclo. Portanto não tenho assim um modelo específico.</p>	<p>Prática pedagógica do/a entrevistado/a</p>
<p>2. Promove comportamentos de autorregulação no grupo de crianças com quem trabalha atualmente? Que estratégias utiliza?</p> <p>Entrevistado: - Aqui na autorregulação é o que? É eles sozinhos, resolverem resolverem ...</p> <p>Entrevistador: - É promover que eles sejam cada vez mais autónomos a regular o seu comportamento.</p> <p>Entrevistado: - Sim! Portanto verem e saberem, pensarem que fizeram mal</p>	<p>Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças</p>

naquela altura, como e que resolvem a situação. ((tossiu)) Sim, pronto é () sim promovo no aspeto de, por exemplo, () o bom ou o mau de termos as três idades, não é, tento que os mais velhos ajudem os mais novos (ahhh) nas coisas mais difíceis para os pequeninos, mas que são fáceis para os grandes, portanto nessa autonomia ajudando a que os pequeninos também sejam um bocadinho autónomos não é? (ahhh) e tentar, a nível social, por exemplo, quando estão em conflito, quando estão com um problema que não conseguem resolver e vêm dizer “quero que me ajudes a, o que é que eu faço?”, vais lá, pensa resolve entre os dois. Como é que vão resolver, tentem resolver da melhor maneira, a conversar, senão depois venham cá que eu dou uma ajudinha. Mas a ideia é, portanto eles serem autónomos, tentarem resolver os problemas de conflitos, não é mais leves, entre eles, (ahhh) de maneira a que não estejam sempre dependentes de mim.

Entrevistador: - É tentar fazer com que eles sejam capazes de pensar por si só.

Entrevistado: - Exatamente. Como e que vão resolver essa situação. Sem pedir a minha ajuda não é. Portanto, se andam ali, um brinquedo por exemplo, um quer um, outro quer o brinquedo, eles querem, todos querem o brinquedo. Vamos lá resolverem, todos não é, e pensar como e que eles os 3 ou os 4 vão resolver a posse do brinquedo (...) pronto, eles acabam depois por me vir dizer que conseguiram resolver a situação, pronto a ideia será mais ou menos essa de autonomia.

3. Utiliza instrumentos reguladores? Quais?

Entrevistado: - Ok! Tipo ... quando é por exemplo para ... os mais pequeninos, não é, abrir uma torneira (ahhh) abrirem as garrafas, irem à procura das garrafas que são dos mais pequeninos, porque eles não conseguem ver então vem lá um mais velho e vai lá ver (ahhh) os grandes pra resolverem a nível de brincadeiras, de brinquedos que estão na sala, o conflito de “este tá a brincar com o boneco que eu quero” (ahhh) “não me deixa brincar”, então ok então agora vais, pensas tentas brincar, um bocadinho brinca um, outro bocadinho brinca outro, resolvem vocês entre vocês.

Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças

4. Tem um quadro de comportamento na sua sala de atividades? Qual o seu objetivo? Atribui castigos? Quais?

Entrevistado: - E depois no fim, nós fazemos nossa autoavaliação, pronto, cada um faz a sua, no final das atividades, no final do dia, têm o mapa do comportamento, pronto... em que é feita a autoavaliação deles, portanto saber que tem regras, essas regras que lá estão foram feitas por eles, reajustadas, porque aquilo foi feito pelo grupo mas depois são reajustadas por nós. () E eles próprios autoavaliam-se se fizeram bem os trabalhos, se portaram bem, se resolveram bem a situação (ahhh) porque é que não resolveram, então se calhar vão ter que pensar pra próxima vez.

Entrevistador: - Procuram perceber porque é que ... o que é que correu mal.

Entrevistado: - Exatamente, porquê. () Portanto fazer uma autoavaliação do que é que não esteve bem e o que é podem fazer para a outra vez, para não fazer da mesma maneira.

Entrevistador: - Esse quadro de comportamento tem algum tipo de punição... um castigo?

Entrevistado: - Então é assim, esse quadro foi feito... (ahhh) começou por ser feito por causa de um grupo que eu tive, nos primeiros anos, complicado. Portanto era um grupo muito conflituoso e então era um grupo () em que eu tinha de arranjar maneira de eles perceber que as coisas quando são, como todos, a nível da sociedade, que nos temos consequências pelos atos que fazemos. Pronto... quer sejam bons, quer sejam maus. Menos bons vá. (ahhh) e eles pensarem que se não cumpriram as regras que foram estabelecidas para estarem na sala, e para poderem viver em sociedade com as outras crianças tem que as cumprir. Então fizemos, o mapa tem três cores. O mapa tem, é verde, vermelho, pronto e laranja que será correspondente às caras, (ahhh) a carinha ... verde corresponde a carinha contente, a cor laranja aquela meio, mais ou menos, e a vermelho ta mesmo zangada. Pronto. (ahhh) E então isso equivale a que se não cumprem as regras (...) à que ter consequências não é? Então é assim, todos os que conseguem cumprir as regras têm bolinha contente não é, verde. Quem, algumas que não sejam assim muito graves, pronto que não

Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças

sejam coisas que eles façam muito graves, têm laranja. Portanto, é aquele zangadinho assim...

Entrevistador: - Intermedio.

Entrevistado: - Intermédio. E depois há os outros que é o bater, é o ir à casa de banho e andar em cima das sanitas.

Entrevistador: - São coisas mesmo muito graves.

Entrevistado: - São, eles sabem quais são e sabem que não podem mesmo fazer, então têm um vermelho. Que é o mais complicado que é a cara muito zangada. E depois há consequências como em tudo, pronto. Então é assim os verdes ... nós aqui é tirar um bocado daquilo que eles gostam de fazer. O que eles gostam de fazer é brincar. Como nós temos os dois recreios ... é assim ... a situação é ... se tem verde, brinca, pronto, o dia todo, tudo bem. Se não tem, portanto se há um laranja, isto tudo é feito no final do dia portanto, () o comportamento será no final do dia. Automaticamente, as cores que eles tiveram nesse dia vai passar para o outro dia a seguir (...) e eles sabem o que é acontece, tanto que eles quando às vezes me esqueço, eles sabem que não podem fazer e quem não fez pode fazer. Então a consequência é: laranja, fica sem um recreio; agora o vermelho, como é muito mais grave à que ficar sem os dois. Isso faz com que eles pensem, portanto a ideia é, enquanto estão a ver os outros a brincar estão a pensar que não estão lá porque fizeram alguma coisa que não deviam ter feito. Portanto à que pensar que para a próxima vez não vão fazer que é para poderem brincar.

Entrevistador: - São as tais consequências dos seus atos.

Entrevistado: - Exatamente, pronto é isso.

5. A forma como promove esses comportamentos varia de grupo para grupo?

Entrevistado: - Sim, sim, sim, exato! Tem a ver ... porque nós não temos grupos sempre iguais não é!

Entrevistador: - Claro.

Entrevistado: - (ahhh) Nós tentamos um bocadinho, ou eu tento um bocadinho ser mais ou menos a mesma ... o mesmo modo. Mas às vezes há grupos um

Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças

bocadinho mais complicados do que outros, portanto então o que é acontece, é tentar que ... pô-los um bocadinho à parte, conversar quando há as coisas mais complicadas que não dá mesmo para resolver e eles não conseguem resolver (). Há que falar com eles à parte, os intervenientes e falar com eles, como é o que é que fizeram o que não fizeram ... tentar fazer e claro que têm sempre que ficar a pensar um bocadinho, não é? Portanto temos a cadeira do pensador, para eles pensarem um bocadinho naquilo que fazem e conversamos e discutimos como é que podemos resolver essa situação, se eles forem assim mais complicados, esses grupos mais complicados. Se não, se forem grupos que logo à primeira se consegue resolver a situação, a maneira fica a que costuma ser não é? Mas também varia o comportamento, o meu comportamento também varia conforme os grupos que nós temos, que eu tenho, mais conflituosos ou não.

6. Considera que a sua experiência profissional lhe trouxe novas estratégias para promover comportamentos de autorregulação nas crianças? Quais?

Entrevistado: - Claro que sim. Portanto é assim, nós vamos aprendendo com o tempo, não é? Portanto há se calhar coisas que eu fiz no princípio, que tinha um ano de serviço, que já não faço agora que tenho vinte e dois não é? Portanto nós vamos acabando por arranjar estratégias não é? Com os grupos diferentes que temos e com o tempo que temos já de prática acaba por ser quase logo já nem tar a pensar muito o que é que vamos fazer porque já é tão instintivo que já sabemos o que é vamos fazer naquela altura, sem tar a arranjar muita estratégia, muita conversa, muita coisa. Portanto, eu sim, sem dúvida fui alterando e fui modificando conforme o tempo, os grupos que fui apanhando, conforme o tempo de serviço que fui tendo. Também vai dando assim uma experiência () com um ano não se tem a mesma experiência que se tem com vinte e dois anos.

Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças

Transcrição de entrevista nº 2: Educadora Matilde⁴⁸

Data: 27 de maio de 2015

Hora: 15 horas e 30 minutos

Duração: 10 minutos

Autorização para gravação: Sim

Questões/respostas	Blocos Temáticos
<p>Género: Feminino</p> <p>Idade: Mais de 40 anos</p> <p>Formação Académica: Bacharelato e Licenciatura pela Escola Superior de Educação João de Deus.</p> <p>Percurso profissional:</p> <p>10 anos em colégio particular () com crianças em situação económica desfavorável e problemas sociais.</p> <p>3 anos na Musgueira Norte.</p> <p>3 anos em Bucelas.</p> <p>Situação profissional atual: Empregada</p>	<p>Dados sobre o/a entrevistado/a</p>
<p>1. Qual é o modelo pedagógico com que se identifica? E que tem aplicado?</p> <p>Entrevistado: - Quando eu entrei no curso da João de Deus tentei sempre aplicar esse método. De qualquer maneira deparei-me que esse método só é usado a 100% nas escolas João de Deus, depois no estado não é de todo e fui-me adaptando às colegas e a outros métodos. E, acho que não há o “método ideal”. Depois fui lendo e contactando com outras colegas, traçando impressões</p>	<p>Prática pedagógica do/a entrevistado/a</p>

⁴⁸ Nome fictício.

<p>que depois de vinte e oito anos vamos buscar o melhor de cada curso e tentamos aplicar o melhor que achamos. Mas acho também que existem outras variantes, depende do grupo que nos calha, se são grupos problemáticos, se são grupos mais motivados e também o facto de as turmas no pré-escolar serem heterogéneas. Por exemplo, o método João de Deus é um método em que o próprio método pode ser adaptado se é uma sala só de 3, 4 ou 5. Porque depois têm materiais próprios etc.. Eu nunca poderia ser método João de Deus numa escola heterogénea. Mas sim, pelo menos os materiais João de Deus, no () os blocos lógicos, eu procuro sempre seguir a linha. Mesmo na Matemática ou não escrita. E eu sei que sou uma pessoa que apesar dos movimentos hoje em dia já estarem a largar isso eu continuo porque acho que se a criança chega lá, deve-se motivar para isso.</p>	<p style="text-align: center;">Prática pedagógica do/a entrevistado/a</p>
<p>2. Promove comportamentos de autorregulação no grupo de crianças com quem trabalha atualmente? Que estratégias utiliza?</p> <p>Entrevistado: - A autorregulação para mim até foi agora novidade com o teu trabalho que fizeste. Porque tento sempre dar autonomia principalmente, pondo-os mais autónomos e depois responsabilizarem-se. O que é que eu faço? Também estive em sítios um bocadinho complicados que nem auxiliar tinha. O que é que eu procurava? Não este tipo de autorregulação, como no trabalho que fizeste este ano, mas a ajudarem-se uns aos outros. Portanto os mais velhos a responsabilizarem-se por ajudarem os mais novos. A cumprirem as regras. A chegarem ao acordo a serem arrumados, geralmente pela cooperação e autoestima. As educadoras mais antigas era isso que nos ensinavam. Era a autonomia, era a cooperação... Esta coisa do negociar e da autorregulação é uma coisa mais recente que eu procuro e agora então com o que tenho visto de ti e já de outras colegas, acho que é um bom método.</p> <p>3. Utiliza instrumentos reguladores? Quais?</p> <p>Entrevistado: - Tinha o quadro do comportamento diário. E até agora é só esse que uso. E depois conversávamos em grupo, não é só pôr em tabela, às vezes</p>	<p style="text-align: center;">Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças</p>

<p>temos de conversar sobre...</p> <p>4. Tem um quadro de comportamento na sua sala de atividades? Qual o seu objetivo? Atribui castigos? Quais?</p> <p>Entrevistado: - Em princípio era só para eles terem uma motivação de levarem o verde para casa e de dizerem que tiveram um verde. Este ano deparei-me que o grupo é bastante difícil e que não é só eles... Eu deparei-me que o facto de eles terem vermelho, amarelo já nem se importam e portanto, procurei, talvez até do momento de tu chegares, fazer outro tipo de coisas privava-os... se tivessem vermelho sabiam que não brincavam no recreio ou privava-os das áreas. E acho que aquele livrinho é excelente, que até é um método que estou a pensar levar para casa.</p> <p>5. A forma como promove esses comportamentos varia de grupo para grupo?</p> <p>Entrevistado: - Bastante de grupo para grupo e de ano para ano. Eu acho que cada idade tem as suas metas as suas competências para adquirir. Eu não posso exigir ao “G”, que tem 3 anos o mesmo tipo de comportamento a uma criança que está prestes a sair para o 1º ciclo. Tem que se dar ali uma <i>margemzinha</i>.</p> <p>6. Considera que a sua experiência profissional lhe trouxe novas estratégias para promover comportamentos de autorregulação nas crianças? Quais?</p> <p>Entrevistado: - Sim, sim. A experiência profissional é que nos traz isso. Porque o que aprendemos na escola é importante, na escola superior... mas depois a prática e a sensibilidade das crianças. Porque lá está, cada criança é uma criança e nós não conseguimos ter um método... eu posso este ano, ter resultado com aquele quadro e para o ano pode não resultar. É mesmo a sensibilidade e o conhecer as crianças que depois de vinte e oito anos a lidar com crianças se começa a perceber e a experiência é que me ajuda.</p>	<p>Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças</p>
---	---

<p>7. Gostaria de acrescentar algo mais a esta entrevista? (partilhar mais alguma ideia ou questão pertinente)</p> <p>Entrevistado: - Estamos sempre a aprender e com a Marisa, mais uma vez, aprendi coisas que vou usar para a minha vida profissional.</p>	<p>Outras informações relevantes</p>
---	---

Transcrição de entrevista nº 3: Educadora Aurora⁴⁹

Data: 28 de maio de 2015

Hora: 16 horas

Duração: 15 minutos

Autorização para gravação: Sim

Questões/respostas	Blocos Temáticos
<p>Género: Feminino</p> <p>Idade: Mais de 40 anos</p> <p>Formação Académica: Instituto de Educação Infantil</p> <p>Percurso profissional: Exerceu a profissão de educadora de infância durante 26 anos num Jardim de Infância do Instituto Superior Técnico. Esteve 9 anos a trabalhar na educação especial. Este ano está a trabalhar como educadora de infância mas espera voltar para a educação especial em breve.</p> <p>Situação profissional atual: Empregada</p>	<p>Dados sobre o/a entrevistado/a</p>
<p>1. Qual é o modelo pedagógico com que se identifica? E que tem aplicado?</p> <p>Entrevistado: - Não aplico nenhum modelo em especial (sorriu) é o meu modelo (...) eu agora ouço falar em tanta coisa, tanta coisa. Eu estudei também muitos modelos, mas nunca segui nenhum modelo à risca. Esta a minha maneira de trabalhar, não é? E ao longo da minha vida vi também muita coisa, as minhas</p>	<p>Prática pedagógica do/a entrevistado/a</p>

⁴⁹ Nome fictício.

<p>colegas do lado também nunca seguiram (...) durante estes vinte e seis anos, nenhuma de nós seguiu nenhum modelo, nada. (...) Sigo o meu modelo, acho que tenho-me dado.</p> <p>Entrevistador: - E qual é... assim algumas características.</p> <p>Entrevistado: - Características? Isso agora é um bocadinho difícil. Bem em princípio (...) o que é que valorizo mais? Valorizo tanta coisa, agora se temos que falar das áreas, a área da formação pessoal e social, isso para mim, e a socialização, a autonomia das crianças na sala, a liberdade na sala. A liberdade não é fazerem o que querem não é, (ahhh) o combinar-se as coisas, as regras, as situações.</p> <p>Entrevistador: - Um bocadinho de democracia, é isso?</p> <p>Entrevistado: - Sim, democracias, ligações interpessoais, o convívio entre eles e depois todas as áreas, abordo todas as áreas não é, a leitura à escrita, a matemática... Dou muita...gosto muito da área da expressão, dou muita liberdade de expressão, portanto, aqui, como é que eu funciono aqui, o melhor é dizer como e que eu funciono aqui, também nos outros sítios é assim: todos os dias as áreas, todas as áreas estão a funcionar, eles são distribuídos, e depois há momentos em que trabalho mais com o grupo dos cinco anos, ou então, em que se faz outro tipo de trabalho não é. (...) depois há os momentos em que há o livrinho, os cinco anos estão sentados à mesa a fazer o livrinho, os outros estão em atividades mais calminha para eles poderem... mas isso são momentos do dia, momentos do dia!</p>	<p style="text-align: center;">Prática pedagógica do/a entrevistado/a</p>
<p>2. Promove comportamentos de autorregulação no grupo de crianças com quem trabalha atualmente? Que estratégias utiliza?</p> <p>Entrevistado: - Autorregulação o que é que queres dizer com isso?</p> <p>Entrevistador: - É promover que eles sejam capazes de aprender a regular o seu comportamento e as suas atitudes. Pronto, como e que nós podemos promover isso. Qual é o nosso papel.</p> <p>Entrevistado: - Olha, é assim, eu (ahhh) trabalho muito através do estímulo e do reforço positivo, se bem que aqui me tenho deparado, principalmente aqui, nos outros lados não tinha problemas, ou as crianças são diferentes, há qualquer</p>	<p style="text-align: center;">Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças</p>

coisa diferente de facto. Até porque é assim, vamos lá ver, na minha prática, eu lá naquela escola, os meninos entram aos dois anos de idade. Pra já as idades são...é uma sala para os dois, outra para os três, outra para os quatro, outra para os cinco (anos) ... pronto. Portanto, eu apanhava o grupo aos dois (anos) e segui-o até aos seis (anos). Portanto, havia um crescimento das crianças comigo. (...) era uma coisa muito familiar e muito... eu via a evolução deles. Não é que aqui não veja, mas só que eu podia dar muito mais atenção. Aqui se estou a dar atenção ao grupo dos cinco (anos), de facto os outros estão a brincar sozinhos. Se não tenho ninguém na sala...se tenho ainda posso dizer, mas normalmente estão a brincar sozinhos. Portanto, é mais difícil, não tinha assim grandes problemas de comportamentos de se portarem mal. Aqui, tenho uns casos, como sabes, que são muito difíceis. Normalmente vou mais pelo reforço positivo, se bem que, chega a um ponto em que eu já não tenho ponta por onde se lhe pegue () normalmente o que é que faço? Digo “olha senta-te um bocadinho a descansar”. É que o eu digo ... (ahhh) converso, converso....tenho...

3. Utiliza instrumentos reguladores? Quais?

Entrevistado: - fizemos lista de comportamentos...as regras, eles diziam. Pronto, foram levados, lá está, até tenho o símbolo de uma cara a rir e outra cara triste, pronto as coisas que se devem fazer, pronto. Pela positiva! Tenho essas coisas. (...)

4. Tem um quadro de comportamento na sua sala de atividades? Qual o seu objetivo? Atribui castigos? Quais?

Entrevistado: - (ahhh) comecei...nunca na minha vida tinha feito um mapa de comportamento, e este ano fiz. Fiz para ai no segundo período. Deixei de fazer, à coisa de um mês acabou. Não vi que resultasse. Fiz mais porque às vezes as mães diziam-me “Ahhh porque que o ano passado acho que isso resultou com o meu filho, e tal” e fui experimentar. O que é que acontecia? Como não tenho grandes problemas de comportamento na sala, são sempre os mesmos, dois ou três, isso a meu ver não deu resultado. Não deu resultado porque: começaram-se a fazer *queixinhas* uns dos outros. *Queixinhas, queixinhas*, que é uma coisa que

Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças

eu detesto. E tenho lá nas regras “Não fazer *queixinhas*” que eles disseram. (...) E depois, tenho a situação daquele menino que é “R” que é o caso mais grave...que tem prazer em levar bola vermelha. Isto parece o cúmulo mas é verdade. Ele quando ... as vezes dizia “olha hoje não levas”, ele “Não mas eu quero, eu quero.” e outro também que normalmente não se portava mal também queria levar bola vermelha e eu disse não! É porque ele gosta, o “R” gosta de tar de castigo. Por incrível que pareça a chamada de atenção é permanente e ele quer, portanto isto não em levou... comecei a pensar mas afinal... esta história da bolinha vermelha e da bolinha verde não estava a ter efeito nenhum. Portanto eu disse “olha vamos fazer uma pausa”, a pausa () ade ser até ao fim do ano, pronto. São sempre aqueles dois ou três, que têm melhorado, através de outras coisas e portanto eu não preciso do mapa de comportamento. (...)

5. A forma como promove esses comportamentos varia de grupo para grupo?

Entrevistado: - Sem dúvida, não é verdade?

Entrevistador: - Sim.

Entrevistado: - Acho que nunca há um ano igual, nunca há um ano igual. A pessoa... () pois, claro que varia... não é.

Entrevistador: - Por exemplo, ao longo da sua vida nunca utilizou este tipo de mapas e este ano decidiu experimentar porque sentiu necessidade de experimentar.

Entrevistado: - Experimentar, foi só experimentar. Eu não senti necessidade. () Achei que não acrescentava muito, não acrescentava muito.

6. Considera que a sua experiência profissional lhe trouxe novas estratégias para promover comportamentos de autorregulação nas crianças? Quais?

Entrevistado: - Olha é assim, a experiência conta muito, não é? Nós ao longo da vida temos que aprender, vamos aprendendo. Claro que eu não sou a mesma de quando acabei o curso. Tinha outras coisas se calhar, olha corria mais... a experiência faz muito. (ahhh) eu sempre fui uma pessoa muito paciente, dizem, dizem. Muito calma... pronto eu isso não sei muito bem. Talvez, seja calma.

Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças

Este ano até sinto que sou totalmente diferente daquilo que era, dou comigo a dar um grito na sala. Coisa que eu nunca dei na vida! Acho que não dei... não era preciso. Mas, pronto! Portanto isso também trouxe... a idade traz-nos mais paciência... e pronto. Também relativizo as coisas, não dou tanta importância... Claro que há dias e dias não é? Há dias em que agente está mais cansada. Mas claro, as estratégias ao longo... mal de mim se eu também não fosse mudando. Nós vamos mudando. Vamos refletindo, vamos aprendendo e aliás () a maneira como agente fala com cada um é... falo para o grupo, mas se tiver que chamar à atenção se calhar a um, é diferente. E é mesmo diferente do com outro. Se calhar às vezes... eu dou por mim a pensar nisso. Duas crianças, por exemplo, estão a fazer uma asneira. Se calhar sou capaz de elevar mais a voz com o “R” que está permanentemente a fazer, do que com outro. E se calhar eles estão a fazer a mesma coisa, não é?! Só que, se calhar a minha cabeça já tá programada para aquele. Tas a entender? (...) Porque ele já tá catalogado como o que se porta mal e às vezes não está a fazer sozinho, está a fazer com o outro. (ahhh) É uma coisa! Pronto, como estamos a falar em estratégias (ahhh) a minha estratégia, normalmente... não sei se é estratégia, é a maneira de ser, de trabalhar. É uma estratégia pronto, mas quando estou aqui não estou a pensar que estou a fazer uma estratégia. Tu agora estás-me a falar em estratégias mas eu nunca pensei isto como estratégia. Às vezes quando tá o caos, o caos... olha começo a cantar baixinho, é uma estratégia. Mas se calhar eu nunca vi isto como estratégia, é a minha maneira de trabalhar e podes ter a certeza de uma coisa... dá mais resultado do que quando eu dou um grito. Quando eu começo a cantar tudo se cala e começam a cantar comigo baixinho. O silêncio impõem-se. A partir daí quando tá tudo calmo eu digo “meninos, agora vamos falar mais baixo ()” tas a entender? Porque senão, começo a gritar, o outro começa a gritar e vamos fazer ainda mais aquilo... percebes? Aquilo é uma bola de neve. Pronto!

Conceções sobre a promoção de comportamentos de autorregulação das crianças

Anexo H. Escala A

Comportamentos /Crianças	Treinador de karaté	Oceano	Bola	Praia	Tartaruga Ninja	Aranha	Homem Aranha	Super-homem	Tomate	Faisca	Pequena Sereia	Ovelha	Margarida	Zebra	Flor	Relva	Girafa	Bandolete	Barbie	Martim Manhã	Cavalo	Tartaruga
	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem	Masc	Masc	Masc
Género	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem	Masc	Masc	Masc
Idade	6	5	5	5	5	4	3	3	6	3	5	5	4	3	4	5	4	4	5	5	3	5
1. Cumpre se lhe é dito para parar de fazer determinada ação.	5	6	2	6	4	3	5	3	6	5	4	4	4	5	5	5	6	6	5	5	5	5
2. Partilha brinquedos com os outros.	5	6	3	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5	6	6	6	6	6	6	6	6	6
3. Aprende com os seus próprios erros e corrige-os.	3	4	2	5	4	4	3	3	4	4	4	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5
4. Aceita fazer tarefas conforme as indicações recebidas.	4	5	4	6	4	5	5	4	5	4	5	4	4	5	5	5	6	6	5	5	5	5
5. Sabe esperar pacientemente pela sua vez.	4	4	2	6	4	4	5	2	5	5	4	4	4	5	5	5	5	6	6	5	5	5
6. Sabe esperar pacientemente pelo lanche (alimento).	5	5	4	6	5	5	5	2	6	5	4	5	6	6	6	6	6	6	6	5	6	6
7. Percebe e cumpre as regras e instruções.	5	5	3	5	4	5	4	2	5	5	4	4	4	5	5	5	5	6	5	5	5	5
8. É paciente, sabendo controlar os seus próprios desejos em situações de grupo.	5	5	3	5	4	4	4	2	5	4	4	4	4	5	4	4	5	6	6	5	5	5
9. Espera pela sua vez nas conversas e discussões em grupo.	3	4	2	6	4	4	5	2	5	5	3	4	4	4	5	4	6	6	6	5	6	4
10. Sabe adequar o seu comportamento às circunstâncias.	4	4	2	5	4	4	3	3	5	4	4	4	4	4	5	5	5	6	5	5	5	5
11. É capaz de partilhar e de se revezar em situações de jogo.	4	5	2	5	4	4	5	3	5	5	3	4	4	5	5	5	6	6	6	5	6	5
12. Quando sabe que algo é proibido, não o faz.	4	4	3	5	4	4	3	1	5	4	3	3	3	4	4	4	5	5	5	5	5	4
13. Quando se lhe pede que faça algo um pouco difícil, diz "eu não consigo".	3	5	5	5	4	5	3	3	4	4	4	5	4	5	5	4	6	6	6	5	5	5
14. Sabe controlar sentimentos negativos sem se deixar esmorecer.	4	4	5	5	4	4	4	2	4	4	5	4	5	4	5	5	5	4	5	5	5	4
15. Quando é instruído para fazer determinada tarefa, sabe cumprir.	5	5	3	5	4	5	4	3	5	4	5	2	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5
16. Sabe controlar os seus próprios desejos imediatos.	5	5	2	5	4	4	4	3	5	4	1	3	3	5	4	5	5	6	5	6	5	6
17. Se é magoado(a) por uma outra criança, não reage da mesma maneira.	4	5	2	5	4	4	4	3	5	5	1	4	3	5	5	5	6	6	6	5	6	5
18. É paciente sobre sua própria vontade em situações de grupo.	4	5	3	5	4	4	5	2	5	5	2	4	4	5	5	5	5	6	6	5	6	4
19. Devolve os objetos ou brinquedos que os amigos lhe emprestam.	6	6	4	5	5	6	5	5	6	5	3	5	5	6	5	5	6	6	6	6	6	6
20. Sabe esperar pela sua vez, se o professor está a falar com outra criança.	5	5	2	5	4	4	5	1	5	5	3	4	4	5	5	5	6	6	6	6	6	5
21. Sabe esperar pacientemente quando se lhe diz "mais tarde" ou "tu és a seguir".	4	5	2	5	4	5	5	2	5	6	4	5	5	5	5	5	6	6	6	6	6	6
22. Sabe estar com crianças mais pequenas.	5	6	4	5	4	6	5	5	6	5	4	5	5	5	5	5	6	6	6	6	6	6
23. Sabe assumir um compromisso, se a sua opinião diverge da dos outros.	5	5	4	6	4	5	4	2	5	5	4	5	5	5	5	5	6	6	6	6	5	5
24. Amua ou fica retraído quando perde num jogo competitivo.	3	3	5	5	4	3	4	4	5	4	2	4	5	4	5	5	6	6	5	5	5	4
25. Quando se lhe diz que pare de fazer algo, cumpre de forma positiva.	4	5	2	5	4	4	4	3	5	5	4	4	4	4	5	5	6	6	5	5	5	5
26. Sabe escutar os outros sem interromper.	4	4	2	6	4	4	5	1	5	5	3	3	4	4	5	5	6	6	6	5	6	5
27. Sabe exprimir aquilo que quer fazer.	5	5	5	4	5	5	4	6	4	4	5	4	6	5	5	6	5	4	5	5	4	4
28. Sabe expressar as suas ideias a outras crianças.	5	5	5	5	5	5	3	5	5	4	5	4	5	5	5	5	5	4	5	5	4	4
29. Sabe expor com desembaraço as suas próprias ideias, quando está a fazer as atividades.	5	4	4	4	4	5	2	5	4	3	5	3	4	5	5	6	5	4	4	5	4	4
30. Toma a iniciativa em estabelecer contacto com os outros.	6	5	4	5	5	6	4	6	4	4	5	5	6	6	5	5	5	5	5	5	5	5
31. Se algo de errado ou ruim acontece, é capaz de dizer "isso não está certo".	2	4	1	4	3	4	1	1	4	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4
32. Sabe ir pedir emprestado as coisas que quer usar.	4	4	3	4	4	5	4	4	5	3	5	3	4	4	4	5	5	4	4	5	4	4
33. Se quer juntar-se a outras crianças, sabe dizer "eu também quero jogar".	5	6	6	5	6	6	4	5	5	5	6	5	5	5	5	6	6	4	4	6	4	4
34. Fica furioso(a) se alguém o(a) insulta.	3	4	3	5	4	4	1	3	5	5	3	4	4	4	5	5	5	5	5	5	5	4
35. Sabe expressar espontaneamente as suas próprias ideias a outras crianças.	6	4	4	5	5	5	3	5	5	4	5	4	4	4	5	5	5	4	4	5	4	4
36. Interessa-se por efetuar tarefas difíceis e manusear novos materiais.	5	3	2	4	3	4	2	4	4	2	4	1	4	4	4	5	4	4	4	4	4	3
37. Se alguma criança o(a) provoca, sabe dizer-lhe que pare.	5	5	4	5	4	5	2	5	5	4	3	5	5	6	5	5	5	4	5	5	5	5

Anexo I. Escala B

Comportamentos /Crianças	Treinador de karaté	Oceano	Bola	Prata	Tartaruga Ninja	Aranha	Homem Aranha	Super-homem	Tomate	Faisca	Pequena Sereia	Ovelha	Margarida	Zebra	Flor	Relva	Girafa	Bandotele	Barbie	Martim Manhã	Cavalo	Tartaruga
	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem	Masc	Masc	Masc
Género	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Fem	Fem	Fem	Fem	Masc	Masc	Masc
Idade	6	5	5	5	5	4	3	3	6	3	5	5	4	3	4	5	4	4	5	5	3	5
1. Cumpre se lhe é dito para parar de fazer determinada ação.	5	6	5	6	5	4	4	4	6	5	5	5	5	6	5	6	6	6	6	5	5	6
2. Partilha brinquedos com os outros.	6	6	6	6	6	5	5	4	6	5	5	5	5	6	5	4	6	6	6	6	5	4
3. Aprende com os seus próprios erros e corrige-os.	5	5	5	6	5	5	5	4	6	5	5	5	5	6	5	4	6	6	6	6	5	5
4. Aceita fazer tarefas conforme as indicações recebidas.	6	6	5	6	5	5	5	4	6	5	5	5	5	6	5	5	6	6	6	6	6	6
5. Sabe esperar pacientemente pela sua vez.	5	6	5	6	5	5	5	4	6	5	5	5	5	6	5	5	6	6	6	6	5	6
6. Sabe esperar pacientemente pelo lanche (alimento).	5	6	6	6	5	5	5	5	6	5	5	5	5	6	5	5	6	6	6	6	6	6
7. Percebe e cumpre as regras e instruções.	5	5	5	6	5	5	5	4	6	5	5	5	5	6	5	5	6	6	6	6	5	6
8. É paciente, sabendo controlar os seus próprios desejos em situações de grupo.	4	6	5	6	5	5	5	4	6	6	5	5	5	6	5	5	6	6	6	6	6	5
9. Espera pela sua vez nas conversas e discussões em grupo.	5	6	5	6	5	5	5	4	6	6	5	5	5	6	5	5	6	6	6	5	6	5
10. Sabe adequar o seu comportamento às circunstâncias.	5	5	5	6	5	5	5	4	6	5	5	5	5	6	5	5	6	6	6	6	5	5
11. É capaz de partilhar e de se revezar em situações de jogo.	5	6	5	6	5	5	5	4	6	5	5	5	5	6	5	5	6	6	6	6	5	5
12. Quando sabe que algo é proibido, não o faz.	5	5	5	4	4	4	4	4	6	5	5	5	5	6	5	5	6	6	6	5	5	5
13. Quando se lhe pede que faça algo um pouco difícil, diz "eu não consigo".	6	5	5	6	5	5	5	6	5	5	5	4	5	6	5	6	6	6	6	6	5	5
14. Sabe controlar sentimentos negativos sem se deixar esmorecer.	5	5	5	6	5	5	5	4	6	5	5	4	5	6	5	4	6	4	6	6	5	4
15. Quando é instruído para fazer determinada tarefa, sabe cumprir.	6	6	5	6	5	5	5	4	6	4	6	4	5	6	5	4	6	5	6	6	4	4
16. Sabe controlar os seus próprios desejos imediatos.	5	5	5	6	5	5	5	4	6	5	6	5	5	6	5	4	6	5	6	6	5	5
17. Se é magoado(a) por uma outra criança, não reage da mesma maneira.	5	5	5	6	5	5	5	4	6	5	5	5	5	6	5	4	6	6	6	6	5	4
18. É paciente sobre sua própria vontade em situações de grupo.	5	6	5	6	5	5	4	4	6	6	5	5	5	6	5	4	6	6	6	6	5	5
19. Devolve os objetos ou brinquedos que os amigos lhe emprestam.	6	6	6	6	6	6	5	4	6	4	5	5	5	6	5	4	6	6	6	6	5	6
20. Sabe esperar pela sua vez, se o professor está a falar com outra criança.	4	5	5	6	4	5	4	3	6	5	5	5	5	6	5	4	6	6	6	5	6	5
21. Sabe esperar pacientemente quando se lhe diz "mais tarde" ou "tu és a seguir".	5	5	5	6	4	5	4	3	6	5	5	5	5	6	5	5	6	6	6	6	5	5
22. Sabe estar com crianças mais pequenas.	6	6	6	6	5	5	5	4	6	5	6	5	6	6	6	5	6	6	6	6	5	5
23. Sabe assumir um compromisso, se a sua opinião diverge da dos outros.	5	6	5	6	5	5	4	4	6	4	6	4	5	6	5	4	6	5	6	6	5	5
24. Amua ou fica retraído quando perde num jogo competitivo.	2	2	2	3	2	2	2	3	6	3	2	3	2	6	2	2	6	2	6	4	2	2
25. Quando se lhe diz que pare de fazer algo, cumpre de forma positiva.	5	6	6	6	5	5	4	4	6	5	5	4	5	6	6	5	6	6	6	5	5	5
26. Sabe escutar os outros sem interromper.	5	5	5	6	5	4	5	4	6	5	5	5	5	6	5	4	6	6	6	5	6	5
27. Sabe exprimir aquilo que quer fazer.	5	5	5	6	5	5	4	5	6	4	6	4	4	5	5	5	5	4	5	6	4	5
28. Sabe expressar as suas ideias a outras crianças.	5	5	5	6	5	5	4	4	5	4	6	4	4	5	5	5	5	4	5	6	4	4
29. Sabe expor com desembaraço as suas próprias ideias, quando está a fazer as atividades.	5	5	5	6	5	5	4	4	5	4	6	4	4	5	5	5	5	4	5	6	4	4
30. Toma a iniciativa em estabelecer contacto com os outros.	6	6	6	6	5	5	5	5	6	4	6	5	5	6	6	5	6	6	6	6	5	4
31. Se algo de errado ou ruim acontece, é capaz de dizer "isso não está certo".	5	5	5	6	5	4	4	4	6	4	5	4	5	6	5	4	6	6	6	6	5	4
32. Sabe ir pedir emprestado as coisas que quer usar.	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6
33. Se quer juntar-se a outras crianças, sabe dizer "eu também quero jogar".	6	6	5	6	6	6	5	4	6	4	6	5	6	6	6	5	6	5	5	6	5	6
34. Fica furioso(a) se alguém o(a) insulta.	5	4	4	3	4	4	1	3	5	5	5	5	3	4	4	4	5	5	5	5	5	4
35. Sabe expressar espontaneamente as suas próprias ideias a outras crianças.	5	5	5	6	5	5	4	4	6	4	6	5	5	6	5	5	6	6	6	6	5	5
36. Interessa-se por efetuar tarefas difíceis e manusear novos materiais.	6	5	5	6	5	5	4	4	6	5	6	4	5	6	5	4	6	6	6	6	5	5
37. Se alguma criança o(a) provoca, sabe dizer-lhe que pare.	6	6	6	6	6	6	5	4	6	5	6	5	5	6	5	5	6	6	6	6	5	5

Anexo J. Distribuição das crianças pela frequência de comportamentos

Tabela J1

Resultados da Escala A relativamente à ocorrência baixa vs alta dos comportamentos

Comportamentos	Autorregulação baixa	Autorregulação alta
1. Cumpre se lhe é dito para parar de fazer determinada ação.	14%	86%
2. Partilha brinquedos com os outros.	5%	95%
3. Aprende com os seus próprios erros e corrige-os.	18%	82%
4. Aceita fazer tarefas conforme as indicações recebidas.	0%	100%
5. Sabe esperar pacientemente pela sua vez.	9%	91%
6. Sabe esperar pacientemente pelo lanche (alimento).	5%	95%
7. Percebe e cumpre as regras e instruções.	9%	91%
8. É paciente, sabendo controlar os seus próprios desejos em situações de grupo.	9%	91%
9. Espera pela sua vez nas conversas e discussões em grupo.	18%	82%
10. Sabe adequar o seu comportamento às circunstâncias.	14%	86%
11. É capaz de partilhar e de se revezar em situações de jogo.	14%	86%
12. Quando sabe que algo é proibido, não o faz.	27%	73%
13. Quando se lhe pede que faça algo um pouco difícil, diz “eu não consigo”.	14%	86%
14. Sabe controlar sentimentos negativos sem se deixar esmorecer.	5%	95%
15. Quando é instruído para fazer determinada tarefa, sabe cumprir.	14%	86%
16. Sabe controlar os seus próprios desejos imediatos.	23%	77%
17. Se é magoado(a) por uma outra criança, não reage da mesma maneira.	18%	82%
18. É paciente sobre sua própria vontade em situações de grupo.	14%	86%
19. Devolve os objetos ou brinquedos que os amigos lhe emprestam.	5%	95%
20. Sabe esperar pela sua vez, se o professor está a falar com outra criança.	14%	86%
21. Sabe esperar pacientemente quando se lhe diz "mais tarde" ou "tu és a seguir".	9%	91%
22. Sabe estar com crianças mais pequenas.	0%	100%
23. Sabe assumir um compromisso, se a sua opinião diverge da dos outros.	5%	95%
24. Amua ou fica retraído quando perde num jogo competitivo.	18%	82%
25. Quando se lhe diz que pare de fazer algo, cumpre de forma positiva.	9%	91%
26. Sabe escutar os outros sem interromper.	18%	82%
27. Sabe exprimir aquilo que quer fazer.	0%	100%
28. Sabe expressar as suas ideias a outras crianças.	5%	95%
29. Sabe expor com desembaraço as suas próprias ideias, quando está a fazer as atividades.	14%	86%
30. Toma a iniciativa em estabelecer contacto com os outros.	0%	100%

31. Se algo de errado ou ruim acontece, é capaz de dizer "isso não está certo".	41%	59%
32. Sabe ir pedir emprestado as coisas que quer usar.	14%	86%
33. Se quer juntar-se a outras crianças, sabe dizer "eu também quero jogar".	0%	100%
34. Fica furioso(a) se alguém o(a) insulta.	23%	77%
35. Sabe expressar espontaneamente as suas próprias ideias a outras crianças.	5%	95%
36. Interessa-se por efetuar tarefas difíceis e manusear novos materiais.	32%	68%
37. Se alguma criança o(a) provoca, sabe dizer-lhe que pare.	9%	91%

Nota. Elaboração Própria.

Tabela J2

Resultados da Escala B relativamente à ocorrência baixa vs alta dos comportamentos

Comportamentos	Autorregulação Baixa	Autorregulação Alta
1. Cumpre se lhe é dito para parar de fazer determinada ação.	0%	100%
2. Partilha brinquedos com os outros.	0%	100%
3. Aprende com os seus próprios erros e corrige-os.	0%	100%
4. Aceita fazer tarefas conforme as indicações recebidas.	0%	100%
5. Sabe esperar pacientemente pela sua vez.	0%	100%
6. Sabe esperar pacientemente pelo lanche (alimento).	0%	100%
7. Percebe e cumpre as regras e instruções.	0%	100%
8. É paciente, sabendo controlar os seus próprios desejos em situações de grupo.	0%	100%
9. Espera pela sua vez nas conversas e discussões em grupo.	0%	100%
10. Sabe adequar o seu comportamento às circunstâncias.	0%	100%
11. É capaz de partilhar e de se revezar em situações de jogo.	0%	100%
12. Quando sabe que algo é proibido, não o faz.	0%	100%
13. Quando se lhe pede que faça algo um pouco difícil, diz “eu não consigo”.	0%	100%
14. Sabe controlar sentimentos negativos sem se deixar esmorecer.	0%	100%
15. Quando é instruído para fazer determinada tarefa, sabe cumprir.	0%	100%
16. Sabe controlar os seus próprios desejos imediatos.	0%	100%
17. Se é magoado(a) por uma outra criança, não reage da mesma maneira.	0%	100%
18. É paciente sobre sua própria vontade em situações de grupo.	0%	100%
19. Devolve os objetos ou brinquedos que os amigos lhe emprestam.	0%	100%
20. Sabe esperar pela sua vez, se o professor está a falar com outra criança.	5%	95%
21. Sabe esperar pacientemente quando se lhe diz "mais tarde" ou "tu és a seguir".	5%	95%
22. Sabe estar com crianças mais pequenas.	0%	100%
23. Sabe assumir um compromisso, se a sua opinião diverge da dos outros.	0%	100%
24. Amua ou fica retraído quando perde num jogo competitivo.	77%	23%
25. Quando se lhe diz que pare de fazer algo, cumpre de forma positiva.	0%	100%
26. Sabe escutar os outros sem interromper.	0%	100%
27. Sabe exprimir aquilo que quer fazer.	0%	100%

28. Sabe expressar as suas ideias a outras crianças.	0%	100%
29. Sabe expor com desembaraço as suas próprias ideias, quando está a fazer as atividades.	0%	100%
30. Toma a iniciativa em estabelecer contacto com os outros.	0%	100%
31. Se algo de errado ou ruim acontece, é capaz de dizer "isso não está certo".	0%	100%
32. Sabe ir pedir emprestado as coisas que quer usar.	0%	100%
33. Se quer juntar-se a outras crianças, sabe dizer "eu também quero jogar".	0%	100%
34. Fica furioso(a) se alguém o(a) insulta.	18%	82%
35. Sabe expressar espontaneamente as suas próprias ideias a outras crianças.	0%	100%
36. Interessa-se por efetuar tarefas difíceis e manusear novos materiais.	0%	100%
37. Se alguma criança o(a) provoca, sabe dizer-lhe que pare.	0%	100%

Nota. Elaboração própria.

Anexo K. Distribuição das crianças em função da idade

Tabela K1

Resultados da Escala A relativamente à distribuição das crianças em função da idade

Comportamentos	Idades	
	3-4	5-6
1. Cumpre se lhe é dito para parar de fazer determinada ação.	4,70	4,75
2. Partilha brinquedos com os outros.	5,50	5,17
3. Aprende com os seus próprios erros e corrige-os.	4,30	4,17
4. Aceita fazer tarefas conforme as indicações recebidas.	4,90	4,75
5. Sabe esperar pacientemente pela sua vez.	4,60	4,50
6. Sabe esperar pacientemente pelo lanche (alimento).	5,30	5,25
7. Percebe e cumpre as regras e instruções.	4,60	4,58
8. É paciente, sabendo controlar os seus próprios desejos em situações de grupo.	4,30	4,58
9. Espera pela sua vez nas conversas e discussões em grupo.	4,70	4,17
10. Sabe adequar o seu comportamento às circunstâncias.	4,30	4,33
11. É capaz de partilhar e de se revezar em situações de jogo.	4,90	4,42
12. Quando sabe que algo é proibido, não o faz.	3,80	4,08
13. Quando se lhe pede que faça algo um pouco difícil, diz “eu não consigo”.	4,60	4,58
14. Sabe controlar sentimentos negativos sem se deixar esmorecer.	4,20	4,50
15. Quando é instruído para fazer determinada tarefa, sabe cumprir.	4,40	4,50
16. Sabe controlar os seus próprios desejos imediatos.	4,40	4,08
17. Se é magoado(a) por uma outra criança, não reage da mesma maneira.	4,70	4,25
18. É paciente sobre sua própria vontade em situações de grupo.	4,70	4,33
19. Devolve os objetos ou brinquedos que os amigos lhe emprestam.	5,50	5,25
20. Sabe esperar pela sua vez, se o professor está a falar com outra criança.	4,70	4,58
21. Sabe esperar pacientemente quando se lhe diz "mais tarde" ou "tu és a seguir".	5,10	4,75
22. Sabe estar com crianças mais pequenas.	5,40	5,17
23. Sabe assumir um compromisso, se a sua opinião diverge da dos outros.	4,80	5,00
24. Amua ou fica retraído quando perde num jogo competitivo.	4,60	4,17
25. Quando se lhe diz que pare de fazer algo, cumpre de forma positiva.	4,60	4,42
26. Sabe escutar os outros sem interromper.	4,60	4,33
27. Sabe exprimir aquilo que quer fazer.	4,80	4,75
28. Sabe expressar as suas ideias a outras crianças.	4,50	4,83
29. Sabe expor com desembaraço as suas próprias ideias, quando está a fazer as atividades.	4,20	4,33
30. Toma a iniciativa em estabelecer contacto com os outros.	5,20	4,92

31. Se algo de errado ou ruim acontece, é capaz de dizer "isso não está certo".	3,20	3,33
32. Sabe ir pedir emprestado as coisas que quer usar.	4,10	4,17
33. Se quer juntar-se a outras crianças, sabe dizer "eu também quero jogar".	4,90	5,33
34. Fica furioso(a) se alguém o(a) insulta.	4,10	4,17
35. Sabe expressar espontaneamente as suas próprias ideias a outras crianças.	4,30	4,67
36. Interessa-se por efetuar tarefas difíceis e manusear novos materiais.	3,60	3,50
37. Se alguma criança o(a) provoca, sabe dizer-lhe que pare.	4,60	4,67

Nota. Elaboração Própria.

Tabela K2

Resultados da Escala B relativamente à distribuição das crianças em função da idade

Comportamentos	Idades	
	3-4	5-6
1. Cumpre se lhe é dito para parar de fazer determinada ação.	5,00	5,50
2. Partilha brinquedos com os outros.	5,20	5,50
3. Aprende com os seus próprios erros e corrige-os.	5,20	5,25
4. Aceita fazer tarefas conforme as indicações recebidas.	5,30	5,58
5. Sabe esperar pacientemente pela sua vez.	5,20	5,50
6. Sabe esperar pacientemente pelo lanche (alimento).	5,40	5,58
7. Percebe e cumpre as regras e instruções.	5,20	5,42
8. É paciente, sabendo controlar os seus próprios desejos em situações de grupo.	5,40	5,33
9. Espera pela sua vez nas conversas e discussões em grupo.	5,40	5,33
10. Sabe adequar o seu comportamento às circunstâncias.	5,20	5,33
11. É capaz de partilhar e de se revezar em situações de jogo.	5,20	5,42
12. Quando sabe que algo é proibido, não o faz.	5,00	5,00
13. Quando se lhe pede que faça algo um pouco difícil, diz "eu não consigo".	5,40	5,33
14. Sabe controlar sentimentos negativos sem se deixar esmorecer.	5,00	5,08
15. Quando é instruído para fazer determinada tarefa, sabe cumprir.	4,90	5,33
16. Sabe controlar os seus próprios desejos imediatos.	5,10	5,33
17. Se é magoado(a) por uma outra criança, não reage da mesma maneira.	5,20	5,17
18. É paciente sobre sua própria vontade em situações de grupo.	5,20	5,33
19. Devolve os objetos ou brinquedos que os amigos lhe emprestam.	5,20	5,67
20. Sabe esperar pela sua vez, se o professor está a falar com outra criança.	5,10	5,00
21. Sabe esperar pacientemente quando se lhe diz "mais tarde" ou "tu és a seguir".	5,10	5,17
22. Sabe estar com crianças mais pequenas.	5,40	5,67
23. Sabe assumir um compromisso, se a sua opinião diverge da dos outros.	4,90	5,33
24. Amua ou fica retraído quando perde num jogo competitivo.	3,00	3,00
25. Quando se lhe diz que pare de fazer algo, cumpre de forma positiva.	5,20	5,33
26. Sabe escutar os outros sem interromper.	5,20	5,17
27. Sabe exprimir aquilo que quer fazer.	4,50	5,25
28. Sabe expressar as suas ideias a outras crianças.	4,40	5,08
29. Sabe expor com desembaraço as suas próprias ideias, quando está a fazer as atividades.	4,40	5,08

30. Toma a iniciativa em estabelecer contacto com os outros.	5,30	5,58
31. Se algo de errado ou ruim acontece, é capaz de dizer "isso não está certo".	4,90	5,08
32. Sabe ir pedir emprestado as coisas que quer usar.	6,00	6,00
33. Se quer juntar-se a outras crianças, sabe dizer "eu também quero jogar".	5,30	5,67
34. Fica furioso(a) se alguém o(a) insulta.	3,90	4,42
35. Sabe expressar espontaneamente as suas próprias ideias a outras crianças.	5,00	5,42
36. Interessa-se por efetuar tarefas difíceis e manusear novos materiais.	5,10	5,33
37. Se alguma criança o(a) provoca, sabe dizer-lhe que pare.	5,30	5,75

Nota. Elaboração Própria.

Anexo L. Distribuição das crianças em função do gênero

Tabela L1

Resultados da Escala A relativamente distribuição das crianças em função do género

Comportamentos	Género	
	Masculino	Feminino
1. Cumpre se lhe é dito para parar de fazer determinada ação.	4,50	5,13
2. Partilha brinquedos com os outros.	5,14	5,63
3. Aprende com os seus próprios erros e corrige-os.	4,00	4,63
4. Aceita fazer tarefas conforme as indicações recebidas.	4,64	5,13
5. Sabe esperar pacientemente pela sua vez.	4,29	5,00
6. Sabe esperar pacientemente pelo lanche (alimento).	5,00	5,75
7. Percebe e cumpre as regras e instruções.	4,43	4,88
8. É paciente, sabendo controlar os seus próprios desejos em situações de grupo.	4,29	4,75
9. Espera pela sua vez nas conversas e discussões em grupo.	4,14	4,88
10. Sabe adequar o seu comportamento às circunstâncias.	4,00	4,88
11. É capaz de partilhar e de se revezar em situações de jogo.	4,43	5,00
12. Quando sabe que algo é proibido, não o faz.	3,79	4,25
13. Quando se lhe pede que faça algo um pouco difícil, diz "eu não consigo".	4,43	4,88
14. Sabe controlar sentimentos negativos sem se deixar esmorecer.	4,14	4,75
15. Quando é instruído para fazer determinada tarefa, sabe cumprir.	4,21	4,88
16. Sabe controlar os seus próprios desejos imediatos.	4,21	4,25
17. Se é magoado(a) por uma outra criança, não reage da mesma maneira.	4,36	4,63
18. É paciente sobre sua própria vontade em situações de grupo.	4,36	4,75
19. Devolve os objetos ou brinquedos que os amigos lhe emprestam.	5,43	5,25
20. Sabe esperar pela sua vez, se o professor está a falar com outra criança.	4,43	5,00
21. Sabe esperar pacientemente quando se lhe diz "mais tarde" ou "tu és a seguir".	4,71	5,25
22. Sabe estar com crianças mais pequenas.	5,21	5,38
23. Sabe assumir um compromisso, se a sua opinião diverge da dos outros.	4,71	5,25
24. Amua ou fica retraído quando perde num jogo competitivo.	4,07	4,88
25. Quando se lhe diz que pare de fazer algo, cumpre de forma positiva.	4,21	5,00
26. Sabe escutar os outros sem interromper.	4,14	5,00
27. Sabe exprimir aquilo que quer fazer.	4,64	5,00
28. Sabe expressar as suas ideias a outras crianças.	4,57	4,88
29. Sabe expor com desembaraço as suas próprias ideias, quando está a fazer as atividades.	4,07	4,63
30. Toma a iniciativa em estabelecer contacto com os outros.	5,07	5,00
31. Se algo de errado ou ruim acontece, é capaz de dizer "isso não está certo".	3,00	3,75
32. Sabe ir pedir emprestado as coisas que quer usar.	3,93	4,50
33. Se quer juntar-se a outras crianças, sabe dizer "eu também quero jogar".	5,14	5,13
34. Fica furioso(a) se alguém o(a) insulta.	3,86	4,63
35. Sabe expressar espontaneamente as suas próprias ideias a outras crianças.	4,43	4,63
36. Interessa-se por efetuar tarefas difíceis e manusear novos materiais.	3,21	4,13
37. Se alguma criança o(a) provoca, sabe dizer-lhe que pare.	4,64	4,63

Nota. Elaboração Própria.

Tabela L2

Resultados da Escala B relativamente distribuição das crianças em função do género

Comportamentos	Género	
	Masculino	Feminino
1. Cumpre se lhe é dito para parar de fazer determinada ação.	5,07	5,63
2. Partilha brinquedos com os outros.	5,36	5,38
3. Aprende com os seus próprios erros e corrige-os.	5,14	5,38
4. Aceita fazer tarefas conforme as indicações recebidas.	5,43	5,50
5. Sabe esperar pacientemente pela sua vez.	5,29	5,50
6. Sabe esperar pacientemente pelo lanche (alimento).	5,50	5,50
7. Percebe e cumpre as regras e instruções.	5,21	5,50
8. É paciente, sabendo controlar os seus próprios desejos em situações de grupo.	5,29	5,50
9. Espera pela sua vez nas conversas e discussões em grupo.	5,29	5,50
10. Sabe adequar o seu comportamento às circunstâncias.	5,14	5,50
11. É capaz de partilhar e de se revezar em situações de jogo.	5,21	5,50
12. Quando sabe que algo é proibido, não o faz.	4,71	5,50
13. Quando se lhe pede que faça algo um pouco difícil, diz "eu não consigo".	5,29	5,50
14. Sabe controlar sentimentos negativos sem se deixar esmorecer.	5,00	5,13
15. Quando é instruído para fazer determinada tarefa, sabe cumprir.	5,00	5,38
16. Sabe controlar os seus próprios desejos imediatos.	5,14	5,38
17. Se é magoado(a) por uma outra criança, não reage da mesma maneira.	5,07	5,38
18. É paciente sobre sua própria vontade em situações de grupo.	5,21	5,38
19. Devolve os objetos ou brinquedos que os amigos lhe emprestam.	5,50	5,38
20. Sabe esperar pela sua vez, se o professor está a falar com outra criança.	4,86	5,38
21. Sabe esperar pacientemente quando se lhe diz "mais tarde" ou "tu és a seguir".	4,93	5,50
22. Sabe estar com crianças mais pequenas.	5,36	5,88
23. Sabe assumir um compromisso, se a sua opinião diverge da dos outros.	5,00	5,38
24. Amua ou fica retraído quando perde num jogo competitivo.	2,71	3,50
25. Quando se lhe diz que pare de fazer algo, cumpre de forma positiva.	5,07	5,63
26. Sabe escutar os outros sem interromper.	5,07	5,38
27. Sabe exprimir aquilo que quer fazer.	4,86	5,00
28. Sabe expressar as suas ideias a outras crianças.	4,71	4,88
29. Sabe expor com desembaraço as suas próprias ideias, quando está a fazer as atividades.	4,71	4,88
30. Toma a iniciativa em estabelecer contacto com os outros.	5,29	5,75
31. Se algo de errado ou ruim acontece, é capaz de dizer "isso não está certo".	4,79	5,38
32. Sabe ir pedir emprestado as coisas que quer usar.	6,00	6,00
33. Se quer juntar-se a outras crianças, sabe dizer "eu também quero jogar".	5,43	5,63
34. Fica furioso(a) se alguém o(a) insulta.	4,00	4,50
35. Sabe expressar espontaneamente as suas próprias ideias a outras crianças.	5,00	5,63
36. Interessa-se por efetuar tarefas difíceis e manusear novos materiais.	5,07	5,50
37. Se alguma criança o(a) provoca, sabe dizer-lhe que pare.	5,50	5,63

Nota. Elaboração Própria.